

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

PATRÍCIA RIBEIRO DO VALLE COUTINHO

**TENDÊNCIAS PROSÓDICAS DE CONSTRUÇÕES
DE DISCURSO REPORTADO EM FALA
ESPONTÂNEA**

JUIZ DE FORA

2014

PATRÍCIA RIBEIRO DO VALLE COUTINHO

**TENDÊNCIAS PROSÓDICAS DE CONSTRUÇÕES DE DISCURSO
REPORTADO EM FALA ESPONTÂNEA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Aline Alves Fonseca

Juiz de Fora

2014

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Coutinho, Patrícia Ribeiro do Valle.
Tendências prosódicas de construções de discurso reportado
em fala espontânea / Patrícia Ribeiro do Valle Coutinho. --
2014.
210 f. : il.

Orientador: Luiz Fernando Matos Rocha
Coorientador: Aline Alves Fonseca
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora,
Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Linguística,
2014.

1. Linguística Cognitiva. 2. Gramática das Construções. 3.
Prosódia. 4. Discurso Reportado. I. Rocha, Luiz Fernando Matos
, orient. II. Fonseca, Aline Alves , coorient. III. Título.

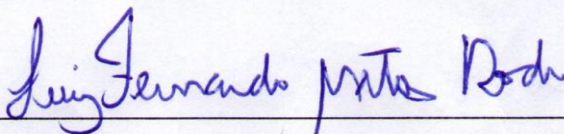
PATRÍCIA RIBEIRO DO VALLE COUTINHO

*Tendências prosódicas de construções de discurso reportado em
fala espontânea*

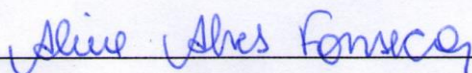
Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Aprovada em: 10/10/2014

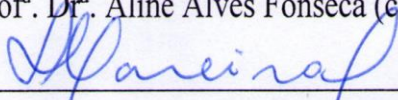
Banca examinadora:



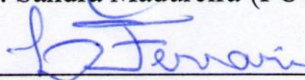
Prof. Dr. Luiz Fernando Matos Rocha (orientador e presidente da banca)



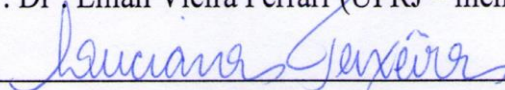
Prof^ª. Dr.^a. Aline Alves Fonseca (coorientadora)



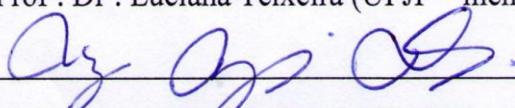
Prof^ª. Dr.^a. Sandra Madureira (PUC-SP – membro titular externo)



Prof^ª. Dr.^a. Lilian Vieira Ferrari (UFRJ – membro titular externo)



Prof^ª. Dr.^a. Luciana Teixeira (UFJF – membro titular interno)



Prof. Dr. Tiago Timponi Torrent (UFJF – membro titular interno)

*Dedico este trabalho a meu pai e a todos os laringectomizados que estão,
contrariando teorias linguísticas, tendo que aprender a falar;*

*Dedico também à minha mãe e a todas as esposas de laringectomizados, que estão
tendo que aprender a escutar.*

AGRADECIMENTOS

*Nesse tão esperado momento, busco em minha memória os grandes **reportados** e **reportadores de discursos** da minha história, e aproveito para agradecer-lhes:*

*Deus, cujo **discurso** de amor esteve presente nesses longos quatro anos em que tudo parece ter acontecido. E porque fiz sempre questão de **reportá-lo**, eu não me deixei abater.*

*Luiz Fernando, de quem só posso **reportar** palavras de compreensão, de incentivo, de carinho e de crescimento. E porque ele me orienta, antes mesmo desses quatro últimos anos, eu estou aqui.*

*Mãe, minha maior **reportada**, a quem acabo recorrendo nas melhores e nas piores horas. E porque ela sempre estava onde eu precisava, eu me encontrei diversas vezes.*

*Pai, de quem me tornei **reportadora** oficial nos últimos tempos, incluindo leitura labial e linguagem dos gestos. E porque ele me ajudou a recomeçar, eu o ajudei a descobrir novas formas de falar.*

*Daniel, dono de **discursos** que sempre **reportei**, por reconhecer nele esforço, dedicação e bondade. E porque ele incessantemente se preocupa comigo, posso sempre contar com ele.*

*Junior, quem, mesmo que o silêncio intermeie nossos **discursos**, é meu querido irmão. E porque ele se fez presente em muitos momentos, pudemos ser uma família unida.*

*Evelyn, que entrou em cena quando muitos **discursos** já haviam sido **reportados**. E porque hoje ela existe, a alegria é mais completa.*

*Tias Marilda, Celina e Isa, grandes responsáveis pela formação do meu **discurso**. E porque elas apoiam tanto o estudo, valorizo minha trajetória.*

*Gabi, parceira de um grupo unido em 2008 e que divide **discursos** bastante comuns. E porque ela formou comigo esse grupo, estamos sobrevivendo juntas às angústias e às glórias de um doutorado.*

Ana Luiza, razão do meu **discurso reportado** sobre Viçosa ser ainda mais “adulador”. E porque ela surgiu num momento tão difícil, tudo ficou mais fácil.

Fabiana, Mariana, Livia, Luciene, Ronaldo, Raphaela, Renata, Antônio e Paula, por vivermos **reportando** uns aos outros que somos amigos. E porque eles existem, a vida não é só compromisso.

Talitha e Leo, novos **discursos** proporcionados em Muzambinho. E porque estou com eles, estou com músicas e melodias.

Tatiana e Heitor, casal amigo e inspirador de **discursos** originais. E porque eles têm muito a dizer, eu tenho muito a **reportar**.

Aos colegas do IF Muzambinho, cujos **discursos** sempre me despertam a vontade de ser melhor. E porque hoje eles passaram a fazer parte da minha vida, aprecio muito o trabalho e a docência.

Aos professores do PPG – Linguística da UFJF e à secretária Rosângela, **discursos** edificantes desde o início. E porque estive com eles, a Linguística representa tanto pra mim.

À professora Aline Fonseca, que me apresentou, de modo tão gentil, novas formas de analisar prosodicamente o **discurso reportado**. E porque a conheci, em um momento tão importante e necessário, redescobri minha pesquisa.

Aos professores da banca, para quem ofereço esta tese com todo o respeito e de todo o coração. Reforço a grande contribuição que me ofereceram no exame de qualificação os professores Sandra Madureira e Tiago Torrent. Em especial, agradeço à Sandra, que me acolheu em sua sala de aula no LIAAC (PUC-SP). E porque confio na avaliação deles, **reportarei** seus discursos buscando aperfeiçoar meu trabalho.

MESTRES CANTORES

Luiz Tatit / Zé Miguel Wisnik

Nós aqui mestres cantores
Aprendizes felizes
Modestos e muito dignos
Da prosa da prosódia
Da prosápia da poesia
Da música popular
Da canção enquanto tal
Da música total
Da voz que fala
Pela fala e pela voz

Nós aqui livres docentes
Docemente livres
Entra o rap e o repente
A canção dolente
A canção e seu matizes
A música total
Da voz que fala
Pela fala e pela voz

(...)

RESUMO

Esta tese reivindica a postulação de aspectos prosódicos no emparelhamento formal de construções gramaticais instanciadas na modalidade falada. Em conformidade com as bases teóricas da Gramática das Construções (GOLDBERG 1995, 2006), argumenta-se que construções gramaticais são coleções linguísticas sistemáticas de pareamentos forma-função aprendidos na linguagem cotidiana e que, por isso, podem ser mapeadas em dados reais e contextualizados de fala. Especificamente, o objetivo é descrever e analisar tendências prosódicas de construções de discurso reportado em amostras de *corpus* de fala espontânea do português carioca culto brasileiro (NURC-RJ). Pela constatação de que a prosódia agrega informações ao conteúdo estritamente linguístico da mensagem, são acrescentados outros aportes teóricos acerca da melodia da fala, como Grice e Baumann (2007), Madureira (2005) e Pierrehumbert (1980). O discurso reportado é discutido a partir de Rocha (2004), que sinalizou a contribuição da prosódia na distinção dos tipos construcionais de discurso reportado. As ocorrências do fenômeno discursivo em questão são submetidas ao programa PRAAT (BOERSMA & WEENINK, 2011), por meio do qual informações prosódicas são analisadas e correlacionadas para a sistematização e o tratamento dos dados. Os resultados encontrados demonstram que há informações prosódicas, tais como as relacionadas a tons de fronteira, média de frequência fundamental e gama de variação da F0, que podem ser consideradas tendências para as construções de discurso reportado em geral. Tendo como base o sistema de notação ToBi (*Tones and Break indices*), as tendências são: a unidade introdutora do discurso reportado se encerra com um tom de fronteira L%, antecedido pelo *pitch accent* H*+L; a medida de F0 média da unidade introdutora, comparada à medida de F0 média da unidade reportada, é mais alta; a medida da Gama de Variação da unidade introdutora, comparada à medida da Gama de Variação da unidade reportada, é mais baixa. Esses resultados foram alcançados por meio de uma análise intra e interfalantes. Além disso, quando adotada a distinção dos tipos de construções de discurso reportado, verifica-se que o discurso direto com verbo *dicendi* tende a receber uma ou mais ênfases; o discurso direto sem verbo *dicendi* tende a apresentar uma pausa entre a unidade introdutora e a unidade reportada; o discurso indireto não apresenta pausa separando as duas unidades; o discurso indireto livre apresenta a F0 média mais alta na unidade reportada e não na unidade “introdutora”.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva. Gramática das Construções. Prosódia. Discurso Reportado.

ABSTRACT

This thesis claims the postulation of prosodic aspects in formal pairing of grammatical constructions instanced in speech modality. According to Construction Grammar theoretical bases (GOLDBERG 1995, 2006), it is argued that grammatical constructions are systematic collections of linguistic form-function pairings learned in everyday language and therefore they can be mapped to real and contextualized speech data. Specifically, the goal is to describe and analyze prosodic tendencies in reported speech constructions of spontaneous speech corpus samples of Brazilian Portuguese (Rio de Janeiro – standard dialect NURC/RJ). By the finding that the prosody adds information to the strictly linguistic content of the message, other theoretical contributions are increased about the melody of speech, as Grice and Baumann (2007), Madureira (2005) e Pierrehumbert (1980). The reported speech is discussed based on Rocha (2004), which pointed out the contribution of prosody in distinguishing constructional types of reported speech. Occurrences of discursive phenomenon are subjected to PRAAT program (BOERSMA & WEENINK, 2011), by which prosodic information is analyzed and correlated to the systematization and processing of the data. The results show that there is prosodic information such as related to boundary tone, average fundamental frequency (F0) and the rate of change of F0, which may be considered tendencies for the construction of reported speech in general. Based on the ToBi notation system (Tones and break indices), the tendencies are: the introducer unit reported speech ends with a boundary tone L%, preceded by the pitch accent H * + L; the measure of the average F0 introducer unit, as compared to the measure of average F0 reported unit, is higher; the measure of the rate of change of F0 introducer unit, as compared to the measure of the rate of change of F0 reported unit, is lower. These results were achieved by an intra- and cross-speakers analysis. In addition, when adopting the distinguish constructional types of reported speech, it appears that the direct speech with dicendi verbs tends to receive one or more emphasis; the direct speech without dicendi verbs tends to have a pause between the introducer unit and the reported unit; the indirect speech has no pause separating the two units; the free indirect speech displays the highest average F0 in reported unit and not in “introducer” unit.

Key-words: Cognitive Linguistic. Construction Grammar. Prosody. Reported Speech.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Exemplos de construções da língua portuguesa (PIRES, 2013)	32
Tabela 2: Exemplos de construções, variando extensão e complexidade (GOLDBERG, 2006)	40
Tabela 3: Os parâmetros prosódicos (GRICE; BAUMANN, 2007)	53
Tabela 4: Padrões de <i>pitch</i> do português brasileiro (MADUREIRA, 1994)	62
Tabela 5: Pareamento construcional das construções de discurso reportado (ROCHA, 2004)	81
Tabela 6: Mapeamento entoacional das construções de DR da falante AI	95
Tabela 7: Mapeamento entoacional das unidades controle da falante AI	97
Tabela 8: Mapeamento entoacional das construções de DR da falante AII	108
Tabela 9: Mapeamento entoacional das unidades controle da falante AII	109
Tabela 10: Mapeamento entoacional das construções de DR da falante BI	119
Tabela 11: Mapeamento entoacional das unidades controle da falante BI	120
Tabela 12: Mapeamento entoacional das construções de DR do falante BII	131
Tabela 13: Mapeamento entoacional das unidades controle do falante BII	132
Tabela 14: Comparação interfalante – ênfase	140
Tabela 15: Comparação interfalante – pausa	141
Tabela 16: Comparação interfalante – tom L%	142
Tabela 17: Comparação interfalante – F0 média	143
Tabela 18: Comparação interfalante – GV	144
Tabela 19: Comparação – verbos <i>dicendi</i>	145
Tabela 20: Comparação – tipos construcionais	146
Tabela 21: Comparação – pessoas do discurso	146
Tabela 22: Proposta de pareamento do tipo de construções de DR com os aspectos prosódicos	152
Tabela 23: Descrição do tipo construcional DD com verbo <i>dicendi</i>	155
Tabela 24: Descrição do tipo construcional DD sem verbo <i>dicendi</i>	156
Tabela 25: Descrição do tipo construcional DI	157
Tabela 26: Descrição do tipo construcional DIL	158

LISTA DE TELAS

Tela 1: Construção AI9	99
Tela 2: Construção AI13	100
Tela 3: Construção AI22	102
Tela 4: Construção AI23	103
Tela 5: Construção AI26	105
Tela 6: Unidade CAI1	106
Tela 7: Unidade CAI6	107
Tela 8: Construção AII2	110
Tela 9: Construção AII4	112
Tela 10: Construção AII5	114
Tela 11: Construção AII10	115
Tela 12: Unidade CAII2	116
Tela 13: Unidade CAII3	117
Tela 14: Construção BI5	122
Tela 15: Construção BI6	123
Tela 16: Construção BI10	125
Tela 17: Construção BI31	126
Tela 18: Construção BI 38	128
Tela 19: Unidade CBI1	129
Tela 20: Unidade CBI3	130
Tela 21: Construção BII1	133
Tela 22: Construção BII3	135
Tela 23: Construção BII4	136
Tela 24: Unidade CBII3	137
Tela 25: Unidade CBII6	139

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Exemplo de contorno <i>default</i> (VÄLIMAA-BLUM, 2005)	44
Figura 2: Exemplo de contorno não- <i>default</i> (VÄLIMAA-BLUM, 2005)	44

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DD	Discurso Direto
DI	Discurso Indireto
DIL	Discurso Indireto Livre
DR	Discurso Reportado
F0	Frequência Fundamental
GC	Gramática das Construções
GV	Gama de Variação da F0
LC	Linguística Cognitiva
NURC	Norma Urbana Culta
PB	Português Brasileiro
ToBi	<i>Tones and Break indices</i>
UC	Unidade Controle

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS GERAIS	22
2.1 A linguagem humana e o sociocognitivismo	22
2.2 A linguagem é (inter) ação cognitiva	25
2.3 A emergência da gramática: uma concepção sociocognitivista	30
2.4 As construções e os estudos linguísticos	33
2.5 A teoria da GC de Golberg	36
2.6 E o lugar da prosódia na GC?	42
3 PROSÓDIA: O “COLORIDO” DA FALA.....	47
3.1 A fala como objeto de estudo e as inevitáveis comparações entre fala e escrita ...	48
3.2 Sentença e enunciado	50
3.3 O estudo da prosódia: esclarecimentos terminológicos	52
3.4 As funções da entoação	56
3.4.1 Marcação de proeminências	56
3.4.2 Divisão da fala em unidades tonais	58
3.4.3 Outras funções da entoação	59
3.4.3.1 Funções linguísticas	59
3.4.3.2 Funções paralinguísticas	62
3.4.3.3 Funções extralinguísticas	64
4 DISCURSO REPORTADO: O DISSE-ME-DISSE DOS FALANTES	65
4.1 Discussões gerais	65
4.1.1 Discurso Direto (DD)	66
4.1.2 Discurso Indireto (DI)	67
4.1.3 Discurso Indireto Livre (DIL)	67
4.2 DD x DI	68
4.3 A questão da “voz” e o DIL	71
4.4 Aspectos entoacionais do discurso reportado	73
4.5 Uma abordagem construcionista do discurso reportado	76
4.5.1 Construções do tipo 1	77
4.5.2 Construções do tipo 2	78
4.5.3 Construções do tipo 3	78
4.5.4 Construções do tipo 4	79
5 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS ESPECÍFICOS	83

5.1 A unidade de análise e a notação entoacional	83
5.1.1 Fonologia Prosódica e os constituintes prosódicos.....	83
5.1.2 Fonologia Entoacional	84
5.2 Categorias de análise	85
5.2.1 Construção de discurso reportado	85
5.2.2 Unidades Controle (UC)	86
5.2.3 Ênfase.....	86
5.2.4 Pausa	87
5.2.5 Frequência Fundamental (F0)	88
5.2.6 F0 média	88
5.2.7 Gama de Variação (GV)	89
5.3 O <i>corpus</i>	89
5.3.1 Os diálogos e os falantes	90
5.3.1.1 Inquérito 147	90
5.3.1.2 Inquérito 369	91
5.4 O programa PRAAT e as etapas da análise	91
6 ANÁLISE DOS DADOS	94
6.1 ANÁLISE INTRAFALANTE.....	94
6.1.1 FALANTE AI	94
6.1.2 FALANTE AII	108
6.1.3 FALANTE BI	118
6.1.4 FALANTE BII	130
6.2 ANÁLISE INTERFALANTE	139
6.2.1 Ênfase	140
6.2.2 Pausa	141
6.2.3 Tom de Fronteira L%	142
6.2.4 F0 média	143
6.2.5 Gama de variação (GV)	144
6.2.6 Os verbos <i>dicendi</i>	145
6.3 Algumas considerações sobre os tipos construcionais	146
6.3.1 Discurso direto com verbo <i>dicendi</i>	147
6.3.2 Discurso direto sem verbo <i>dicendi</i>	148
6.3.3 Discurso indireto	149

6.3.4 Discurso indireto livre	149
6.4 Articulação teórico-analítica	153
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
REFERÊNCIAS	167
ANEXOS	174

INTRODUÇÃO

Quando é verdadeira, quando nasce da necessidade de dizer, a voz humana não encontra quem a detenha. Se lhe negam a boca, ela fala pelas mãos, ou pelos olhos, ou pelos poros, ou por onde for
(Eduardo Galeano)

A epígrafe desta introdução e as epígrafes dos demais capítulos são exemplos concretos da necessidade que temos de citar discursos alheios. Elas constituem um empréstimo a textos menos acadêmicos, mas que se alinham ao nosso pensamento e que ornamentam partes deste trabalho.

Em especial, a citação de Eduardo Galeano traduz as multifaces da voz humana, grande responsável pela comunicação entre os homens. Reforça-se que a grandeza da nossa eficiência comunicativa vai muito além do que reconhecemos como os sinais linguísticos convencionais. Por isso, abrimos caminhos neste estudo para a voz e para a entoação, bem como para todo vigor que elas impulsionam na comunicação humana.

A reivindicação desta tese é a participação da prosódia na constituição do sentido e na organização da cena interacional. Assumimos o ponto de vista de que a forma linguística, o significante, do qual fazem parte os correlatos prosódicos, é uma pista para a construção do significado, e que dados contextuais dinâmicos moldam a compreensão do sentido.

Nosso recorte teórico concebe a linguagem como capacidade para construção do conhecimento, o que nos insere uma abordagem cognitivista para a linguagem. Em função de se considerar que essa capacidade está plenamente incorporada à experiência social, cultural e histórica, este trabalho se alinha às bases teóricas da Linguística Cognitiva (doravante LC).

Assim, como um importante recurso linguístico de estruturação da comunicação, elegemos o discurso reportado (doravante DR) da fala espontânea do dialeto carioca do português brasileiro (doravante PB), para nos servir de objeto nesta pesquisa. A escolha também foi influenciada pelo empreendimento iniciado por Rocha (2004), tese de doutorado de autoria do orientador deste trabalho, ao abordar a construção de DR na fala espontânea e levantar importantes intuições sobre o funcionamento prosódico desse fenômeno discursivo, o que propiciou curiosas perguntas de pesquisa.

As questões que surgiram podem ser ilustradas com: há situações em que interpretamos uma sequência linguística a partir do que sinaliza a entoação da fala, mesmo que as palavras, ou seja, o conteúdo lexical, indiquem o contrário? E, especificamente, quando um discurso é reportado, em quanto da entoação nos apoiamos para julgar e avaliar a fala do outro?

Justificamos a pertinência deste trabalho a partir das contribuições que se podem oferecer tanto para a área dos estudos em prosódia, quanto para a área dos estudos em Gramática das Construções (doravante GC). A descrição prosódica a que nos propomos poderá incrementar o acervo de estudos brasileiros que visam ao tratamento dos aspectos suprasegmentais do PB. Além disso, acreditamos que nossa empreitada em conciliar estudos sociocognitivistas – cuja tradição é associada à modalidade escrita – e estudos prosodistas pode ampliar o horizonte teórico da GC.

Analisar dados de fala, por meio de tecnologias como programas computacionais de leitura acústica, permite um detalhamento do pareamento construcional que ocorre quando produzimos e interpretamos construções linguísticas. No sentido de buscar evidências externas, isso vai ao encontro de um maior rigor científico ao delinear e propor padrões para o português brasileiro. De modo algum negamos o préstimo das pesquisas sociocognitivistas de caráter semântico-sintático e o que elas já acrescentaram ao cenário de publicações linguísticas. Entretanto, almejamos destacar a fala e a prosódia como componentes cruciais do conhecimento da língua e da cognição. Partimos do pressuposto de que não é possível teorizar sobre linguagem falada sem, ao menos, reconhecer e mencionar acerca do relevo prosódico.

Ao realizar o levantamento bibliográfico para o nosso tema, percebemos que, além de escassos os estudos que exploram a relação prosódia e DR em LC, foi difícil encontrar um tratamento mais apurado do movimento entoacional. Há também uma lacuna de estudos em GC que vislumbrem a fala, em sua essência, como objeto.

Por consequência disso, muitos momentos da elaboração deste trabalho foram marcados por uma intensa angústia com relação aos passos a serem seguidos e a como ligar as peças desse quebra-cabeça. O que fazer quando as peças parecem tão desconexas e não há um modelo já reconhecido para partilhar? Mesmo diante dessas dificuldades, persistimos na empreitada e acreditamos que tantas aflições, inquietudes e desalentos findaram de maneira satisfatória.

Nossos objetivos, assim, são: i) descrever e discutir aspectos entoacionais das construções de DR na fala espontânea do português carioca culto brasileiro; ii) observar se há padrões, ou ao menos, tendências prosódicas que possam ser atribuídas a essas construções, comparando-as com unidades neutras selecionadas para controle; iii) analisar a distribuição dos tipos construcionais que envolvem o DR; e iv) verificar a plausibilidade das hipóteses apresentadas em Rocha (2004), por meio de ferramentas eletrônicas.

Tais hipóteses de Rocha (2004), resumidamente, apontam para uma distinção melódica à medida que se alteram as pessoas do discurso no ato de reportar a si mesmo ou a alguém. A citação em terceira pessoa, assim, seria prosodicamente mais marcada. Essa alteração estaria associada ao fator pragmático de mimetizar ou não a outra fala e de defender ou proteger a face. Ainda, haveria uma distinção entre o tipo de discurso direto (doravante DD) e o discurso indireto (doravante DI), em que o segundo seria marcado por um contínuo, não havendo pausas e distinções tonais. Em suma, nossa hipótese central é a de que falantes constroem sentido no DR em parte porque se atentam a detalhes entoacionais.

Para atingir nossos objetivos, definimos como *corpus* o NURC-RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro), disponível em <http://www.lettras.ufrj.br/nurc-rj/> e escolhemos dois diálogos entre falantes. Submetemos as ocorrências de DR ao programa PRAAT (BOERSMA & WEENINK, 2011) e obtivemos diversas informações prosódicas que puderam ser analisadas e correlacionadas para a sistematização e o tratamento dos dados. Logo, seria possível checar, de maneira mais sistêmica, as intuições que já existiam sobre o DR.

Os resultados encontrados indicam que há informações prosódicas, tais como as relacionadas a tons de fronteira, média de frequência fundamental (doravante F0) e gama de variação (doravante GV) da F0 que podem ser consideradas tendências em construções de DR. Por outro lado, características como ênfase e pausa podem ser atribuídas a falantes individualmente. Esses resultados foram alcançados por meio de uma análise intra e interfalantes. Em outro momento, quando a análise adota a distinção dos tipos construcionais de DR, verificamos que a ênfase e a pausa estão correlacionadas às características de alguns tipos específicos de construção.

A presente tese se estrutura inicialmente com um capítulo dos fundamentos teóricos gerais sobre GC. Nessa parte, abordaremos questões como a linguagem humana e a gramática a partir da perspectiva sociocognitivista. Igualmente, revisitaremos alguns estudos que tiveram como mote as construções gramaticais. E, fundamentalmente, trilharemos esse caminho no primeiro capítulo para desembocarmos na seguinte questão, que intitula a última seção, “E o lugar da prosódia na GC?”.

No segundo capítulo, endossaremos a prosódia e seu efeito de matizes da construção. Para isso, assumimos a posição da fala nos estudos linguísticos e recapitulamos algumas distinções terminológicas importantes para a pesquisa em prosódia. Exemplos dessas distinções são fala x escrita, sentença x enunciado, *pitch* x F0, acento x foco etc. Ainda, prosseguiremos com as mais variadas funções que a entoação pode assumir, desde as principais que são marcação de proeminências e divisão da fala, até as mais gerais que podem se ramificar em funções linguísticas, paralinguísticas e extralinguísticas.

O capítulo teórico seguinte trará à cena interacional o disse-me-disse do DR. Apresentaremos a divisão dos tipos de DR para efeito de análise, mas principalmente, resenharemos importantes estudos que, de alguma forma, chamaram atenção para aspectos entoacionais do DR. E, na última seção, finalmente, remontamos o percurso feito por Rocha (2004), com sua abordagem construcionista do DR.

Seguiremos com o capítulo dos fundamentos teóricos e metodológicos específicos, esclarecendo constructos imprescindíveis para a investigação, como a unidade de análise e a notação entoacional. Apresentaremos, também, todas as categorias analíticas, tais como construção de DR, unidade controle (doravante UC), ênfase, pausa etc. Compondo, ainda, a metodologia, anunciaremos nosso *corpus*, bem como informações sobre os diálogos e os falantes, o programa computacional utilizado, e as etapas da análise.

No capítulo analítico, realizaremos primeiro uma análise intrafalante, com a exposição de cada um dos dados dos falantes. Em seguida, na análise interfalante, detalharemos como cada uma de nossas categorias de análise se mostrou numa relação entre todos os falantes. Ademais, a terceira seção desse capítulo tece as devidas considerações sobre os tipos construcionais do DR e os resultados com que nos

deparamos. E para completar o capítulo de análise dos dados, compomos uma seção de articulação dos nossos achados com as principais teorias assumidas.

Para arrematar, temos no último capítulo as considerações finais que a presente tese nos motivou formular, e nesse momento faremos os últimos apontamentos sobre o fenômeno do DR e sua conexão prosódica.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICOS GERAIS

Ser surdo às modulações da voz significa ser cego às modalidades do sentido
(Leonardo Boff)

Nas incursões teóricas da presente tese, deparamo-nos com o desafio de encontrar uma base de estudos que nos respaldasse na missão de agregar uma pesquisa em Linguística Cognitiva e em Prosódia. A dificuldade de conciliação entre tais pesquisas advém do fato de que estudos sociocognitivistas não têm geralmente a fala espontânea como indutora de pressupostos teóricos. Porém, acreditamos que estudos da fala são imprescindíveis para se contemplar o funcionamento da língua.

Nesse primeiro capítulo teórico, discorreremos acerca da linguagem humana e resumimos os pilares da abordagem sociocognitivista. Com isso, realçamos o caráter de ação que a linguagem assume, e, principalmente, o fato de o uso linguístico envolver a atuação em uma cena interacional. Essa cena, certamente, evoca o conhecimento de molduras comunicativas específicas.

Seguimos o capítulo atentando para a importância da concepção sociocognitivista de gramática, tanto para a descrição de fenômenos linguísticos, como para a aquisição da linguagem. Surge, então, o conceito-chave de construção gramatical desempenhando papel decisivo no estudo da língua.

A penúltima seção trata da teoria de Goldberg para a Gramática das Construções; e a última, dá início ao movimento de reivindicação do estudo da prosódia nas investigações sociocognitivistas.

2.1 A linguagem humana e o sociocognitivism

Os estudos da linguagem, ao longo do tempo, passaram por diferentes vieses, dado que a questão do objeto da linguística é – nas palavras de Saussure (1916) – particularmente difícil. E como ele próprio resume, o ponto de vista é que cria o objeto.

A partir dessa afirmação, o estruturalismo, na primeira metade do século XX, centrou-se no significante e em segmentá-lo até obter seus elementos mínimos – fones, fonemas, morfemas, classes sintáticas. Em suma, o foco estava nas estruturas linguísticas formais e o sujeito ficava excluído no tratamento do significado, que se equivalia às condições de verificação de verdade no mundo.

Os trabalhos da segunda metade do século XX são marcados pelas publicações de Chomsky, para quem o cerne do objeto da linguística está na aquisição da linguagem e na ilimitada capacidade de expressão da língua. Quanto à aquisição, criou-se a premissa da faculdade da linguagem, segundo a qual nascemos com princípios gerais inatos para adquirir língua. No que diz respeito à sua geratividade, o léxico e a sintaxe atuariam com o forte argumento da composicionalidade do significado sentencial. Tal argumento advoga que o significado de uma expressão linguística é arranjado por meio da soma do significado literal de suas partes integrantes. Admitem-se os princípios de combinação e exclui-se a constituição do significado do todo ou de qualquer conhecimento de mundo ou efeito pragmático.

Em função disso, justifica-se boa parte das críticas dos sociocognitivistas ao modelo gerativo. Nesse sentido, como calcular casos de ambiguidade, de ironia, de expressão idiomática etc? Ao contrário de vislumbrar um sujeito cognitivo “desencarnado” da sociedade ou do contexto em que atua (SALOMÃO, 2009), a LC mostra-se empiricamente plausível e compatível com os usos emoldurados por distintos *frames* vocais, que podem desambiguar estruturas, promover ironias e delimitar expressões idiomáticas. Em consonância com a perspectiva do presente trabalho, atribuímos à linguagem um caráter mais flexível, ajustando o emparelhamento forma/significado à análise investigativa.

Com o advento do sociocognitivismo¹ (FILLMORE 1979; LAKOFF, 1987; FAUCONNIER, 1994; GOLDBERG 1995, 2006; SALOMÃO, 1999), a linguagem é tomada como um meio de interpretar, construir e organizar conhecimentos que refletem as experiências individuais e culturais. O que distingue esta abordagem de outras de cunho cognitivista é o foco no caráter social da cognição.

¹ Termo empregado no Brasil.

O objetivo principal da agenda sociocognitivista é, sem sujeitos ou cenas idealizados, flagrar o processo de significação, exibindo sua face cognitiva, social e linguística. Fica, então, assumido o compromisso de, no trato analítico, não fugir da complexidade da chama (MIRANDA, 2001).

(...) se o caráter social da cognição imprime a singularidade de nossa espécie e se a linguagem é um modo da cognição, não há outro caminho para se chegar à forma e à significação linguísticas a não ser enfrentando o complexo entrelaçamento entre os processamentos social e cognitivo das ações conjuntas de linguagem (MIRANDA, 2001, p. 79).

Almejando expor como concebemos o objeto da linguística, ajustado ao nosso ponto de vista, torna-se importante uma breve retomada à origem do que entendemos por comunicação linguística a fim de desembocarmos, posteriormente, na ideia de que a construção gramatical é simbólica e artefato da cultura.

Para Tomasello (2006), a comunicação humana difere da comunicação de outras espécies de três maneiras:

- A primeira se refere ao fato de a comunicação linguística humana ser simbólica. Os símbolos linguísticos são convenções sociais por meio das quais um indivíduo tenta compartilhar a atenção com outro (s), apontando para algo no mundo. As outras espécies não utilizam símbolos linguísticos provavelmente porque não entendem que seus coespecíficos poderiam compartilhar a atenção com eles;
- A segunda diferença é que a comunicação linguística humana é gramatical. Os seres humanos usam seus símbolos linguísticos inseridos em padrões, e esses padrões são tomados como construções, que transmitem significado por meio de vários tipos de combinação entre os símbolos. Uma vez que as outras espécies não lidam com símbolos, as construções gramaticais são exclusivamente humanas;
- A terceira particularidade humana é não haver um sistema único de comunicação usado por todos os membros da espécie. Ao longo da história, convencionalizaram-se mais de seis mil línguas naturais no mundo. Isso implica que crianças, diferentemente

de outras espécies animais, tem que aprender convenções comunicativas empregadas pelas pessoas que vivem ao seu redor.

Ao compartilhar a atenção com os outros, somos capazes de, por meio dos símbolos, expressar nossas necessidades básicas, definir conceitos e emoções complexos, descrever coisas que existem e até coisas que não existem, reclamar, protestar, ofender, lembrar do passado, além de prever e planejar o futuro. Os símbolos linguísticos são organizados pelos seres humanos, formando padrões gramaticais, inseridos em contextos específicos.

Neste trabalho, abordaremos uma importante virada ocorrida nos estudos sobre gramática. Trata-se do surgimento da Gramática das Construções (GC) como uma teoria que direciona a atenção às expressões idiomáticas da língua e à revisão da composicionalidade no cálculo do sentido, tornando-a uma hipótese branda.

A terceira particularidade mencionada por Tomasello reforça o papel do contexto comunicativo e dos aspectos sociais e culturais na criação das convenções linguísticas. Tal ideia acentua o axioma sociocognitivista da interação entre o social e o cognitivo no conhecimento linguístico.

O processo de comunicação, pensado de maneira sociocognitivista, passa pelo entendimento de como os falantes se coordenam para fazer alguma coisa juntos, utilizando simultaneamente recursos internos, individuais, cognitivos e também recursos sociais.

Enfim, partindo do que apreendemos por comunicação humana, compreendemos a língua, propriamente dita, como uma forma de ação que assume um status simbólico, gramatical e contextual. A próxima seção aporta para ocupar-nos um pouco mais da importante propriedade da linguagem de ser ação.

2.2 A linguagem é (inter) ação cognitiva

Dado que o centro da nossa análise é a dimensão prosódica da construção DR, podemos admitir que, ao reportarmos a fala do outro, estamos agindo. Nessa ação podem estar envolvidos desde um descompromissado relato até uma crítica com pitadas

de humor e ironia. Para assimilarmos a ideia de linguagem como ação, alguns conceitos são oportunos de serem expostos aqui, mesmo que de maneira abreviada. Os conceitos referidos são: atos de fala, cena interacional, face, polidez, *footing*, moldura comunicativa e contexto.

A tese sociocognitivista acerca da linguagem como forma de ação dialoga com a teoria dos atos de fala, mas já é importante mencionar que são muitos os aspectos dos postulados de Searle (1979) que precisam ser revistos (MIRANDA, 2001). Para os sociocognitivistas, o peso da ação do locutor é reduzido, e a força da dimensão interativa e de prática social é contemplada. Além disso, as cinco categorias de Searle (atos assertivos, diretivos, comissivos, expressivos e declarativos²) não geram todos os atos ilocucionários em potencial. Isso porque novos jogos e rituais podem ser inventados e, conseqüentemente, novos atos ilocucionários podem emergir.

Outro ponto contestável na descrição e na classificação dos atos de fala é o de se delimitar fronteiras certas que separam um ato de fala de outro. Mesmo quando marcados por verbos performativos, tal delimitação pode não ser precisa. A resposta de Searle para essa dificuldade esbarra na literalidade do significado. Assim, o sentido literal de um enunciado será atribuído a um ato de fala específico. Entretanto, esse mesmo enunciado pode apresentar um sentido pragmático, dependendo da intenção do locutor. Podemos, por exemplo, pensar no uso de verbos performativos compromissivos como “prometer”, “jurar”, “pretender”, que ditos com uma “voz irônica”, marcada pela prosódia, realizam uma ação contrária.

Ainda quanto a delimitações, mas agora no eixo sintagmático, questiona-se como demarcar, no fluxo discursivo, os limites de atos sucessivos, ou seja, dos atos que intercorrem, um após o outro no enunciado. Veremos, adiante, que para essa questão uma possível colaboração a ser buscada vem da percepção prosódica.

² Atos Assertivos: dizemos às pessoas como as coisas são;

Atos Diretivos: tentamos levar as pessoas a fazerem coisas;

Atos Compromissivos: comprometemo-nos a fazer coisas;

Atos Expressivos: expressamos nossos sentimentos e atitudes;

Atos Declarativos: provocamos mudanças no mundo por meio de nossas emissões linguísticas.

Uma vez que nossa proposta de análise inclui a dinâmica da cena interacional, torna-se válido recuperar contribuições da sociolinguística interacional, que condizem com o princípio da linguagem como forma de ação. Resgatamos, então, a metáfora do drama (GOFFMAN, 1998) que confere aos participantes da interação papéis e atividades de atores sociais. Nesse arcabouço teórico, qualquer interação é dramática por inserir-se em uma moldura comunicativa. Os papéis não estão fixados, mas constituem-se por meio das múltiplas representações. Diferentemente de assistir a um teatro, na interação, estamos representando para alguém que também representa para nós. No contínuo reenquadramento discursivo que vivemos, podemos assumir variados papéis.

A face é a expressão social do eu individual, a imagem pública que cada um pretende afirmar sobre si mesmo (GOFFMAN, 1998). Isso é influenciado pelos valores e pelas normas impostos pela sociedade. A *defesa de face* consiste em salvar a própria imagem. Por outro lado, a *proteção de face* intenta salvar a imagem do outro.

Brown e Levinson (1987) já haviam elaborado a noção de face por meio de dois conceitos:

- i) Face positiva: imagem exibida pelo interlocutor a fim de ser aprovado ou reconhecido;
- ii) Face negativa: imagem que o interlocutor prefere preservar.

Os atos linguísticos que podem ameaçar a face negativa são: ordens, pedidos, ameaças, provocações etc. Já a face positiva pode ser ameaçada por atos como a crítica, a desaprovação, a discordância etc.

Outro conceito trabalhado pelos dois autores acima citados é o da polidez, que é apresentado como um comportamento que respeita e que atende às necessidades de aprovação das faces dos interlocutores. As estratégias de polidez podem ser tidas como:

- a) Estratégias negativas: ser indireto, utilizar perguntas, rodeios, manifestar deferência, minimizar imposição, desculpar-se, justificar-se, impessoalizar falante e ouvinte;
- b) Estratégias positivas: dar atenção aos interesses e qualidades do ouvinte, exagerar a aprovação, intensificar interesse, buscar concordância, fazer brincadeira, ser otimista (BROWN; LEVINSON, 1987)

Aliadas aos postulados de Tomasello (1999), essas contribuições da sociolinguística interacional corroboram a ideia de que ao se projetar como contraparte do outro, o sujeito pode querer divulgar ou camuflar a autoimagem identificada.

As estratégias de polidez tentam ajustar o foco de modo a promover entendimentos e evitar conflitos. O contrário também pode acontecer, caso a intenção seja ameaçar a face e negar-lhe passagem (MIRANDA, 2001). Tal inversão é realizável principalmente quando analisamos a fala espontânea e vislumbramos a dinamicidade e a criatividade que a linguagem pode englobar.

Mais um conceito que pode ser pensado aqui é o de *footing*, que também se relaciona à dinamicidade da cena interativa. Esse conceito envolve mudanças na atuação do participante. Estamos nos referindo ao “alinhamento” da postura e da projeção de um interlocutor com o outro, consigo próprio e com o discurso construído, negociando sua participação na interação (GOFFMAN Mudamos de footing, por exemplo, quando reportamos nossa própria fala ou quando reportamos a fala do outro., 1998). mesmo que em um ou em outro caso sejam nossas próprias ideias que estejam sendo articuladas.

Retomando a relevância da cena interativa, outra categoria merecedora de destaque é a de molduras comunicativas (SALOMÃO, 1999). São conhecimentos estruturados culturalmente que, a partir de múltiplos cenários e de múltiplos sujeitos, permitem identificar a natureza da interação. Em outras palavras, permitem identificar se o evento é uma conversa, uma aula, uma entrevista etc. Esse conhecimento emoldurado é estável, porém não é estático, em virtude do movimento intenso que marca nossos eventos comunicativos. Como exemplifica Miranda (2001), uma aula hoje é muito diferente se comparada a outra no início do século passado, assim como aulas ministradas por sujeitos diferentes, ou para alunos diferentes vão assumir características distintas. É possível se pensar em molduras mais ou menos genéricas. Uma conferência e uma reunião pedagógica se encaixam em uma moldura institucional por partilharem um espaço mais genérico. Por conseguinte, diante de molduras comunicativas partilhadas em nossa comunidade, sabemos qual o comportamento consensual desejado.

A depender da moldura comunicativa, o discurso reportado, por exemplo, na comunidade acadêmica ou em uma conversa informal certamente assumirá feições distintas. O discurso acadêmico se emoldura por citações a autores especialistas em determinado assunto. Mesmo que se discorde de algum estudioso, a polidez ao se

reportar o outro é mantida, pois papéis sociais estão em jogo e é preciso evitar hostilidades entre as faces. Além disso, há normas e convenções a serem seguidas. Já na conversa, o espaço para recuperar a fala do outro é mais livre e espontâneo, sendo outras semioses facultadas aos interlocutores.

Nosso conhecimento acerca das molduras comunicativas asseguram nossas práticas sociais de interação. E não há como pensar o processo de construção de sentido, sem considerar as molduras comunicativas tanto em sua estabilidade (reconhecendo a herança cultural singular da espécie humana) quanto em sua flexibilidade (assentindo a negociação dinâmica entre papéis e linguagem). Ao analisar a língua, como forma de ação, devemos apurar até que ponto a moldura comunicativa afeta a cena interativa.

A noção de contexto vem à tona ao se tratar das molduras comunicativas e nos interessa aqui apresentar a perspectiva sociocognitiva da semiologização do contexto (SALOMÃO, 1999). Contexto, a partir da perspectiva que adotamos, passa a abarcar instruções concorrentes, sob a forma verbal ou não, atuando na construção das molduras comunicativas. Nem sempre as pistas verbais são o foco da situação comunicativa. Assim, as expressões gramatical e lexical se juntam a outras semioses que vão desde o contorno prosódico – informação indiscutivelmente linguística, nas palavras de Salomão – até a expressão facial, a aproximação ou afastamento do corpo etc. Nesse momento, realçamos essa noção de contexto, que conjectura a prosódia, como fundamental para se analisar a fala, embora muitas vezes isso não seja reconhecido.

E é acreditando na entoação, muitas vezes, como o foco invocado na moldura comunicativa situada, que o presente trabalho busca averiguar alguns aspectos prosódicos no discurso reportado oralmente. A concorrência destas semioses aponta para o direcionamento dos estudos de dados de fala para a atuação entoacional. Ao fazer isso, estamos enriquecendo a pista léxico-sintática e redefinindo a noção de contexto.

Após a acolhida dos conceitos acima expostos, com a finalidade anunciada de avistar a cena interacional que pode envolver o fenômeno do DR, seguiremos agora sublinhando a importância da noção de gramática para a análise linguística.

2.3 A emergência da gramática: uma concepção sociocognitivista

Assumindo a hipótese sociocognitivista de que o sinal linguístico, juntamente com outros sinais, guia o processo de significação diretamente no contexto de uso (FAUCONNIER, 1997; SALOMÃO, 1999), buscamos uma concepção de gramática que abranja os diversos aspectos do conhecimento que o falante tem dos sinais da sua própria língua.

Tal concepção de gramática entende a linguagem como um instrumento cognitivo que, como a percepção visual ou o raciocínio, aciona conhecimentos subjacentes na memória. A informação do contexto e da situação comunicativa também é acionada no processo de significação linguística, confirmando a junção entre o social e o cognitivo.

A capacidade da linguagem, herança da espécie, permite a produção de infinitas representações, através das quais os sujeitos se conhecem e se dão a conhecer, ajustam a situação em que se encontram a conhecimentos previamente acumulados, e criam novos conhecimentos (SALOMÃO, 1999. p. 74).

Destacando a importância da cena interacional no processamento linguístico, a abordagem sociocognitivista mira a atividade interpretativa no caráter social da cognição, no sujeito interativo – que constrói a identidade, o conhecimento, na dialogia com o outro – diferente de um sujeito essencialmente cognitivo ou idealizado.

Esse sujeito interativo, que constrói e interpreta o sentido, assim o faz, pois adquiriu a gramática de sua língua. O conhecimento gramatical é imprescindível para que o falante compreenda os padrões e aja satisfatoriamente com a linguagem, inserido nas cenas comunicativas. Ponderemos brevemente sobre como se desenrola esse processo de aquisição da gramática.

Uma criança adquire a linguagem e, conseqüentemente, a gramática, a partir do momento em que entende e reproduz ações conjuntas envolvendo símbolos. Tomasello (2006) elenca as diversas fases da produção linguística das crianças, juntamente com os respectivos exemplos do inglês:

- a fase dos 14 meses: as crianças produzem holofrases, expressões de símbolo único, com específico contorno entoacional, a fim de comunicar as intenções do falante quanto

a uma cena determinada. Não há marcação sintática aparente, porém não deixam de ser expressões complexas: *birdie*, *pick up*, *lemme-see*;

- a fase dos 18 meses: as crianças passam a construir esquemas com *pivot*, isto é, constituídos de dois elementos: uma expressão invariante (o *pivot*) e um lugar estrutural preenchido variavelmente. Nessa fase, também não há ainda uma marcação sintática: *more x*, *x gone*, *where's the x*;

- a fase dos 20 aos 24 meses: as produções agora envolvem construções-baseadas-em itens (ilhas verbais), ocorrendo a marcação sintática da valência do item lexical empregado: *x hit y*, *x broken*, *put x in/on y*;

- a fase dos 36 meses: as construções são abstratas, parecidas com as empregadas na linguagem adulta, com marcação genérica da estrutura argumental, unificando os participantes da cena e já elaborando construções passivas, construções ditransitivas, por exemplo.

Tomasello (2006) refuta a concepção inatista de que os seres humanos nascem dotados de uma gramática universal. Essa concepção chomskyana apresenta tal gramática contendo os princípios norteadores do processo de aquisição da linguagem. No entanto, com as evidências expostas por Tomasello, pode-se constatar que o uso e a interação desempenham papel imprescindível na aprendizagem da língua e na emergência da gramática.

De acordo com o processo descrito pelo autor, adquirimos a gramática conforme usamos as construções da língua. A sintaxe, como se pode notar, emerge do léxico. A frequência de tipos ou tokens³ não é o único fator determinante da aprendizagem ou do entrenchamento⁴ das construções. O que prevalece é a relevância comunicativa da expressão, “manifesta na reiteração de formas/significados pragmaticamente importantes ou, até, através de uma instanciação única, desde que essa seja enunciada em condições comunicativamente ‘inesquecíveis’” (SALOMÃO, 2009. p. 63). Dessa forma, não importa mais distinguir a competência do desempenho linguístico, uma vez

³ A frequência de ocorrência/token correlaciona-se com o processo de convencionalização da construção, já a frequência de tipos/types vincula-se a padrões criativos, ou melhor, à produtividade da construção.

⁴ O entrenchamento se evidencia nas expressões convencionalizadas e compartilhadas pela comunidade linguística a que pertencem os participantes da interação (FONTES; FERRARI, 2010).

que a performance é, por si mesma, parte da competência. Em outras palavras, o uso é que regulariza nosso conhecimento.

Pires (2013, p. 47) apresenta e descreve um quadro com construções do PB que diferem somente quanto à composição interna e extensão:

Tipo de Construção	Forma e/ou Exemplo
Morfemas	anti- <i>anticristao</i> , <i>antidepressivo</i> -ista <i>pianista</i> , <i>surfista</i>
Palavras	<i>e</i> , <i>chuva</i> , <i>casa</i>
Palavras complexas	<i>arranha-ceu</i> , <i>cesta básica</i>
Idiomas (totalmente preenchidos)	<i>Enfiar o pé na jaca</i> ; <i>Minha alma esta lavada</i>
Idiomas (parcialmente preenchidos)	Forma: Mais X que Y <i>Mais bêbado que peru no Natal</i> ; <i>Mais por fora que umbigo de vedete</i> .
Construção Causativa Agentiva	Forma: Suj. V Obj. <i>Abdul explodiu o prédio</i> .
Construção Passiva	Forma: Suj. Aux. V _{SP} (SP _{por}) <i>O prédio foi explodido por Abdul</i> .

Tabela 1: Exemplos de construções da língua portuguesa (PIRES, 2013).

Nas vezes em que não for possível prever todos os fatos sobre o uso, a composição interna, o potencial combinatório, ou o significado de um padrão, torna-se necessário propor uma nova construção (BOAS, 2010).

O conhecimento gramatical, em síntese, é um conjunto de construções, ou seja, pares de forma-função aprendidos com base na língua experienciada. O pólo formal inclui o significante e sua expressão fônica, escrita e outras semioses, como o gesto; e o pólo funcional agrega a dimensão semântica e pragmática. O uso, então, é constitutivo da arquitetura do léxico e da gramática. Todas as unidades linguísticas têm significado comunicativo, e, portanto, são simbólicas, porque derivam do uso. A emergência da gramática é, por fim, um acontecimento histórico-cultural.

Após essa exposição do que representa, em linhas gerais, a concepção sociocognitivista de gramática, voltemos nossa atenção para estudos linguísticos que tomaram a construção como base de suas teorizações.

2.4 As construções e os estudos linguísticos

Antes de explorar os constructos teóricos proporcionados pela teoria de Goldberg (1995, 2006), faremos uma recapitulação de como as construções ergueram-se no cenário dos estudos linguísticos. Assim, poderemos encadear a significativa reviravolta pela qual passaram algumas teorias da linguagem.

Para a gramática gerativa, o conhecimento gramatical é organizado em módulos. Cada componente linguístico – fonológico, sintático e semântico – governaria uma propriedade da sentença. Haveria, então, regras para ligar esses componentes. As idiosincrasias, nesse modelo, são questões do léxico. No paradigma gerativista, as regras gramaticais contribuíam para a hipótese forte da composicionalidade, segundo a qual o cálculo do sentido da oração resultaria da soma de suas partes, como já foi tratado aqui.

O “falante inocente”, sendo composicional em suas interpretações linguísticas, deixa de compreender grande parte das expressões idiomáticas frequentes na linguagem cotidiana. Ser composicional, estritamente falando, é aplicar as regras da sintaxe e do léxico da língua, o que não garante um desempenho linguístico satisfatório (FILLMORE, 1979).

Entretanto, quando os idiomatismos foram tomados como objetos de estudo, o paradigma composicional-gerativista ficou desamparado. Destarte, objetivou-se um tratamento homogêneo tanto às construções periféricas quanto a padrões considerados regulares. O conceito de fusão foi adicionado em substituição das derivações entre padrões.

A gramática pode ser considerada como uma categoria radial, na qual construções esquemáticas mais regulares constituem protótipos, enquanto as idiosincráticas ou as mais específicas são localizadas na periferia e herdaram propriedades de instâncias mais centrais. Lakoff (1987) contribuiu para incrementar o conceito de construção, com o estudo do *there*. O linguista propõe que as construções se relacionam e apresentam sutis diferenças sintáticas e semânticas umas das outras. Identifica-se que há uma construção central, da qual outras construções são derivadas.

Assim, o *there* apresentou como instância central a construção locativa, cuja irradiação motivada vai até a construção existencial.

O estudo de Fillmore, Kay e O'Connor (1988) também é considerado relevante nesse percurso. Ao analisar a expressão *let alone*, conseguem ilustrar a não procedência do argumento estritamente composicionalista. Os autores, principalmente, mostraram que os idiomatismos apresentam padrões gramaticais produtivos com estruturas complexas e merecedoras de minuciosa investigação.

Desse modo, os autores acima citados desenvolveram e cunharam o termo “Gramática das Construções”. Em contraste com a concepção chomskyana de construção, o termo agora não se trata somente de um artefato taxonômico útil para descrição, mas sem um status teórico (BOAS, 2010).

Ficou provado que muitas unidades linguísticas apresentam uma relação forma/sentido que não é previsível a partir de cálculos combinatórios. E essas unidades não se restringem ao léxico, mas alcançam também, por exemplo, o campo da sintaxe.

Embora haja três abordagens bastante difundidas dentro do paradigma construcionista – a Gramática das Construções, inspirada nos trabalhos de Fillmore e desenvolvida por Goldberg (1995, 2006); a Gramática Cognitiva de Langacker (1987, 2008); e a Gramática de Construções Radical de Croft (2007) – é a primeira que exploraremos no presente estudo.

Para Salomão (2009), é possível identificar nessas diferentes versões, os seguintes pontos consensuais:

- construções são unidades básicas do conhecimento linguístico. E isso é válido tanto para formações lexicais quanto para formações sintáticas;

- construções são pareamentos de forma e sentido. Há duas dimensões para o pólo da forma: a dimensão física do significante (que tipicamente envolve a expressão fônica) e a dimensão morfossintática (que abarca a informação sobre a classe sintática dos constituintes e suas relações estruturais de hierarquia e dependência). O pólo do sentido inclui a dimensão conceptual (esquemas imagéticos, esquemas sensório-motores, *frames*, metáforas e metonímias) e a dimensão discursiva (espaços mentais,

molduras comunicativas, registro sociolinguístico, e informação relacionada ao gênero textual);

- a gramática é uma rede de construções – o conjunto das construções de uma língua.

Qualquer uma das três versões representa uma alternativa válida para a descrição e teorização dos fenômenos gramaticais, para a aplicação ao ensino de línguas ou para a aquisição da linguagem. O sucesso da vertente construcionista reside em três aspectos: o primeiro se refere à perspectiva não formalista e sim conceptualista, conduzindo a semântica para o centro da arquitetura gramatical e rejeitando a hipótese da autonomia da sintaxe, defendida pelos gerativistas; o segundo diz respeito à orientação voltada para o uso linguístico, o que viabiliza a integração do discurso e da interação na gramática; por fim, destacamos a possibilidade de aplicação da teoria a qualquer fenômeno gramatical e em qualquer língua, o que difere de outros modelos, sempre focados em um conjunto parcial de fenômenos (SILVA; BATORÉO, 2010).

Construções lexicais e gramaticais são concebidas como um mesmo tipo de estrutura (pares convencionizados de forma e sentido), divergindo apenas em sua complexidade interna e extensão. Dessa forma, as abordagens construcionistas conseguem assegurar um tratamento igualitário a todas as expressões linguísticas, independentemente de serem reconhecidas como nucleares ou periféricas da gramática (PIRES, 2013).

Trata-se de uma visão não-derivacional, que explica as regularidades da gramática com base em esquemas abstratos gerais associados a significados específicos e não em regras de manipulação de símbolos, como fazem os modelos gerativistas (FERRARI, 2010).

Frisando que a presente tese nasce de um trabalho que apostou nas relações entre as construções de DR e as construções de estrutura argumental, nosso próximo passo nesse capítulo teórico é resenhar as contribuições da teoria de Goldberg para a GC.

2.5 A teoria da GC de Golberg

Goldberg (1995) escreveu uma tese sobre os tipos de sentenças simples das gramáticas, postulando que esses tipos de sentenças são instâncias de construções – correspondências entre forma e sentido que existem independentemente de verbos particulares. Realiza-se um tratamento da natureza do significado verbal e da sua relação com o significado sentencial, negando que a sintaxe e a semântica da cláusula sejam projetadas exclusivamente a partir de especificações do verbo principal. Essa perspectiva não categoriza sentidos implausíveis aos verbos, caso eles não ocorram em ambientes usuais. Isso porque os verbos se integram com a semântica da construção e são associados a *frames*.

As informações de *frame* capturam a riqueza dos vários significados ligados ao item lexical, tais como os referentes ao conhecimento cultural e de mundo, às experiências e crenças (BOAS, 2010).

A análise construcional problematizada emprega simultaneamente as estratégias *top-down* (da construção para o verbo) e *bottom-up* (do verbo para a construção). Além disso, nem as informações construcionais, nem as informações verbais podem ser desvinculadas do contexto de uso.

Uma vez que as construções são unidades básicas do sistema linguístico e que é possível que haja sistematicidade entre as construções, Goldberg (1995, p. 67-68) sugere quatro princípios organizadores da língua e que estão atrelados à unidade construcional. Tais princípios serão expostos abaixo, e ilustrados com exemplos relacionados à construção gramatical de DR no terceiro capítulo desse trabalho. O objetivo disso é tornar menos abstratas as premissas goldberianas e alavancar uma discussão acerca de sua aplicação em dados reais de fala. São eles:

I. O princípio da motivação maximizada: Se uma construção A é relacionada sintaticamente a uma construção B, então o sistema da construção A é motivado a ponto de ser relacionado semanticamente a uma construção B. Tal motivação é maximizada.

II. O princípio da não-sinonímia: Se duas construções são sintaticamente distintas, elas devem ser semântica ou pragmaticamente distintas. Aspectos pragmáticos incluem estrutura informacional (tópico e foco), além de aspectos estilísticos como o tipo de registro.

Corolário A: Se duas construções são sintaticamente distintas e semanticamente sinônimas, então elas não devem ser pragmaticamente sinônimas.

Corolário B: Se duas construções são sintaticamente distintas e pragmaticamente sinônimas, então elas não devem ser semanticamente sinônimas.

III. O princípio do poder expressivo maximizado: o inventário de construções é maximizado para propósitos ou fins comunicativos.

IV. O princípio da economia maximizada: o número de construções distintas é minimizado tanto quanto possível, dado o princípio III.

Por meio de todos esses princípios, constata-se que, sendo a forma alterada, o sentido se transforma consequentemente, devido ao pareamento existente na língua entre esses dois pólos (forma e sentido). Por meio dos princípios III e IV, especialmente, a gramática permite tanto maximizar as possíveis construções da língua quanto restringi-las, visto que há uma tendência em se fazer generalizações e simplificações na língua.

O exemplo emblemático a partir do qual Goldberg ilustra seu modelo construcionista é o seguinte:

Sam sneezed the napkin off the table (Sam espirrou o guardanapo pra fora da mesa).

Distinguindo a semântica da construção de estrutura argumental e a semântica do verbo a ela associada, podemos dar conta do novo uso de *sneeze*. O verbo associa-se lexicalmente a um único papel participante (*sneezzer*) que, sintaticamente, ocupa a posição de argumento externo do verbo (intransitivo). Assim, o verbo não prevê que o guardanapo possa ser movimentado para fora da mesa porque alguém espirrou. A autora

explica que captamos o sentido da construção visto que fazemos a fusão da valência da construção de movimento causado com o *frame* evocado pelo lexema *sneeze*, à luz do contexto pragmático no qual essa sentença é proferida.

O verbo *sneeze* especifica os meios pelos quais a relação de movimento causal é alcançada, enquanto a construção garante o sentido básico da expressão. Dessa maneira, à medida que os *frames* semânticos do verbo capturam a riqueza de sentidos de um item lexical incorporando conhecimento de mundo e cultural, a construção identifica uma perspectiva instaurada sobre uma cena.

As construções de estrutura argumental envolvem cenas *gestálticas* básicas, como alguém causando o movimento de algo para algum lugar, alguém transferindo algo para outra pessoa, alguém se movendo para algum lugar, alguém causando a mudança de estado de alguma coisa etc (PIRES, 2013).

Generalizações ocorrem a partir da fusão da valência construcional com informações do *frame*. Diante disso, restrições são colocadas impedindo fusões inaceitáveis. Um exemplo é a Construção de Movimento Causado limitar-se aos papéis de agente e ou de força natural, e excluir o de instrumento.

Propõem-se, então, dois princípios gerais que norteiam restrições mais amplas quanto à fusão dos papéis semânticos com os papéis argumentais. O primeiro é o Princípio da Coerência Semântica, segundo o qual apenas papéis semanticamente compatíveis podem ser fundidos. Tal compatibilidade é avaliada quando um papel participante do verbo pode ser construído como uma instância de um papel argumental.

O segundo é o Princípio da Correspondência, que anuncia um alinhamento entre a semântica lexical e a pragmática discursiva, já que os participantes relevantes para o sentido do verbo são também importantes para o discurso. Destaca-se que o sentido particular do verbo é escolhido dentre outras alternativas lexicais.

A teoria de Goldberg tem recebido alguns questionamentos. Dentre eles, está o de que nem sempre as restrições impedem a fusão das construções com certos tipos de entradas lexicais. É necessário olhar atentamente para os sentidos dos verbos que são idiossincraticamente convencionalizados, de modo a testar as generalizações construcionais (BOAS, 2010).

Tratando, especificamente, das generalizações das construções, Goldberg (2006) defende que as línguas são aprendidas –tese construcionista–, e não inatas – tese gerativista –, e são construídas com base no *input* juntamente com restrições cognitivas e pragmáticas.

A autora objetiva investigar a natureza da generalização tanto no conhecimento linguístico do adulto quanto no da criança. Visa-se, assim, a responder como e por que construções podem ser aprendidas e como generalizações inter e intralinguísticas podem ser explicadas. Defende-se que todos os níveis de análise gramatical envolvem construções: pareamentos de forma e semântica aprendidos com função discursiva, incluindo morfemas ou palavras, idiomatismos, padrões frasais gerais lexicalmente preenchidos (plenamente ou parcialmente).

Qualquer padrão linguístico é reconhecido como uma construção quando alguns aspectos da sua forma ou função não são estritamente previsíveis a partir de suas partes composicionais ou de outras construções reconhecidas. Padrões são armazenados como construções mesmo se são totalmente previsíveis quando eles ocorrem com suficiente frequência. Em sequência, reproduzimos uma tabela de Goldberg (2006), detalhando exemplos de construções:

Morfema	<i>Pré-, -ing</i>
Palavra	<i>Anaconda, and</i>
Palavra complexa	<i>Shoo-in</i>
Palavra complexa (parcialmente preenchida)	[N-s] (para plurais regulares)
Idiomatismo (preenchido)	<i>Going great guns, give the Devil his due</i>
Idiomatismo (parcialmente preenchido)	<i>Jog<someone s>memory, send <someone s> to the cleaners</i>
Condicional covariacional	<i>The Xer the Yer (the more you think about it, the less you understand)</i>
Ditransitiva (objeto duplo)	Suj V Obj1 Obj2 (<i>he gave her a fish taco</i>)
Passiva	Suj aux VPpp (PPby) (<i>the armadillo was hit by a car</i>)

Tabela 2: Exemplos de construções, variando extensão e complexidade (GOLDBERG, 2006)

A abordagem construcionista compartilha com o gerativismo o objetivo de explicar o potencial criativo da língua. Todavia, para os construcionistas, a gramática não gera sentenças, os falantes que o fazem, isto é, um falante é livre para combinar criativamente construções. Segundo os construcionistas, a gramática é motivada. Já os gerativistas apostam que ela é arbitrária, por isso não aprendida, e sim herdada.

Enfim, o conhecimento linguístico atrela-se a coleções sistemáticas de construções, ou seja, pareamentos forma-função aprendidos a partir da língua experienciada. A memória para instâncias decai ao longo do tempo, enquanto as generalizações ganham força. Os seres humanos organizam seu conhecimento em padrões enquanto retêm grande quantidade de informações (GOLDBERG, 2006).

A motivação linguística, conforme a GC, é considerada em termos de herança que se estabelece entre construções com formas e sentidos parecidos, de maneira que uma construção motivada seja parcialmente especificada a partir de uma instância mais básica. Constitui-se, assim, a gramática como uma rede de construções ligadas por relações de herança. Goldberg elencou quatro tipos de herança:

- (i) Herança por polissemia: ocorre quando o significado da construção-mãe é estendido. Por exemplo, a construção ditransitiva apresenta um sentido central (X causa Y receber Z – *Joe gave Sally the ball* [*Joe deu a bola a Sally*]) e extensões desse sentido (X permite Y receber Z – *Joe permitted Chris an apple* [*Joe consentiu uma maçã a Chris*]);
- (ii) Herança por subparte: se dá quando uma construção configura-se como uma parte da construção-mãe, mas existe independentemente dela. O exemplo é o da construção resultativa (exemplo: Douglas estourou a bola) que se relaciona à construção intransitiva resultativa (exemplo: a bola estourou), pois as especificações sintáticas e semânticas desta são uma subparte daquela;
- (iii) Herança por instanciiação: ocorre quando uma construção é uma realização, um caso da construção-mãe. O exemplo é a relação de sentido entre o verbo *drive* e a construção resultativa *she drives me crazy* (*ela me deixa louco*);
- (iv) Herança por metáfora: nesse caso, a construção “herdeira” é uma extensão metafórica da construção-mãe. É o que acontece com a construção de movimento causado e sua herdeira construção de movimento causado com transferência.

Dentro das redes a que se vinculam, as construções podem ser classificadas como:

- i) Macro-construções: são as construções mais abertas, com um significado independente do preenchimento lexical. Elas que definem as regularidades (construções transitivas, construções partitivas, construções modificadoras de grau);
- ii) Meso-construções: são semi-abertas, isto é, apresentam um preenchimento parcial. Trata-se de tipos particulares de construções, com padrões similares (*types*);
- iii) Micro-construções: são as construções instanciadas concretamente, empiricamente testadas e fechadas – idiomatismos cristalizados (*tokens*).

Como já mencionado em nota de rodapé, a frequência de *tokens* está associada ao processo de convencionalização de uma construção. Já a frequência de *types* vincula-se à produtividade da construção.

Enaltecemos, nesse estudo, o trabalho aliado a Linguística de *Corpus* que torna coerente as análises e os resultados. Uma vez que se dialoga com os modelos de uso, em termos de motivação e emergência da gramática a partir da frequência de uso dos padrões, torna reconhecida a importante metodologia da Linguística de *Corpus*. Tal metodologia permite lidar com grande quantidade de textos autênticos e heterogêneos, de linguagem natural e de múltipla autoria, criteriosamente coletados e armazenados (SARDINHA, 2004). Adota-se uma abordagem empirista da linguagem, com análise em *corpora* de fala espontânea, sendo possível estudar de modo mais efetivo o papel do uso na gramática.

Por essas razões, o presente trabalho lida com *corpus* de fala espontânea. Direciona-se a abordagem construcionista a um estudo dedicado à fala que, conseqüentemente, abrange a pragmática e a prosódia – visto que a análise da fala precede esses dois pilares. A próxima seção reivindica o lugar da prosódia no pólo formal das construções.

2.6 E o lugar da prosódia na GC?

Historicamente, o grande interesse da pesquisa construcionista foi mostrar que não existe uma separação estrita entre léxico e sintaxe, semântica e pragmática. O enfoque construcionista envolve todos os níveis de análise linguística, desde morfemas até unidades discursivas como os gêneros. Porém enquanto tal abordagem foca principalmente no papel da semântica, da pragmática e da sintaxe, ela não tem atentado para a influência de fatores fonológicos/prosódicos em construções linguísticas – o que representa o propósito deste trabalho em um empreendimento recente e desafiador sob a ótica da Linguística Cognitiva, de um modo em geral.

E quando pensamos ainda sobre o processo de aquisição da linguagem, já conseguimos atribuir à prosódia um importante papel nas generalizações linguísticas. Muitas vezes as crianças aprendem partes de construções complexas, sendo que suas

primeiras produções correspondem a palavras das construções adultas. Essas palavras – aprendidas de construções complexas – são sempre inseridas em padrões entoacionais convencionais, indicando se tais palavras correspondem a pedidos, perguntas, comentários etc. Assim, depreende-se que as crianças não estão tentando aprender palavras isoladas e sim atos de fala efetivos comunicativamente, interagindo com as construções complexas dos adultos (TOMASELLO, 2006). Reportando essas evidências, advoga-se neste trabalho a existência de padrões entoacionais construcionais, em forma de tendências e perfis específicos. Assim como os símbolos linguísticos envolvem padrões lexicais ou sintáticos, há também os padrões entoacionais.

Revelou-se muito difícil encontrar autores que ousam articular a prosódia na descrição de construções. Uma das exceções foi Välimaa-Blum (2005), segundo a qual a gramática expressa significado na forma de construções gramaticais, que são associações de forma, significado e valor pragmático, acrescentando que a entoação é parte dos elementos formais das construções. Embora a autora dedique pequeno espaço em sua publicação aos aspectos entoacionais, endossamos aqui a premissa de que a entoação compõe fortemente a base formal das construções no âmbito da fala.

Cada construção de nível sentencial tem uma entoação *default*, isto é, que combina semântica e uso conversacional, seguindo um padrão apriorístico. Esse contorno *default*, então, configura-se como estrutura formal que se associa à estrutura semântico-pragmática. O *default* pode ser do tipo amplo, quando nenhuma palavra carrega proeminência especial, ou pode incluir vários focos.

Por outro lado, o contorno *default* pode ser anulado por fatores contextuais e/ou por conteúdos lexicais. Nesses casos, o contorno não-*default* sinaliza que o falante, de algum modo, está desviando do uso típico da construção. O contorno *default* pode ser anulado por fatores contextuais e/ou por conteúdos lexicais.

Mesmo se tratando de uma questão importante abordada, Välimaa-Blum (2005) só traz um exemplo do que seria um contorno não-*default*. Ela contrasta duas leituras de um mesmo enunciado: *Jane grows black roses* (Jane plantou rosas negras). Assim, o contorno *default* é ilustrado pela figura abaixo, em que todas as palavras soam igualmente proeminentes (foco amplo):

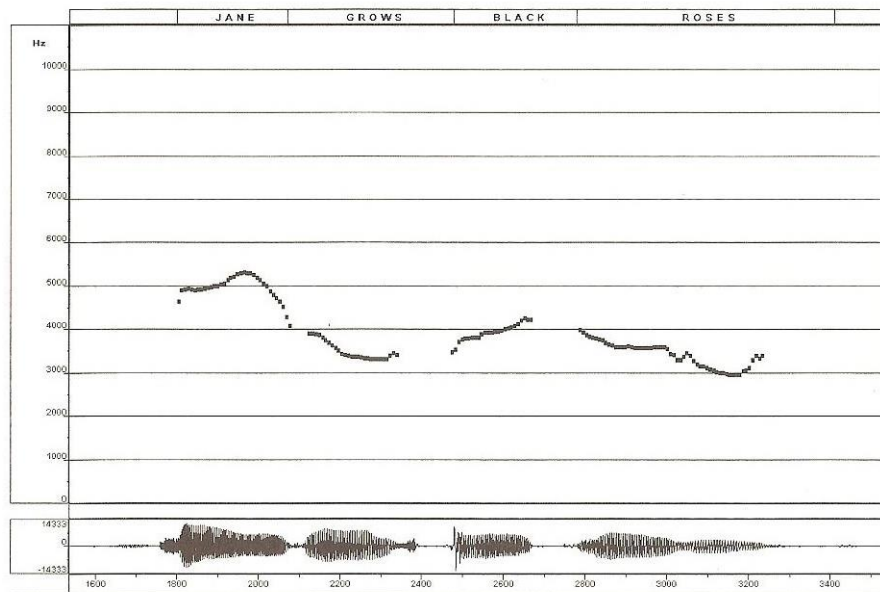


Figura 1: exemplo de contorno *default* (VÄLIMAA-BLUM, 2005)

E como única amostra do contorno não-*default*, temos a seguinte figura, cuja leitura do mesmo enunciado se difere, pois o adjetivo carrega o acento, sendo a palavra mais proeminente (foco estreito):

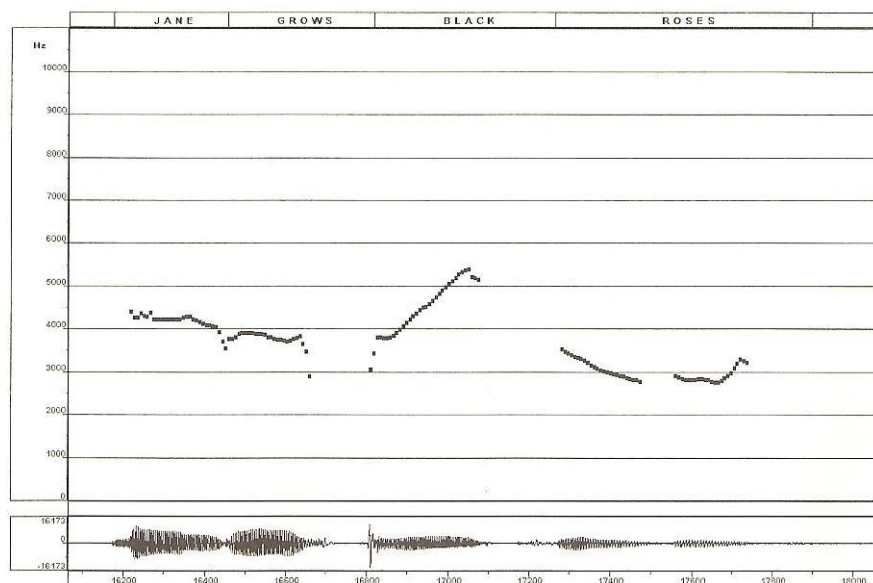
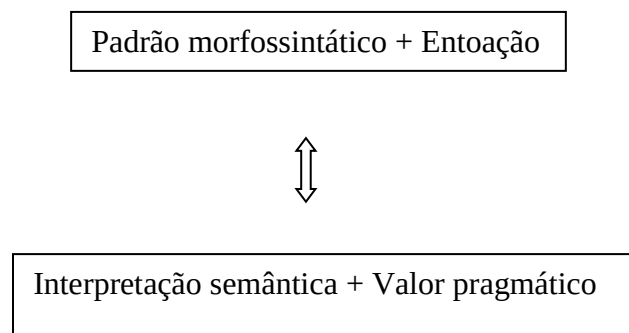


Figura 2: exemplo de contorno não-*default* (VÄLIMAA-BLUM, 2005)

No entanto, não encontramos uma explicação mais detalhada do comportamento prosódico das construções no caso *default* e não-*default*. Verificamos apenas que a palavra “black” na segunda figura está alinhada a um contorno mais alto do enunciado.

Para a autora, a principal função da entoação é expressar a estrutura informacional. A informação nova, por exemplo, tende a ser acentuada e o contrário ocorre com a informação dada. Isso reflete a relação da entoação com a perspectiva do falante frente à mensagem: como ele guia a interpretação, direcionando a atenção para certas partes do conteúdo linguístico. Assim, se adicionada a entoação à combinação da forma sentencial juntamente com a força ilocucionária, tem-se uma construção. O esquema deve incluir:



Ao reproduzir o esquema acima de Vålímää-Blum (2005), é importante esclarecer que o valor pragmático não decorre apenas da entoação. Isso poderá ser observado em nossa análise.

Na construção do sentido, a entoação pode sobressair e anular, muitas vezes, a pista sintática. No entanto, a estudiosa admite que operar com a ideia de um contorno *default* não é uma tarefa simples. A frequência de ocorrência de um contorno não diz tudo sobre sua autenticidade. O que pode medir sua naturalidade e autenticidade é o uso pragmático bem sucedido de uma entidade linguística em um dado contexto.

Ao tratar de foco, a autora cita que quando o foco é amplo, há uma forte tendência para o núcleo localizar-se na última palavra de conteúdo, mas alerta que não se trata de algo automático. Assim sendo, o local *default* do acento não é independente do contexto.

O foco estreito pode ser encontrado em qualquer sílaba acentuada no enunciado, dependendo do contexto. Quando o foco é amplo, o contorno pode marcar dois contextos: um pode responder uma questão aberta e continuar uma narrativa, e o outro pode ser usado para responder questões sobre um aspecto ou outro do sintagma verbal.

Embora seja necessário reconhecer o trabalho acima citado pela sua iniciativa e pretensão, é importante também admitir que ele pouco atende às expectativas criadas, principalmente por não trazer à tona nenhum caso com exemplo de fala real. E essa é uma falha muito grave para um trabalho que se tacha socioconstrucionista. A experiência de lidar com dados que emergem na chama da fala espontânea, como os nossos, nos permitem entender que a complexidade de se atribuir uma prosódia *default* ou não-*default* vai muito além do que a autora faz. Não trabalhar com dados de fala real é escapar da chama que envolve o processamento social e cognitivo das ações conjuntas da linguagem.

A prosódia, e assuntos como as funções da entoação etc, serão temas centrais no próximo capítulo teórico, em que poderemos esclarecer principalmente muitos dos termos utilizados no universo temático da prosódia.

3 PROSÓDIA: O “COLORIDO” DA FALA

É principalmente nas inflexões e nos matizes da voz que reside a força expressiva da linguagem humana (Dale Carnegie)

Não é difícil para nenhum de nós assumirmos que, enquanto falantes conscientes, usamos vozes diferentes para diversas situações do dia-a-dia. E, do ponto de vista de ouvintes, admitimos também que, muitas vezes, somos influenciados pelas vozes dos nossos interlocutores, percebendo-as como naturais, agradáveis, afetadas, monótonas etc.

O título deste capítulo se justifica pela ideia aqui defendida de que a prosódia agrega informações ao conteúdo estritamente linguístico da mensagem. As “cores” que a prosódia oferece ao enunciado podem, inclusive, modificar o significado literal convencional de palavras e sentenças.

Expressar um pensamento, por meio da fala, vai além de concatenar palavras e sentenças. Quando falamos é inescapável recorrer à prosódia, “tingindo” assim nossos enunciados e expressando ideias e emoções. A metáfora da cor, nesse caso, é oportuna, pois abrange a sinestesia cor/som (visão/audição) a partir da qual criamos nossas interpretações. Recorremos ao domínio da informação visual, alcançada com as cores, para explicar o efeito da prosódia na produção e percepção da fala. O uso dessa metáfora consiste em uma evidência para a atuação em conjunto das cognições humanas.

Dessa forma, nas seções seguintes, faremos inicialmente algumas observações sobre o lugar da fala nos estudos linguísticos, salientando o valor de se atentar para essa modalidade da língua, de certa forma ainda muito refém da modalidade escrita. Ao se executar essa empreitada, torna-se forçoso tecer as devidas distinções entre fala e escrita e entre enunciado e sentença. Em seguida, buscamos cumprir alguns esclarecimentos terminológicos que envolvem o estudo da prosódia e que causam estranhamento e dificuldade aos pesquisadores iniciantes. Seguimos fazendo um resumo das funções da entoação, que vão desde a estruturação de um diálogo até a manifestação da atitude do falante.

3.1 A fala como objeto de estudo e as inevitáveis comparações entre fala e escrita

Antes de tratar da fala como objeto de análise linguística, faremos um breve preâmbulo remontando o processo fisiológico de produção da fala. A partir do momento em que a laringe adquiriu a função de fonação (posto que filogeneticamente a função mais antiga da laringe é a de respiração), o ser humano começou a assumir a capacidade de falar. A laringe é um órgão cujos músculos, dependendo das circunstâncias, tencionam as pregas vocais e/ou deslocam-se verticalmente no pescoço, conforme o momento: deglutição, respiração ou fonação (ARAUZ, 1992).

Considerando as diversas combinações possíveis durante o processo fonatório, torna-se compreensível o porquê de a voz do indivíduo ser única. É cabível uma analogia entre a impressão digital e a impressão vocal. Os ajustes desses diferentes mecanismos vão variar conforme o contexto do discurso, o ambiente e a emoção do falante (BLOCH, 1963).

De modo simples e geral, a produção da voz pode ser explicada com o seguinte: as pregas vocais se afastam, na inspiração, e o ar entra nos pulmões. Para falar, as pregas vocais se aproximam, o ar sai dos pulmões e, passando pela laringe, produz as vibrações, gerando o som. A voz, assim, resulta do equilíbrio entre a força do ar que sai dos pulmões (aerodinâmica) e a força muscular da laringe (mioelástica). A ressonância da voz é produzida na faringe, na boca e no nariz.

E assim produzimos um poderoso meio de comunicação: a nossa voz. Embora a escrita assuma um *status* de legitimidade e oficialidade nas sociedades em geral, a fala, como transmissora de nossa língua em sua versão mais espontânea e criativa, tem se tornado objeto de estudo nas pesquisas linguísticas de um modo mais criterioso, haja vista trabalhos como os desenvolvidos pelo projeto C-ORAL-BRASIL, que veem a fala como indutora da teoria. O projeto, sediado na UFMG, estuda a fala espontânea do PB, na diatopia mineira, principalmente Belo Horizonte e região metropolitana, por meio da compilação de um *corpus* de textos orais em contexto natural.

É consenso entre muitos autores que a principal diferença entre fala e escrita é o caráter natural da primeira e o tecnológico da segunda. Nascemos com a capacidade da

fala, assim como outras capacidades motoras e cognitivas. Uma vez inserida no meio social, a criança começa a realizar a capacidade da fala.

Num plano filogenético, estima-se que a origem da fala é datada aproximadamente de 100.000 anos atrás, já no plano ontogenético, a aquisição completa da fala dura alguns anos de idade, podendo ser “enriquecida” durante toda a vida. Trata-se, então, de uma característica da espécie humana que só não se realiza em indivíduos com alguma patologia específica.

A escrita surge há 5.500 anos como invenção de uma tecnologia em meio à complexidade social. Essa modalidade linguística pressupõe a existência da fala, assim como tecnologias mais recentes (a imprensa e a internet, por exemplo) pressupõem a presença da escrita. Portanto, precisamos de um treinamento específico para aprender a escrever, o que não acontece com a fala.

Um primeiro ponto a ser examinado quando se coloca em paralelo fala e escrita é o meio. O meio da fala são as ondas sonoras, que são decodificadas pelo aparelho auditivo humano. O meio escrito é constituído por símbolos gráficos decodificados por meio da visão.

Com relação ao canal, o da fala é o ar, pelo qual se propagam as ondas sonoras. As partículas de ar são empurradas, com maior ou menor energia, para longe do falante. O canal da escrita conta como suportes a pedra, a madeira, o papel, a tela do computador etc.

Raso (2013) compara as modalidades escrita e falada com o intuito de demonstrar a necessidade de a Linguística adotar uma abordagem nova, tanto na metodologia quanto nas categorias de análise, a fim de se compreender melhor como a fala, em especial a espontânea, se estrutura. Para tanto, é preciso rever postulados que defendem que ambas as modalidades utilizam um mesmo sistema léxico-sintático.

O que parecem convergir são as muitas diferenças entre fala e escrita, reservando à fala fenômenos como repetição, paráfrase, hesitações etc. A fala revela seus próprios processos de criação, enquanto a escrita tende a escondê-los, mostrando só os resultados (FÁVERO, 1997).

E, com destacada importância, um fator na diferenciação entre fala e escrita é a prosódia. Quando se pensa no estudo científico da fala, um apontamento inicial é o de que somente por meio da escuta podemos segmentar o texto falado em sintagmas entoacionais e enunciados, por exemplo.

Por essa razão, na próxima seção, advogaremos pela separação clara entre a unidade sentença e a unidade enunciado.

3.2 Sentença e enunciado

A tentativa de se analisar a fala com base na transcrição, isto é, em uma forma de transposição para a escrita, gera enganos. Para algumas visões teóricas, a prosódia segmenta o fluxo da fala independentemente das estruturas sintáticas. A interpretabilidade da fala é determinada por essa segmentação, a ponto de o que parece ser negado na transcrição, poder ter sido, na realidade, afirmado (MELO; RASO, 2013).

Não podemos encarar isoladamente como unidade de análise da fala o que entendemos por sentença no domínio da escrita, embora apostemos na inequívoca relação entre enunciado e sentença. Consensualmente, as sentenças simples e complexas estão fortemente ligadas à presença de verbo. Por outro lado, quando se tornam enunciados isso não necessariamente se explica. Segundo Melo e Raso (2013), em média, mais de 35% das produções linguísticas encontradas nos *corpora* de fala (C-ORAM-ROM e C-ORAL-BRASIL) não apresentam verbo nenhum de modo finito, e cerca de 30%, nenhum verbo em absoluto. Isso significa que mais de um terço das produções linguísticas não corresponde a um sintagma verbal.

Tal constatação indica que esse fenômeno seja considerado típico da fala e que se busque outro critério para segmentar as unidades de referência da fala. Assim é que se definiu o enunciado como a unidade da fala interpretável pragmaticamente em autonomia. O enunciado corresponde a um ato de fala, indo de uma marca de conclusão a outra marca de conclusão. Essas marcas de conclusão são definidas perceptualmente pela prosódia – não sendo mensuráveis. A autonomia prosódica reflete em uma autonomia pragmática, e não semântica ou morfossintática. Assim, a análise sintática na fala só pode ser feita dentro das fronteiras do enunciado (MELO; RASO, 2013).

A sentença não apresenta, por si, valor comunicativo, como faz o enunciado. Ouvindo um enunciado, reconhecemos, mesmo às vezes fora de contexto, qual a ação veiculada por ele: pergunta, pedido de confirmação, chamamento, ordem, instrução, expressão de obviedade, asserção etc. O tipo de força ilocucionária do enunciado é veiculado pela prosódia.

Podemos dizer que um texto escrito possui uma dimensão perlocutiva, se a considerarmos como a capacidade de gerar um efeito no mundo (AUSTIN, 1965; SEARLE, 1979).

A fala se transforma imediatamente em ação a partir de um estado interior (DAMÁSIO, 2010). A escrita constitui uma ação (a de escrever), ou seja, um produto que gera como resultado uma função comunicativa. Raso (2013) distingue, então, a escrita como produto, e a fala como evento. A transcrição transforma o evento em um objeto. Esse objeto, que tem como unidade a sentença, torna-se mais fácil de ser estudado porque é observável como fixo e imutável.

Na presente tese, trabalhamos com fala espontânea, tida como a fala realizada ao mesmo tempo em que é planejada (NENCIONI, 1983 *apud* RASO, 2013). Nela, o falante tem pouco tempo para planejar, bem como o ouvinte tem pouco tempo para prestar atenção. A sucessão de enunciados é muito rápida, e um enunciado não pode ser recuperado mais tarde. Em consequência disso, a fala é fortemente vinculada com o aqui-e-agora. A referência a espaço é bastante marcada pelo uso de expressões dêiticas no enunciado, que se localizam pelo compartilhamento do contexto situacional. A fala espontânea, quando comparada à fala lida, tem a vantagem de eliminar a tensão da leitura, porém apresenta a desvantagem de não ter uniformidade, dado que há, por exemplo, hesitações, sobreposições de vozes etc.

As novas tecnologias permitem a coleta e análise de grandes quantidades de dados linguísticos. A Linguística de *Corpus* possibilitou uma nova compreensão de como a linguagem é usada. No que diz respeito à compilação de recursos falados em contexto natural e espontâneo, ainda são muitas as dificuldades encontradas pelos pesquisadores. Uma delas se relaciona a aliar qualidade acústica à gravação de eventos em situações variadas.

Ainda, as abordagens mais linguísticas costumavam se distanciar das mais fonéticas. Isso porque as primeiras primavam por um contexto natural, exigindo menor qualidade acústica, para investigações sintáticas e lexicais; já as segundas acabavam por se restringir a gravações em laboratório.

Com o desenvolvimento de gravações *wireless* de alta qualidade, foi possível a análise de textos de diferentes diafasias, coletados em situações não controladas. Os avanços tecnológicos permitiram também que fosse realizado o alinhamento entre transcrição e áudio por meio de *softwares* de análise acústica.

Para encerrar essa discussão, reportamos uma interessante fala de Cresti (2013) para quem a escrita não pode ser considerada simplesmente uma transposição mecânica da fala, já que se apoia em outra capacidade humana, que é a de traçar linhas com as quais representamos o mundo. Na fala, linearizamos o tempo; na escrita, o espaço.

3.3 O estudo da prosódia: esclarecimentos terminológicos

O objetivo dessa seção é oferecer algumas elucidações entre os termos que consideramos preponderantes.

Precisamos partir de uma distinção terminológica fundamental para iniciar essa seção. Trata-se da diferença arrolada aos termos “prosódia” e “entoação”. Quando nos referimos à “entoação”, estamos falando exclusivamente de variação melódica, ou seja, de variação de frequência fundamental (F0)⁵⁵. Exemplos prosaicos dessas variações são contornos ascendentes em interrogativas, e descendentes em assertivas.

Já o conceito de prosódia atualmente inclui os parâmetros de duração, F0 e intensidade. Assim, prosódia abrange todas as mudanças suprasegmentais, isto é, fenômenos que ocorrem “acima” da representação linear dos fonemas.

Vale lembrar que o termo “prosódia” já foi empregado pelos gregos, envolvendo traços da fala não representados ortograficamente, que acabaram introduzidos na escrita por meio de símbolos. Por ser vinculado a acento e duração vocálica na tradição greco-

⁵⁵ Esse conceito será detalhado adiante.

latina, o termo “prosódia” adquiriu a conotação de “versificação” por volta do século XV. Nas Gramáticas Normativas, prosódia já era entendida como ortoepia, ou o “bom dizer” o “bom sotaque” da língua.

Outra diferenciação que costuma ser feita é aquela entre estudos prosódicos fonéticos e estudos prosódicos fonológicos. Os primeiros fazem o tratamento acústico dos dados e sua mensuração; os segundos estudam os sons e sua interface com os componentes linguísticos. Evitaremos essa dicotomia, uma vez que os dois grupos se encaixam e se complementam. Representações fonéticas podem ser estudadas por meio de dados de análise acústica, e as representações fonológicas podem servir como guia para pesquisas experimentais (SCARPA, 1999).

Alcançando o patamar dos maiores desentendimentos na literatura prosódica, verificamos como os termos relacionados aos correlatos prosódicos aparecem, muitas vezes, de maneira confusa e contraditória, tomados, muitas vezes, uns pelos outros. Pretendemos esclarecer as distinções entre os parâmetros prosódicos a partir do quadro abaixo, adaptado de Grice e Baumann (2007):

Correlatos perceptivos	Correlatos articulatórios	Correlatos acústicos
<i>Pitch</i> ⁶ - percebido em escala: alto/baixo	Vibrações das pregas vocais	Frequência Fundamental (F0) medida em Hertz (Hz)
<i>Loudness</i> ⁷ - percebida em escala: forte/fraco	Esforço articulatório, pressão de ar subglotal	Intensidade medida em decibel (db)
Alongamento - percebido em escala: longo/curto	Fases dos gestos da fala	Duração dos segmentos medida em milissegundos (ms)
Qualidade vocálica - percebida em escala: plena/reduzida	Configuração do trato vocal, precisão articulatória	Qualidade espectral medida em valores dos formantes em Hz

Tabela 3: Os parâmetros prosódicos (GRICE; BAUMANN, 2007)

⁶ Seguindo a linha de muitos autores brasileiros, optamos por manter o termo em inglês, em virtude da importância em se especializar a terminologia.

⁷ Idem nota anterior.

Como já citado, é importante estabelecer as separações acima, pois é comum publicações com alguns equívocos relacionados à nomenclatura. *Pitch* e F_0 , por exemplo, muitas vezes, são tomado um pelo outro.

Uma noção relevante para o propósito desta seção é a de pausa. Ela se caracteriza pelo silêncio na fala em meio a enunciados, apresentando funções como definir fronteiras de palavras; indicar deslocamentos de elementos sintáticos (Ela, no entanto, continuava triste); mudar o conteúdo semântico (Eu sempre vou à missa aos domingos / /você lembrou de comprar o jornal?); demonstrar atitude do falante, como impressionar o interlocutor ou reforçar sua autoridade; reorganizar a fala; além de permitir que o falante respire durante a fala (BOLLELA, 2011).

Outro tópico que merece um esclarecimento é o termo “acento”. Sua compreensão não se dá de forma imediata, pois, além de ser um tema extenso, é trabalhado, muitas vezes, de forma obscura. Grosso modo, vamos fazer uma distinção entre acento tônico ou lexical (*stress*) e acento melódico ou frasal (*accent*)⁸. O acento tônico diferencia as sílabas fortes e fracas. E aí falamos em tonicidade, o que em algumas línguas tem uma função linguística importante, fazendo parte da composição fonológica das palavras. A sílaba acentuada é produzida por um aumento da pressão pulmonar e por movimentos articulatórios do trato vocal, que resultam em vários efeitos audíveis – variações melódicas, aumento da duração e da intensidade (ROACH, 2002).

O acento melódico é usado para chamar a atenção, colocar em evidência a palavra. Veremos no capítulo metodológico que o acento melódico pode ser usado como termo correlato de ênfase, embora esta não se caracterize apenas pelo acento. Qualquer sílaba tônica, longa e que não contenha apenas vogais reduzidas pode receber acento melódico, sendo a escolha determinada pela intenção do falante (BATISTA, 2007).

Portanto, o acento frasal associa-se à sílaba tônica nuclear, marcado por um movimento mais amplo de F_0 . Em enunciados declarativos neutros, o acento frasal recai sobre a última palavra do enunciado, sem haver uma correspondência direta com o

⁸ Ladd (1996) chama o acento lexical de acento normal e; o acento melódico, de contrastivo.

conteúdo lexical. O acento lexical é o acento gramatical de uma palavra. Por exemplo, no enunciado “eu fechei a janela”, dito de forma “neutra”, o acento frasal está na sílaba [nɛ]; já na palavra “café”, o acento lexical está em [ɛ] (AZEVEDO, 2007).

O termo “foco” também vem sendo amplamente discutido e aqui faremos a importante dissociação entre foco largo e foco estreito. O primeiro não possui o acento melódico, destacando-se todo o constituinte ou a sentença. Relaciona-se apenas ao acento lexical e à informação dada. Já o segundo possui o acento frasal, apresentando um local específico de mudança melódica. Esse tipo de foco atrela-se à informação nova.

Quando nenhum dos termos de uma frase está destacado, o acento melódico recai na última sílaba tônica do enunciado, o que conferiria um caráter “neutro” ao acento. Todavia, quando se quer destacar um dos termos do enunciado, esse acento recai em qualquer sílaba tônica que não seja a última (REIS, 2005).

Qualidade de voz se refere a uma propriedade particular dos indivíduos, tornando-se um índice eficaz para se identificar o falante. Os usuários das línguas também podem perceber nos seus dialetos qualidades de voz típicas que permitem o reconhecimento de variedades linguísticas. Por exemplo, alguns dialetos suscitam uma qualidade de voz retroflexa, nasalizada, palatalizada etc. Assim, a qualidade de voz é caracterizada pela alta frequência da ocorrência de determinado traço fonético nos itens lexicais. A qualidade de voz individual relaciona-se ao fato de o falante fazer uso quase permanente de determinada propriedade fonética. Um exemplo de uso da qualidade de voz que ocorre em situação especial se dá com os “machões” – pessoas falam furiosamente contra alguém. O uso de um volume de voz alto e de uma articulação tensa coocorrem para se obter o efeito esperado (CAGLIARI, 1992).

Enfim, a prosódia é um fenômeno que interessa a vários profissionais. Na área da fonoaudiologia, por exemplo, trabalha-se a prosódia como um recurso para o tratamento e o aperfeiçoamento da comunicação. A redução da taxa de elocução pode ser uma estratégia para melhorar a coordenação pneumofonoarticulatória ou mesmo para promover uma melhor compreensão da fala encadeada.

Jornalistas, operadores de telemarketing, locutores, dentre outros utilizam mudanças na curva melódica e controle de pausas. Na voz cantada, a articulação dos três parâmetros prosódicos permite uma boa interpretação (AZEVEDO, 2007).

Para ilustrar essa ampla aplicabilidade da prosódia, superando dicotomias e restrições, encerramos esta seção com uma citação de Scarpa (1999):

Na entrecruzilhada entre prosa e poesia, entre linguística e engenharia do som, entre sintaxe e semântica, entre fonética e fonologia, entre língua e discurso, entre abordagens inatistas e de aprendizagem e generalizações por esquemas conexionistas, os fenômenos prosódicos recobrem uma gama de referências, nos estudos da língua/linguagem, difícil hoje de ignorar ou marginalizar (SCARPA, 1999, p.9).

E é acreditando na legitimidade em aderir aos estudos prosódicos que seguimos apresentando as diferentes funções que a entoação pode representar e que pode nos servir para compreender melhor a língua.

3.4 As funções da entoação

Partimos, então, da premissa de que a entoação desempenha um papel decisivo na organização da fala, podendo inclusive carregar informações de caráter semântico-pragmático não explicitadas no conteúdo verbal. Inicialmente, há duas principais tarefas desempenhadas pelos parâmetros acima colocados: a marcação de proeminências e a divisão da fala em unidades tonais.

3.4.1 Marcação de proeminências

Nesta subseção, trataremos basicamente dos três diferentes tipos de línguas e de como eles marcam suas proeminências.

As diferentes línguas do mundo usam diferentes recursos entoacionais para sinalizarem sílabas mais ou menos proeminentes. A língua inglesa, por exemplo, marca

proeminência através dos quatro parâmetros já comentados: *pitch*, *loudness*, alongamento e qualidade vocálica. O inglês é um dos casos das denominadas línguas entoacionais (ou acento-entoacionais).

Ao pôr em relevo determinadas sílabas em detrimento das que lhes são contíguas, o acento, ou mais precisamente o conjunto de fenômenos habitualmente designado por acento, desempenha funções de natureza distinta, segundo seu domínio seja o nível lexical (função propriamente distintiva, semântica) ou supra-lexical (função sintática) (MORAES & ABRAÇADO, 2005, p. 337).

Retomando a distinção, quanto ao nível lexical, cada vocábulo possui um acento tônico e este recai em uma das três últimas sílabas, constituindo o que se chama acento lexical principal ou primário. Já no nível supra-lexical, encontra-se o acento frasal, cuja proeminência é localizada em referência a um grupo de vocábulos. Todo enunciado apresenta pelo menos um acento frasal. Nas línguas entoacionais (português, espanhol, italiano etc), o falante tem liberdade para modificar a prosódia e criar distinções pragmáticas e discursivas com o acento supra lexical.

Uma segunda categoria são as línguas denominadas *pitch-accents*. Enquadra-se nesta categoria o japonês. O acento, neste idioma, é previsível, pois é invariavelmente realizado através de um *pitch* alto. Somente os tons de certas sílabas precisam ser especificados com o acento, sendo os demais preditos por regras. As palavras configuram-se ou como HL (*high-low*) ou como LH (*low-high*). Nestas línguas, o *pitch* alto na sílaba acentuada é seguido por um *pitch* baixo na sílaba seguinte. O *pitch* na sílaba não acentuada é previsto por regra: uma sílaba inicial não acentuada é baixa, algumas sílabas não acentuadas antes do acento são altas, e todas as sílabas não acentuadas seguidas do acento são baixas. Em línguas entoacionais, também pode haver palavras com acento envolvendo *pitch* alto e seguidas de *pitch* baixo, mas a diferença é que, no caso do japonês, essa regra não pode ser revertida pela entoação. Nas línguas *pitch-accent*, verifica-se um uso limitado da entoação (CRUTTENDEN, 1997.p. 11).

Completando a classificação das línguas, surgem as línguas tonais. O tom, assim sendo, é uma característica do léxico da língua, tendo as sílabas seus *itches* prescritos.

O tom ocasiona mudanças lexicais e diferenças gramaticais em palavras com a mesma composição segmental, gerando configurações como HH, HHL, LH⁹ etc.

3.4.2 Divisão da fala em unidades tonais

A fala é dividida em “trechos” delimitados pela entoação. Esses trechos serão chamados aqui de sintagmas entoacionais e estarão mais adequadamente explicados no capítulo metodológico.

Os índices mais óbvios das fronteiras entre essas unidades são as pausas. Quanto mais longa a pausa, mais forte será a percepção da fronteira. No entanto, outras pistas nos sinalizam fronteiras. Pode ser o caso de uma mudança abrupta de *pitch*. Por isso, nem sempre parece fácil definir quando há ou não uma fronteira, especialmente se está sendo analisada a fala espontânea.

Pausas, anacrusis¹⁰ e alongamentos são critérios para a demarcação de fronteiras entre unidades tonais. No entanto, tais critérios podem ser ambíguos na marcação de fronteira ou de hesitação. Assim, propõe-se que a decisão seja feita com base em um critério interno: a estrutura interna mínima para um grupo entoacional deve conter pelo menos uma sílaba acentuada. Então, o fragmento do enunciado que contiver somente uma sílaba não acentuada não pertence a um grupo entoacional separado. Deve haver também movimento de *pitch* para uma ou mais de uma sílaba acentuada (CRUTTENDEN, 1997). Contudo, assume-se também que, considerando somente critérios prosódicos, problemas podem surgir na delimitação das unidades tonais.

Entender o funcionamento da marcação de proeminências e da divisão da fala em unidades tonais é imprescindível ao se fazer análise entoacional. A realização de determinado fonema será mais proeminente se este estiver inserido em uma sílaba acentuada, daí a importância de se atentar para as proeminências. Por outro lado, ao final das unidades entoacionais, há uma forte tendência em se encontrar um contorno descendente; daí a importância de se atentar para as fronteiras.

⁹ No capítulo da metodologia, explicaremos o que esses tons indicam.

¹⁰ Mudança abrupta no ritmo da fala.

Após essa breve discussão sobre aspectos relacionados à marcação de proeminência e à divisão da fala, outras relevantes funções da entoação serão discutidas.

3.4.3 Outras funções da entoação

A entoação serve para diversas funções na veiculação de uma ideia. As funções desempenhadas pela prosódia vão desde diferenciar uma pergunta de uma resposta até expressar atitude ou emoção. Direcionamo-nos, a partir de agora, para cada um dos aspectos linguísticos, extralinguísticos e paralinguísticos implicados na entoação da fala.

3.4.3.1 Funções linguísticas

- Marcador lexical e morfológico

Contrastes tonais no nível da palavra são características de línguas tonais. Um exemplo representativo é a sílaba *ma* do chinês que, com os seus quatro diferentes contornos tonais, distingue os itens lexicais *mãe*, *maconha*, *cavalo* e *rabugenta*. Em Bini, uma língua africana, uma mudança de tom representa alteração no tempo verbal. Línguas *pitch accent* também podem manifestar esse tipo de variação, já as línguas entoacionais apresentam características pós-lexicais, ou melhor, características entoacionais que são relevantes somente no nível do enunciado.

-Funções sintáticas

A estrutura sintática de um enunciado e sua unidade entoacional estão fortemente relacionadas, mas não há uma associação direta entre elas. A entoação pode muitas vezes desfazer ambiguidades sintáticas à medida que situa quebras nas frases, ocasionando uma interpretação em detrimento de outra. O enunciado abaixo pode servir como exemplo:

Ramon está seguindo o rapaz com a moto.

No exemplo, uma quebra melódica depois de “rapaz” possibilitaria o interlocutor compreender que Ramon é quem está dirigindo a moto.

- Estrutura informacional

Uma importante função desempenhada pela prosódia é marcar a estrutura informacional, particularmente expressar informações que podem ser tomadas como informação dada e foco.

Informação dada

A informação dada pode ser pensada em termos de graus e esses graus podem ser expressos por meio da entoação. Por exemplo, uma palavra recebe um acento supra lexical e então soa mais proeminente, o que está atrelado ao seu grau de “novidade”. Mais especificamente, um contorno alto é usado para informação nova, já um contorno em queda para informação que não é totalmente dada, mas acessível. E nenhum acento é empregado para informação completamente dada.

Chafe (1994) considera o *pitch* baixo como um sinal do falante de que o item associado já deve estar ativo na consciência do falante e requer mínimo esforço cognitivo para sua interpretação. A atenção do ouvinte é guiada de um ponto foneticamente proeminente ao próximo. E assim se organiza o discurso falado.

Foco

A divisão do enunciado em foco e fundo também é uma das atribuições que a prosódia pode desempenhar. Tal divisão, certamente, é baseada no discurso prévio e nas intenções do falante. Embora haja uma ligação entre foco e informação nova, e entre fundo e informação dada, entende-se que um item focalizado pode já estar dado no discurso. Assim sendo, um elemento pode ser acentuado em desacordo com seu grau de novidade.

A preferência de qual elemento deve ser acentuado e, portanto, focalizado, varia conforme as línguas. Há algumas em que o lugar preferido para o foco é o argumento e não o predicado. Outro fator relevante na “acentuabilidade” das palavras é o seu peso semântico. Dessa forma, substantivo, adjetivo, advérbio, verbo, conjunção tendem a ser focalizados, ao invés de artigos ou pronomes, por exemplo.

É importante lembrar ainda que há dois tipos de focos: o foco estreito e o foco amplo. No primeiro, somente um elemento é focalizado, e no segundo encontram-se focos em várias palavras.

- Atos de fala

A entoação é utilizada também para diferenciar um pedido de informação de uma ordem, ou seja, para distinguir atos de fala. Segundo Austin (1965), há quatro principais tipos de atos de fala ilocucionários, a saber: assertivos, diretivos, comissivos e expressivos, exemplificados respectivamente com afirmações, pedidos, promessas e desculpas. Sabe-se, por exemplo, que, na maioria dos casos, as questões polares – do tipo sim-não – são marcadas com movimentos ascendentes.

- Modalidade

Em enunciados declarativos neutros, o padrão tonal nuclear ocorre na última sílaba acentuada do grupo tonal e apresenta uma configuração descendente média-baixa (CAGLIARI, 1981; MORAIS, 1997).

Madureira (1994) sintetiza em um quadro os principais resultados a que chegou com seus estudos sobre os padrões de *pitch* do português brasileiro em três modalidades de sentenças, a partir de análises fonético-acústicas:

Modalidade da sentença	Direção global do <i>pitch</i>	Maneira como ocorreu a mudança	Grau da mudança
Declarativa	Descida	Suave	Leve
Questão parcial (wh question)	Descida	Suave	Médio
Questão total	Subida	Suave	Leve
Imperativa	Descida	Abrupta	Alto

Tabela 4: Padrões de *pitch* do português brasileiro (MADUREIRA, 1994)

São muitos os estudos que estão evidenciando a forte relação existente entre a entoação e as modalidades das sentenças. Isso condiz com os pressupostos da GC, uma vez que se há padrões para as sentenças, há contornos *default* para cada uma delas. Em outras palavras, podemos tratar de perfis prosódicos para cada uma, levando em conta a participação da informação prosódica no pareamento construcional. Sendo, ainda, as construções de DR, ou pelo menos parte delas, pertencente à modalidade declarativa, partimos de um contorno default para elas.

3.4.3.2 Funções paralinguísticas

A entoação está bastante associada às manifestações de afeto e emoção. Mudanças de *pitch* que representam esse tipo de expressão são universalmente válidas. Sobre esse assunto, são reproduzidas as palavras de Gussenhoven (2004) acerca de três códigos biológicos envolvidos na análise de como forma e função prosódicas interagem. Os códigos são: código de frequência, código de produção e código de esforço. Cada um tem suas interpretações afetivas e/ou informacionais e podem ter diferentes manifestações linguísticas em diferentes línguas.

De acordo com o código de frequência, tamanho é sugerido pela altura do *pitch*: uma vez que uma laringe maior (com pregas vocais maiores) e um trato vocal maior

produzem frequências mais baixas, o *pitch* baixo é associado com indivíduos maiores e o *pitch* alto com indivíduos menores. Esse código dá margens a interpretações afetivas de dominação/submissão – ou de alguma maneira relacionadas – afirmação/questionamento, com o *pitch* baixo sendo atribuído ao primeiro e o *pitch* alto ao segundo. A mais óbvia manifestação linguística do código de frequência é a distinção entre perguntas e afirmativas.

O contorno final do enunciado assume particular importância também para o código de produção, cuja interpretação é atrelada a uma gradual diminuição da pressão de ar subglotal. Consequência dessa queda é o gradual abaixamento do *pitch*, fenômeno conhecido como declinação. A interpretação linguística desse código é a finalização/continuidade, marcada pelo término baixo versus término alto.

O código de esforço é baseado no fenômeno do aumento de esforço na produção da fala, que gera uma maior precisão articulatória. A função informacional primária desse código é expressar ênfase ou acentuação na marcação de foco ou de informação dada e nova.

Não se nega a existência de dados de diferentes indivíduos, línguas e culturas que contrariam as interpretações acima, todavia é de grande validade mencioná-las. Ainda sobre a função paralinguística da entoação, há estudos sobre qualidade de voz que interpretam o sinal de fala e extraem informações sobre a voz, tais como: seriedade, confiança, agradabilidade, suavidade, calma, meiguice etc.

Podemos cumprir a mesma ação, por exemplo, uma ordem, com atitudes diferentes, isso é, podemos realizar uma ordem de maneira tranquila ou de maneira irritada, mas em ambos os casos temos uma ordem. Como tanto a ilocução quanto a atitude são ancoradas pela prosódia, não é uma tarefa fácil distinguir entre os traços prosódicos pertencentes à análise da ilocução e aqueles pertinentes à análise da atitude (MELO; RASO, 2013).

3.4.3.3 Funções extralinguísticas

Também é possível extrair da prosódia aspectos extralinguísticos como o sexo, idade, nível de instrução, nacionalidade, naturalidade do falante etc. Cruttenden (1997), por exemplo, apresenta dados indicadores de que a F0 da voz feminina é mais alta que a do homem, e, ainda, que a F0 dos homens geralmente continuam mais baixas até aproximadamente a idade de 60 anos, quando aumenta novamente.

Até a fala monótona pode ser expressiva, porque em determinadas situações pode sugerir que o interlocutor está triste ou doente, por exemplo (MADUREIRA, 2005).

Finalizamos esse capítulo registrando nosso respeito a estudiosos que se dedicam ao estudo da fala e, principalmente, à criação de teorias e metodologias para tanto. Consideramos louvável a iniciativa de se olhar para a fala com toda sua espontaneidade e imprevisibilidade e encarar o desafio de descrever e analisar os fenômenos discursivos emergentes na cena interacional. Acrescentamos, ainda, o mérito das pesquisas em prosódia, pois esse é o caminho para se chegar a um tratamento apropriado da fala. Por fim, anunciamos nosso próximo capítulo, que tem como objetivo apresentar nosso objeto de estudo: o discurso reportado. Nesse caminho, trataremos da função da prosódia no cruzamento e entrelaçamento de vozes no discurso.

4 DISCURSO REPORTADO: O DISSE-ME-DISSE DOS FALANTES

*Cada citação contribui com algo para a estabilidade e o alargamento da língua
(Samuel Johnson)*

Neste capítulo, discutiremos o fenômeno do discurso reportado (DR), tão presente e produtivo na comunicação humana. Retomaremos algumas teorias tradicionais e outras nem tanto para situar os diferentes tipos de DR, bem como suas principais diferenciações. Com isso, identificaremos lacunas, além de hipóteses a serem testadas.

Nas duas últimas seções, alcançaremos nosso ponto importante ao trazer à tona estudos que já vislumbraram alguma relação entre prosódia e DR; e sintetizamos os aspectos fundamentais de Rocha (2004), trabalho que representou a grande motivação para essa tese.

4.1 Discussões gerais

A difusão e, muitas vezes, a avaliação da fala do outro é um dos tópicos mais fundamentais da comunicação. Isso porque em todas as esferas da atividade humana, o discurso é preenchido por palavras e vozes de outros (BACKTHIN, 2000). Na vida diária, a grande parte do que é dito são falas de outras pessoas; ou se concorda com elas, ou as contesta, ou somente se refere a elas. Quando falantes ou escritores desejam reportar a fala ou o pensamento de outra pessoa, ou quando eles reportam palavras ou pensamentos deles mesmos em um tempo diferente do momento da fala, eles produzem um DR.

É determinante esclarecer previamente que, muito além de uma questão gramatical, o DR é um fenômeno interacional e social. Sendo, então, parte da comunicação humana, formas gramaticais particulares são adotadas pelos falantes para atingirem seus objetivos específicos ao reportarem falas. Além disso, é indispensável assumir que o DR inclui o discurso interno, ou seja, a autocitação ou autorreportação.

Situações comuns em que se percebe o uso da autocitação é quando o falante descreve ou narra situações envolvidas em problemas. O DR interno, normalmente, serve para reportar decisões que o próprio falante tenha tomado (GOLATO, 2002).

O DR é uma parte essencial da linguagem humana. Sem ele, a língua seria fatalmente limitada quanto ao seu potencial significativo na comunicação. Uma das características mais fundamentais do DR é a sua reflexividade. Pessoas usam a linguagem para se referirem à linguagem. Elas não somente reportam enunciados, como também falam sobre os enunciados comentando-os, criticando-os ou questionando-os. Por meio do DR, dois diferentes contextos podem ocorrer inseridos em uma única estrutura textual, a saber, o contexto de fala e o contexto citado (SAKITA, 2002). E aí surge a principal diferença entre o discurso direto (DD) e o discurso indireto (DI), o que retomaremos logo adiante.

O DR é universal a todas as línguas e toda conversação é plena de veiculações e de interpretações de palavras de outras pessoas. E ainda, não importa o quão acurado é transmitido, o DR está sempre sujeito a mudanças semânticas. Todo texto é construído de um mosaico de citações, é a absorção e a transformação de outro texto (KRISTEVA, 1986).

Um dos indícios primários na marcação do DR é o léxico-sintático. Se os enunciados são construídos com verbos *dicendi* ou com outra expressão citativa, diferentes vozes são introduzidas e serão interpretadas. Falantes podem ancorar deiticamente seus enunciados fazendo referências pessoais, locativas e temporais à situação reportada.

Com ou sem marcadores reportativos ou expressões dêiticas, o DR pode ainda ser marcado na escrita por recursos gráficos; e na fala, pela entoação. Citar consiste em adotar enunciados emanados de outra pessoa, para atingir objetivos argumentativos, por exemplo. Abaixo, é feita uma distinção tradicional entre os diferentes tipos de DR que encontramos:

4.1.1 Discurso Direto (DD)

Tradicionalmente, o DR é categorizado como direto ou indireto. No DD, há independência sintática, presença de propriedades expressivas, além de delimitação precisa entre as fronteiras. Na concepção rotineira do ouvinte, são colocadas as palavras exatas do falante original. O reportador cita a fala a partir da perspectiva do reportado, emprestando sua voz para ele. Simples exemplos são colocados abaixo:

- a) A menina, em tom zangado, disse:

- Não gosto disso.

O DD pode ocorrer sem verbo *dicendi*, ficando para as aspas o papel de sinalizar na escrita a fala do outro.

b) A menina, em tom zangado: “não gosto disso”.

O DD com verbo *dicendi*, como poderá ser checado nos dados, é o prototípico entre as contruções encontradas, isto é, em termos de frequência; já o DD sem verbo tende a ocorrer em sequências narrativas, em que se prevê facilmente a presença do verbo.

4.1.2 Discurso Indireto (DI)

No DI, não há independência sintática nem a presença de propriedades expressivas, e sim a existência de complementizador (“que” ou “se”). São as palavras do reportador que transportam o que foi dito ou escrito pelo falante ou escritor original. O reportador interpreta o discurso do reportado e o cita com suas próprias palavras.

Quem reporta não assume a perspectiva do reportado. Exemplo:

c) A menina disse, em tom zangado, que não gostava daquilo.

Nesse caso, tornam-se necessárias as modificações quanto às referências dêiticas de tempo verbal, pronomes e advérbios para se fazer a paráfrase do enunciado direto.

4.1.3 Discurso Indireto Livre (DIL)

O DI pode ser denominado livre, quando se misturam marcas atribuíveis à voz do narrador e à voz de outros. Há uma maior liberdade, em que o narrador insere outra fala sem usar as marcas do DD.

d) A menina perambulava pela sala zangada. Não gosto disso. Mas ninguém a ouvia.

Nesse caso, não há uma introdução *dicendi* para a fala “não gosto disso”; e nem uma marca de conclusão da citação, com a voz do reportador sendo retomada: “mas ninguém a ouvia”.

Lembramos que tradicionalmente a divisão e a classificação dos tipos de DR são realizadas exclusivamente a partir da modalidade escrita da língua. Existe, então, uma tradição grafocêntrica para se marcar e delimitar o DR. O que veremos, em nossa análise de dados de fala, é que a prosódia, pareada no jogo construcional, sinaliza a função do travessão e das aspas.

Uma circunstância que precisa ser registrada é a de que na literatura só encontramos estudos que diferenciam o DD do DI, no que diz respeito a informações prosódicas. Muito pouco se publica sobre o DIL, muito menos acerca de sua configuração entoacional, o que será feito nesse trabalho.

Abaixo, apresentamos uma seção que visa a essa distinção encontrada na literatura entre o DD e o DI.

4.2 DD x DI

Acredita-se que a diferença entre o discurso direto e o indireto é uma questão de quanto precisamente o citador reproduz o discurso original. Contudo, autores como Tannen (1989) apontam que a citação direta não pode ser uma repetição exata do enunciado anterior, devido à limitação da memória.

Muitas citações diretas, no discurso falado informal, são de fato inventadas (MAYES, 1990). As citações, então, circunscrevem-se em um contínuo que vai desde as autênticas até as inventadas. Estudos sobre memória demonstram que, a partir de uma conversa ou de um texto apresentado uma única vez, a memória das palavras exatas é limitada a palavras-chave e frases.

O falante está realmente atuando na maior parte do tempo, mesmo quando parece que ele está repetindo o discurso original. No estilo indireto, o papel do falante como interpretador é simplesmente mais evidente. Assim, não há razão para assinalar a visão de que o discurso direto sempre tem uma interpretação de *dicto*¹¹ (PERRIDON, 1996).

¹¹ A dicotomia *de re* e *de dicto* referem-se a dois tipos de atribuições de atitude. A primeira seria mais referencial, com relação ao domínio do mundo real, apontando para um lugar no mundo exterior à fala; e a segunda, mais verbal, retoma ao mundo do discurso, ao conteúdo proposicional.

Na citação direta, o falante pode representar alguns aspectos do enunciado original, o que não necessariamente inclui todas as palavras. O falante pode representar estados emocionais, vozes e até eventos não-linguísticos (CLARK; GERRIG, 1990).

Os autores acima retomados, portanto, diferem das abordagens tradicionais no sentido de não conceberem dicotomicamente os estilos diretos e indiretos quanto à reprodução original do discurso. Outro ponto discordante das teorias tradicionais diz respeito aos dois estilos serem construídos independentemente um do outro.

Há casos altamente complexos de DD que dificultam sua mudança para o molde indireto. Um exemplo de DD que se encaixaria nesse perfil seria: “Maria disse: - ai meu Deus, o que eu vou fazer quando eu for lá novamente e me encontrar com ela?”. Assim, algumas construções sintáticas dificilmente admitem cláusulas subordinadas, com citações indiretas. Por conseguinte, é difícil assumir que haja uma relação transformacional entre os dois estilos.

Falantes escolhem o DD ou o DI dependendo de quão afetiva é a informação transmitida. Isso depende do contexto e do evento de fala. Assim é que os novos estudos caminham para a concepção de que não há fronteiras definidas e precisas entre os dois estilos. Eles estão em um contínuo. Registra-se o fato de que há formas intermediárias exibindo características de ambos os estilos (BANFIELD, 1973).

No âmbito funcional, o DD é usado para efeito de vivacidade, de dramaticidade e para projetar autenticidade. É também usado para engajar o ouvinte, especialmente no clímax, mostrando, ao invés de descrever, os eventos de fala. O DD é quase sempre apresentado como evidência. É tido como mais factual e mais confiável. Além disso, ele reduz a responsabilidade do reportador. O estilo direto projeta emoção e contém marcadores discursivos como interjeições. Ainda, é empregado em contextos de instrução, aviso, explicação etc, ou seja, quando a linguagem em si assume relevância.

Já o DI é utilizado quando o conteúdo é incerto e o reportador pode clarear a informação ou corrigir erros. Na forma indireta, ainda se pode reportar a linguagem interna e expressar crenças, opiniões e decisões, porquanto não é possível reportar o pensamento de maneira direta.

Quando o enunciado é pequeno, o ouvinte não tem razão para questionar sua validade. Já com enunciados maiores, a validade pode ser menos óbvia. A influência da complexidade estrutural no estilo de reportar pode ser em virtude da necessidade comunicativa de se evitar ambiguidade. Os falantes tentam não exceder os limites das habilidades dos ouvintes em decodificar sentenças estruturalmente complexas. Assim,

para evitar interpretações ambíguas resultantes do uso de estruturas complexas, os falantes podem escolher o estilo indireto (MACAULAY, 1987).

Um dos principais traços do DI é o ajuste de referência. Por outro lado, por não haver esse ajuste, as relações dêiticas em citações diretas podem causar ambiguidade. Exemplificando, sendo o centro dêítico do discurso da citação direta o tempo presente, ele pode ser confundido quando o centro dêítico do reportador também é o presente.

No estilo indireto, todos os elementos dêíticos são centrados ao redor do presente imediato de quem reporta. É importante destacar que no discurso natural, tais ambiguidades são frequentemente resolvidas por pistas contextuais, ou seja, fatores interacionais anulam elementos estruturais ambigüizantes.

Retomando e complementando essa questão, a referência da pessoa, do tempo etc, no DD, não é tipicamente orientada a partir da situação de fala da construção. O “eu” não é necessariamente o falante-reportador, o presente não é o tempo de fala etc. O DI tem sido descrito pelas gramáticas com uma mudança de pessoa, de tempo etc, que são adaptados à referência da construção de DR.

Ainda outra diferenciação feita entre o DD e o DI é a de que o primeiro seria um artifício linguístico para evidenciar as informações em primeiro plano, deixá-las à frente; e o segundo tratar-se-ia de um artifício que relegaria as informações para o segundo plano, ou seja, para o fundo da cena interacional (LOWE; HURLIMANN, 2002).

A forma, a função e a autenticidade mostram-se como as três questões centrais referentes ao estudo do DR e à comparação entre seus tipos. A forma diz respeito ao discurso ser direta ou indiretamente reportado. A função relaciona-se, por exemplo, ao fato de o DR ser frequentemente usado no clímax das histórias. E a autenticidade refere-se à crença de que o DD é mais preciso e fiel do que o DI (HOLT; CLIFT; 2007).

A habilidade de usar o DR parte do princípio de que nós podemos adotar diferentes papéis, assumindo diversas falas na nossa produção linguística. E aí, de certa forma, retomamos a metáfora do drama e a questão da perspectivização. Enfim, o DR adiciona imediatismo à narrativa, facilitando o envolvimento do ouvinte.

Expostas as principais diferenças registradas na literatura entre o DD e o DI, notabilizamos a lacuna de informações sobre o DIL. No entanto, a próxima seção cumpre a tarefa de expor trabalhos que, de alguma maneira, não deixam o DIL de lado.

4.3 A questão da “voz” e o DIL

Como já mencionado, não são abundantes os estudos que tratam do DIL¹². Assim, cabe a nós lançar mão dos trabalhos que, mesmo sem aludir à questão prosódica, ocupam-se desse tipo de DR. Antes, faremos um breve esclarecimento sobre o termo “voz”, presente em muitos momentos nesta tese.

A expressão linguística por meio da qual os pensamentos de um sujeito se manifestam aos que compartilham com ele do mesmo sistema linguístico é a sua voz. O termo não está sendo utilizado em sua acepção fonética. Incorporam-se a esse nome aspectos conceptuais, semânticos e pragmáticos.

Essas vozes são representações do pensamento que, no discurso, assumem significados em função da perspectiva a partir da qual são apresentados. Assim, voz e perspectiva são processos complementares, em que a voz de um sujeito enquadra-se como sua perspectiva diante dos fatos e dos pensamentos (CHIAVEGATTO, 1999).

O processo de perspectivização se refere justamente às pistas linguísticas sinalizadoras de que quem proferiu o discurso embutiu na sua voz falas ou pensamentos de outros sujeitos (SANDERS; REDEKER, 1996).

Evidências de elos entre a voz do sujeito e de vozes de outros sujeitos são reconhecíveis nas construções que introduzem as citações, como por exemplo: “x disse que...”, “y falou/pensou...”, “na opinião de z...”. Essas construções instruem os participantes da interação a reconhecerem que outras vozes foram integradas ao enunciado do sujeito do discurso, a partir da perspectiva desse sujeito.

Quando vozes são incorporadas à voz do sujeito de maneira implícita, isto é, sem que os elos fiquem claros e visíveis, a interpretação do DR depende de influências pragmáticas e, como apostamos, de influências prosódicas. Nesse ínterim, entra em cena o papel do DIL. Como explicar o que nos influencia a identificar e compreender o DIL, uma vez que do ponto de vista sintático ou semântico não temos expressões para introduzir a outra voz?

¹² Relembrando, um exemplo de DIL seria: “A menina perambulava pela sala zangada. Não gosto disso. Mas ninguém a ouvia.”.

Dessa maneira, torna-se relevante e oportuno um registro das principais assunções da teoria dos espaços mentais e do seu conceito de mesclagem. Mesmo que tenhamos optado por estudar o DR pelo viés da GC – enfatizando seu aspecto formal e gramatical –, consideramos de grande valia as seguintes notas, principalmente por destacar o aspecto discursivo da construção do significado.

Dentro da Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994), os construtores de espaço (*space-builders*) são marcas linguísticas que sinalizam a existência de constructos mentais específicos. Faz-se, assim, a conexão pragmática entre domínios epistêmicos diferentes e a relação entre elemento e contraparte, seja em termos de imagem, crença, hipótese, tempo, drama ou volição. Eles criam um novo espaço mental (M) ou se referem a um já apresentado no discurso, podendo ser representados gramaticalmente por: locuções prepositivas (no retrato, no filme, na mente de Carlos, em 1960, na loja de brinquedos, do meu ponto de vista); advérbios (realmente, provavelmente, teoricamente, supostamente); conectivos (se A então _____, se _____ ou _____) e combinações frasais sujeito-verbo (Carlos acredita _____, Ana espera _____, Joana quer _____). O espaço mental M sempre está incluído dentro de um espaço-mãe, que pode ser um outro M ou o espaço R (espaço-base (B)) (ROCHA, 2004).

Mesclagem é uma operação cognitiva que consiste na integração de estruturas parciais de dois domínios distintos em uma única estrutura, localizada em um terceiro domínio com propriedades emergentes e próprias. Tais domínios distintos são projetados segundo os MCIs¹³ ativados, que funcionam como *inputs* para a criação desse novo domínio (espaço da mescla), em que se reorganizam categorias, permitindo que o pensamento se mova em novas direções (FAUCONNIER & TURNER, 1994, 1996).

O DIL mescla características tanto do DD, como do DI: o centro referencial parte do narrador, como no DI; enquanto o discurso embebido do outro falante é apresentado literalmente, como no modo direto.

¹³ Modelos Cognitivos Idealizados, que são modelos culturais mentais adquiridos socialmente (LAKOFF, 1987).

Esse tipo de discurso, por incorporar características das duas outras formas por meio das quais outras vozes são embutidas na voz do sujeito discursivo, parece ser o tipo de construção em que fica mais nítida a ocorrência de um processo de mesclagem de vozes. Do ponto de vista de quem interpreta o discurso, nem sempre é transparente reconhecer de qual dos sujeitos emanam as falas e qual das perspectivas deve ser considerada. Encontramo-nos frente ao problema da opacidade referencial que a Linguística Cognitiva e, especialmente, os trabalhos com a Teoria dos Espaços Mentais, vêm buscando descrever e explicar (CHIAVEGATTO, 1999).

A maneira indireta livre de se citar o outro permite que o reportador interprete e verbalize os processos mentais dos reportados. O fato é que obtemos uma mistura de vozes na construção resultante, com o discurso do reportado e do reportador se mesclando.

As construções de DIL emblematizam o poder criativo e dinâmico da linguagem, revelando como as interações podem ser inusitadas e imprevisíveis. Por fim, não poderíamos deixar de comentar que o DR e, mais especificamente, o DIL ilustram a ideia de que “vozes” podem ser empregadas como instrumentos de manipulação. Isso porque conforme a finalidade com que elas forem usadas, podem instaurar realidades que as vozes incorporadas sequer supunham.

O presente trabalho busca realizar uma análise entoacional de construções de DR, portanto é importante registrar estudos cuja preocupação é a abordagem do DR e seu comportamento prosódico. Partindo, então, para a questão mais relevante que gostaríamos de realçar, a próxima seção direciona o enfoque para os aspectos entoacionais que podem ser atribuídos ao DR.

4.4 Aspectos entoacionais do discurso reportado

Um dos problemas que os analistas da conversa detectam no uso do DR surge das seguintes questões: o falante está ou não reportando outra fala? A voz é do falante ou de outra pessoa? A razão pela qual pode ocorrer esse tipo de dúvida é que, ao contrário do que as gramáticas tradicionais afirmam, falantes em situações naturais de interação nem sempre introduzem explicitamente diferentes vozes com verbos de

elocução ou marcadores de citação. Assim, a voz da figura citada deve ser reconstruída diferentemente da voz do falante?

Couper-Kuhlen (1998) defende que efeitos prosódicos e paralinguísticos podem assumir papéis dêiticos. Segundo ela, uma figura pode ser “vozeada” pelo modo como um enunciado é configurado prosódica e paralinguisticamente. A autora elenca, ainda, outros dois problemas que podem surgir em situações de DR: não ter uma resposta clara para a pergunta “de quem é a outra voz?”, e para a pergunta “o que o falante está fazendo com essa outra voz?”. Dessa maneira, construir coerência no DR envolveria encontrar respostas plausíveis para essas questões. As respostas apropriadas podem surgir conforme os falantes se conscientizem de artifícios entoacionais empregados pelos falantes. Acredita-se que o uso de uma entoação que se afasta da norma momentânea local frequentemente oferece pistas para o ouvinte.

Ao reportar enunciados passados, o falante descontextualiza a fala do seu contexto original e a recontextualiza em um novo entorno conversacional. Ao recontextualizar enunciados, o falante não somente dissolve certas sequências de fala de seus contextos originais e as incorpora em uma nova cena interacional, como também as adapta às suas novas funções e objetivos comunicativos. Então, o enunciado citado é caracterizado por transformações, modificações e funcionalizações de acordo com objetivos dos falantes e com o novo contexto conversacional. O uso de diferentes vozes é um recurso interativo para contextualizar se um enunciado é ancorado no mundo reportado ou no mundo da história (GÜNTNER, 1998).

As diferentes características prosódicas e de qualidade de voz são centrais para sinalizar não somente onde inicia e termina a fala reportada, mas também de quem é a voz que está sendo citada. Para Günthner, são funções prosódicas com relação ao DR: (i) diferenciar o enunciado ancorado no mundo da história ou o ancorado no mundo reportado; (ii) diferenciar as personagens; (iii) indicar a atividade (desculpa, reclamação, reprovação etc); e (iv) contextualizar a disposição afetiva (calma, insistente, determinada, histérica etc) das personagens citadas. Reportadores podem usar significados prosódicos não somente para estabelecer citações como pertencentes a um personagem particular, mas também para modificar os enunciados reportados de modo sutil conforme os objetivos do falante. Os enunciados recontextualizados são estilizados, exagerados e caricaturados de modo a acomodar a avaliação do reportador.

Em textos cotidianos mesclados com a voz do reportador e a do reportado, a entoação desempenha papéis importantes. Isso porque a polifonia e a hibridização não

podem ser reduzidas a textos literários. Nas conversas do dia-a-dia, os falantes utilizam estratégias polifônicas e produzem textos de muitas vozes. A técnica das camadas de vozes é empregada para implicar várias perspectivas presentes em um discurso.

Um enunciado pode, simultaneamente, pertencer a duas pessoas (o reportador e o reportado), ser ancorado em dois mundos (o mundo da história e o mundo reportado) e carregar dois pontos de vista (a perspectiva do reportado e a avaliação do reportador). A fim de infiltrar na fala reportada seus próprios comentários e produzir textos de múltiplas vozes, os falantes interagem diariamente empregando recursos orais como a entoação.

É importante destacar que a marcação prosódica no DR também pode variar de um personagem reportado a outro e não é comparável com a marcação tipográfica da escrita. Isso porque, nesse caso, se trata de um artifício estilístico e não uma norma. Dessa forma, pode ser usada para sinalizar DR ou não, depende dos objetivos e das estratégias do falante.

Mudanças na voz podem indicar diferentes graus de envolvimento do falante com o DR, ou mesmo com o falante reportado. Jansen, Gregory e Brenier (2001) assumem que pistas prosódicas são usadas para sinalizar funções discursivas, particularmente na ausência de pistas lexicais ou sintáticas. Em um estudo buscando checar se a prosódia distingue o discurso direto do indireto, os autores encontraram evidências indicando uma marcação prosódica mais proeminente no discurso direto.

O DR sem cláusula introdutora tende a ser enunciado com uma qualidade de voz marcada, frequentemente exibindo um *pitch* mais agudo. Mudanças prosódicas podem indicar que o falante alterou o *footing* para representar as palavras do outro (GÜNTNER, 1998).

Wennerstron (2001), com relação à entoação e ao DR, comenta que o *pitch* alto associado às citações deve ser interpretado não como uma tentativa de reiterar precisamente a fala original, e sim como um mecanismo de intensificação e até um envolvimento emocional.

Maia Rocha (2011) faz um estudo sobre a unidade informacional do Introdutor Locutivo, isto é, uma forma sintática que introduz o DR. Associadas a essa unidade, estão as denominadas meta-ilocuções, dentre elas, o DR (que parece ter sido a mais produtiva), a exemplificação emblemática, o pensamento falado e a narração. A análise prosódica dessas unidades apontou que o “Introdutor Locutivo” não possui uma forma fixa de curva entoacional, mas, a partir das análises realizadas no *corpus* italiano e

também no português, tem-se um perfil geralmente descendente. Observou-se também uma média de F0 em geral contrastante em relação à média de F0 da unidade posterior ao introdutor, que, no caso, mostrou-se mais alta.

Os trabalhos citados nessa seção confirmam a hipótese de que há uma contundente relação entre DR e prosódia e servem como estímulo a uma investigação mais profunda sobre o tema. Na próxima seção, Rocha (2004) é retomado a fim de ilustrar como é possível, a partir da perspectiva da GC, propor e discutir padrões, ou melhor, tendências prosódicas de construções de DR.

4.5 Uma abordagem construcionista do discurso reportado

Rocha (2004) reformula o princípio da não-sinonímia proposto por Goldberg (1995), atentando-se para a contraparte formal prosódica no pareamento de uma construção. Assim, o princípio, com a inserção da palavra “fonologicamente”, transfigurou-se:

Princípio da não-sinonímia: se duas construções são sintática e/ou **fonologicamente** distintas, elas devem ser semântica e pragmaticamente distintas. (ROCHA, 2004, p. 101)

É importante deixar claro que o termo “prosodicamente” está embutido nessa nova roupagem do princípio de Goldberg. Ao dar conta dos casos de DR encontrados em seus dados, Rocha elenca quatro tipos de construções, sendo que cada uma delas pode se apresentar em 1ª, 2ª e 3ª pessoas.

A construção de movimento causado é matriz para a construção de DR por ofertar todos os *slots* específicos, necessários e possíveis para a constituição esquemática da construção de DR. A construção de movimento causado reserva subjacentemente espaços de preenchimento para todos os constituintes, por exemplo, [Suj V Obj1 Obj2], os quais são perfilados de acordo com os interesses pragmáticos.

O *corpus* de Rocha é composto por transcrições de gravações do programa *Big Brother Brasil 1*. Produzido pela Rede Globo de televisão, o programa é em formato de *Reality Show*, no qual pessoas anônimas são confinadas em uma casa e filmadas durante as 24 horas diárias.

Nessa releitura da tese de Rocha, enfocam-se as contribuições prosódicas registradas, pois são as que mais interessam aqui e as que nos serviram como influentes inspirações.

4.5.1 Construções do tipo 1

A construção 1 é configurada sintaticamente da seguinte forma: [SUJ V OBJ1]. Nessa construção, em 1ª pessoa, há manutenção do padrão entoacional do próprio falante no momento em que ele está se reportando. A pausa prefacia a voz reportada, e a alternância de vozes sinaliza a busca pela coerência, sendo que um tom acima registra a fala do outro. Quanto aos aspectos pragmáticos, Rocha assinala o ato de se reportar como parte das estratégias de manutenção de face. Ele cita Golato (2002), para quem a autocitação é também polifônica, pois quando alguém se reporta, desempenha papéis distintos, em perspectivas e cenários diferentes.

A construção 1 em 2ª pessoa apresenta tendências prosódicas bem mais marcadas que a construção anterior, como a elevação da F0 no encaixe do discurso de outrem. Nesse tipo de construção, a outra voz presencia o ato de se ver reportada pelo sujeito discursivo. Pragmaticamente, essas construções podem tanto contribuir para proteger quanto para depreciar a face, além de servir para alavancar a própria face.

Em 3ª pessoa, a construção 1 apresentou mudança na qualidade vocal da fala encaixada. O sujeito discursivo pode engrossar ou agudizar a voz, guturalizá-la, bem como adotar murmúrios, sussurros e cochichos. Vale lembrar que tudo isso foi avaliado intuitivamente por meio da oitiva.

Constatou-se, portanto, que à medida que o sujeito da construção de DR se altera da 1ª para a 3ª pessoa, mais recursos prosódicos vão sendo adotados. Quanto mais distante do sujeito reportado, mais o sujeito discursivo caricaturiza a voz do reportado, fazendo com que a citação se transforme em mímica.

Segundo Rocha, a distância temporal e física do sujeito discursivo para o sujeito reportado licencia o uso de construções de DR “mais coloridas prosodicamente”. Com isso, cria-se um ambiente mais propício para a caricatura, para o deboche, para a zombaria, para a ironia ou para o sarcasmo. Um exemplo de construção do tipo 1 é reproduzido abaixo:

VANESSA: aí diz que tava conversando com o com o o par como é que fala o par dela né o padrinho' aí falou/ aí tavam bebendo e ele foi comeu a cereja do do da bebi/ do drinque dela' aí **ela foi reclamar'** ah num sei quê num sei que lá he eat my cherry' diz que todo mundo olhou pra e/ pra pra ela olhou pra ele' começaram a rir' diz que comer a cereja é é que nem comer o bagaço (ROCHA, 2004, p. 173)

4.5.2 Construções do tipo 2

A construção 2 apresenta a sintaxe [SUJ OBJ1]. A ausência de OBL (sintagma direcional) e V (predicador) relaciona-se à noção de focalização. OBL e V não são focalizados por razões de relevância pragmático-discursiva. As ocorrências do tipo 2 tendem a aparecer não na forma de uma construção isolada, mas como turnos de diálogos reconstruídos.

Quanto às características prosódicas, temos: em 1ª pessoa, um tom mais baixo; em 2ª pessoa, uma subida de tom; e em 3ª pessoa, uma qualidade vocal distinta. Já no que diz respeito aos fatores interacionais, em 1ª pessoa, a postura é mais defensiva; e em 2ª pessoa, prevalece a proteção da face. Abaixo, o exemplo de uma construção do tipo 2, de segunda pessoa:

ESTELA: não' não fez vexame nenhum' tava engraçadíssima' foi incrível' só que cê tava com a (queijada) destapada ((risos)) (incompreensível) da queijada, aí eu vou ficar passada ((risos)) ((DR)) Leka Leka Leka' Leka vai trocar de roupa' **aí você' ah eu já vou ((risos)) eu já vou** (ROCHA, 2004, p. 180).

4.5.3 Construções do tipo 3

A construção 3 assume a seguinte configuração sintática: [OBJ 1]. Ela dispensa SUJ e V, se ancorando no material circunvizinho. Pode ser entendida como caso de discurso indireto livre, em que o pensamento ou a fala do sujeito reportado está em uníssono com a voz do narrador.

Tal conceito, o de discurso indireto livre, pode ser considerado híbrido, isto é, dificilmente inserido em moldes rígidos de categorização. Destaca-se que a classificação e descrição de Rocha atende a um ponto de vista construcional, por isso não importa muito categorias como discurso indireto livre.

Um ponto relevante a ser mencionado é que a construção de DR pode estar relacionada à metonímia FALAR POR PENSAR (ROCHA, 2006), que licencia a reportação de pensamentos não necessariamente falados. É possível que se esteja tratando não da reconstrução de um ato de fala, mas de um pensamento não proferido.

A construção 3 é precedida por breves relatos de acontecimentos, que criam um ambiente propício para o encaixe do DR. Observou-se, com certa regularidade, que, na ausência de prosódia específica, usa-se interjeição no início da voz de outrem, precedida ou não por uma pausa. O contexto discursivo-interacional supre a sintaxe aparentemente faltosa no sentido de que podemos conceber a construção completa.

As construções desse tipo estão ancoradas em uma macronarrativa, pois são dependentes de elementos discursivos e pragmáticos. Conforme Rocha, a prosódia sozinha pode marcar os limites sintáticos de uma construção de DR. A alternância tonal sugere distinção entre material narrativo e voz encaixada. Segue um exemplo de construção do tipo 3:

KLÉBER: aí posso falar” eu saí com uma mulher que ela comia mais do que eu (+) ela compete fitness’ ela compete compete ela compete
 VANESSA: [ih eu na França era muito engraçado’ eu na França era engraçado’ ...
 KLÉBER: [aí (incompreensível)
 VANESSA: ... eu comia o meu prato e o prato de de quem comia comigo
 KLÉBER: então tá bom’ a gen/ a gente chegou no restaurante tava todo mundo assim’ ela foi lá...
 VANESSA: ham
 KLÉBER: era selv service assim’ ela foi lá’ **só quero frango**’ precisa de ver ((muito rápido)) o tanto de frango que ela comeu Vanessa’ o tanto de frango’ mas esse dia eu comi tamém meu’ fui lá na sobremesa acho que eu comi um quilo de sobremesa’ só sobremesa’ pudim tinha de tudo Vanessa (incompreensível) (ROCHA, 2004. p. 188).

O exemplo acima, analisado por Rocha (2004), pertence ao tipo DIL. A fala reportada “só quero frango” se insere no discurso de Kléber sem nenhum tipo de introdução, misturando-se à voz dele.

4.5.4 Construções do tipo 4

A construção 4 esquematiza-se na forma [SUJ V OBJ2], sendo o OBJ2 acompanhado do complementizador. Somente nessa construção, são encontrados os complementizadores explícitos “que” e “se”. Observou-se uma elevação da F0 fazendo com que o tom do material narrativo seja o mesmo da construção de DR. Não se manifesta como um grupo tonal à parte, justamente porque apresenta um contínuo sonoro. Assim, há um padrão continuativo entre oração principal e oração subordinada, não havendo pausa, o que sugere a ideia de que no DD há uma distinção tonal, e no DI, não há distinção.

Na construção 4, quanto aos aspectos interacionais, tem-se: em 1ª pessoa, defesa da face; em 2ª pessoa, proteção da face; e em 3ª pessoa, postura neutra.

Segue um exemplo de construção do tipo 4, em terceira pessoa:

ALESSANDRA: Van que que o médico falou”

VANESSA: **falou que::: normal a situação’ tava de porre’ que::: assim’** falou pra ter atenção na hora que tava o soro até o soro terminar de pingar’ **que ele viria tirar as coisas’ tava marcano a tua pressão’ tava marcano seus batimentos’ falou que tava tudo normal’ então não era nada nada pra pra se preocupar’ (era) uma situação normal mesmo’** entendeu” (ROCHA, 2004. p. 194).

Por fim, retomam-se algumas das principais diferenças entre as construções propostas. As construções 1, 2 e 3 apresentam dois centros dêiticos, mudanças prosódicas e um caráter mais mimético; enquanto a construção 4 apresenta um centro dêitico, fluxo prosódico mais contínuo e um caráter menos mimético. Todas as construções, conforme as pessoas do discurso que expressam, servem como artifícios pragmáticos de defesa, proteção e desconsideração de face.

A seguir, reproduz-se o quadro com os resultados de Rocha (2004), esquematizando as correspondências entre aspectos sintáticos, semânticos, prosódicos e pragmáticos, bem como alguns exemplos. Lembrando, quanto aos exemplos, que é sempre importante a inserção dos mesmos em um material narrativo mais amplo. Observaram-se também nos resultados que as construções do tipo 1, 2 e 3 apresentavam vocativos e exclamações e formas interrogativas diretas; enquanto a construção 4 não apresentou vocativos e exclamações e somente formas interrogativas indiretas.

	Construções do tipo 1	Construções do tipo 2	Construções do tipo 3	Construções do tipo 4
Componentes sintáticos	[SUJ V OBJ1]	[SUJ OBJ1]	[OBJ1]	[SUJ V OBJ2] ¹⁴
Papéis semânticos	Agente e paciente	Agente e paciente	Paciente	Agente e paciente
Aspectos prosódicos	Fluxo contínuo a melodia mais marcada à medida que passa da 1ª a 3ª pessoa	Fluxo contínuo a melodia mais marcada à medida que passa da 1ª a 3ª pessoa	Prosódia como construtor de espaço, variando o <i>frame</i> vocal em relação ao material narrativo	Fluxo contínuo
Aspectos pragmáticos	Defesa de face a proteção e desconsideração de face à medida que passa da 1ª e 3ª pessoa. Construção mais mimética, atendendo a uma postura interacional não-distanciada.	Defesa de face a proteção e desconsideração de face à medida que passa da 1ª e 3ª pessoa. Construção frequentemente usada na reconstrução de diálogos, como réplica a uma construção do tipo 1. Construção mais mimética, atendendo a uma postura interacional não-distanciada.	Defesa de face a proteção e desconsideração de face à medida que passa da 1ª e 3ª pessoa. Construção mais mimética, atendendo a uma postura interacional não-distanciada.	Defesa de face a proteção e desconsideração de face à medida que passa da 1ª e 3ª pessoa. Construção menos mimética, atendendo a uma postura interacional analítica, distanciada e explicativa.
Exemplos	Ela estava falando “vou embora”	Ela: “vou embora”.	“Vou embora”.	Cássia disse que foi descansar.

Tabela 5: Pareamento construcional das construções de discurso reportado (ROCHA, 2004)

¹⁴ As categorias abreviadas na tabela e seus correspondentes são: SUJ/ Sujeito, V/ verbo, OBJ1 / objeto oracional e OBJ2 / Objeto oracional com presença de complementizador.

O trabalho de Rocha (2004) revela-se de grande valia, uma vez que propõe tendências prosódicas em construções de DR, presentes em dados de fala espontânea.

É importante explicar que o estudo acima relatado foi de caráter intuitivo e perceptivo, sem o auxílio de ferramentas eletrônicas. Por essa razão, despontou-se a oportunidade encontrada na presente tese de testagem e verificação. O uso das expressões “fluxo contínuo” e “mais marcada” tem a ver com maior ou menor variação do contorno melódico. Para sintetizar, apostou-se na asserção de que o falante emprega mais recursos prosódicos à medida que se alteram as pessoas do discurso (da primeira para a terceira pessoa). A justificativa de expor o trabalho de Rocha é justamente devido ao fato de se configurar como uma grande inspiração para esta pesquisa.

Após esse levantamento teórico que buscou sustentar as bases do trabalho, o próximo capítulo irá expor o percurso metodológico realizado.

5 FUNDAMENTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS ESPECÍFICOS

Quanto mais de perto se encara uma palavra, com mais distância ela nos encara de volta (Karl Kraus)

O presente capítulo remonta às decisões tomadas e os passos percorridos para a análise dos dados. Na primeira seção, apontaremos a unidade que adotamos para segmentar e analisar nosso objeto de estudo; e ainda indicaremos como procedemos com a notação dos contornos entoacionais. Na segunda seção, detalharemos cada uma das categorias de análise, desde a construção de DR em si, até a gama de variação (doravante GV) da F0. Conduzimos o desenvolvimento do capítulo abordando o *corpus* utilizado e sua estruturação. E, por fim, na última seção, além de discorrer sobre o programa computacional de análise acústica utilizado, descrevemos as etapas da análise.

5.1 A unidade de análise e a notação entoacional

Reservamos este espaço da metodologia para explicitar a partir de qual teoria adotamos nossas unidades prosódicas: o enunciado e o sintagma entoacional. Lembrando que não lidamos com os constituintes mais baixos em virtude de nossa análise ser mais fonológica e discursiva do que fonética. Dessa forma, alinhavamos sucintamente a apresentação que a Fonologia Prosódica faz dos constituintes. Ainda, na subseção seguinte, resumiremos alguns aspectos da Fonologia Entoacional a fim de ilustrar como será a notação dos contornos entoacionais.

5.1. 1 Fonologia Prosódica e os constituintes prosódicos

Os postulados da Fonologia Prosódica dividem a corrente fônica em constituintes prosódicos, hierarquicamente organizados, que abrangem desde modificações segmentais em si até mudanças fonéticas sutis. De maneira decrescente,

são estes os constituintes prosódicos: enunciado fonológico, sintagma entoacional, sintagma fonológico, grupo clítico, palavra fonológica, pé e sílaba (NESPOR E VOGEL, 1986). Os constituintes mais altos dependem de níveis superiores da árvore sintática e fazem referência também a noções semânticas.

O sintagma entoacional tem sido o domínio prosódico relevante para os estudos entoacionais de várias línguas e é visando à sua delimitação que segmentaremos nossas unidades introdutoras e nossas unidades reportadas. Grosso modo, o sintagma entoacional agrupa sintagmas fonológicos em torno de uma frase raiz.

5.1.2 Fonologia Entoacional

Para essa teoria, a entoação é interpretada como uma sequência de eventos tonais localizados, relacionados à acentuação e às fronteiras de domínio. O modelo tem como objetivo caracterizar melodias possíveis de uma dada língua. Sintetizamos, a partir de agora, o sistema ToBi (*Tones and Break indices*) (PIERREHUMBERT, 1980). Embora ele tenha sido criado para descrever uma variante do inglês americano, o sistema passou a ser aplicado a outras variantes do inglês e a outras línguas.

Assim, para a caracterização melódica, assumem-se sequências de tons de dois tipos – tons altos [H] e tons baixos [L]. Além deles, descrevem-se os dois eventos tonais: os acentos tonais (*pitch accents*) e os tons de fronteira (*boundary tones*). Os acentos tonais se ligam necessariamente às sílabas tônicas e são indicados por um asterisco (ex: H*). Quando são formados por um tom, são denominados simples; e se formados por dois tons, recebem o rótulo de bitonais.

Os tons de fronteira associam-se aos limites de constituintes e caracterizam a modulação melódica do fim de um domínio prosódico. Esse tom é indicado por % (H% e L%). Foneticamente, a representação desses eventos tonais é dada pelo contorno da F0 do sinal acústico (PIERREHUMBERT, 1980). São seis os *pitch accents*: H, L, H*, L*, L*+H, L+H*, H+L* e H*+L. Há, ainda, os *phrase accents* (H- e L-), que são os acentos frasais.

A título de esclarecimento, para se identificar um tom L ou H, faz-se necessário contrastá-lo com outro tom presente no contorno. Assim, é na relação com o outro que o tom é definido.

O padrão assertivo neutro, em que não se nota manifestação de emoções, é comumente caracterizado por uma altura melódica média na porção inicial e por uma queda da F0 na última sílaba tônica. Autores como Moraes (1998) confirmam a ocorrência desse padrão para o português brasileiro.

A configuração H+L*L%, sendo L* associado à última sílaba tônica do sintagma entoacional e L% relacionado à fronteira do sintagma entoacional, caracteriza o padrão da declarativa neutra. Ocorre, preferencialmente, o tom L+H* ligado à primeira sílaba acentuada do sintagma entoacional (TENANI, 2002). Tendo em mente esse padrão, poderemos apurar como se dá o movimento melódico nas construções de DR e nas UCs.

Conforme anunciado, é imprescindível explicar aqui cada uma das nossas categorias de análise.

5.2 Categorias de análise

Seguem alguns breves esclarecimentos acerca de cada uma das categorias empregadas em nossa análise.

5.2.1 Construção de discurso reportado

As construções de DR instanciam o fenômeno discursivo buscado. Ao ouvir cada um dos diálogos completos, identificamos atentamente as ocorrências em que o falante reportava a voz ou o pensamento de outrem ou dele mesmo. Destacamos que, principalmente, nos casos de DIL, acabamos contando com a ajuda dos arquivos de transcrição do *corpus*. Ao consultar esse arquivo, não só confirmamos as ocorrências

ouvidas, como também solucionamos algumas dúvidas, dado que o DIL era sempre marcado com as aspas.

Dividimos a construção de DR em duas unidades: a unidade 1 ou unidade introdutora, e a unidade 2 ou unidade reportada. A primeira é aquela que serve como anunciadora da outra voz, seja com o emprego do verbo *dicendi* ou de outro tipo de expressão, como no caso do DIL. A segunda é a fala reportada, isto é, a outra voz que foi inserida no discurso para diversos fins.

5.2.2 Unidades Controle (UC)

As unidades controle foram selecionadas com o propósito de podermos dispor de dados neutros, ou melhor, dados em que não ocorre o fenômeno discursivo estudado. Assim, quando necessário algum tipo de comparação para checar a existência de padrões ou tendências entoacionais, contamos com as UCs. Para a seleção das mesmas, procuramos evitar unidades interrogativas e exclamativas. Escolhemos unidades de sentido completo e que tivessem, aproximadamente, a mesma duração da unidade reportada. Selecionamos seis UCs de cada falante analisado.

5.2.3 Ênfase

Realizada, no capítulo teórico, a diferenciação necessária em torno do termo acento, esclarecemos agora, para a compreensão da nossa análise, o que concebemos como ênfase. A ênfase, dentro de um processo de comunicação, pode ser definida como o ato de acentuar, ressaltar, focalizar, ou pôr em evidência um determinado item no texto (GONÇALVES, 1997). Trata-se de uma proeminência dada a uma sílaba, a uma palavra ou a um sintagma que destaca a informação, colaborando na construção do sentido e sinalizando aspectos que podem ir além da informação textual.

Com a ênfase, chama-se a atenção do ouvinte seja para, por exemplo, marcar segurança, indignação, ironia etc. A duração silábica e a distribuição do acento

melódico são elementos decisivos para a compreensão da ênfase (FROTA, 2002). E ainda, quanto à ênfase por silabação, no português brasileiro, passa-se do ritmo acentual para o ritmo silábico quando se deseja enfatizar uma palavra (MORAES, 1998).

Ainda, a ênfase é uma saliência prosódica opcional relacionada à estruturação pragmática do discurso, com a função de chamar e/ou dirigir a atenção do ouvinte para determinado termo do enunciado. A ênfase não necessariamente tem que estar acentuado ou ser foco e é regida por aspectos paradigmáticos¹⁵ (BATISTA, 2007).

O fenômeno da ênfase encontra-se, assim, dependente da estrutura informacional e vem a ser uma espécie de “foco do foco”. Certas partes do enunciado são enfatizadas não só porque são centrais (focais) no discurso, mas também porque, a partir de certas perspectivas, afetam tanto o que o falante diz quanto o que o ouvinte interpreta. A relação entre foco e ênfase não é unívoca, visto que nem todo foco constitui ênfase (GONÇALVES, 1998).

A ênfase será marcada, nas telas que exibiremos do PRAAT, por meio das palavras ou sílabas em letras maiúsculas na camada da transcrição (justamente as palavras ou sílabas enfatizadas). E quando a ênfase coincidir com um movimento baixo ou alto de F0, na camada da notação entoacional, estará um L- ou um H-.

5.2.4 Pausa

A pausa tem uma função aerodinâmica que permite ao falante respirar em momentos oportunos. Esses momentos tendem a ocorrer no final do que chamamos sintagmas entoacionais. Então, a pausa age como “segmentadora” do discurso e pode até ser usada depois de sílabas quando se silaba uma palavra.

Ainda, utiliza-se pausa para deslocar elementos sintáticos e para assinalar algum tipo de mudança brusca de conteúdo semântico. O emprego de pausas inesperadas representa uma hesitação, revelando uma reorganização da fala. Tal atitude tanto pode

¹⁵ Em oposição ao foco, que vem regido por aspectos sintagmáticos.

indicar insegurança como pode reforçar o valor de autoridade do falante e do que se diz (CAGLIARI, 1992).

Neste estudo, marcamos a pausa quando ocorria o silêncio numa duração mínima de 150 ms. O momento relevante da construção em que foi observada a presença ou não de pausa foi na transição da unidade introdutora para a unidade reportada.

5.2.5 Frequência Fundamental (F0)

A frequência fundamental (F0) é o número de ciclos, por segundo, de vibrações das pregas vocais. Um Hertz (Hz) equivale a um ciclo por segundo. A frequência de uma voz está relacionada com o tamanho da laringe. Por essa razão, os homens tendem a ter uma F0 mais baixa e, conseqüentemente, mais grave; e as mulheres, mais alta e mais aguda.

Durante uma conversa habitual, corriqueira, a faixa de extensão da F0 varia de 50 a 250 Hz para os homens, e de 120 a 480 Hz para as mulheres (LAVER, 1994).

5.2.6 F0 média

Para obtermos a F0 média, recorreremos a um recurso do próprio programa computacional. Selecionamos, na tela do PRAAT (BOERSMA & WEENINK, 2011), o trecho da unidade analisada e na opção “*pitch*”, clicamos em “*get pitch*”. Ao realizar esse processo, abre-se uma janela com a medida da F0 média em Hz do trecho selecionado.

5.2.7 Gama de Variação (GV)

Costuma-se verificar a organização de uma sequência de mais de dois L's ou de mais de dois H's sobre uma mesma linha. A diferença entre o valor máximo de F0 da frase e seu mínimo é designada GV e corresponde a todo espaço tonal utilizado pelo falante na produção da unidade (VIGÁRIO, 1998). Analisaremos a GV das unidades 1, 2 e controle, com o intuito de checar como o falante usa o espaço tonal ao reportar discursos.

Assim como a medida de F0, a GV também foi encontrada com o auxílio do PRAAT (BOERSMA & WEENINK, 2011), ferramenta computacional para análise acústica, que será detalhada na seção 5.4. Selecionando o trecho em análise e na mesma opção “*pitch*”, encontramos “*get maximum pitch*” e “*get minimum pitch*”. Ao clicar em cada uma dessas opções, abrem-se janelas com as medidas em Hz da f0 máxima e da F0 mínima. Para se chegar à GV, subtraímos a F0 mínima da F0 máxima.

5.3 O corpus

O *corpus* utilizado neste trabalho faz parte do Projeto NURC-RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro). Trata-se de um *corpus* disponível online por meio do site www.letras.ufrj.br/nurc-rj. Inserido em um grande projeto, o NURC abrangeu, além do Rio de Janeiro, mais quatro capitais brasileiras: Recife, Salvador, São Paulo e Porto Alegre. A justificativa da escolha é a de que as cinco cidades compunham, na época, um sétimo da população brasileira. Gravado nas décadas de 70 e 90, o NURC é considerado uma referência nacional para muitos estudos de fala e seu material digitalizado contribui para a preservação da memória nacional.

O NURC-RJ possui um total de 350 horas. Participaram informantes com nível superior completo, nascidos no Rio de Janeiro e filhos de pais preferencialmente cariocas. As situações em que foram realizadas as gravações são divididas em:

- elocuções formais (aulas, conferências e palestras);
- diálogo entre informante e documentador (entrevistas sobre diferentes temas feitas diretamente entre entrevistador e entrevistado);

- diálogo entre dois informantes (diálogo entre dois entrevistados).

As amostras com áudio somam seis elocuções formais, sete diálogos entre dois informantes e 127 diálogos entre informante e documentador. Em cada uma, estão disponíveis as seguintes informações: número do inquérito, tema, duração, data do registro e dados do informante, como sexo, idade, naturalidade, naturalidade dos pais e área de formação. As transcrições, disponíveis no site, objetivam preservar as marcas da oralidade e os elementos pragmáticos.

Neste trabalho, serão utilizados dois diálogos entre dois informantes. Descartaram-se os minutos iniciais das gravações a fim de obter mais naturalidade, visto que há uma adaptação inicial dos participantes com os equipamentos de gravação e com o documentador.

Consideramos relevante mencionar também a existência de momentos em que a qualidade acústica do *corpus* compromete um pouco a análise. Todavia, além de serem momentos isolados, procuramos de alguma forma evitar que tal problema interferisse diretamente nos resultados. Isso foi possível por meio de um recurso do programa PRAAT que permite manipular o dado e extrair, por exemplo, alguma curva que se trate de um ruído externo.

5.3.1 Os diálogos e os falantes

Os dois diálogos escolhidos para a análise são os inquéritos 147 e 369 do NURC-RJ. Em anexo, incluímos a transcrição dos dois diálogos, feita por transcritores do próprio projeto. Abaixo reproduzimos as informações que constam em cada um deles sobre o contexto de produção do diálogo e sobre os falantes.

5.3.1. 1 Inquérito 147

DIÁLOGOS ENTRE DOIS INFORMANTES (D2)

Inquérito 147

Tema: Vida Social. Diversões. A cidade. O comércio.

Duração: 1h

Data do Registro: 10/04/73

Dados dos Informantes:

Locutor 1 (L1): sexo feminino, 25 anos, carioca, pai carioca, mãe paulista, formação universitária: Filosofia, área residencial: Zona Sul.

Locutor 2 (L2): sexo feminino, 25 anos, carioca, pais cariocas, formação universitária: Formação Bioquímica, área residencial: Zonas Sul e Suburbana.

5.3.1.2 Inquérito 369

DIÁLOGOS ENTRE DOIS INFORMANTES (D2)

Inquérito 369

Tema: Meteorologia e tempo cronológico.

Duração: 1h 20min

Data do Registro: 11/01/78

Dados dos Informantes:

Locutor 1 (L1): sexo feminino, 56 anos, petropolitana (veio para o Rio com meses), pai de Quiçamé (RS) e mãe de Rio das Flores (RS), formação universitária: Comunicação, área residencial.

Locutor 2 (L2): sexo masculino, 56 anos, carioca, pais cariocas, formação universitária: Direito, área residencial.

Conforme ouvimos os dois diálogos, percebemos que as duas falantes do inquérito 147 não se conheciam; já os dois falantes do inquérito 369 são marido e mulher. As duas falantes do primeiro inquérito serão nomeados AI (L1) e AII (L2); e os do segundo inquérito serão aqui reconhecidos como BI (L1) e BII (L2). O número de diálogos e de falantes, embora pequeno, foi mantido e definido pela complexidade e riqueza de informações geradas. A fim de se atender às nossas propostas e objetivos de uma análise de cunho qualitativo, optamos por conservar o total de quatro falantes.

5.4 O programa PRAAT e as etapas da análise

O programa usado na análise acústica é o PRAAT. Ele oferece recursos técnicos para manipulação, análise, síntese, produção e reprodução das ondas acústicas. O programa foi desenvolvido por Paul Boersma e David Weenink, no Instituto de Ciências Fonéticas da Universidade de Amsterdam, em 1992. Desde então, inúmeras revisões e atualizações do programa foram realizadas.

O PRAAT é um dos programas mais utilizados por pesquisadores em todo o mundo. É um software livre, gratuito, baixado livremente na internet, por meio do site www.praat.org, e com versões para diversos sistemas operacionais. Com ele, é possível

criar figuras de alta qualidade, como espectogramas, oscilogramas, curvas de *pitch* etc, adaptando-se às necessidades do usuário.

A análise dos dados, na presente tese, parte das seguintes etapas:

- i) Identificação dos trechos em que ocorre o DR¹⁶;
- ii) Seleção das unidades introdutoras e das unidades de DR para a análise¹⁷;
- iii) Submissão dos dados selecionados, a fim de se obter informações fonéticas como média de F0, F0 máxima e F0 mínima e, conseqüentemente, a GV;
- iv) Checagem das proeminências ouvidas e notação dos contornos, principalmente os de fronteira;
- v) Análise das informações prosódicas encontradas em um mesmo falante;
- vi) Análise das informações prosódicas encontradas entre os falantes;
- vii) Análise da correlação entre as informações prosódicas e a tipologia construcional para o DR, formulada por Rocha (2004);
- viii) Sistematização e tratamento dos dados.

As medidas em Hz foram ajustadas no PRAAT, para que as curvas pudessem ser visualizadas com melhor precisão e definição. A fala masculina, normalmente, é ajustada entre 75 e 250 Hz; enquanto a fala feminina, entre 75 e 500 Hz. Esse ajuste pode ser feito por meio da ferramenta *pitch settings*, disponível no PRAAT.

Não podemos deixar de ratificar que, ainda que lidemos com números e medidas, nossa análise se filia a princípios muito mais qualitativos do que quantitativos. A demanda por uma análise qualitativa intrinca-se ao fato de os dados serem de fala espontânea.

Conforme poderá ser visualizada no capítulo seguinte, a tela do PRAAT representa justamente o emparelhamento construcional que alia a forma e o sentido da expressão linguística. Isso porque o programa nos permite criar camadas que se alinham ao contorno prosódico e que podem ser preenchidas com informações adicionais. Ao inserirmos a camada de transcrição ortográfica e de notação do contorno entoacional,

¹⁶ Após ouvir os diálogos completos, salvamos todas as ocorrências do DR em arquivos de áudio menores, contendo somente o enunciado em questão. Esses arquivos foram nomeados conforme o conteúdo da mensagem que transmitiam e estão disponíveis em CD.

¹⁷ Essa segmentação das unidades é feita no *textgrid*, ferramenta do PRAAT, que permite salvar as camadas que inserimos na tela. No nosso caso, inserimos duas camadas: a camada de notação entoacional, e a camada de transcrição da fala e das pausas.

estamos, de algum modo, representando o esquema do pareamento construcional. Assim, além das informações semânticas, sintáticas e pragmáticas, as construções podem ser descritas, dinamicamente, com suas características prosódicas.

Cumprida essa importante apresentação dos recursos utilizados para análise, avançaremos ao capítulo analítico, em que serão descritos e discutidos os achados do nosso trabalho.

6 ANÁLISE DOS DADOS

A palavra é metade de quem a pronuncia, metade de quem a ouve (Michel de Montaigne)

O capítulo de análise dos dados será constituído da seguinte forma: primeiramente se cumprirá uma análise intrafalante, com a descrição dos aspectos entoacionais encontrados nas construções de DR e nas Unidades Controle (UCs) de cada falante. Realizada essa primeira parte, seguiremos com uma análise interfalante, buscando relacionar as características encontradas entre um falante e outro. Por fim, retomaremos os tipos construcionais propostos por Rocha (2004) e analisaremos de que maneira nossa descrição entoacional relaciona-se a tal proposta.

A ordem dos falantes que respeitaremos é: AI, AII, BI e BII. Uma vez que dois falantes apresentam um número elevado de ocorrências, selecionaremos apenas algumas telas para serem copiadas e apresentadas no corpo do trabalho. No entanto, apresentaremos as tabelas com o mapeamento entoacional feito para cada uma das ocorrências encontradas.

6.1 ANÁLISE INTRAFALANTE

6.1.1 FALANTE AI

Construções de DR

A falante AI apresentou 32 ocorrências de DR. Em anexo, disponibilizamos o CD com as gravações de áudio e com os arquivos de TextGrid do PRAAT. A título de

ilustração, a média de duração das construções dessa falante foi de 3 segundos. Abaixo, apresentamos a tabela, na sua versão reduzida¹⁸:

Const.	ênf. un 1	ênf. un 2	Pausa (ms)	T% un 1	T% un2	F0 M un1 (Hz)	F0 M un2 (Hz)	GV un1 (Hz)	GV un2 (Hz)
AI1		x		H%	L%	292	253	139	240
AI2			535	L%	H%	213	192	64	169
AI3		x	508	L%	H%	204	194	145	198
AI4		x		L%	L%	346	243	424	432
AI5		x		L%	H%	206	302	164	417
AI6		x		L%	H%	251	205	142	220
AI7		x	582	L%	L%	210	306	176	348
AI8		x		H%	H%	299	236	304	135
AI9				H%	H%	238	179	185	287
AI10		x	399	L%	L%	221	208	60	205
AI11		x		L%	H%	200	319	95	372
AI12		x		L%	H%	193	230	160	284
AI13	x		217	L%	L%	324	224	311	194
AI14		x	535	L%	H%	284	291	300	362
AI15		x	502	L%	L%	296	233	153	372
AI16			651	L%	L%	216	200	193	120
AI17				L%	L%	213	169	246	101
AI18		x		H%	L%	200	215	208	317
AI19	x		340	H%	L%	240	233	76	265
AI20	x			L%	L%	386	264	232	66
AI21		x		L%	H%	256	232	280	327
AI22		x		H%	H%	233	199	23	242
AI23	x			L%	L%	245	185	187	113
AI24	x	x		L%	H%	260	348	313	160
AI25		x	353	H%	L%	197	250	123	284
AI26		x		L%	L%	230	299	89	356
AI27		x		L%	L%	239	204	229	225
AI28		x	471	L%	L%	192	214	171	353
AI29				H%	L%	186	164	131	137
AI30	x	x		H%	L%	243	219	274	281
AI31		x	562	L%	H%	216	283	196	263
AI32		x	238	L%	H%	176	328	156	380

Tabela 6: mapeamento entoacional das construções de DR da falante AI

¹⁸ O rótulo “versão reduzida” implica não incluir informações como F0 máxima e F0 mínima, visto que mantivemos o dado da GV – resultante da F0 máxima menos a F0 mínima. A redução foi feita com o objetivo de tentar simplificar a tabela.

O mapeamento entoacional permitiu tecermos os seguintes comentários: em 23, das 32 ocorrências, notamos a presença de uma ênfase na unidade reportada. Na maioria desses casos, a ênfase era percebida devido a uma elevação da F0, mas houve também alongamentos e mudanças na qualidade de voz. Isso porque, notamos que a falante, em alguns momentos, tenta mimetizar a fala do outro, tornando-a uma caricatura. Tal conduta nos permite evidenciar que a falante AI tenta, de alguma forma, marcar prosodicamente a fala do outro.

Vale a pena um breve comentário sobre as pausas. Das 32 ocorrências, 13 apresentaram uma pausa entre a unidade introdutora e a unidade reportada. A menor pausa foi de 217 ms e a maior, de 651 ms. A pausa, assim, mostra-se como uma tendência também, nos dados dessa falante, para sinalizar a separação das vozes.

A outra categoria que levantamos em nossa análise foi o tom de fronteira, tanto na unidade introdutora quanto na reportada. A unidade 1 apresentou 23 ocorrências do tom L%, enquanto a unidade 2 apresentou 18. Quanto a essa característica, a unidade 1 se mostrou mais padronizada, visto que não há tantas variações no modo como se introduz o DR. Já as unidades 2 tenderiam menos a um padrão, em razão de haver uma variedade de conteúdo nesse sintagma entoacional, podendo apresentar desde afirmativas até perguntas e mesmo informações em sequência. Isso pode explicar a presença dos 14 tons H% nas unidades 2.

As primeiras medidas consideradas foram as médias de F0. E o resultado foi o seguinte: a F0 média foi maior na unidade introdutora, em 20 ocorrências, contra 12 ocorrências de F0 média mais alta na unidade reportada. Esse resultado se torna interessante quando comparado com as medidas de GV. Essas foram mais altas na unidade reportada em 24 ocorrências.

Agora mostraremos os resultados obtidos por meio do mapeamento entoacional das unidades selecionadas como controle.

Unidades controle

Como já explicado, foram selecionadas seis unidades controle da falante AI, para que pudéssemos efetuar uma simples comparação dos dados. A duração média das unidades é de 2 s. Segue a tabela simplificada:

Unid. Controle	ênfase	Pausa	T%	F0 média (Hz)	GV(Hz)
AI1		284	L%	204	170
AI2			L%	176	170
AI3			L%	227	75
AI4		426	L%	174	273
AI5			L%	219	141
AI6	x		L%	221	217

Tabela 7: mapeamento entoacional das unidades controle da falante AI

Conforme podemos visualizar na tabela, somente uma unidade recebeu ênfase. Na exposição dos exemplos de análises acústicas dessa falante, apresentaremos esse caso.

Duas ocorrências tiveram pausas, uma de 284 e outra de 426 ms. Nas seis unidades controle, os tons de fronteira foram o L%, o que juntamente com a ausência de ênfases, caracteriza uma fala mais neutra, encerrada com H*+L e L%.

Com relação às medidas em Hz, tanto a F0 média quanto a GV apresentaram medidas mais baixas do que as presentes nas construções de DR. Tal comparação foi feita a partir das médias obtidas de todas as medidas.

Selecionamos cinco construções de DR e duas unidades controle dessa falante para comentar e discutir as telas geradas no PRAAT. Os critérios para a seleção dos exemplos expostos estão relacionados à amostragem de perfis diferentes, contemplando possível qualidade acústica.

Abaixo de todas as telas que apresentaremos neste trabalho, inserimos o arquivo de áudio, com seu respectivo nome, para que o exemplo possa ser ouvido, por meio do CD anexo.

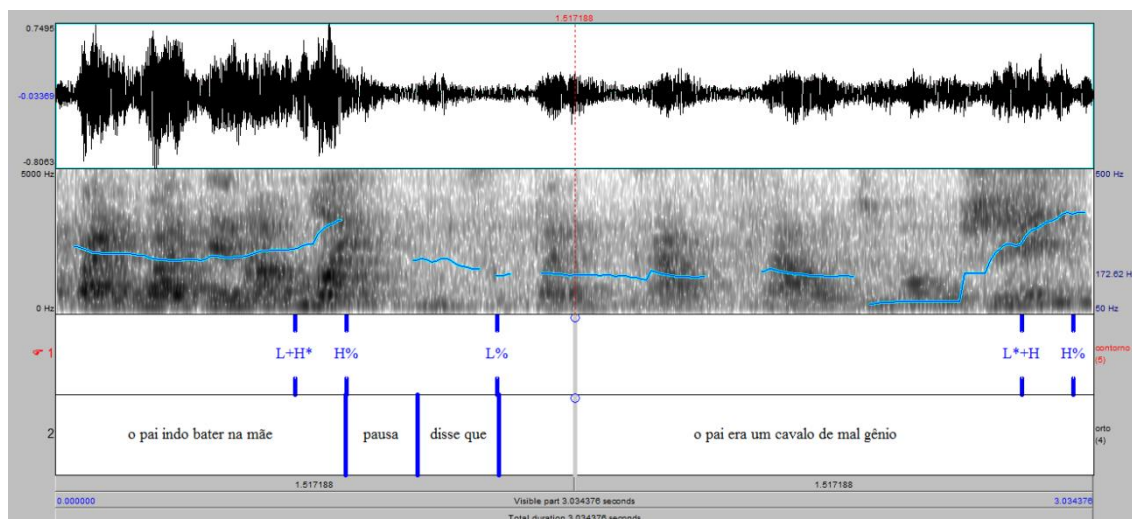
Exemplos de análises acústicas

AI9

L1: mas acontece que os meus valores não são iguais os da minha mãe... então eu seria a mulher mais feliz do mundo ainda por cima... era uma pessoa com muitos problemas psicológicos () porque a família dele pra variar tamBÉM... porque até hoje nunca me relacionei com uma pessoa que tivesse família... integrada... então a... eh... ele... quando era pequenininho... aos sete anos ele... viu os pais brigando uma vez... e o pai quis agredir a mãe e ele foi... sabe criança né? foi socorrer a mãe... o pai jogou ele pra fora... aí ele bateu com as costas na porta... foi horrível... você imagina uma cena dessa... uma criança indo pra cima do pai... **o pai indo bater na mãe... disse que o pai era um cavalo de mal gênio...** foi pra cima do pai... o pai empurrou ele bateu na porta... então ele nunca mais esqueceu essa cena é nítida lá na... no... então ele é uma pessoa griladíssima com casamento... tem que ser... não seri/... não seria normal se não fosse...

Nesse trecho, a falante está contando a história de um ex-namorado. Ela remonta um episódio em que o rapaz, quando pequeno, presencia uma briga dos pais. Na ocasião, o menino tentou defender a mãe, que era agredida pelo marido. Então, ao narrar a cena do menino interferindo na briga, ela reporta a fala “o pai era um cavalo de mal gênio”. AI justifica que, devido a esse trauma, o ex-namorado tinha problemas com casamento.

Conforme explicamos, em nota, no capítulo metodológico, a tela do PRAAT que apresentamos indica, além dos formantes e das curvas (em azul) da F0, as duas camadas que alinham som, notação de contornos e texto. Na primeira camada, anotamos os tons, conforme o ToBi, e na segunda camada anotamos a transcrição da fala. Essa transcrição, na maioria das vezes, corresponde à mesma que o Nurc disponibiliza, porém em alguns casos ela se diferencia, ou porque ouvimos algum texto a mais ou porque ouvimos um texto diferente. Segue a tela gerada no PRAAT:



Tela 1: Construção AI9



cavalo de mau genio.wav

Essa foi uma das poucas ocorrências da falante AI em que não notamos a presença de ênfase nem na unidade 1, nem na unidade 2. Há um DR no meio da narração de um episódio. Os momentos de elevação de F0 são justamente o que antecede e o que finaliza o DR, representando, de certa forma, uma quebra da narração. A pausa marcada não ocorreu entre as unidades introdutora e reportada, mas sim antes do verbo *dicendi*. A construção AI9 insere-se na tipologia construcional do discurso indireto, em terceira pessoa.

A unidade 1 encerra-se com o tom de fronteira alto, juntamente com o último acento L+H*, o que vimos se tratar de um comportamento não muito regular. E a unidade 2 encerra com um H%, possivelmente explicado pela sequência narrativa que se nota nesse momento do diálogo, em que a falante completa sua fala com o desenrolar da ação contada. Como aconteceu na maioria das construções dessa falante, a média de F0 foi mais alta na unidade introdutora, e a GV foi mais alta na unidade 2.

AI13

L1: de cinco anos e meio... seis anos... então como eu fui uma criança muito reprimida na escola... estudei em colégio de freira... aqui nesse colégio tradicionalíssimo... () Sion () mil coisas... então é sempre muito reprimida... eu mostrava um desenho que eu achava lindo... desenhava mal paca... mas achava lindo... porque era uma expressão do meu interior... achava mara/... qual é a criança que não acha o desenho uma obra de arte?

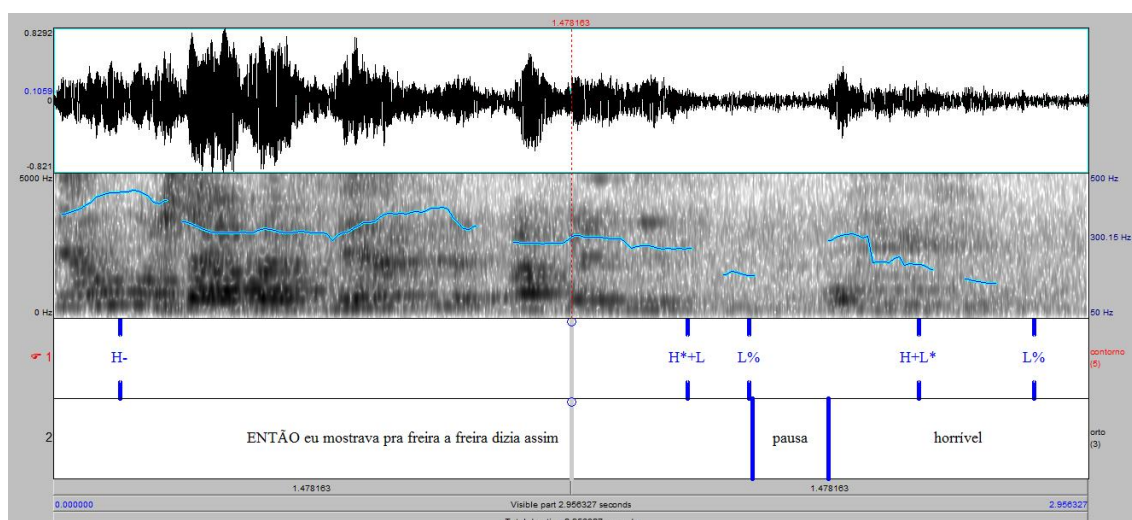
L2: hum-hum...

L1: e é... então eu mostrava pra freira... a freira... a freira dizia assim... "horível"..." ela dizia na minha cara que o desenho estava feio...

L2: pronto... traumatizava...

L1: eu ficava frustrada... aquilo ali me bloqueou pra sempre no terreno das artes plásticas...

No texto acima, a falante revela suas memórias do tempo de escola. Em especial, ela se lembra de quando estudou em um colégio de freiras. Ocorria que ela fazia desenhos na aula, e ao mostrar os trabalhos à freira, não recebia nenhum elogio ou motivação. Ela então reporta a resposta que recebia da freira ao ver seu desenho: “horível”. Segundo a falante, a reação da freira gerou nela um bloqueio “pra sempre no terreno das artes plásticas”. Ilustramos a construção abaixo com a tela da análise acústica:



Tela 2: construção AI13



freira horível.wav

Nessa construção, a ênfase produzida pela falante AI foi notada na unidade introdutora. Interpretamos esse movimento melódico de elevação de F0 como uma retomada do turno de fala que, de alguma forma, foi interrompido pelo “hum-hum” da outra falante e como uma chamada de atenção para o que finalmente ela quer reportar: a avaliação que a freira fez do seu desenho. Essa é uma evidência do papel da prosódia

como organizadora da cena interacional. A falante usa a ênfase para reestabelecer seu turno de fala e colocar em evidência a informação.

A pausa encontrada entre as unidades foi de 217 ms. Como já comentamos, a pausa entre a unidade 1 e a unidade 2 demonstrou certa recorrência nas construções de DR dessa falante.

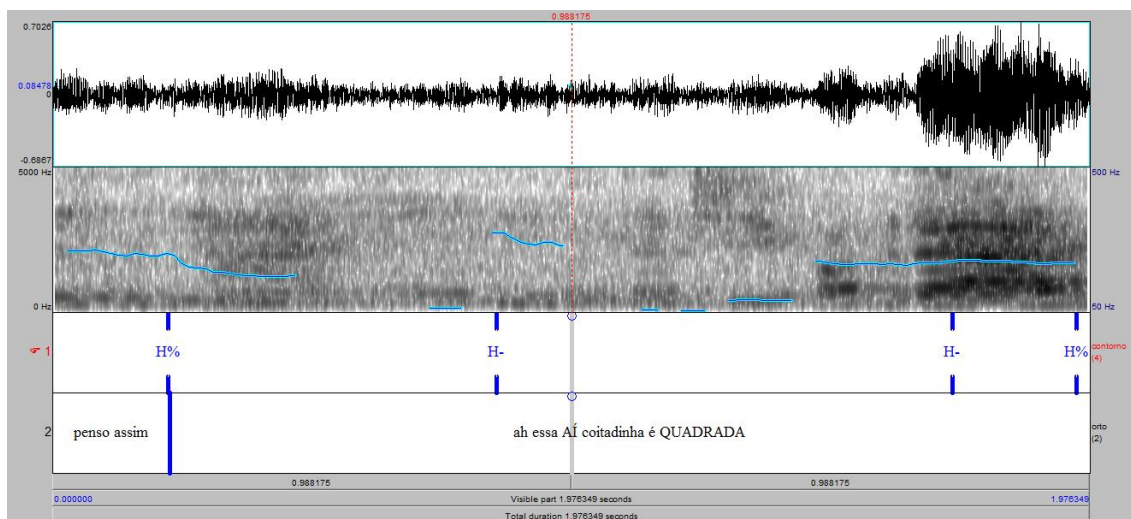
Os dois tons de fronteira encontrados foram o L% e ambos precedidos pelo *pitch accent* H*+L na última sílaba acentuada. Em termos de percepção, é possível associar a tais contornos um tom mais neutro na fala dessa construção. É como se o “horrível” fosse pronunciado com a mesma segura, rispidez e, ao mesmo tempo, naturalidade com que a freira o proferiu.

Com relação às medidas em Hz, a F0 média foi mais alta na unidade 1, como a maioria dos casos. A GV também foi mais alta na unidade introdutora, o que ocorreu somente em sete construções de AI. No que diz respeito ao tipo construcional, essa ocorrência categoriza-se como do tipo DD com verbo *dicendi*, em terceira pessoa.

AI22

L1: só porque eu tenho uma família? vocês estão me bo/ vocês me marginalizam por quê? porque eu sou de... tenho uma família... porque eu me dou bem com meus pais? e quando eu falo marginalizam eu não quero... não é no sentido de que eles me afastam não... eles me afastam no sentido de me respeitarem demais... não quero respeito demais... eu quero... o tratamento igual sabe? parece uma coisa assim e tal... de respeito eu estava te falando... por excesso também... porque eh... como a maioria das pessoas não é integrada quando... quando... quando encontram uma pessoa assim que vive em família assim **penso assim "ah... ih... coitadinha é quadrada...** então mil coisas... está entendendo...

AI agora comenta sobre o fato de ser, muitas vezes, avaliada e receber um tratamento diferente por manter um bom relacionamento com os pais. Para comprovar tal afirmação, ela reporta uma fala que seria comum ouvir das pessoas, chamando-a de “quadrada”. A seguir, apresentamos a tela do PRAAT para essa construção:



Tela 3: : construção AI22



quadrada.wav

Como se pode notar, há duas ênfases presentes na unidade 2, uma na palavra “aí” e outra em “quadrada”. Nos dois casos, além da elevação da F0, há também um alongamento no “i” de “aí” e no “dra” de “quadrada”.

Essa é uma ocorrência de DD com o verbo “pensar”. Assim como já antecipamos, o DR abrange casos em que não necessariamente tenha havido a elocução do discurso. A falante, no caso, retoma um discurso que ela acredita que mesmo que não tenha sido proferido pelas pessoas, tenha sido pensado.

Uma observação necessária é a de que conservamos o “penso” da transcrição do NURC, e realmente é o que parece soar na gravação, porém presumimos que pudesse ter sido dito, de fato, “pensam”, já que se trata de uma avaliação e de um comentário dos outros, e não de AI.

Outro detalhe dessa construção é o de que os dois tons de fronteira são altos, o que para a primeira unidade não é comum. Já a segunda unidade mantém o movimento alto de uma fala em continuação.

Seguindo a tendência da maioria das construções, a F0 média foi mais alta na unidade introdutora, e a GV, mais alta na unidade reportada. Passemos para mais um exemplo:

AI23

L1: se você põe o seu longozinho porque agora está na moda você sair de roupinha comprida eu também gosto... tenho a minha também... que você ponha sua saíinha de... umbiguinho de fora... vai ficar um... com o corpo comprido mas... se você tem tre/... uns trezentos quilos você põe () um tecido liso né... liso... chama muita atenção... e ela me pôs um estampado estamos aqui oi que houver...

L2: estamos aqui...

L1: estamos aqui... porque tinha todas as cores do arco-íris... né... e mais algumas que ela inventou...

L2: são as misturas ()

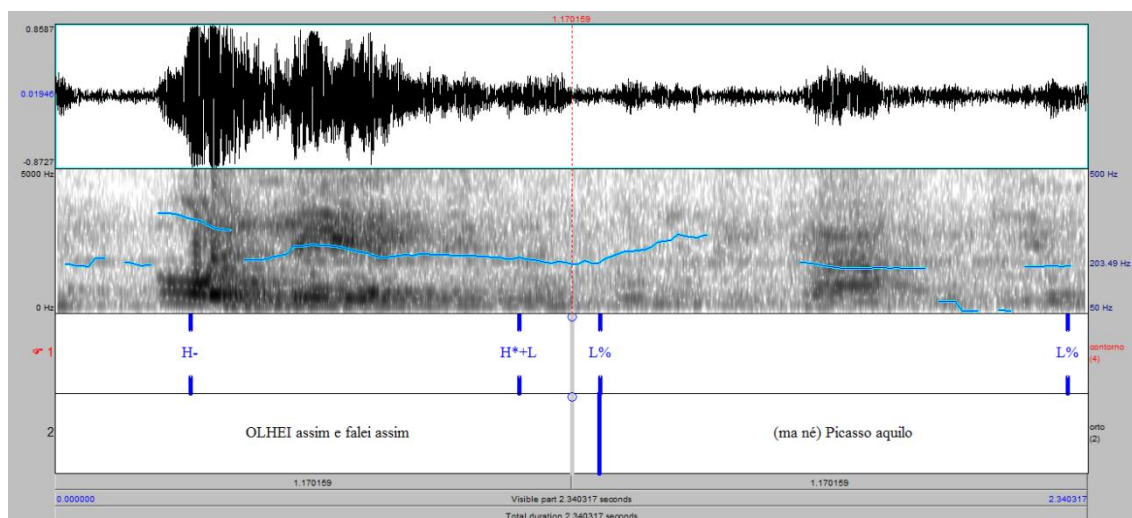
L1: [

()

D: que loucura...

L1: espera aí... "wait"... espera aí um momento... vamos ver lá porque é um caso raro... **eu olhei assim e falei "() Picasso aquilo"**... menina... mas uma coisa incrível ()

A falante, nesse momento do diálogo, conta detalhes sobre uma ida ao cinema. Ela revela que, na fila para assistir ao filme, ficou observando as pessoas e, então, se deparou com uma garota. AI descreve a moça como tendo uma pele muito branca e “uns trezentos quilos mal distribuídos”. Na ocasião, a moça usava um vestido bastante colorido e estampado. E é aí que nossa falante reporta a si mesma em uma fala irônica, comparando a estampa da roupa da moça com um quadro de Picasso. Abaixo, a tela gerada:



Tela 4: construção AI23



picasso.wav

Antes de comentarmos as características entoacionais dessa construção, explicamos as diferenças entre as transcrições trazidas pelo NURC e a transcrição feita no textgrid do PRAAT. Esta última vem trazendo entre parênteses o que foi possível ouvir no arquivo de áudio selecionado “(ma né)”.

A ênfase em “olhei” é resultante tanto de uma elevação de F0 quanto de um alongamento. Trata-se do tipo construcional DD com verbo em primeira pessoa, ou seja, uma autocitação. É interessante notar que, mesmo que ela tenha utilizado o verbo “falar”, por tratar-se de uma crítica irônica, não sabemos se o discurso foi de fato falado ou só pensado.

O acento tonal H*+L e o tom de fronteira L% na unidade introdutora confirmam a tendência geral. E na unidade reportada, o tom L% é anotado, visto que o movimento se mantém baixo ao ser comparado com o início do sintagma entoacional.

As medidas de média de F0 mostram um número maior na unidade 1. Quanto à GV, a medida mais alta também se encontra na unidade 1. Vamos para mais um exemplo dessa mesma falante.

AI26

L1: meu irmão não aparenta mas () muito espirituosa sabe... outro dia na sala... meu irmão estava com a toalha amarrada assim... ele saiu do banheiro pra arrumar não sei o quê na sala e a toalha dele estava quase caindo sabe... ele estava assim em frente a mim então tinha uma mesa entre a gente... aí meu pai... "ô S. a toalha está quase caindo... está vendo não?" mas me dá uma... me dá uma raiva quando alguém fala um troço desse... eu falei pra ele... "escuta aqui meu pai... você acha que eu nunca vi corpo de homem?... vi e achei bonito... vi e achei bonito"... ((risos)) no fim ele ficou desbundado e ficou olhando pra mim...

L2: puxa vida hein?

L1: olha... ele ficou tão assim tão sabe coitado... e ele foi... ele não teve resposta () ele ficou literalmente desbundado... eu falei "vi... meu filho... e achei lindo se queres saber"...

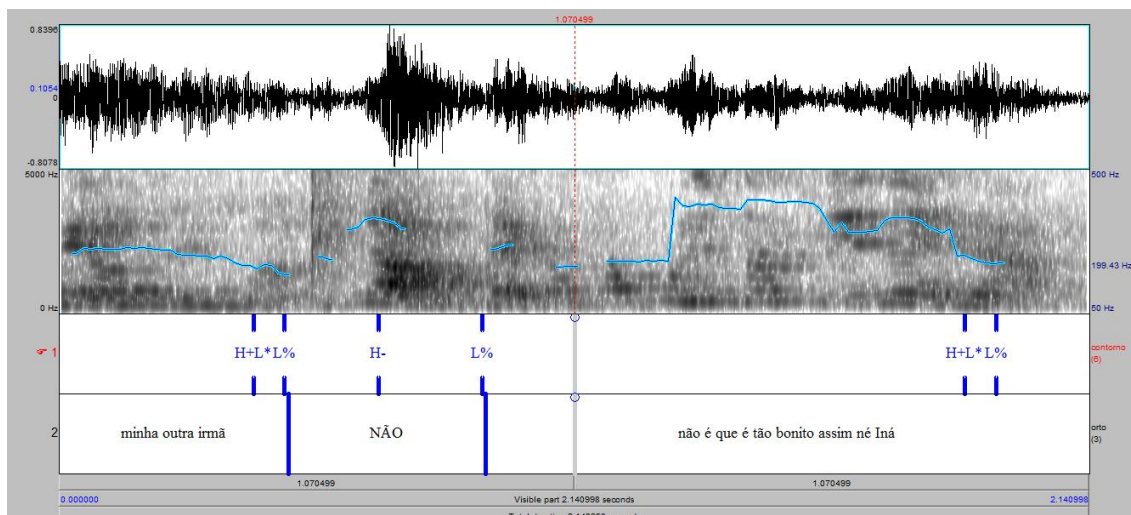
L2: que que ele escondia tanto...

L1: [

aí () a **minha outra irmã "não não é que é tão bonito assim" né I.?**... eu falei assim "ué... gosto estético filha... eu gostei () eu gosto... não gosto de mulher minha filha"...

Nesse trecho, encontramos uma série de DRs que foram todos analisados. A falante narra agora um episódio que ocorreu na casa dela, em família. O pai repreende o irmão de AI porque a toalha, que estava amarrada em seu corpo, quase cai, o que faria com que o rapaz ficasse nu. A falante reage dizendo ao pai que já viu corpo de homem. E ainda completa: “vi e achei bonito”. Segundo AI, o pai não disse mais nada, enquanto

a irmã se insere na conversa e demonstra não concordar tanto com a beleza do corpo masculino. Vejamos a tela:



Tela 5: construção AI26



minha outra irma.wav

Esse é o tipo construcional do DD sem verbo *dicendi*, em terceira pessoa. Inserida numa sequência repleta de DR, como pudemos acompanhar, a ausência do verbo não nos impede de recuperá-lo facilmente via contexto.

A ênfase em “não” é bastante marcada inclusive pela fronteira que existe, separando a unidade reportada em dois sintagmas entoacionais. Pragmaticamente, percebemos a quebra da sequência argumentativa quando a falante insere o “não” da irmã.

Os tons de fronteira são todos L%. Mesmo que haja contornos altos durante a construção, as quebras entoacionais são baixas.

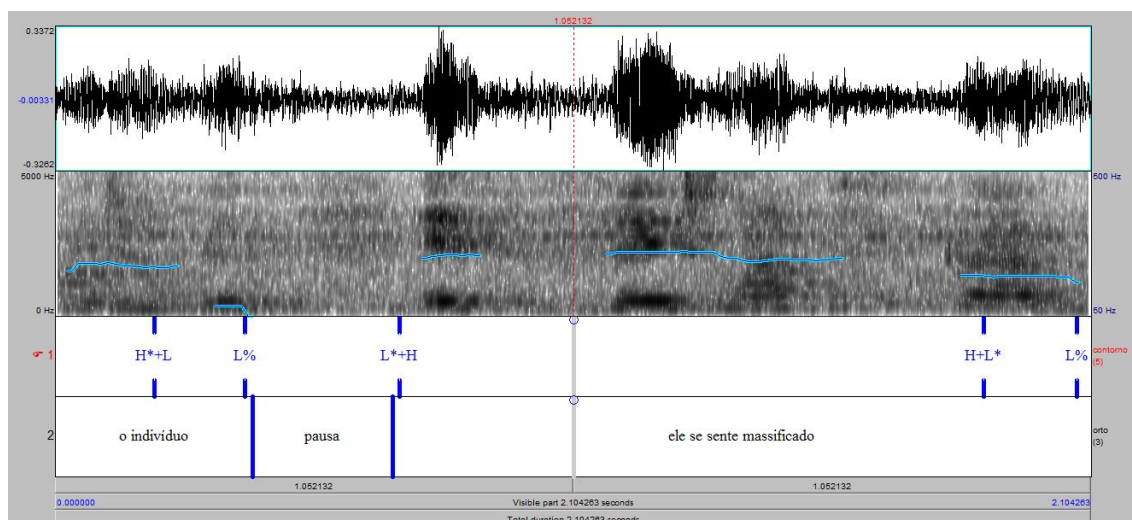
No que diz respeito às medidas de F0, essa construção se encaixa no comportamento geral das demais construções produzidas pela falante AI quando analisamos a GV, que é mais alta na unidade reportada. Já a média de F0, nessa construção, é mais alta na unidade 2.

Mostraremos agora dois exemplos de análises feitas com as UCs.

CAI1

L1: mas... ô B.... sabe o que que é... isso é problema de grande cidade particularmente de São Paulo... de Rio de Janeiro no Brasil sabe... você quando você vai ao Paraná... você não sente tanto... é São Paulo e Rio de Janeiro... é uma coisa assim... é uma constatação tão clara que se pode fazer... sabe é aquela massificação... **o indivíduo ele se sente massificado**... daí () uma neurose crescente... que você hoje em dia você... a gente sabe que morar no Rio e São Paulo você tem que necessariamente ter um grau de neurose qualquer...

A falante se refere, nesse trecho, à solidão que sentem muitas das pessoas que vivem em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Segundo ela, viver em uma cidade assim resulta em alienação e contatos superficiais. Vejamos a tela:



Tela 6: unidade CAI1



controle AI 1.wav

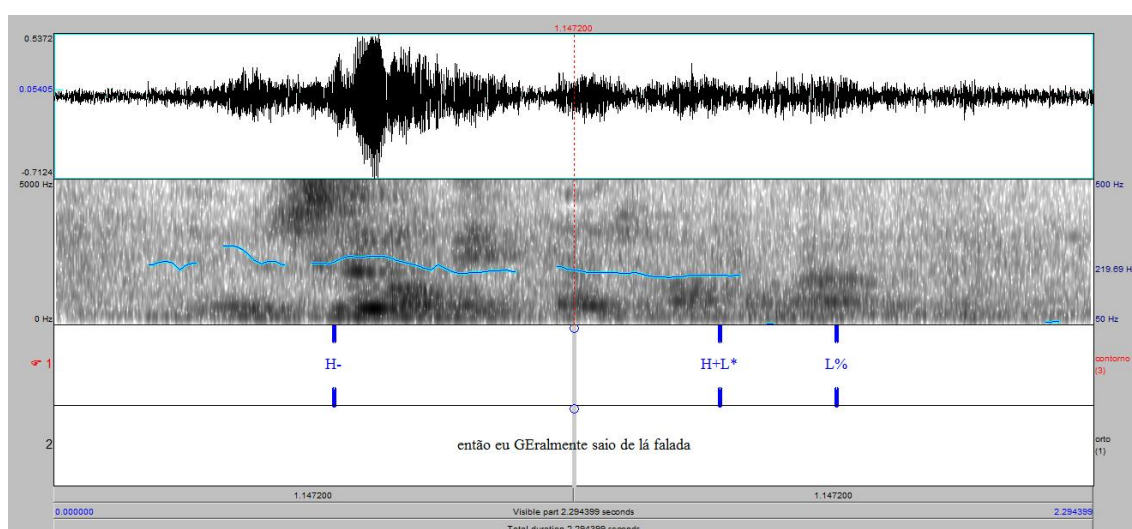
De acordo com o que podemos ver na tela, a UC é dividida em dois sintagmas entoacionais, apresentando uma pausa na fronteira. Essa pausa foi de 284 ms. Não se percebeu nenhuma presença de ênfase, e os contornos anotados são os previstos para o início do sintagma (L*+H), e os previstos para o encerramento do sintagma (H*+L e L%).

Com relação às medidas, temos 204 Hz para a média de F0 e 170 Hz para a GV.

C AI6

L1: então chego eu lá em São Paulo... a minha mãe tem duzentas irmãs lá em São Paulo... então chego lá... vou ao clube... vou ao () conheço gente... conheço rapaz etc... **eu geralmente saio de lá falada né...**

Aqui AI discorre sobre como as pessoas tendem a ser maliciosas com ela. Então dá o exemplo das vezes que vai a São Paulo e, por ser mais extrovertida e gostar de se comunicar e de fazer amizade, acaba sendo alvo de comentários. Abaixo, a tela do PRAAT:



Tela 7: unidade CAI6



controle AI6.wav

Esse foi o único caso em que houve uma ênfase nas UCs da falante AI. Percebemos uma elevação de F0 na sílaba “ge” e um alongamento na palavra inteira. O destaque dado acaba, de alguma forma, reforçando a ideia de ser comum e frequente esse julgamento feito pelas pessoas.

Não há pausa, e o tom de fronteira é baixo. Além disso, temos uma média de F0 de 221 Hz e uma GV de 217 Hz. Passemos para a discussão dos dados da segunda falante do primeiro inquérito: AII.

6.1.2 FALANTE AII

Construções de DR

A falante AII produziu 12 ocorrências de DR. A média de duração das construções foi de 3 s. Abaixo, segue a tabela com o mapeamento entoacional.

Const.	ênf un 1	ênf un2	Pausa (ms)	T% un 1	T% un2	F0 M un1 (Hz)	F0 M un2 (Hz)	GV un1 (Hz)	GV un2 (Hz)
AII1				L%	H%	405	384	305	307
AII2		x		L%	L%	357	296	296	308
AII3				H%	L%	186	184	176	62
AII4	x			L%	H%	260	362	160	192
AII5	x			L%	L%	309	215	201	225
AII6		x		L%	L%	209	190	47	255
AII7			388	L%	L%	188	194	172	227
AII8			344	H%	L%	252	252	184	164
AII9	x	x		L%	L%	236	241	251	338
AII10				L%	L%	271	237	99	229
AII11		x		L%	L%	212	343	106	234
AII12				L%	H%	272	266	269	377

Tabela 8: mapeamento entoacional das construções de DR da falante AII

Das 12 ocorrências, em quatro houve ênfase na unidade reportada. Lembrando que quando falamos em ênfase, essa pode recair sobre uma sílaba ou mesmo uma palavra, normalmente concomitante a uma elevação de F0. Assim, pelo critério da ênfase, não podemos afirmar que essa falante parece marcar a fala quando é do outro.

Somente em duas construções, foram marcadas pausas entre as duas unidades. As construções AII7 e AII8 tiveram pausas de 388 ms e 344 ms, respectivamente. No caso dessa falante, a pausa não pareceu ser uma tendência das construções de DR.

O tom de fronteira L% predominou tanto na unidade introdutora, quanto na unidade reportada, com dez e nove ocorrências, respectivamente. Como ocorreu com a falante anterior, a unidade 1 se mostra mais padronizada. Na exposição de exemplos,

mostraremos um caso em que não temos um tom L%, para explicarmos sua manifestação.

As médias de F0 também se mostraram mais altas na unidade 1, assim como as GVs foram mais altas na unidade 2. Seguimos comentando o que foi possível observar nas UCs dessa mesma falante.

Unidades controle

As seis UCs da falante AII tiveram uma duração média de 2 s. Abaixo, apresentamos a tabela simplificada.

Unid. Controle	ênfase	Pausa	T%	F0 média (Hz)	GV(Hz)
AII1			L%	210	192
AII2		329	L%	248	278
AII3		621	L%	236	229
AII4			H%	244	248
AII5			L%	245	136
AII6		323	H%	221	287

Tabela 9: mapeamento entoacional das unidades controle da falante AII

Assim como ilustra a tabela, em nenhuma unidade, percebemos algum tipo de ênfase. Três pausas foram marcadas, uma chegando a ter 621 ms de duração, o que parece revelar uma fala de característica mais pausada. Quatro fronteiras foram baixas.

Por meio de uma média das medidas em Hz, observamos que elas se mostram mais baixas do que as encontradas nas construções de DR, principalmente se comparadas com a unidade reportada.

Selecionamos quatro construções de DR e duas unidades controle da falante AII para expor as telas da análise acústica.

Exemplos de análises acústicas

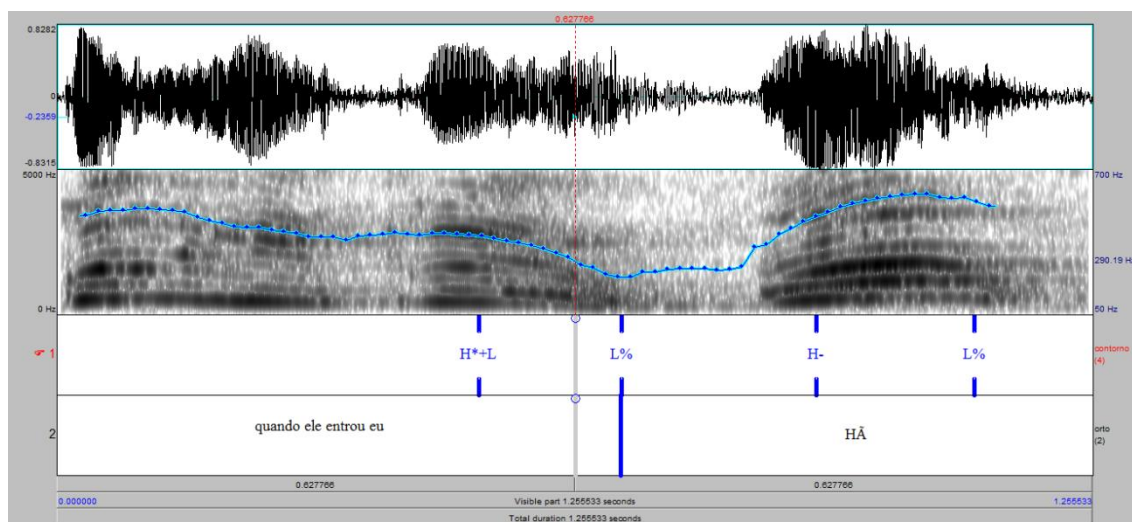
AII2

L2: é... e isso é engraçado olha por exemplo... hoje estava na casa dos meus pais... meu pai saiu do banho de manhã cedo e ele entrou no quarto... eu estava também no quarto da minha mãe... mas eu estava sentada na cama assim de costas e... e eu me virei falando não sei o quê... eu me virei...

L1: você estava sem roupa?

L2: não... eu estava vestida e meu pai entrou com uma toalha enrolada aqui curtinha... **quando ele entrou eu "hã?"**... assim ele "não fica preocupada que eu estou de cueca por baixo"... ele falou assim tranquilo...

Essa cena que a falante narra se passou na casa de seus pais. Quando ela depara com o pai só de toalhas, assusta-se, dizendo um “hã?”. Ela reporta sua própria reação e, em seguida, reporta a resposta do pai. Abaixo, segue a tela gerada para essa construção:



Tela 8: construção AII2



eu ha.wav

Uma vez que a voz dessa falante é mais aguda, percebemos medidas altas em muitas construções. E nessa, em especial, vemos isso ocorrer, pois, ao reportar sua própria fala, registrando o susto que teve no momento, ela eleva bastante a F0, produzindo uma ênfase.

Não houve pausa entre as unidades, e isso pode, inclusive, ser explicado pelo caráter mimético ao se tentar reproduzir a cena e mostrar o quanto ela se assustou e o quão imediata foi sua reação.

Embora houvesse elevações de F0 e uma fala bastante aguda, nos momentos de fronteira, o tom foi L% nas duas unidades, o que se revelou uma forte tendência nas construções de DR, principalmente na unidade introdutora.

A construção AII2 apresentou, como a maioria dos casos, uma F0 média mais alta na unidade introdutora e uma GV mais alta na unidade reportada. E, ainda, essa construção categoriza-se como do tipo DD sem verbo *dicendi*, em primeira pessoa. Aqui já vale adiantar que não parece se confirmar a tendência de que o falante marca mais fortemente a prosódia do DR quando reporta na terceira pessoa do discurso. Essa é uma ocorrência que, mesmo sendo uma autocitação, é bastante marcada.

Analisemos mais um exemplo.

AII4

L2: [

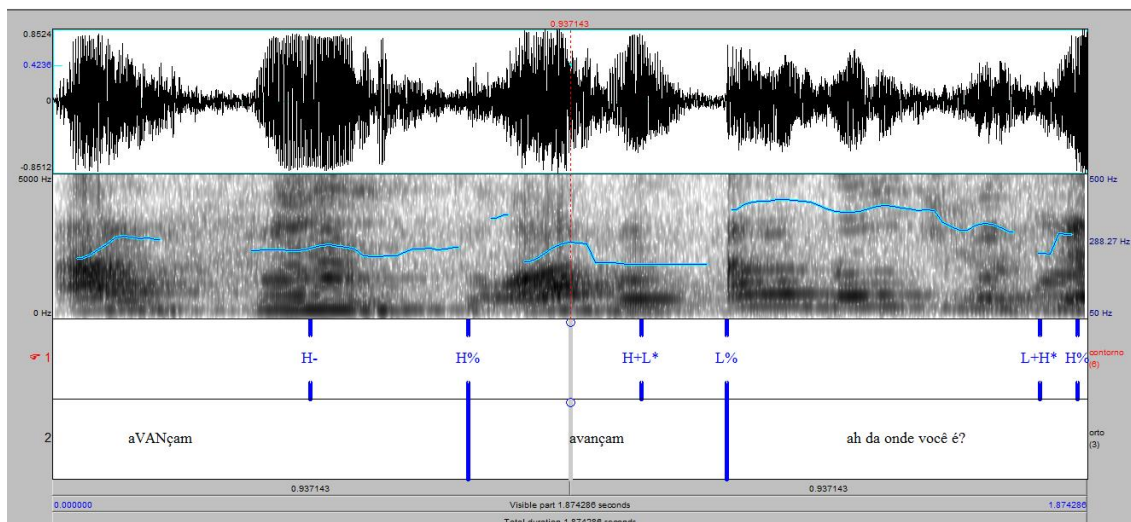
é mito não adianta... olha e vou te contar... e isso a gente... é no Brasil todo viu... eu tive em Salvador mas o negócio foi louco lá... as garotas elas querem saber tudo... como é que é... que que faz... como é que é a vida e: ... os rapazes... coitado se aparece um lá de carro e chapa Rio de Janeiro... já era

L1: [

ah... eu sei...

L2: **avançam... avançam** "ah da onde você é? Rio? ótimo entra"... de graça...

AII comenta sobre o comportamento de moças baianas diante de rapazes cariocas, demonstrando grande curiosidade e interesse sobre eles. Segundo a falante, os cariocas são “atacados” pelas moças quando vão para a Bahia. O “avançam avançam”, que introduz o DR, remete ao modo como as moças abordam os rapazes, querendo logo saber se eles são do Rio. Observemos, abaixo, a tela:



Tela 9: construção AII4



avançam.wav

A ênfase, nessa construção, ocorre na unidade introdutora, o que vai ao encontro da ideia de que o modo como as moças abordam os rapazes fica muito mais destacado do que a pergunta que elas fazem, de fato. Há no primeiro “avançam” uma elevação de F0 em “van” e um alongamento na palavra. Isso fica claro ao compararmos as duas durações dos dois “avançam”. O primeiro tem 752 ms, e o segundo, 467 ms. O segundo “avançam” apenas, reforça, de alguma forma a ideia.

Novamente, não há pausa entre as unidades, sendo a fala reportada logo em seguida da sua introdução. Categorizamos essa construção como do tipo DIL, pela forma como a fala reportada é encaixada. É importante mencionar que haveria, ainda, a leitura de que o “avançam” funcionaria como um verbo *dicendi*. Mas preferimos adotar o tipo indireto livre, pois entendemos que há muito mais no “avançam” do que só a ideia de dizer ou perguntar.

A interpretação do “avançam” como verbo *dicendi* poderia ser considerada uma evidência para o pressuposto de Goldberg de que, distinguindo a semântica da construção de estrutura argumental e a semântica do verbo a ela associada, podemos discernir um novo uso do verbo. O verbo “avançar” associa-se ao papel participante “garotas”, que sintaticamente ocupa a posição de argumento externo ao verbo. Os

frames que o verbo passa a evocar engendram vários sentidos, incorporando conhecimento de mundo e cultural. Temos, então, uma nova perspectiva da cena, identificada por meio da construção.

O tom de fronteira segue o padrão baixo para a unidade 1. Na unidade 2, encontramos um H%, mas que se explica facilmente pelo fato de a fala reportada tratar-se de uma pergunta.

A F0 média mais alta encontra-se na unidade reportada, na qual também se encontra a GV mais alta.

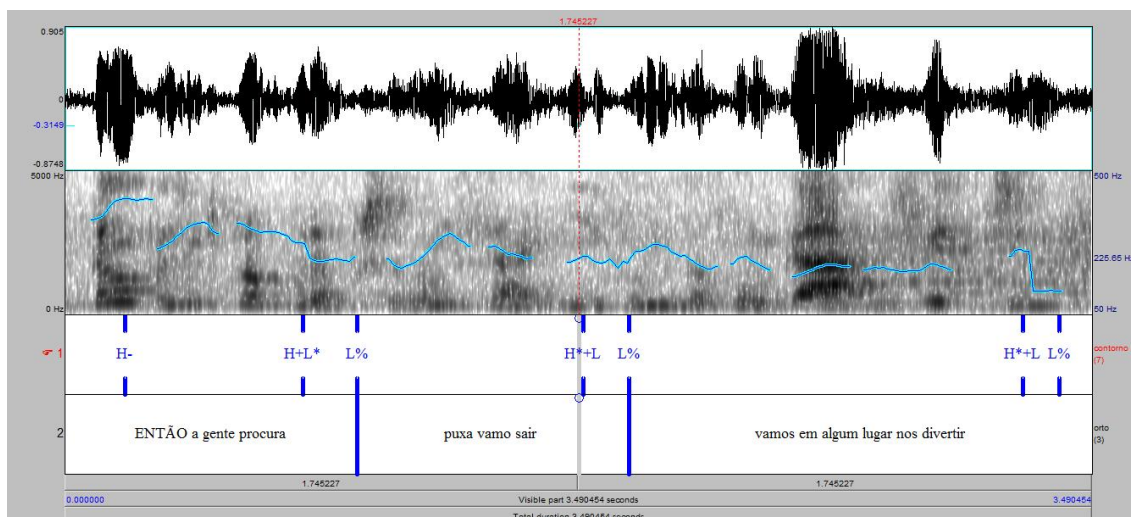
AII5

L2: não... moro sozinha... quer dizer... com o meu marido... por enquanto...

L1: ah... eu não sabia que você era casada...

L2: ah... não é? é que eu não estou usando aliança hoje... eu já estou ficando aberta né? mas aliás só fazemos questão () né... ele viaja... fica uma semana aqui uma semana lá... então pois é... então nesse ponto () justamente... quando ele vem... **então a gente procura "puxa... vamos sair vamos a algum lugar nos divertir"**... mas parte da mesma é cinema depois é restaurante... peça... o negócio está tão caro que não dá mais... né? e...

Nesse momento, AII explica que é casada e que ela e o marido buscam ir a lugares para passear e distrair. A fala reportada seria algo que eles dizem um para o outro. Devido à maneira como a fala reportada é encaixada, classificamos a construção como do tipo DIL. Segue a tela do PRAT:



Tela 10: construção AII5



a gente procura.wav

Essa é a segunda, das duas ocorrências, em que a falante produz uma ênfase na unidade 1. O movimento mais alto da construção, ou seja, a ênfase pela elevação de F0, dá-se no conectivo “então”.

A unidade 2 se divide em dois sintagmas entoacionais: “puxa vamo sair” e “vamos em algum lugar nos divertir”. Todas as fronteiras são marcadas pelos *pitch accents* H*+L e pelos tons de fronteira L%.

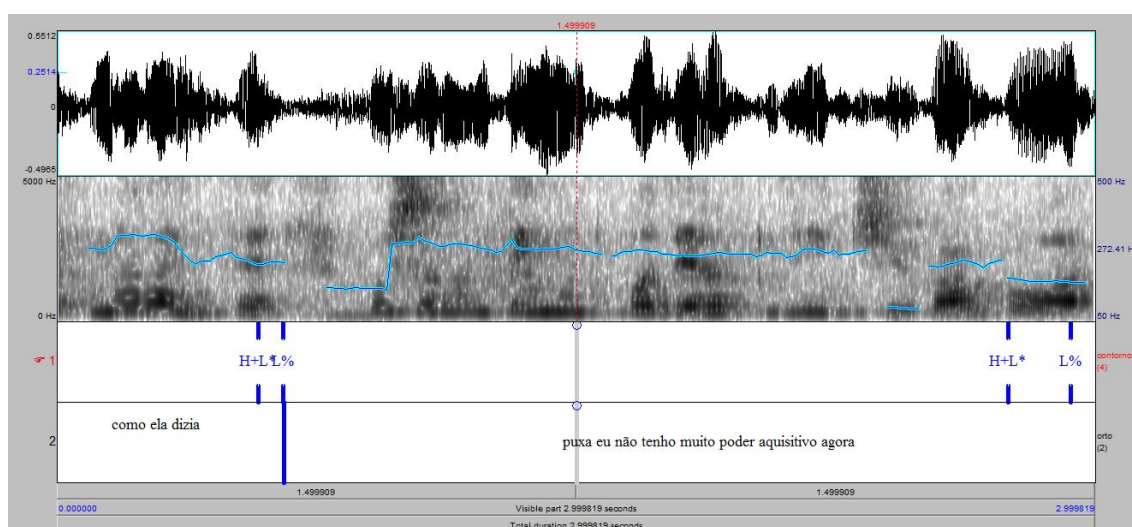
Com relação às medidas, essa construção encaixa-se no comportamento da maioria: média de F0 mais alta na unidade introdutora e GV mais alta na unidade reportada.

AII10

L2: é justamente porque... uma vez uma... uma amiga falou pra mim... "engraçado aqui"... ela não é brasileira... então ela falou assim... ela é equatoriana... ela disse assim... "engraçado no Rio... principalmente Copacabana Ipanema Leblon... a gente anda cercado de gente à beça... mas ninguém olha pra gente... ninguém..."... e sozi/... você parece ir sozinha... e você po/... **como... ela dizia... "pôxa eu não tenho muito poder aquisitivo agora...** mas eu posso andar de calça Lee durante um mês que ninguém vai olhar pra mim..."... vai per/... dizer se ela está ruça... rasgada ou eu que ando muito bem alinhado... muito bem arrumado e ninguém repara... no mesmo bar em que se senta uma... uma... não digo um ... restaurante de luxo entende... mas um bar... um bar assim da moda em que senta um... um deputado... senta muito bem

arrumado e tal... do lado dele senta um rapaz hippie... uma moça muito tranqüila mesmo e não... não se sente choque...

AII aqui se refere a uma amiga que relata sua percepção acerca dos cariocas, os quais parecem não se importar com o comportamento das pessoas, ao contrário do que aconteceria numa cidade pequena, por exemplo . A amiga da falante revela, ainda, que há bares no Rio em que a diversidade de tipos de pessoas é muito grande, e isso é tido como normal. Selecionamos apenas uma parte da fala reportada, visto que o arquivo de áudio ficaria muito extenso e prejudicaria a análise prosódica.



Tela 11: construção AII10



poder aquisitivo.wav

A construção, do tipo DD com verbo *dicendi* em terceira pessoa, não apresenta nem ênfase, nem pausa. Seus tons de fronteira são baixos.

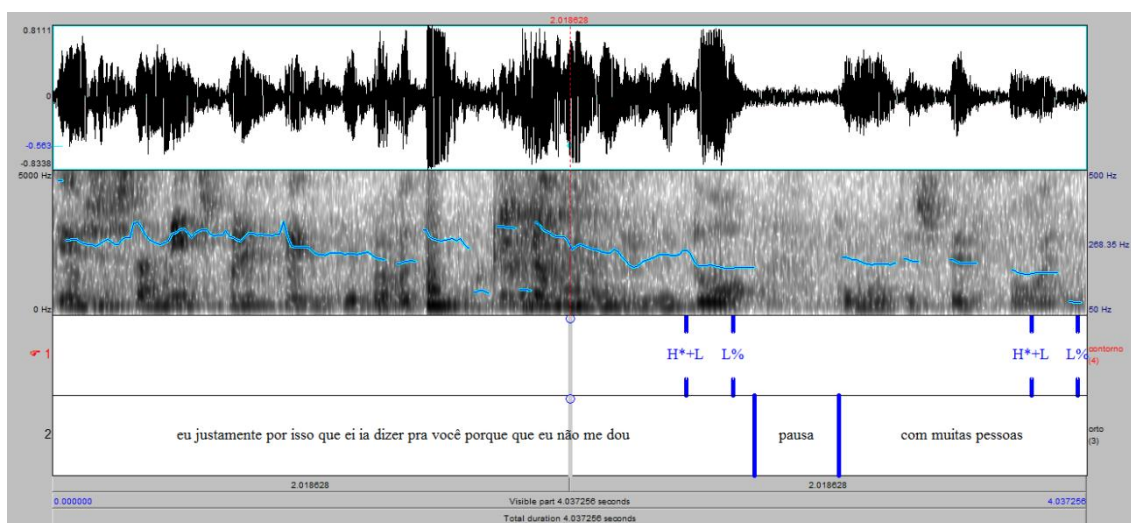
E as medidas seguem a tendência de apresentar a F0 média mais alta na unidade introdutora e a GV mais alta na unidade reportada. Vejamos as duas UCs.

CAII2

L2: é a pior que existe... é a pior... quer dizer... então... por exemplo... se você se dá com alguém que está feliz... contente... com a classe média alta... e... você... não está... está naquela de querer pisar na classe rica... então há choque... não consegue... **eu justamente por isso que**

eu ia dizer pra você porque que eu não me dou com muitas pessoas... entendeu... tinha um grupo de amigos... então deixei de me dar e isso não quer dizer que eu... sou muito contente com a minha classe média não... eu quero...

AII menciona algumas questões relacionadas a classes sociais. A falante afirma que, devido ao fato de algumas pessoas quererem sempre ascender de classe, ela tem problemas em se relacionar.



Tela 12: unidade CAII2



controle AII2.wav

A unidade CAII2 não apresenta ênfase. Há uma pausa de 329 ms, sinalizando, nas UCs dessa falante, uma fala mais pausada. Dividida em dois sintagmas entoacionais, ambos apresentam tom de fronteira L%. O segundo sintagma entoacional vem para completar a ideia do primeiro. A média de F0 dessa unidade é de 248 Hz e a GV é de 278 Hz.

CAII3

L2: [

é... justamente por isso é que a gente procura... é...

L1: [

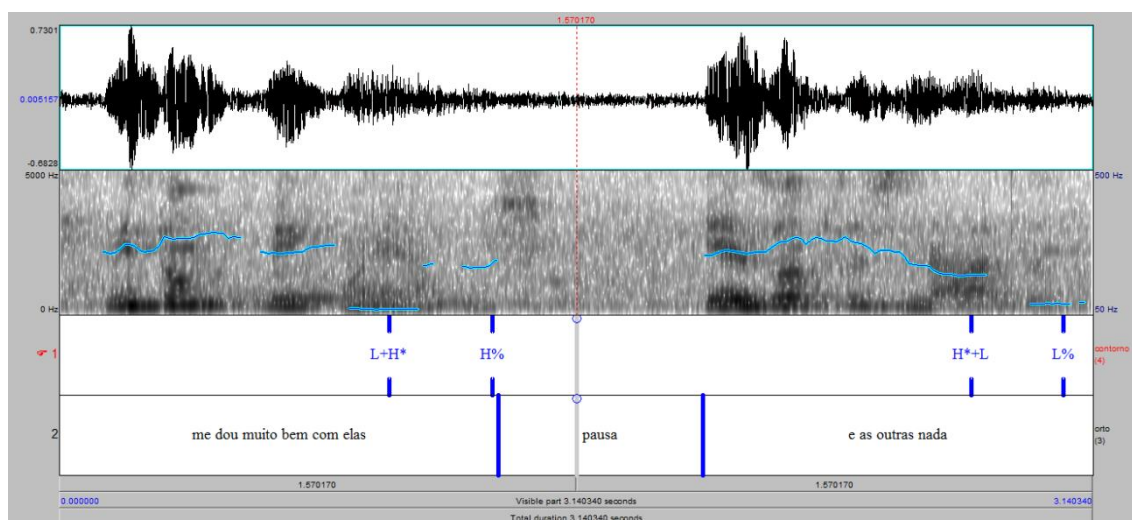
() procurar pessoas () afinidade em primeiro lugar né?

L2: principalmente...

L1: aí vocês não vão sentir tanto vazio nos lugares... quer dizer... vocês vão ter muito mais interação com as pessoas...

L2: hum-hum... claro... é o que eu sinto... eu... umas amigas que eu tenho que não são israelitas sabe eh... a maioria é católica mesmo... **me dou muito bem com elas... e as outras nada...** nem se consegue...

AII se refere a amigas que não são israelitas. Segundo ela, a questão da religião interfere nas relações interpessoais, uma vez que a falante não convive bem com todas as amigas.



Tela 13: unidade CAI13



controle AII3.wav

Essa unidade também não apresenta ênfase. Há novamente uma pausa, de 621 ms, que divide a unidade em dois sintagmas entoacionais. O primeiro deles se encerra com um tom de fronteira alto H%. Uma vez que entendemos a segunda unidade como dependente à primeira, em termos nocionais, torna-se compreensível o tom alto, frequente em sintagmas em continuidade. A média de F0 foi de 236 Hz e a GV foi de 229 Hz.

Continuemos a análise agora discutindo as ocorrências do segundo diálogo, iniciando com a falante BI.

6.1.3 FALANTE BI

Construções de DR

A falante BI produziu 39 ocorrências de DR. A média de duração das construções dessa falante foi de 4 s. Observemos a tabela na próxima página:

Const.	ênf un 1	ênf un 2	Pausa (ms)	T% un 1	T% un2	F0 M un1 (Hz)	F0 M un2 (Hz)	GV un1 (Hz)	GV un2 (Hz)
BI1				H%	H%	230	212	294	392
BI2		x		L%	H%	185	220	215	255
BI3		x	186	L%	H%	178	288	51	170
BI4		x		L%	L%	163	236	31	420
BI5		x		L%	L%	313	273	309	433
BI6		x		H%	L%	376	358	182	316
BI7		x		L%	L%	182	222	181	336
BI8		x	347	L%	L%	190	220	363	353
BI9				H%	L%	245	282	239	254
BI10				L%	H%	228	273	304	370
BI11		x	163	L%	L%	183	178	310	157
BI12	x			H%	L%	219	216	259	231
BI13		x	519	L%	L%	282	206	268	391
BI14			408	L%	H%	224	205	170	301
BI15		x		H%	L%	377	253	104	392
BI16		x	243	H%	H%	237	178	247	308
BI17		x		H%	H%	292	243	359	401
BI18			484	H%	L%	182	233	323	402
BI19			597	H%	H%	241	222	439	394
BI20			316	L%	H%	180	225	117	404
BI21			126	L%	L%	192	182	413	319
BI22				L%	L%	202	222	413	229
BI23		x	392	L%	H%	146	240	119	300
BI24			358	H%	L%	162	222	65	394
BI25		x	351	L%	L%	276	246	397	442
BI26				L%	H%	270	249	433	331
BI27		x	299	L%	H%	144	248	398	367
BI28		x		L%	H%	193	232	133	238
BI29				L%	L%	185	169	177	243
BI30	x	x		L%	H%	183	219	363	132
BI31		x	371	L%	L%	162	314	35	432
BI32				L%	H%	170	114	17	149
BI33				L%	L%	197	201	405	389
BI34	x		957	L%	L%	231	171	384	177
BI35				L%	L%	247	235	93	351
BI36				H%	H%	195	186	369	298
BI37		x		H%	H%	296	262	311	377
BI38				L%	H%	291	244	336	418
BI39				L%	H%	213	163	377	371

Tabela 10: mapeamento entoacional das construções de DR da falante BI

A partir do mapeamento entoacional, discutiremos inicialmente o uso que a falante faz da ênfase. Das 39 ocorrências, 19 tiveram algum tipo de proeminência, desde elevação da F0 e alongamento até silabação e mudança na qualidade de voz. O estilo bem humorado da falante faz com que algumas vezes ela reporte a fala do outro “sorrindo”.

Foram marcadas 16 pausas entre as unidades introdutoras e reportadas. A menor pausa foi de 126 ms, e a maior, de 957 ms. Vale a pena ainda acreditar na pausa como um elemento que tende a aparecer em construções de DR, mesmo que seja somente em alguns tipos construcionais em específico.

O tom de fronteira baixo continua a ser tendência, principalmente na unidade 1. Foram 27 ocorrências do L% na unidade introdutora, contra 20 ocorrências na unidade reportada. Adiante detalharemos alguns exemplos.

Quanto às medidas, embora a diferença não tenha sido muito alta, a média de F0 persiste em se mostrar mais alta na unidade 1. E a GV segue apresentando um número muito maior de ocorrências em que a medida é mais alta na unidade 2.

Seguem os resultados relacionados às unidades controle.

Unidades Controle

As seis unidades controle selecionadas para essa falante apresentam uma média de duração de 2 s. Abaixo apresentamos as informações na tabela.

Unid. Controle	ênfase	Pausa	T%	F0 média	GV(Hz)
BI1	x	255	L%	198	265
BI2			L%	201	379
BI3			L%	223	260
BI4			L%	285	304
BI5			L%	219	273
BI6		416	L%	186	188

Tabela 11: mapeamento entoacional das unidades controle da falante BI

Segundo ilustra a tabela, somente em uma unidade houve ênfase. Como vem ocorrendo com as falantes anteriores, as ênfases estão se mostrando características mais frequentes nas unidades reportadas.

Duas unidades tiveram pausas, uma de 255 ms e a outra de 416 ms. A pausa, por sua vez, tem se apresentado mais como uma característica particular de cada falante.

Nas seis unidades controle, os tons de fronteira foram o L%, antecidos pelo *pitch accent* H*+L. Tal resultado permite associar o movimento à fala neutra.

A partir da média obtida das medidas de F0 média e de GV, podemos constatar que as UCs apresentam uma média mais baixa do que as encontradas nas construções de DR. Tal resultado vem se repetindo com todas as falantes.

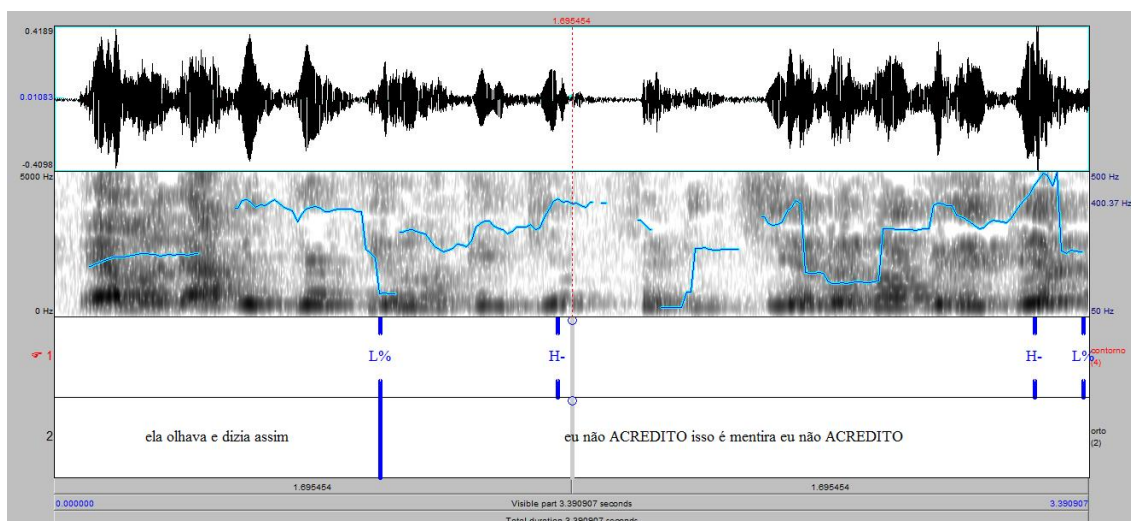
Selecionamos cinco construções de DR e duas unidades controle da falante BI para comentar e discutir as telas da análise acústica.

Exemplos de análises acústicas

BI5

L1: a descida na lua acompanhamos... acompanhamos e aqui em casa aconteceu a coisa mais interessante do mundo... nós vendo... assistindo... todos assistimos aqui a hora que o homem desceu na lua... e eu chamei minha empregada e a filha dela... que tinha nessa época... eu acho que uns quinze ou dezesseis anos... sei lá... não me lembro... e ela veio e olhou e ficou... e eu dizendo a ela... "olha () fantástico" porque aqui da janela nós víamos a lua... e nós chegamos na janela e víamos a... olhávamos a lua... então eu dizia "é incrível o que a gente tá vendo"... até hoje eu me arrepio com isso... "que a gente tá vendo a lua ali... e na televisão tá vendo o homem descendo nela né?" **ela olhava e dizia assim... "eu não acredito... isso é mentira eu não acredito...** não havia ninguém que fizesse ela acreditar"...

A falante BI está, nesse momento do diálogo, lembrando o dia em que o homem desceu à lua. Esse trecho conta com uma série de DRs. A falante explica que chamava a atenção de sua empregada e da filha da empregada para o fenômeno que estava ocorrendo: da janela elas viam a lua, e na televisão era transmitido o homem pisando o satélite. O trecho em negrito remonta à reação incrédula da empregada diante do que a patroa dizia. A moça não acreditava que o homem caminhava mesmo na lua. Abaixo, a tela gerada:



Tela 14: Construção B15



eu nao acredito.wav

BII produz duas ênfases nas duas vezes em que pronuncia “acredito”. O primeiro “acredito” tem uma duração de 612 ms e uma F0 no ponto mais alto de 412 Hz. O segundo dura 670 ms e a F0 mais alta é de 498 Hz. Esse é percebido como mais enfático, de maneira que a falante praticamente fala a palavra sorrindo ao repetir a resposta da empregada.

Não houve pausa, e os dois tons de fronteira foram baixos, após subidas bastante elevadas da F0. Essa é uma construção do tipo DD com verbo *dicendi* em terceira pessoa. Como aconteceu na maioria dos casos, a F0 média foi mais alta na unidade introdutora e a GV, mais alta na unidade reportada.

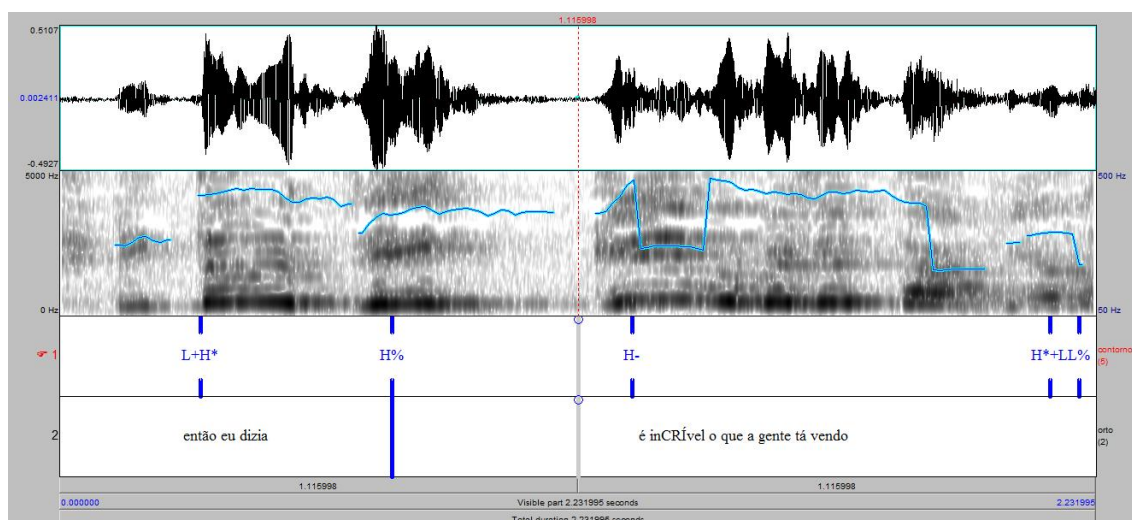
Vejamos o que ocorre em mais uma construção.

BI6

L1: a descida na lua acompanhamos... acompanhamos e aqui em casa aconteceu a coisa mais interessante do mundo... nós vendo... assistindo... todos assistimos aqui a hora que o homem desceu na lua... e eu chamei minha empregada e a filha

dela... que tinha nessa época... eu acho que uns quinze ou dezesseis anos... sei lá... não me lembro... e ela veio e olhou e ficou... e eu dizendo a ela... "olha () fantástico" porque aqui da janela nós víamos a lua... e nós chegamos na janela e víamos a... olhávamos a lua... **então eu dizia "é incrível o que a gente tá vendo"**... até hoje eu me arrepio com isso... "que a gente tá vendo a lua ali... e na televisão tá vendo o homem descendo nela né?" ela olhava e dizia assim... "eu não acredito... isso é mentira eu não acredito... não havia ninguém que fizesse ela acreditar"...

Como se pode notar, a construção BI6 está inserida no mesmo trecho da construção anterior. Abaixo, a tela do PRAAT:



Tela 15: Construção B16



e incrível o q a gnt ta vendo.wav

Novamente, há uma ênfase na unidade reportada. Ela é percebida juntamente com uma elevação de F0 e um alongamento na sílaba “crí” de “incrível”. Diferente do comportamento geral, a unidade introdutora se encerra com um tom de fronteira alto.

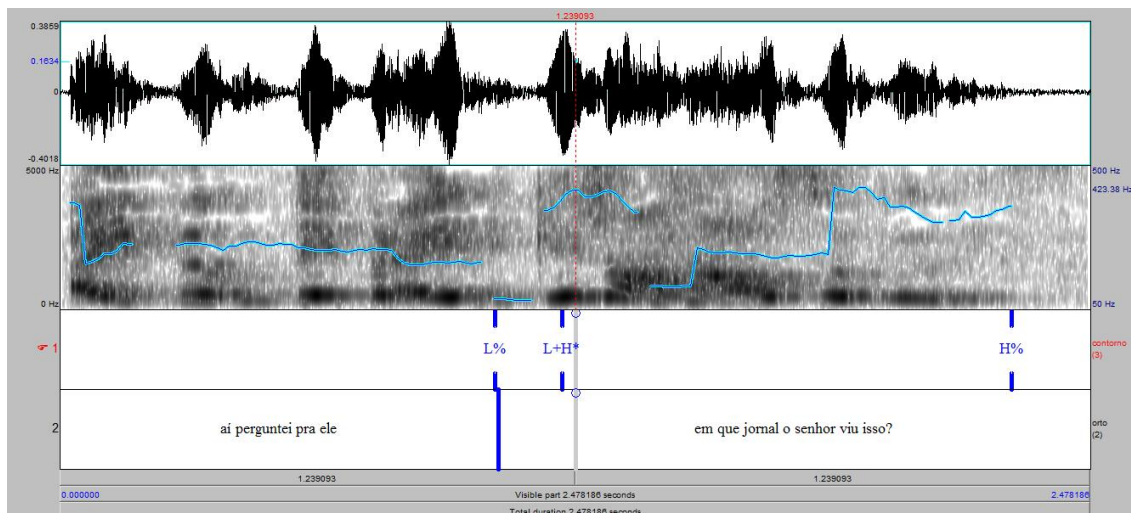
A construção, tipologicamente, é a mais prototípica: DD com verbo *dicendi*. Esse é mais um caso de autocitação em que a falante, de alguma forma, marca o DR.

Além disso, as medidas também seguem o padrão: média de F0 mais alta na unidade 1 e GV mais alta na unidade 2.

BI10

L1: a Revolução foi em sessenta e quatro... () aí... é... () em Nice () chofer... coisa mais engraçada sabe... que o chofer veio nos buscar... que nós tínhamos transporte né? então o chofer veio nos buscar... e disse... "você são brasileiros?" ... "somos" aí ele disse... "cassaram hoje o presidente do Brasil"... aí nós... "presidente do Brasil? mas como é que pode?" () perguntar pra ele... "mas como é que foi? quem é? quem não é? mas que presidente é esse que cassaram?" aí ele disse... "é um paulista"... eu disse "ai... isso tá me cheirando a Ademar de Barros"... eu disse ao J. "isso é o Ademar de Barros"... eu disse ao J. "isso é o Ademar de Barros"... **eu perguntei pra ele... "em que jornal o senhor viu isso?"**... "no Nice Soir"... tá bom...aí nós entramos... no avião... (pra nos transportar)... vem () "quer jornal?" "quero Nice Soir"... olha que eu suei pra encontrar a notícia... era pequenininha... num cantinho... notícias internacionais... notas internacionais... tava lá... que tinha sido cassado... tal... governador Ademar de Barros... de São Paulo... a revolução tinha cassado a ele... uma coisinha mínima... insignificante... eu não sei... aquele devia ... acompanhar o mundo então ele viu... e veio nos contar... mas se não fosse aquilo nós passávamos... nós chegávamos no Brasil com essa surpresa... porque... não... não dava pra ver nada...

Como se pode notar, esse é um trecho com alguns casos de DR. A falante BI está relatando uma passagem ocorrida com ela e o marido em uma viagem que fizeram a Nice, na França. No episódio narrado, o casal brasileiro fica sabendo da cassação do presidente da república por meio de um taxista. Na construção em destaque, a falante se autorreporta para lembrar que questionou o rapaz do táxi sobre o jornal em que ele havia lido a notícia. Nesse e em outros exemplos do diálogo B, é importante registrar que, na realidade, as construções de DR são traduções do que de fato foi falado e ouvido. Isso porque as cenas reportadas foram vividas em viagens internacionais realizadas pelos falantes, em que provavelmente se comunicavam em língua estrangeira. Então, infere-se que ao reproduzir as interações, os falantes traduzem os diálogos. Isso fundamenta a premissa de que o DR é sempre, se alguma forma, reconstruído. Segue a tela da análise acústica:



Tela 16: Construção BI10



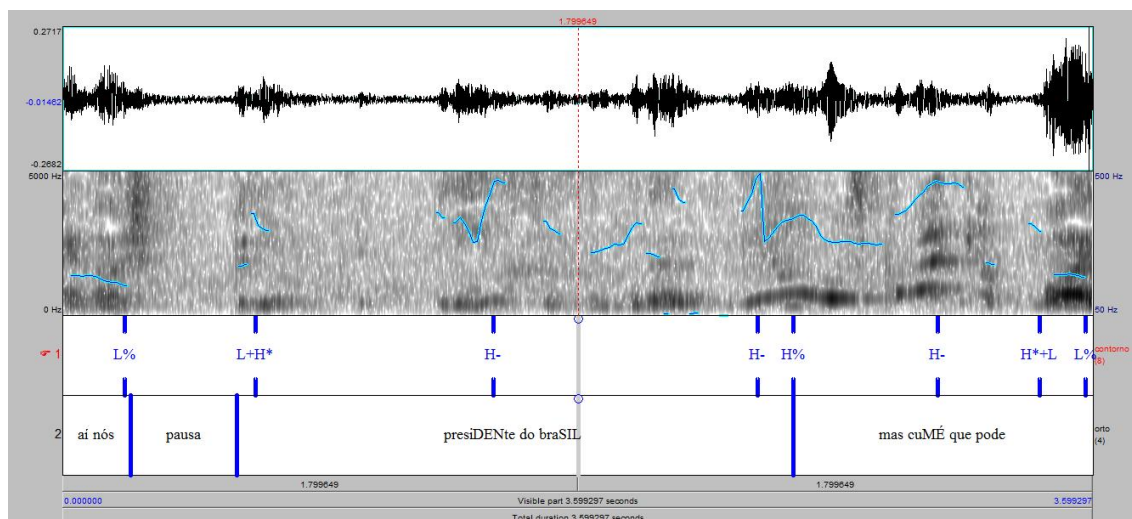
em que jornal.wav

A contrução BI10 não apresentou ênfase, nem pausa. Os tons de fronteira podem ser considerados previsíveis: o L% na unidade 1, que vem sendo considerado padrão, e o H% na unidade 2, levando-se em conta que a unidade trata de uma pergunta claramente pontuada. O tipo construcional também é prototípico, ou seja, é o DD com verbo *dicendi*, em terceira pessoa. A média de F0 e a GV são mais altas na unidade reportada.

BI31

L1: a Revolução foi em sessenta e quatro... () aí... é... () em Nice () chofer... coisa mais engraçada sabe... que o chofer veio nos buscar... que nós tínhamos transporte né? então o chofer veio nos buscar... e disse... "você são brasileiros?" ... "somos" aí ele disse... "cassaram hoje o presidente do Brasil"... **aí nós... "presidente do Brasil? mas como é que pode?"** () perguntar pra ele... "mas como é que foi? quem é? quem não é? mas que presidente é esse que cassaram?" aí ele disse... "é um paulista"... eu disse "aí... isso tá me cheirando a Ademar de Barros"... eu disse ao J. "isso é o Ademar de Barros"... eu disse ao J. "isso é o Ademar de Barros"... eu perguntei pra ele... "em que jornal o senhor viu isso?"... "no Nice Soir"... tá bom...aí nós entramos... no avião... (pra nos transportar)... vem () "quer jornal?" "quero Nice Soir"... olha que eu suei pra encontrar a notícia... era pequenininha... num cantinho... notícias internacionais... notas internacionais... tava lá... que tinha sido cassado... tal... governador Ademar de Barros... de São Paulo... a revolução tinha cassado a ele... uma coisinha mínima... insignificante... eu não sei... aquele devia ... acompanhar o mundo então ele viu... e veio nos contar... mas se não fosse aquilo nós passávamos... nós chegávamos no Brasil com essa surpresa... porque... não... não dava pra ver nada...

Ainda com relação ao momento anterior, a falante reporta a resposta imediata que ela e o marido deram ao taxista. Por meio de um comportamento mimético, a falante reproduz na voz a surpresa que eles tiveram ao receber a notícia. Abaixo, a tela:



Tela 17: Construção B131



presidente do brasil.wav

A construção BI31 é do tipo discurso direto sem verbo *dicendi* em primeira pessoa, comum em uma sequência narrativa repleta de diálogos como é o caso. A informação pragmática nos permite facilmente preencher a lacuna com um verbo *dicendi*.

A pausa de 371 ms separa as duas unidades. A unidade introdutora tem uma duração pequena e se encerra com tom de fronteira L%.

A unidade reportada é dividida em dois sintagmas entoacionais, cada um contendo ênfases. A primeira se percebe com uma elevação da F0 na sílaba “den”, de “presidente”, e a segunda em “sil”, de “brasil”, – essa apresenta o ponto de F0 mais alta de toda construção, com 492 Hz.

Esse primeiro sintagma entoacional da unidade 2 se encerra com um tom alto, associado à continuação com o comentário. A ênfase do segundo sintagma recai em

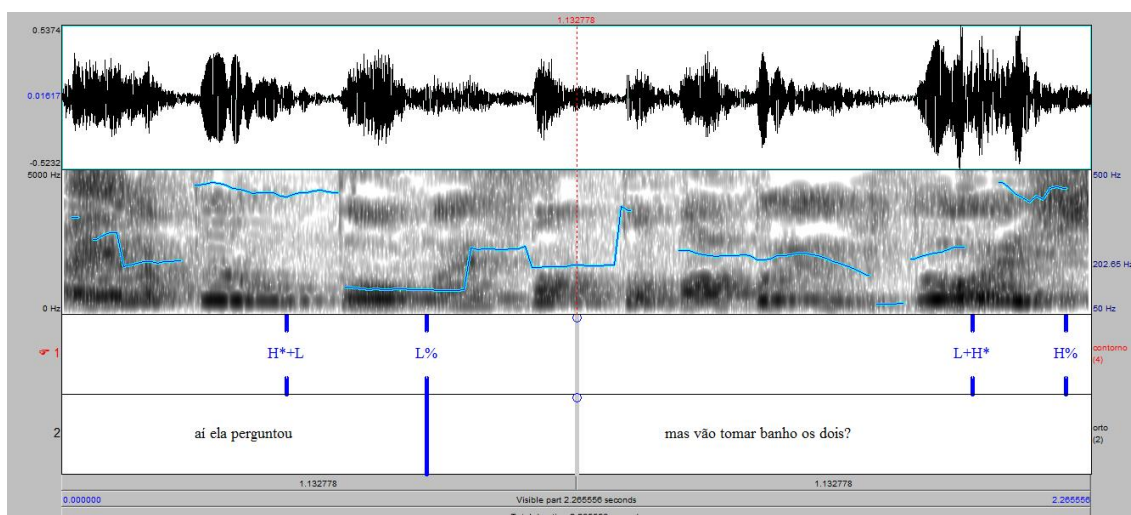
“mé”, de “cumé”. Surpresa e desconfiança são duas atitudes transmitidas na fala reportada de BI. Construções como essa nos levam a suscitar a hipótese de que as autocitações sejam as que mais apresentem um caráter mimético, pelo menos para essa falante. Isso contraria o que sugeriu Rocha (2004), ao afirmar que falantes utilizam mais recursos melódicos no DR na caricatura de terceira pessoa.

A unidade reportada se encerra com o tom de fronteira L%. Na unidade 2 se encontram tanto a F0 média mais alta, como a GV mais alta.

BI38

L1: ai que cheiro hoRRÍvel... nem queira saber... e elas não tomavam banho () e não tomavam mesmo... bem de vez em quando... eu tenho uma prima que morou na Bélgica... e... e... dois anos... então ela teve inverno... verão... todas as estações né? e faziam a concessão dela tomar banho todo dia no verão... era uma concessão porque ela era brasileira... a família do marido dela que é belga... então ela podia tomar banho todo dia porque ela era brasileira mas eles tomavam banho de três em três dias... imagina... verão... de modo que... daí é um negócio que não dá nem pra nós entendermos... eu tenho um primo também... até já falecido... morreu lá em Paris mesmo... mas ele foi pra lá no verão... e no verão ele tomava... uma vez... catorze de julho ele disse que fez um caLOR... mas um calor terrível... e ele () ele acordou tomou um banho e elas mudam a a toalha de banho cada vez que você usa ou então quando não seca você tem que pedir outra né? então ele tomou cinco banhos... aí ele ficou conhecido... o brasileiro que toma tantos banhos... ele pedia outro... outro... outra toalha de banho porque morria de calor e ficava indignado... conosco em Paris também aconteceu uma coisa muito engraçada... quando nós chegamos... tinha uma toalha... de banho não é... e uma toalha de rosto... aí eu pedi à mulher... **aí ela perguntou... "mas vão tomar banho os dois?"**... verão... eu disse "vamos... tomar banho sim... como que não vamos tomar banho?"... aí ela disse... "mas os dois vão tomar banho hoje?"... "mas é lógico... por favor traz porque nós vamos tomar banho"... aí eu ainda disse pra ela "nós somos brasileiros... temos tradição de tomar banho todo dia"... então ela trouxe uma toalha de banho... porque ela achou que ela trocando de toalha a cada dia... um tomava um dia... outro tomava outro dia... ()...

BI aqui também revive uma das histórias de viagens à Europa com o marido. Nesse trecho, o assunto é a fama dos europeus não serem acostumados a tomar banho todos os dias. Então, ela relembra um fato ocorrido em Paris, quando, em um hotel, ela teve que pedir toalha, pois só havia uma toalha de banho disponível. A falante, então, reporta o discurso da funcionária do hotel questionando-a se BI e o marido iriam tomar banho no mesmo dia. Abaixo, a tela é mostrada:



Tela 18: Construção BI38



tomar banho os dois.wav

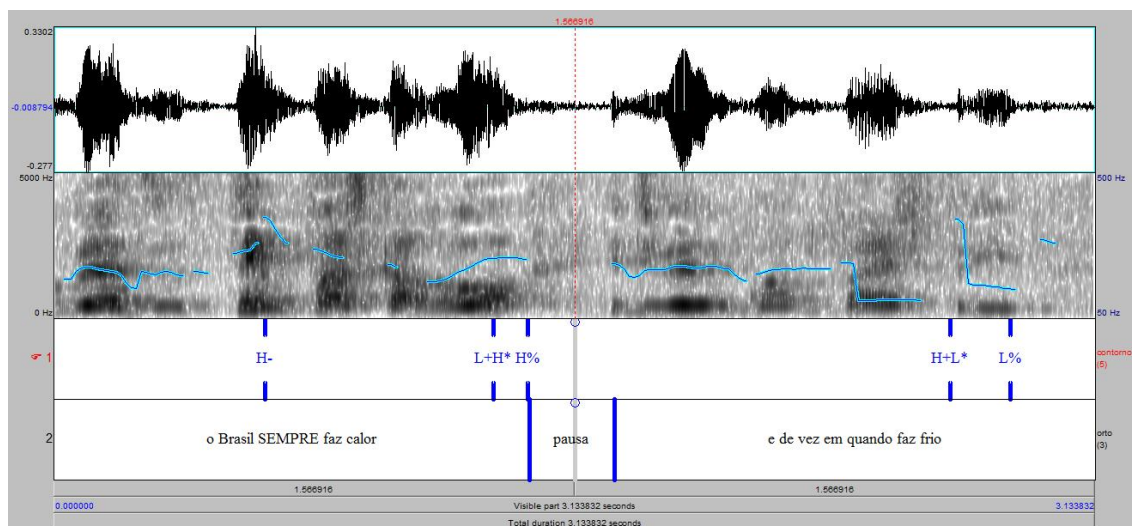
A construção não apresenta pausa, nem ênfase. Os tons de fronteira são previsíveis, visto que foi encontrado o L% na unidade introdutora e o H% na unidade reportada, tratando-se de uma questão.

As medidas também, conforme o que registramos no primeiro diálogo, são as prototípicas, uma vez que a média de F0 mais alta foi a da unidade 1 e a GV mais alta, a da unidade 2. A construção é do tipo DD com verbo *dicendi* “perguntar”, em terceira pessoa.

CBI1

L1: um clima horrível... eu tenho a impressão de que:... a Europa é exatamente... o inverso do Brasil... e que lá sempre faz calor... e de vez/ sempre faz frio... e de vez em quando faz calor... **o Brasil sempre faz calor e de vez em quando faz frio...** então essa diferença de tempe/ de... de... estação... que eles dizem que existe () muito marcante... existe porque há neve... porque... né? você não acha? porque há neve... porque mas e no verão lá não há neve... mas... não que o verão faça calor... como nós temos () ...

Como mostra esse trecho, o principal assunto desse diálogo foi as viagens do casal. Nesse momento, eles falam especificamente sobre as diferenças de temperatura entre o Brasil e a Europa. Segue a tela com a análise acústica:



Tela 19: unidade CBI1



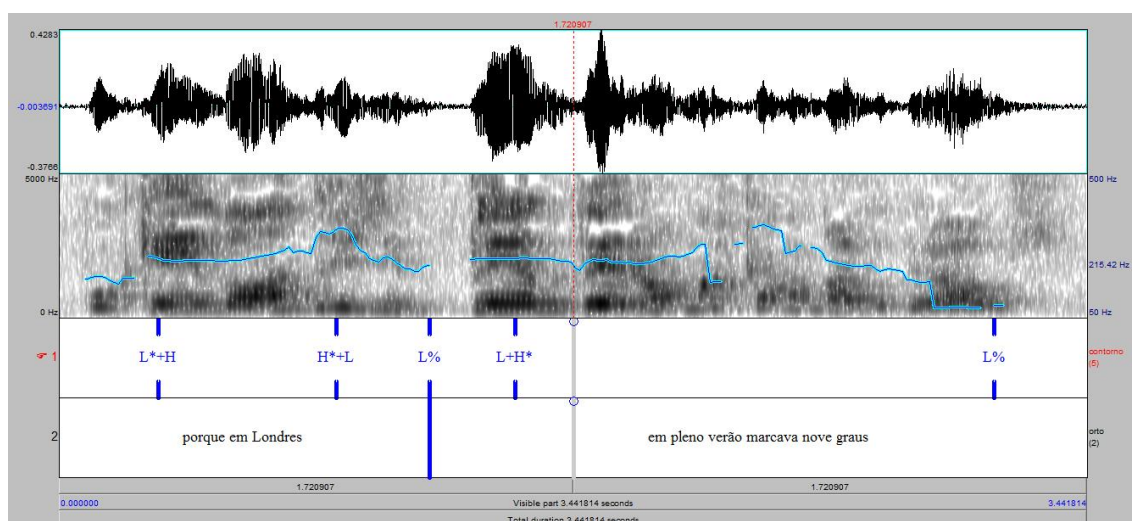
controle BI1.wav

Essa foi a única UC da falante BI em que notamos a presença de ênfase. Quando a falante pronuncia “sempre”, temos o momento de F0 mais alta (361 Hz). Há uma pausa de 255 ms, que divide a unidade em dois sintagmas entoacionais. O tom de fronteira é o L%, como em todas as outras unidades controle. Por fim, a F0 média é de 198 Hz e a GV é de 265 Hz.

CBI3

L1: as características próprias que eu ache/ que eu disse há... há pouco... que... no inverno neva... então faz um frio intenso... intensíssimo... agora pra nós... vamos no verão lá um... é como é mais frio que o nosso inverno... **porque em Londres em pleno verão marcava nove graus...** em Liverpool marcava sete graus... no verão... intenso deles... agora... pra eles era...

Mais um trecho percorrido sobre o clima europeu. A unidade em destaque, em específico, trata da temperatura marcada em Londres.



Tela 20: unidade CBI3



controle BI3.wav

Nesse caso, em vez da pausa, uma queda da F0 marca uma fronteira baixa entre os dois sintagmas entoacionais que constituem essa UC. Não há ênfase, e o tom de fronteira é o L%. A F0 média é de 223 Hz e a GV é de 260 Hz. Seguimos com a descrição dos dados do nosso último falante.

6.1.4 FALANTE BII

Construções de DR

O único falante homem dos dois diálogos foi o que menos produziu construções de DR. Um estudo prospectivo poderia averiguar se há uma tendência em mulheres reportarem mais as falas alheias do que os homens.

BII apresentou nove ocorrências de DR. Um detalhe importante que merece ser comentado é que, no diálogo B, os falantes são um casal. E o marido – BII – é, em

muitos momentos, interrompido pela esposa. Isso pode ser explicado em razão de BII falar de um modo muito lento e pausado, o que abre caminhos para BI completar suas respostas à documentadora, havendo, assim, muitas sobreposições de vozes.

A média de duração das construções de BII foi a mais alta, de 4 s, o que é compatível com a ideia de ele demorar mais para completar seus enunciados. Abaixo, observemos a tabela com os dados desse falante:

Const.	ênf. un 1	ênf. un 2	Pausa (ms)	T% un 1	T% un2	F0 un1 (Hz)	F0 un2 (Hz)	GV un1 (Hz)	GV un2 (Hz)
BII1				H%	L%	170	122	325	407
BII2				H%	L%	98	129	23	414
BII3		x		H%	H%	172	153	278	283
BII4				H%	L%	280	140	296	359
BII5		x		L%	L%	128	212	366	395
BII6		x		L%	H%	162	148	113	398
BII7				L%	L%	199	151	387	354
BII8				L%	H%	114	130	54	323
BII9	x			H%	L%	152	244	388	391

Tabela 12: mapeamento entoacional das construções de DR do falante BII

Foi notada a presença de ênfase em três unidades reportadas e somente uma ênfase em uma unidade introdutora. Na exposição das telas de análise, ilustraremos como a ênfase foi utilizada.

Uma importante observação com relação à pausa deve ser feita. Embora o falante não tenha feito nenhuma pausa entre as unidades 1 e 2, por outro lado em seis, das nove construções, há pausa durante as unidades, principalmente nas unidades reportadas. Foi, realmente, possível perceber a característica pausada da fala de BII.

Diferentemente das três outras falantes, BII apresentou, na maioria das construções, um tom de fronteira H% encerrando as unidades introdutoras. Esse tom alto pode ter alguma relação com a manutenção do turno conversacional, já que na cena interacional, ele, muitas vezes, perde a vez de falar. Conservar o tom alto para encaixar a fala reportada pode evitar a brecha para a esposa.

Já nas unidades reportadas, a maioria dos tons de fronteira foi L%. Quanto às medidas, mantém-se a tendência de as médias de F0 serem mais altas na unidade introdutora e das GVs serem mais altas na unidade reportada.

Faremos, em seguida, alguns comentários sobre as unidades controle.

Unidades Controle

As seis UCs escolhidas tiveram uma duração média de 2 s. Segue a tabela:

Unid. Controle	ênfase	Pausa	T%	F0 média	GV(Hz)
BII1			H%	164	330
BII2			L%	112	88
BII3	x	321	H%	134	130
BII4		663	L%	158	315
BII5			L%	144	269
BII6			H%	125	108

Tabela 13: mapeamento entoacional das unidades controle do falante BII

Dentre as UCs, houve uma em que se notou a marcação de uma ênfase. Esse caso será apresentado adiante. Das seis unidades, duas tiveram pausas, uma de 321 ms e outra de 663 ms.

No que diz respeito aos tons de fronteira, três unidades apresentaram o tom L%, e três, o tom H%. E as medidas em Hz possuem uma média muito mais baixa do que as apresentadas nas construções de DR.

Selecionamos três construções de DR e duas unidades controle do falante para expor e analisar as telas do programa PRAAT.

Exemplos de análises acústicas

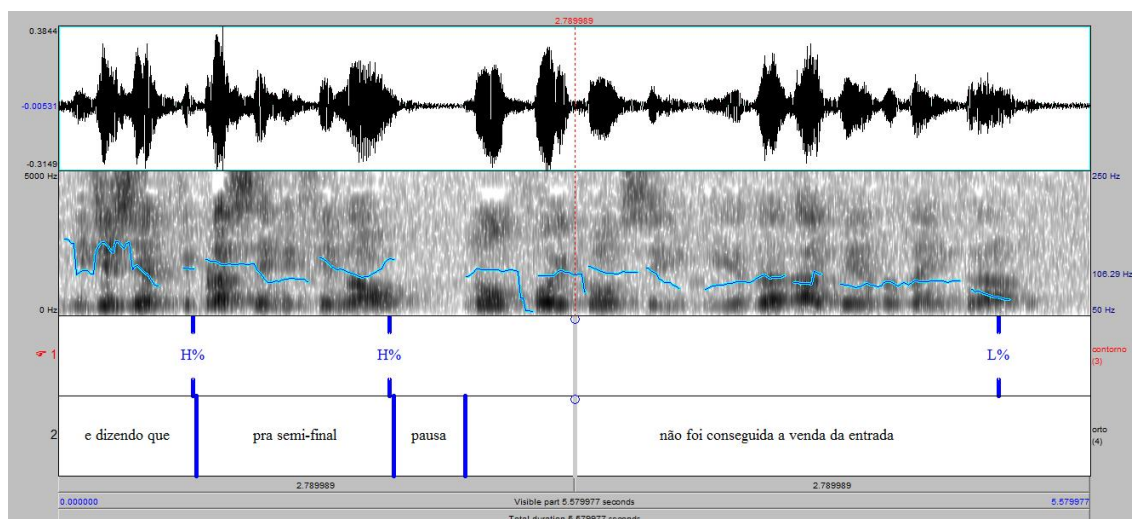
BII1

L2: porquanto... tendo o Brasil sido eliminado... "o que que eu vou ficar fazendo aqui em Londres? não me interessa ver jogo mais nenhum"... que se viu? entreguei... fui a uma agência... entreguei as entradas que tinha... que estavam ainda () da final e da semi-final e disse "aqui está... se vocês conseguirem vender isto... muito bem vendam... meu endereço no Brasil está aqui... é esse... um ou dois meses depois... eu estou aqui no Brasil... recebo... uma telefonema... da... uma agência de turismo aí qualquer que tem correspondentes lá em Londres... e diziam... me convidando a comparecer lá... porquanto... fui lá... () e tinha uma notinha lá de vinte libras... a minha espera...

L1: eles venderam a mais...

L2: e venderam... a minha entrada final... que havia me custado... aqui no Brasil... naquela ocasião... três ou quatro libras... eles haviam vendido por vinte libras... então estavam me mandando aquela nota... **e dizendo que pra semi-final não foi conseguida a venda da entrada**... estavam me devolvendo também... a entrada da semi-final pra comprovar que não haviam vendido...

BII explana sobre a organização e a honestidade dos ingleses quando se recorda de que deixou os ingressos da final e da semifinal da copa do mundo, em uma agência inglesa, para serem vendidos. Tempos depois, BII recebeu o dinheiro da venda dos ingressos da final, conforme combinado e, ainda, teve de volta a entrada da semifinal, sendo justificado que essa não havia sido vendida. Abaixo, a tela do PRAAT:



Tela 21: Construção BII1



a venda da entrada.wav

Não houve ênfase, nem pausa na transição da unidade introdutora para a reportada. Tal transição se mantém alta, com a descida da F0 ao final do enunciado. A unidade reportada foi dividida em dois sintagmas entoacionais: “pra semi-final” e “não foi conseguida a venda da entrada”.

As medidas de F0 dessa construção se encaixam no padrão: F0 média mais alta na unidade introdutora e GV mais alta na unidade reportada. BII1 é do tipo DI, com a presença do complementizador “que” e em terceira pessoa.

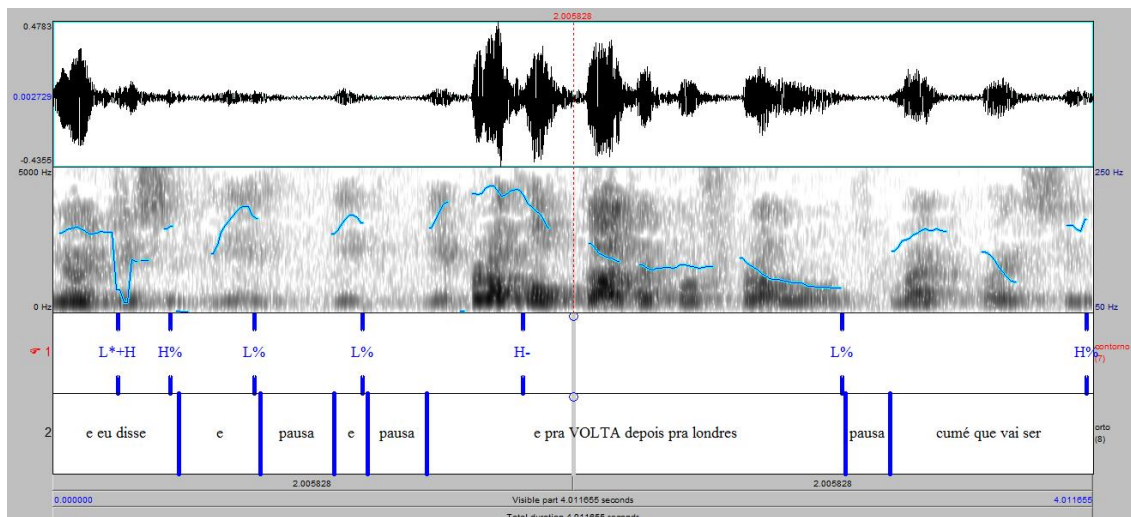
BII3

L2: "de chamar o guarda"... então ela chamou um guarda... relatou o que tinha acontecido... e eu disse... "bom o que mais me aborrece é que eu estava com... os ingressos... as entradas do futebol... e também... a passagem de volta... de trem"... porque nós estávamos hospedados em Londres... e o jogo era em Liverpool... no trem especial () retorno a Londres... aí o guarda disse... "tá tudo bom... quanto a isso não há o menor problema... os senhores... nós lhes colocaremos () qual é a sua cadeira? nós vamos até os estádio... e lá lhe colocaremos"...

L1: e nos levaram na rádio-patrolha...

L2: e nos levaram na rádio-patrolha direitinho... **e eu disse...** "e pra voltar depois pra Londres? como é que vai ser?"... ()... "não há problema também... às tantas horas... estaremos na estação... o senhor nos espera lá"...

BII relata o episódio em que foi assaltado na Inglaterra. O casal teve que descer do ônibus que o levaria até o estádio para assistir ao jogo de futebol. Isso porque, devido ao assalto, ele estava sem a carteira e sem os ingressos, inclusive. Foi quando uma inglesa, que presenciou toda a cena, chamou os policiais. Quando o casal foi conduzido ao estádio pelo guarda, BII questionou como ele faria para retornar a Londres, onde estava hospedados. A tela gerada com a análise é a seguinte:



Tela 22: Construção BII3



e pra voltar depois pra londres.wav

Essa é uma construção que retrata satisfatoriamente muitas das falas de BII. Como se pode perceber, trata-se de uma fala bastante fragmentada e longa. A unidade 1 apresenta o tom de fronteira H%, e a unidade reportada inicia-se com uma hesitação do falante. Nesse momento, temos a maior pausa da construção, de 284 ms.

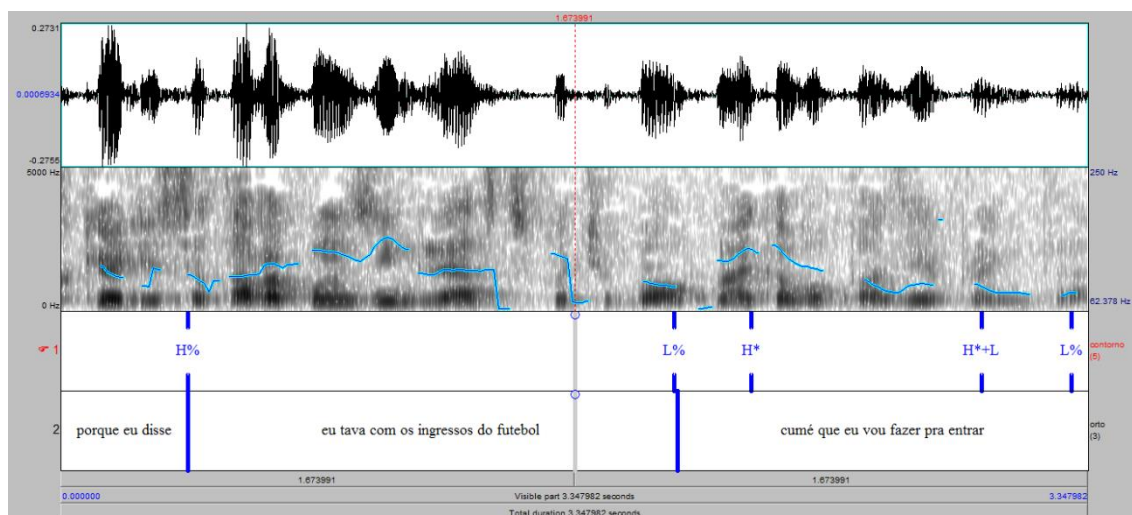
Há uma elevação de F0 em “volta”, configurando-se como uma ênfase. Em seguida, o tom L% encerra o sintagma entoacional “e pra volta depois pra londres”. Mais uma pausa é marcada na fronteira que antecede o sintagma entoacional “cumé que vai ser?”, que se encerra com o tom alto H%.

As medidas de F0 mantém o padrão: F0 média mais alta na unidade introdutora e GV mais alta na unidade reportada. A construção é do tipo DD com verbo *dicendi* “dizer”, e em primeira pessoa.

BII4

L2: nós saímos do ônibus... sim... **porque eu disse...** nós estávamos com os ingressos de futebol... "como é que eu vou fazer pra entrar?" ... o estádio já devia estar cheio aquela hora... não havia mais ingresso pra vender à venda... "como é que vamos fazer?" ... aí uma inglesa que estava ali ao lado... disse... "não... mas isso é um desaforo" ... (ficou indignada)...

Esse trecho se refere ao mesmo episódio descrito na construção anterior. Abaixo, segue a tela resultante do tratamento acústico:



Tela 23: Construção BII4



como vou fazer pra entrar.wav

A construção BII4 se categoriza como do tipo DD com verbo *dicendi* “dizer” e em primeira pessoa. Sem pausa, nem ênfase, nota-se na unidade introdutora um tom de fronteira alto, característico das ocorrências desse falante. A unidade reportada se divide em dois sintagmas entoacionais, com fronteiras baixas.

É interessante notar que, mesmo se tratando de uma pergunta, a unidade reportada é produzida com uma queda de F0 ao fim do enunciado, exemplificando um estilo individual de melodia mais baixa.

As medidas em Hz mostram a tendência se confirmando de uma F0 média mais alta na unidade introdutora e uma GV mais alta na unidade reportada.

CBII3

L2: mas não era assim tão tarde também... em Madrid você vê o movimento na... ah... na rua... à noite...

L1: até as nove dez horas da noite...

L2: pois é... mas passou disso...

L1: ah bom...

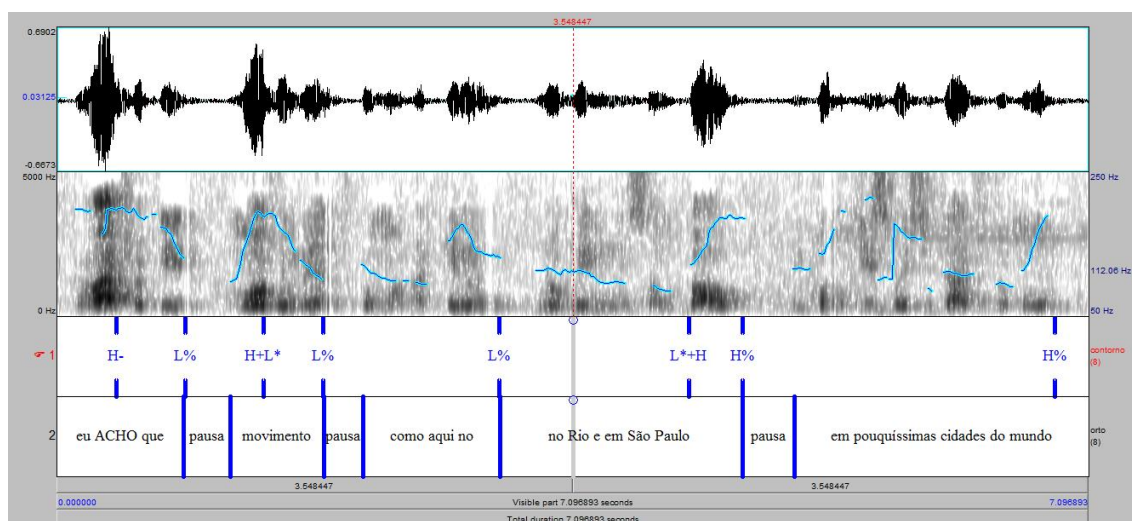
L2: não se vê mais... não se vê mais...

L1: [

isso é verdade...

L2: eu acho que movimento... como aqui no Rio e em São Paulo... em pouquíssimas cidades do mundo...

BII está comentando, nesse trecho do diálogo, sobre as cidades ter ou não movimento noturno nas ruas. E embora esteja respondendo sobre cidades europeias, faz uma comparação com duas capitais brasileiras. Segue a tela do PRAAT:



Tela 24: Unidade CBII3



controle BII3.wav

Marcamos uma ênfase no início da unidade, percebida com uma elevação de F0. Como se pode notar no recorte do diálogo, a esposa interrompe o marido em muitos momentos. A ênfase em “acho” parece marcar a retomada de turno dele e anunciar uma nova informação.

Os três primeiros sintagmas entoacionais se encerram com tons de fronteira baixo, e os dois últimos com tons altos. A percepção ao se ouvir o último é a de que a fala continuaria, o que não acontece. Podemos observar, ainda, que parece faltar o verbo, por exemplo, “existe” no início do último sintagma entoacional.

Das três pausas, a mais longa foi de 321 ms. A F0 média foi de 134 ms e a GV, de 130 ms.

CBII6

L2: o táxi na Europa é uma coisa muito cara... e... depois de uma certa hora (também)...

L1: ()

L2: não o táxi simples...

L1: [

ah bom... o táxi simples... o táxi aumenta ()

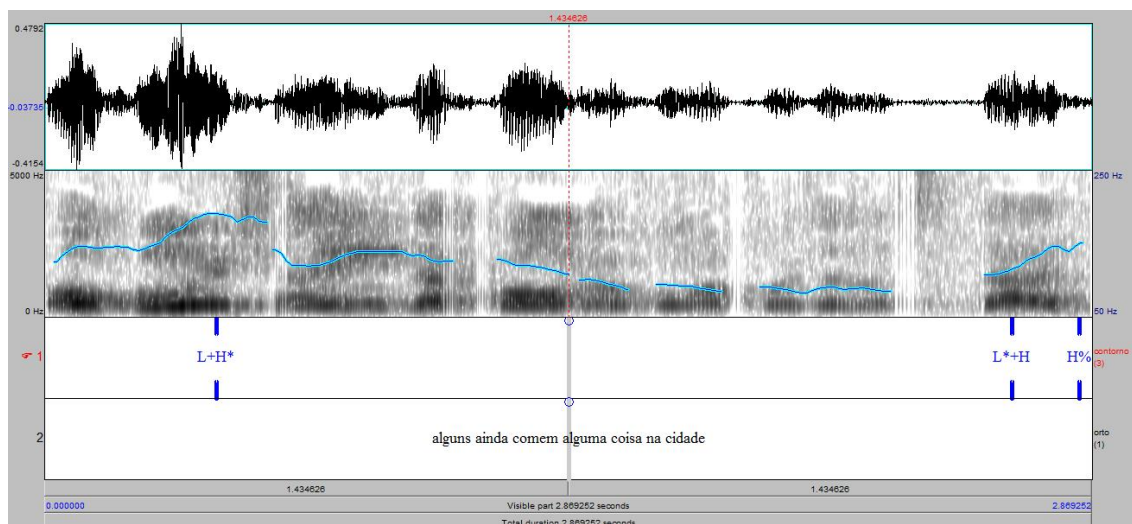
L2: [

()depois de uma certa hora aumenta... o seu preço... e... e o povo... o trabalhador de uma maneira geral é mais o comerciante também... que trabalha nas lojas comerciais e: nos escritórios e etc. ...

L1: ()

L2: terminada aquela hora de trabalho... a aflição deles... é... se mandar diretamente para as suas residências... **alguns ainda comem alguma coisa na cidade**... vão ao cinema... mas os cinemas todos acabam sempre às onze horas...

BII aqui comenta sobre o preço do táxi na Europa e segue observando sobre o hábito dos trabalhadores europeus de saírem de seus empregos e irem imediatamente para casa. Mesmo que saiam para comer, ou para ir ao cinema, não ficam até muito tarde na rua.



Tela 25: Unidade CBII6



controle BII6.wav

A unidade CBII6 não apresenta nem ênfase, nem pausa. O tom de fronteira H% pode ser explicado pela sequência imediata de fala. A média de F0 foi de 126 Hz e a GV, de 108 Hz.

Realizada essa descrição dos resultados encontrados nas análises entoacionais das construções de DR e das UCs de cada falante, partimos agora para uma descrição dos resultados comparados entre os falantes. Assim, buscamos encontrar que aspectos se revelam característicos do DR em si, como um fenômeno discursivo; e que aspectos revelam-se marcas individuais dos falantes.

6.2 ANÁLISE INTERFALANTE

Após a análise isolada de cada falante, cumprimos agora uma discussão mais global. Reiterando, esta análise visa a interpretar que aspectos parecem ser característicos do fenômeno do DR e quais parecem ser característicos do falante individualmente.

Totalizando, foram 92 construções de DR, produzidas pelos quatro falantes, e 24 unidades controle, sendo seis de cada falante. Para facilitar essa discussão, dividiremos a seção em tópicos. Cada tópico dirá respeito a um aspecto prosódico analisado: ênfase, pausa, tom de fronteira, média de F0 e Gama de Variação (GV). E, ainda, a título de ilustração, a seção 6.2.6 tece algumas observações sobre os verbos *dicendi* encontrados nos dados.

6.2.1 Ênfase

O primeiro resultado que merece ser comentado é o de que todos os falantes produziram mais ênfases na unidade reportada do que na unidade introdutora. Tal achado não é difícil de entender visto que as unidades 2 são mais longas e carregam, na maioria das vezes, mais conteúdo informativo.

A tabela com a porcentagem relacionada às ocorrências de ênfase na unidade reportada em todos os falantes é a seguinte:

AI	71%
AII	33%
BI	48%
BII	33%

Tabela 14: comparação interfalante – ênfase

Conforme os números mostram, somente a falante AI apresentou ênfase em grande parte das suas ocorrências. O número pode indicar que, de fato, essa falante marca a fala que é do outro, via ênfase. Entretanto, o mesmo não pode ser atribuído aos outros falantes.

Quanto às UCs, todos os falantes apresentam somente uma ocorrência com ênfase, exceto AII, que não apresentou nenhuma.

Assim, cremos que a ênfase é um aspecto entoacional que se mostrou como característico do falante, e não um traço da construção do DR. Dessa maneira, não podemos assegurar que o DR assume o padrão de possuir ênfase inerente na fala.

6.2.2 Pausa

Embora os falantes tenham produzido pausas em outros momentos do discurso, as pausas que discutimos aqui são as encontradas exatamente entre a unidade 1 e a unidade 2. Tal característica poderia nos ajudar a descrever o momento do encaixe do DR.

No entanto, assim como a ênfase, a pausa se revelou como uma característica do falante e não do fenômeno discursivo. Nas UCs, a pausa aparece aleatoriamente; mas nas construções de DR, no momento do encaixe, são poucas as ocorrências. Segue a tabela:

AI	40%
AII	16%
BI	41%
BII	0%

Tabela 15: comparação interfalante – pausa

Como se nota, as porcentagens são muito pouco significativas, sendo impossível considerar a pausa como um padrão, nem mesmo como uma tendência do DR em geral.

6.2.3 Tom de Fronteira L%

O tom de fronteira L% foi o mais encontrado em nossa análise tanto na unidade 1 como na unidade 2. Por isso, faremos a comparação entre os falantes com o intuito de observar se a fronteira baixa pode ser considerada uma característica do DR.

Abaixo, reproduzimos a tabela com as porcentagens de ocorrência do tom L% correspondentes à unidade 1 – introdutora – e à unidade 2 – reportada:

	Unid 1	Unid 2
AI	71%	56%
AII	83%	75%
BI	69%	51%
BII	44%	66%

Tabela 16: Comparação interfalante: tom L%

Como podemos constatar, a fronteira baixa é uma tendência no encaixe da unidade reportada. Todos os falantes, na maioria das vezes, apresentaram um movimento melódico baixo para inserir a unidade reportada. Lembrando que BII, o falante com menos ocorrências de L% na unidade 1, apresentou como característica o momento do encaixe alto para conseguir continuar sua fala e não ser interrompido pela esposa.

Mesmo a unidade 2, em mais de 50% das ocorrências, apresentou o L%, mas sabemos que a notação desse contorno depende muito da forma e do conteúdo da unidade reportada, que pode ser expressa como pergunta, exclamação, estando em continuidade ou não etc.

É importante lembrar que, nas UCs, a maioria das ocorrências também é do tom L%. Contudo, esse resultado é compatível com a informação de que as unidades controles são constituídas basicamente de asserções neutras.

Assim, definido como nosso interesse em questão, o momento do encaixe entre unidade que introduz e unidade reportada é marcado, geralmente, por um tom L%. Portanto, interpretamos o tom baixo como tendência no encaixe das construções de DR.

6.2.4 F0 média

Conforme encontramos em nossa análise, de cada um dos falantes, a F0 média da unidade 1 se mostrou mais alta do que a F0 média da unidade 2. Comparando, agora, todos os falantes, verificamos que se confirma essa tendência. Segue a tabela abaixo, com as porcentagens:

AI	62%
AII	58%
BI	56%
BII	55%

Tabela 17: Comparação interfalante - F0 média

Assim, em mais de 50 % das ocorrências de todos os falantes, ao se confrontarem as médias de F0 da unidade introdutora e da unidade reportada, foi encontrada uma média mais alta na unidade 1.

Em vista disso, entendemos que a F0 média mais alta na unidade introdutora do que na unidade reportada pode ser tida como uma tendência do DR. Mesmo que correspondam a curtos trechos do discurso e que sirvam para introduzir a fala reportada, é nesse momento da anunciação da citação que o falante mais eleva sua F0.

6.2.5 Gama de variação (GV)

Outra característica que pudemos observar ao analisar os dados intrafalantes foi a GV mais alta encontrar-se na unidade reportada, quando correlacionamos unidade 1 e unidade 2.

Nessa análise global, comparando os falantes, observamos que essa é também uma tendência do DR. Abaixo reproduzimos uma tabela em que se notam as porcentagens de ocorrências em que a GV foi mais alta na unidade 2:

AI	75%
AII	83%
BI	66%
BII	88%

Tabela 18: Comparação interfalante: GV

Com porcentagens acima de 65%, grande parte das ocorrências confirmou essa tendência. Esse resultado nos permite inferir que, mesmo estando na unidade introdutora a F0 média mais alta, é na unidade reportada que o falante utiliza mais o espaço tonal variando em maior escala as medidas de F0.

Vale lembrar que, em uma comparação interfalantes, tanto as medidas de F0 média nas UCs, quanto às medidas de GV nas UCs mostraram-se mais baixas do que nas construções de DR. Em síntese, as UCs nos valeram para demonstrar que o movimento tonal em construções de DR é diferente se comparado a afirmativas neutras. Falantes elevam suas F0s para anunciarem outras vozes no discurso e desfrutam do espaço tonal ao reportarem os outros, explorando mais suas variações melódicas. Na seção seguinte, registraremos algumas observações sobre os verbos *dicendi* encontrados nos dados.

6.2.6 Os verbos *dicendi*

Das 66 construções encontradas dos tipos DD com verbo e DI, ou seja, as que possuem verbo explícito, 48 apresentaram como verbo *dicendi* o “dizer”, sendo 37 nas de DD com verbo. Portanto, podemos indicar como prototípica a construção de DD com verbo dizer, no âmbito do *corpus* analisado.

Entretanto, consideramos relevante mencionar aqui os outros verbos utilizados. Abaixo segue uma tabela:

Verbo	Nº de ocorrências/tipo construcional
Falar	10/DD
Dizer	37/DD e 11/DI
Ficar	1/DD
Indagar	1/DI
Perguntar	4/DD
Pensar	1/DD
Aconselhar	1/DI

Tabela 19: Comparação - verbos *dicendi*

De todos os verbos encontrados, o único que é mais periférico em relação aos verbos *dicendi* foi o “ficar”. A construção completa na qual ele está inserido é: “a minha mãe fica você é uma moça culta minha filha”. Ao analisar o enunciado, recuperamos facilmente a informação *dicendi* implícita no uso desse verbo.

Lembramos ainda que o “indagar” está contido na construção “você mesma começa a se indagar se pô será que não sou eu que sou exigente demais”. Tal construção permite a dupla interpretação de se tratar de uma fala de fato proferida, ou somente de um pensamento. Um fato curioso é o do falante BII só utilizar o verbo “dizer” em todas as construções que produziu.

6.3 Algumas considerações sobre os tipos construcionais

Uma vez que nosso trabalho surge, principalmente, do empenho em se levar adiante o que Rocha (2004) iniciou, ao apontar para aspectos entoacionais envolvidos na produção de DR, é parte integrante desta análise considerar as ocorrências analisadas e seus tipos construcionais respectivos. Abaixo, segue a tabela por meio da qual se comparam as ocorrências dos quatro falantes, divididas nos quatro tipos construcionais:

Falante	Discurso Direto com verbo <i>dicendi</i>	Discurso Direto sem verbo <i>dicendi</i>	Discurso Indireto	Discurso Indireto Livre
AI	17	4	4	6
AII	5	2	0	5
BI	24	3	8	4
BII	7	1	1	0
Total do tipo	53	10	13	15

Tabela 20: Comparação - tipos construcionais

Somente uma ocorrência da falante AI não pode ser classificada quanto a um tipo construcional ou outro porque no momento do encaixe não foi possível compreender o que a falante disse. Somando os quatro falantes e os tipos construcionais DD com verbo, DD sem verbo e DI, o resultado de ocorrências distribuídas com relação às pessoas do discurso foi o seguinte:

Tipo construcional	1ª pessoa	2ª pessoa	3ª pessoa
DD com verbo <i>dicendi</i>	27	1	26
DD sem verbo <i>dicendi</i>	2	0	8
DI	0	0	12
Total de construções	29	1	46

Tabela 21: Comparação – construções DR e pessoas do discurso

Destacamos, então, que a representatividade das construções em terceira pessoa é bem maior do que no caso das autocitações. Além disso, somente a falante AI produziu uma construção de DD com verbo em segunda pessoa.

Passemos a discutir o que encontramos especificamente para cada tipo de construção, lembrando que, para efeito de comparações, não poderemos levar em conta os falantes AII e BII. Isso porque eles não produziram todos os tipos de DR.

6.3.1 Discurso direto com verbo *dicendi*

eu ainda disse ó quem me roubou foi esse indivíduo (BII8)



quem me roubou.wav

Correspondendo a 53 ocorrências, das 91 analisadas, esse tipo de construção pode ser considerado o prototípico, em função do critério frequência. Somente a falante AII não teve a maioria de suas ocorrências de DD com verbo *dicendi*.

Dos aspectos prosódicos analisados, os mais recorrentes nesse tipo de construção foram o tom L% na unidade introdutora e a ênfase na unidade reportada. Das 49 construções com ênfase na unidade reportada, 29 são do tipo DD com verbo *dicendi*. Isso nos permite inferir que a ênfase tende a vir depois do prefácio *dicendi* prototípico. Além disso, entendemos que a descida é o movimento padrão para encaixar o DD com verbo *dicendi*.

Quanto às diferenciações entre primeira, segunda e terceira pessoas, teceremos algumas considerações. AI não parece marcar de maneira diferente o DR quando passa da primeira para a terceira pessoa. Isso porque é praticamente igual o número de ocorrências dos DDs com verbo *dicendi* em primeira pessoa (oito ocorrências) e em

terceira pessoa (nove ocorrências) e em exatas sete ocorrências de cada um desses dois grupos notamos a presença de ênfase.

Já BI apresenta resultados um pouco mais distintos. Das 24 ocorrências de DD com verbo, 13 foram em primeira pessoa e 11 de terceira pessoa. No entanto, no grupo de primeira pessoa, foi produzida ênfase em sete unidades, e nas segundas, em quatro. Assim, parece que a citação em primeira pessoa é mais marcada melodicamente do que a citação em terceira pessoa. A falante BI, assim, enfatiza mais o discurso quando está se autorreportando e se imitando.

Todavia, voltamos a afirmar que a comparação entre os dados ficou comprometida visto que há tipos construcionais que não foram produzidos e contemplados, como os casos em 2ª pessoa.

6.3.2 Discurso direto sem verbo *dicendi*

quando ele entrou eu hã (AII2)



eu ha.wav

Esse tipo de construção foi o que apresentou menos ocorrências. Um fato curioso é que das dez ocorrências, oito apresentaram ênfase. Parece-nos que, ao omitir o verbo *dicendi*, torna-se importante ressaltar alguma parte da unidade reportada. A outra característica mais recorrente foi o tom L% na unidade 1, ocorrendo em todas as construções de DD sem verbo.

Comparando os falantes que produziram todos os tipos de DR, realizamos a seguinte observação quanto à presença de pausa: das quatro ocorrências desse tipo de construção produzidas por AI, há apenas um exemplo em que não há pausa entre as duas unidades. BI, por sua vez, fez a pausa em uma das três construções desse tipo. Pode ser que falantes utilizem a pausa para ajudar a sinalizar que, mesmo sem o verbo *dicendi*, há outra voz sendo introduzida no discurso.

Uma vez que o número de ocorrências do DD sem verbo e do DI foi pouco representativo, não faremos o paralelo entre as diferentes pessoas do discurso.

6.3.3 Discurso indireto

ela dizia na minha cara que o desenho tava feio (AI20)



que o desenho tava feio.wav

Dentre os quatro falantes, somente a falante AII não produziu nenhuma construção de DI. Para esse tipo construcional, as características mais recorrentes foram o tom L% e as medidas tidas como padrão, isto é, médias de F0 mais altas nas unidades introdutoras e GVs mais altas nas unidades reportadas.

Uma característica que buscamos analisar nesse tipo construcional é a presença ou não de pausa. Assim, poderíamos discutir a hipótese de que há um contínuo entre a unidade 1 e a unidade 2 quando se trata de DI.

Não encontramos pausa em nenhuma das três ocorrências de DI em 3ª pessoa da falante AI. E BII fez somente uma pausa em uma construção das oito encontradas, nas demais não há pausa entre as unidades. Por conseguinte, é forte a tendência de, nesse tipo construcional, não haver pausa entre as unidades.

Lembramos que todas as construções de DI, dos três falantes, foram de terceira pessoa. Nenhum falante produziu uma autocitação de maneira indireta.

6.3.4 Discurso indireto livre

de modo que ele sabe tudo sabe a corrente sabe que tem buraco ali tem um buraco não entra(BI33)



tem buraco nao entra.wav

De todos os falantes, BII não produziu nenhuma construção com DIL, embora esse tenha sido o segundo tipo mais produzido no total. Assim como nos outros, o tom L% foi característica recorrente, seguido da pausa e da ênfase.

Gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que nas construções de DIL de AI e BI, a F0 média é mais alta na unidade reportada em 50% dos casos. Isso vai ao encontro da ideia de que, quando não há um introdutor *dicendi*, a F0 do DR é mais alta.

Observamos, com a análise dos dados, que o DIL pode ser introduzido das mais variadas formas. Alguns exemplos de unidades que serviram para introduzir o DIL:

Falante AI:

“a gente na fila”, “aquela coisa eterna”, “eis que chegamos”, “vô pro paraná vô pra são paulo vô pra acolá”, “minha mãe era orgulhosíssima sabe”, “é uma malícia incrível”.

Falante AII:

“ele ficou tão tranquilo”, “avançam avançam”, “então a gente procura”, “sai dali”, “ela ficou maravilhada”.

Falante BI:

“daqui a pouco já é uma amiga que telefona encontro uma amiga na”, “até a minha empregada ficou tão impressionada”, “de modo que ele sabe tudo sabe a corrente sabe que tem buraco”, “há um ano atrás o exame era exatamente a mesma coisa”.

Essa variedade de “introdutores” diz respeito, justamente, ao fato de que no DIL não temos uma expressão prevista para introduzir o DR, pelo menos não do ponto de vista sintático e pragmático.

Nosso único falante homem não produziu DIL. Como podemos perceber, os introdutores da falante BI são marcados por sintagmas mais complexos do que os das falantes do primeiro diálogo.

As expressões que precedem o DIL, de alguma maneira, contextualizam a cena em que alguém reporta uma fala. Essas cenas, mesmo que não explicitem a fórmula *dicendi*, permitem-nos conceber um falante que diz alguma coisa, pré-enquadrando a possibilidade de uma fala reportada em uma narrativa oral. Normalmente, esse tipo de introdutor, além de anunciar o DIL, traz informações circunstanciais sobre o falante reportado ou mesmo sobre a cena narrada.

Esse pré-enquadre narrativo está representado com o caso de “aquela coisa eterna”. Além de AI reportar o que a mãe disse, subentende-se que se trata de um discurso sempre proferido por ela. Podemos simular a construção da falante com a fórmula *dicendi* exemplificada em “minha mãe sempre diz”. Ao ouvir a proclamação da fala reportada, percebemos uma voz cansada e entediada. É como se junto com essas expressões, existissem um “e x disse”, “e eu falei”, “e y pergunta”, “e z dizia”.

Se fôssemos postular o esquema para a descrição prosódica dos quatro tipos de DR, faríamos da seguinte maneira.

	Construções DD com verbo <i>dicendi</i>	Construções DD sem verbo <i>dicendi</i>	Construções DIL	Construções DI
Aspectos prosódicos	A unidade introdutora tende a se encerrar com um tom de fronteira L%. Quando comparadas as unidades 1 e 2, as medidas de F0 média tendem a ser mais altas na unidade introdutora, e a GV, na unidade reportada. O sintagma entoacional que contém a fala reportada pode a receber ênfase.	A unidade introdutora tende a se encerrar com um tom de fronteira L%. Quando comparadas as unidades 1 e 2, as medidas de F0 média tendem a ser mais altas na unidade introdutora, e a GV, na unidade reportada. Tendência em existir uma pausa entre a unidade introdutora e a unidade reportada.	A unidade introdutora tende a se encerrar com um tom de fronteira L%. Quando comparadas as unidades 1 e 2, a GV tende a ser mais alta na unidade reportada. A F0 média da unidade reportada tende a ser mais alta do que a F0 média da unidade que a precede.	A unidade introdutora tende a se encerrar com um tom de fronteira L%. Quando comparadas as unidades 1 e 2, as medidas de F0 média tendem a ser mais altas na unidade introdutora, e a GV, na unidade reportada. Tendência em não existir pausa entre a unidade introdutora e a unidade reportada.
Exemplos	Ela estava falando “vou embora”	Ela: “vou embora”.	“Vou embora”.	Cássia disse que foi descansar.

Tabela 22: Proposta de pareamento do tipo de construções de DR com os aspectos prosódicos

Conforme podemos notar na tabela, há tendências gerais para o DR, e há características que podem ser relacionadas a cada um dos tipos construcionais.

Após essa descrição e discussão dos resultados da análise dos dados, passaremos para a última seção do capítulo analítico, em que faremos uma amarração entre os achados obtidos e as postulações teóricas seguidas nesse trabalho.

6.4. Articulação teórico-analítica

Apresentamos agora de que maneira nossos resultados corroboram a reivindicação principal da presente tese de que a prosódia organiza a cena interacional e sinaliza informações para a construção do sentido que, muitas vezes, não são recuperadas via sintaxe ou semântica.

Inicialmente destacamos que analisar dados de fala espontânea é, de fato, encarar a complexidade da “chama” (MIRANDA, 2010). É se propor a entender e acompanhar o processamento social e cognitivo das ações conjuntas da linguagem. É perceber que a comunicação humana é simbólica, por envolver o compartilhamento da atenção entre sujeitos; é considerar o elemento gramatical, por estar associado com padrões; e é fazer valer o elemento contextual, pois o aspecto social e o cultural são determinantes na produção do sentido. Pensar a comunicação do ponto de vista sociocognitivo é conceber a linguagem como conceptualização e (inter)ação, na cena partilhada.

Quando atribuímos tendências prosódicas para construção de DR, apostamos fortemente na inserção da contraparte prosódica no pólo formal das construções linguísticas. E quando recuperamos estudos que, por exemplo, postulam padrões de contornos entoacionais para as modalidades de sentença do português brasileiro, reforçamos o papel da prosódia nas construções gramaticais. Isso porque o conhecimento gramatical é imprescindível para que o falante reconheça os padrões.

Grande parte dos estudiosos reconhecem padrões sentenciais em termos de prosódia. O desafio deste trabalho ultrapassou esse reconhecimento, visto que colocou em foco construções produzidas em contextos absolutamente naturais. Isso demonstrou a complexidade da fala em detrimento dos padrões *default* estereotipados. Não é o caso de se desconsiderar a importância de perfis prosódicos de sentenças declarativas, interrogativas e exclamativas, por exemplo, mas quando nos deparamos com a fala real e espontânea, subtipos de sentenças consolidam um espectro altamente rico e variado, bem diferente dos padrões já conhecidos na literatura.

Isso endossa a ideia de que o princípio da não-sinonímia, básico para a teoria da GC, de Goldberg (1995), precisa ser revisto e reformulado, pois não é somente a sintaxe e a semântica que influenciam a mudança de construção do sentido. A forma prosódica funciona como importante sinalizador do significado em cenas interacionais específicas.

As contribuições da sociolinguística interacional agregam à análise construcional informações pragmáticas que também interferem na construção. Nas ocorrências de DR encontradas em nossos dados, temos construções inseridas em narrativas diversas, em que os falantes assumem papéis sociais também diversos. Mesmo que a moldura comunicativa seja de um diálogo “descompromissado” para gravação e compilação de um *corpus* linguístico, podemos perceber falantes que utilizam estratégias de defesa e manutenção de faces, bem como de polidez e alteração de *footing*.

Um exemplo para ilustrar a que estamos nos referindo é a construção AI13:

“então eu mostrava pra freira a freira dizia assim horrível”.



freira horrivel.wav

A falante AI, como já explicado, narra um episódio escolar em que mostrava seu desenho à freira. Prosodicamente, percebemos claramente a alteração do *footing*. Quando ela reporta a fala da freira, eleva a F0 no seu ponto máximo e emoldura a fala com uma qualidade vocal que sinaliza severidade. Assim, ela defende sua face, por ser alvo da insensibilidade da freira, que a marcou negativamente.

Visando a uma aplicação mais ampla dos nossos fundamentos teóricos, retomaremos alguns aspectos pragmáticos, mas nosso enfoque é direcionar o olhar para a composição formal da construção de DR. Pensemos, então, que a construção-mãe para os casos de DR seria o tipo DD com verbo *dicendi* dizer. Um exemplo do nosso *corpus* seria:

“ela olhava e dizia assim eu não ACREDITO isso é mentira eu não ACREDITO” (BI5)



eu nao acredito.wav

As letras maiúsculas, mantidas em “acredito”, são para marcar as ênfases. Esse tipo de construção foi o que pareceu mostrar o ambiente mais propício para se enfatizar partes do discurso, uma vez que a citação é direta. Temos, assim, para esse tipo construcional:

DD com verbo <i>dicendi</i>
Aspectos sintáticos: [SUJ disse/dizia OBJETO ORACIONAL]
Aspectos semânticos: alguém diz algo que outro disse
Aspectos pragmáticos: construção mais mimética, com mudança de <i>footing</i> etc ¹⁹
Aspectos prosódicos: A unidade introdutora tende a se encerrar com um tom de fronteira L%. Quando comparadas as unidades 1 e 2, as medidas de F0 média tendem a ser mais altas na unidade introdutora, e a GV, na unidade reportada. O sintagma entoacional que a fala reportada pode a receber ênfase.

Tabela 23: descrição do tipo construcional DD com verbo *dicendi*

A partir dessa construção-mãe, temos a rede de construções de DR com mais os outros três tipos que se ligam por uma relação de herança.

A construção DD sem verbo *dicendi* pode ser considerada uma sub-parte da construção-mãe. Abaixo, um exemplo retirado do nosso *corpus*:

“aí nós presidente do brasil mas cumé que pode”(BI31)

¹⁹ Uma vez que nossa análise não se ateve a questões pragmáticas, descreveremos esses aspectos em linhas gerais.



presidente do brasil.wav

Lembrando que, nesse caso, houve uma pausa entre o “aí nós” e a fala reportada. O apagamento do verbo *dicendi* se percebe em ambientes de sequências de DRs, em que a construção do sentido não é prejudicada por isso. Além disso, a pausa se verificou frequente como um recurso prosódico que sinaliza, apesar da ausência do verbo *dicendi*, a fala do outro. Segue uma descrição desse tipo construcional:

DD sem verbo <i>dicendi</i>
Aspectos sintáticos: [SUJ OBJETO ORACIONAL]
Aspectos semânticos: alguém diz algo que outro disse
Aspectos pragmáticos: construção mais mimética, com mudança de <i>footing</i> etc
Aspectos prosódicos: A unidade introdutora tende a se encerrar com um tom de fronteira L%. Quando comparadas as unidades 1 e 2, as medidas de F0 média tendem a ser mais altas na unidade introdutora, e a GV, na unidade reportada. Tendência em existir uma pausa entre a unidade introdutora e a unidade reportada.

Tabela 24: descrição do tipo construcional DD sem verbo *dicendi*

O outro tipo construcional herdado é o DI. Um exemplo encontrado em nossos dados é:

“e dizendo que pra semi-final não foi conseguida a venda da entrada”(BII1)



a venda da entrada.wav

Dentre os quatro tipos de DR (DD com verbo *dicendi*, DD sem verbo *dicendi*, Di e DIL), o DI foi o terceiro em número de ocorrências, todas em terceira pessoa. Em termos prosódicos, pudemos confirmar a tendência do DI em não haver pausa entre as unidades 1 e 2. Abaixo, o que podemos descrever sobre esse tipo construcional:

Discurso Indireto
Aspectos sintáticos: [SUJ disse/dizia OBJETO ORACIONAL ²⁰]
Aspectos semânticos: alguém diz algo que outro disse
Aspectos pragmáticos: construção menos mimética, sem mudança de <i>footing</i> etc
Aspectos prosódicos: A unidade introdutora tende a se encerrar com um tom de fronteira L%. Quando comparadas as unidades 1 e 2, as medidas de F0 média tendem a ser mais altas na unidade introdutora, e a GV, na unidade reportada. Tendência em não existir pausa entre a unidade introdutora e a unidade reportada.

Tabela 25: descrição do tipo construcional DI

E o último tipo construcional, o DIL, é o que apresenta a maior divergência sintática da construção-mãe. E é nesse tipo em que acreditamos haver a maior contribuição do contexto conversacional, bem como da prosódia. O exemplo trazido dos nossos dados é:

“Avançam avançam ah da onde você é?” (AII4)



avançam.wav

Nesse exemplo, percebemos a mudança de *footing* quando a falante tenta reproduzir o modo como as garotas faziam a pergunta aos rapazes. Embora não apresente o prefácio *dicendi* prototípico, que seria “elas diziam” por exemplo, esse tipo construcional se mostrou eficiente e produtivo na língua. Abaixo, sua tabela descritiva:

²⁰ Esse objeto oracional vem precedido de complementizador “que” ou “se”.

Discurso Indireto Livre
Aspectos sintáticos: [X ²¹ OBJETO ORACIONAL]
Aspectos semânticos: alguma expressão anuncia algo que outro disse
Aspectos pragmáticos: construção mais mimética, com mudança de <i>footing</i> etc
Aspectos prosódicos: A unidade introdutora tende a se encerrar com um tom de fronteira L%. Quando comparadas as unidades 1 e 2, a GV tende a ser mais alta na unidade reportada. A F0 média da unidade reportada tende a ser mais alta do que a F0 média da unidade que a precede.

Tabela 26: descrição do tipo construcional DIL

É interessante notar que esse é o único tipo construcional que não “respeita” a fusão dos papéis semânticos e dos papéis argumentais (Princípio da Coerência Semântica). Nos três tipos anteriores, temos o papel argumental sujeito se fundindo com o papel semântico de alguém que fala o que o outro diz. Nesse caso, não temos esses papéis na construção. O DIL é, linguisticamente, anunciado de várias formas e mesmo que o interpretemos, não temos o sujeito/reportador exposto. Cabe ao discurso fornecê-lo.

Ainda com o intuito de oferecer uma ancoragem entre teoria e análise, resumiremos os principais resultados, retomando as hipóteses de autores resenhados nos nossos fundamentos teóricos gerais.

O pontapé inicial dado por Rocha (2004) nos permitiu trilhar um caminho que sugeriu a possibilidade de a prosódia atuar decisivamente no pólo formal das construções de DR. Dado o caráter intuitivo da análise do autor, tivemos a ideia de reeleger o DR como objeto de estudo, no sentido de tornar mais criteriosa a busca de evidências externas no mapeamento dos perfis entoacionais das construções DR. Assim, pudemos verificar, com o auxílio de um programa de análise acústica, o PRAAT, a plausibilidade das intuições acerca do fenômeno discursivo de reportar vozes.

Neste momento final, com a interpretação dos resultados, sintetizamos nossas principais conclusões a fim de oferecer um retorno quanto à plausibilidade empírica do

²¹ X é representado por uma variedade infinita de expressões que podem servir como “introdutoras” do DR.

trabalho realizado. Por meio da análise individual, podemos atribuir a ênfase e a pausa como opções que o falante faz no uso do DR. Conforme a intenção pragmática e seu estilo próprio de falar, o indivíduo separa claramente a unidade introdutora da reportada e/ou enfatiza alguma parte – ou mais de uma – da outra voz. Realizando isso, o falante marca, de forma mais reforçada, a unidade reportada. Em virtude de ser um aspecto individual, negamos a possibilidade de a pausa e a ênfase configurarem como traços presentes em todo e qualquer tipo de construção de DR.

Ao comparar os resultados dos quatro falantes, foi possível notar algumas tendências entoacionais relacionadas às construções estudadas. A primeira delas é a de que o momento de encaixe, ou seja, a fronteira que marca a transição da unidade introdutora para a unidade reportada é marcada por um tom L%. Esse tom de fronteira indica que fazemos um encaixe padrão para o DR. Como na maioria das vezes que encerramos um sintagma entoacional, fazemos um movimento descendente para anunciar a outra voz no discurso.

A segunda tendência encontrada é a de que, comparando unidade 1 e unidade 2, temos uma média de F0 mais alta na unidade que introduz o DR. E, contando como paralelo as UCs, podemos entender esse resultado como uma disposição que temos em manter a F0 mais alta para introduzir uma citação.

Em terceiro lugar, assinalamos como uma tendência entoacional também para as construções investigadas a GV mais alta na unidade reportada, quando confrontado com a unidade introdutora. Verificamos, assim, que embora na unidade 1 o falante tenda a manter a F0 mais alta, é na unidade 2 que ele varia mais o movimento melódico, com elevações e quedas de F0.

Quando trouxemos à tona os tipos construcionais formulados por Rocha (2004) confirmamos algumas hipóteses e negamos outras. Vale lembrar que, mesmo confirmadas, apoiamo-nos em tendências entoacionais para o DR e não em limites categóricos. Em vista da quantidade de dados gerados, consideramos o padrão como um resultado ainda distante de alcançar – se é que ele pode ser considerado plausível no terreno da fala espontânea, dada a sua complexidade e variedade de expressão.

Confirmamos, por exemplo, a hipótese de que a transição entre unidade introdutora e unidade reportada no DI é marcada por um contínuo, sendo minimizados

os casos em que se nota a presença de pausa. Nos termos de Rocha, encontramos a referência a uma distinção tonal que sinalizaria uma diferença entre DD e DI. Essa distinção tonal entre unidade introdutora e unidade reportada ocorreria somente no primeiro caso, e não no segundo.

Ainda que tenhamos encontrado somente uma ocorrência de DD com verbo *dicendi* em 2ª pessoa em nossos dados, comparando 1ª e 3ª pessoas, não parece haver a diferenciação de modo geral. Houve, inclusive, um caso de uma falante que produziu mais ênfases em construções de primeira pessoa. Nesse caso, o caráter mais mimético também está associado aos casos de autocitação. Enfim, de alguma forma a prosódia sinaliza as diferenças quanto às pessoas do discurso. Vale mencionar que, para efeito de comparação, não submetemos ao PRAAT os dados de Rocha, em função de sua baixa qualidade acústica, o que comprometeria a análise.

Contudo, não se pode deixar de considerar as diferenças significativas de molduras comunicativas que encontramos no nosso *corpus*, quando o comparamos com o *corpus* de Rocha. As construções de DR da presente tese são inseridas em narrativas que falantes produzem em uma moldura de diálogo informal, a partir de temas que os documentadores sugerem, para compilação de um *corpus* linguístico. Assim, a fim de se alcançar certa “naturalidade”, os falantes tratam de suas vidas, incluindo narrativas sobre memórias da infância, de viagens etc. Já as construções analisadas em Rocha (2004) foram produzidas por participantes do *reality show Big Brother Brasil* em 2002, que foram deslocados de seus cotidianos particulares para um palco de representações improvisadas, espiado pelas câmeras de TV. Esses falantes estão imbuídos do propósito de reportar outros discursos na tentativa de manter suas próprias faces e serem bem quistos pelo público. Afinal, estavam em um jogo que valia um prêmio alto em dinheiro.

O que Jansen, Gregory e Brenier (2000) apresentaram para dados do inglês quando defendem que o DD é o mais proeminente dentre os tipos de DR também se aplica aos dados de PB analisados nessa tese. Essa aproximação de resultados advém do fato de que grande parte das nossas ocorrências com ênfase nas unidades reportadas enquadram-se no tipo DD. Das 49 construções com ênfase na unidade reportada, 37 foram DD, incluindo as construções com e sem verbo *dicendi*.

Günthner (1998) também pode ser lembrado, uma vez que nossos resultados corroboram sua assertiva de que o DR, quando não precedido por introdutores, apresenta uma F0 mais alta. Os casos de DIL, isto é, em que não há um introdutor *dicendi* - seja com a presença do verbo ou da estrutura sintática introdutora -, pelo menos na metade das ocorrências, geraram uma F0 média mais alta na unidade reportada.

Ainda podemos registrar que nossos resultados também vão ao encontro do que Maia Rocha (2011) propõe para a unidade informacional do introdutor locutivo – em que se anunciam os casos de DR. Confirmamos que essa unidade é delimitada por um perfil melódico descendente e por uma F0 média mais alta do que a da unidade posterior, exceto no DIL, que justamente não apresenta a unidade do introdutor locutivo.

Ao elegermos sentenças declarativas como UCs para efeito de análise nesta tese, pudemos atestar as descobertas de pesquisadores como Moraes (1998) e Tenani (2000), que inscreveram para o padrão tonal de declarativas do português brasileiro os tons H+L* L%. Esse padrão pode ser considerado o mesmo das unidades introdutoras de DR, discutidas nesta tese. Cabe considerar ainda que as unidades reportadas analisadas neste trabalho podem ser consideradas sentenças declarativas, de modo geral, considerando que é possível o encaixe de interrogativas, exclamativas etc.

Enfim, tendo como base o diálogo estabelecido entre pontos desta tese e os estudos de outros autores, seguimos para as considerações finais que sumarizam nossos principais achados e apontam para futuros desdobramentos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não zombe das bobagens que os outros dizem. Podem representar uma oportunidade para você (Winston Churchill)

Os principais resultados deste trabalho indicam que o DR, ao ser produzido na fala, assume características que merecem ser reiteradas e enfatizadas. Em suma, os resultados podem ser considerados a partir de dois desmembramentos.

O primeiro concebe a construção de DR, de modo geral, como um fenômeno discursivo com características prosódicas, analisadas com base em uma comparação intra e interfalantes. Assumindo esses critérios analíticos, concluímos que o DR, do PB carioca culto, apresenta tendências prosódicas. Tais tendências podem ser elencadas a seguir:

- a unidade introdutora do DR se encerra com um tom de fronteira L%, antecedido pelo *pitch accent* H*+L;
- a medida de F0 média da unidade introdutora, comparada à medida de F0 média da unidade reportada, é mais alta;
- a medida de GV da unidade introdutora, comparada à medida de GV da unidade reportada, é mais baixa.

Nessa parte da análise, ou seja, nas comparações inter e intrafalantes, supomos, diante de resultados pouco representativos em alguns falantes, que características prosódicas como a ênfase e a pausa podem ser atribuídas a estilos individuais de fala.

No segundo desmembramento, pensamos nos sub-tipos de construções de DR e no seu emparelhamento construcional. E nesse aspecto, é interessante notar que características consideradas individuais, na comparação interfalantes, mostram-se pertinentes, por outro lado, na comparação intertipos construcionais. Isso porque os dados apresentaram representatividades diferentes quanto a número de ocorrências de falantes específicos e a número de ocorrências de tipos construcionais específicos. Ainda assim, julgamos necessárias e apropriadas as descrições prosódicas seguindo as diferentes divisões: a partir dos falantes e a partir dos tipos construcionais. Abaixo,

sintetizamos os principais resultados para cada tipo construcional. Destaca-se que as tendências prosódicas relacionadas ao tom de fronteira da unidade 1 e à GV da unidade 2, encontradas na primeira parte da análise, mantêm-se para os três primeiros tipos construcionais:

- DD com verbo *dicendi*: trata-se do tipo construcional que assume o prefácio *dicendi* prototípico²². E é nessa construção que a unidade reportada tende a receber uma ou mais ênfases. Assim, quando se quer enfatizar a voz do outro, o falante a anuncia no modo prototípico;
- DD sem verbo *dicendi*: as construções desse tipo tendem a apresentar uma pausa entre a unidade introdutora e a unidade reportada. O uso da pausa, nesse momento, parece, assim, estar relacionado ao apagamento do verbo *dicendi*;
- DI: com relação a esse tipo construcional, confirmou-se a tendência em não haver pausa separando as duas unidades. É o caso em que o reportador realiza uma paráfrase e os devidos ajustes dêiticos e, então, não faz pausa para marcar a distinção de falas, possivelmente por conta da presença do complementizador integrando as duas unidades;
- DIL: distinguindo-se dos demais tipos construcionais, essa foi a construção que apresentou, em grande parte dos dados, a F0 média mais alta na unidade reportada e não na unidade “introdutora”, que é a tendência para os outros três tipos. Acredita-se que, na mesclagem de vozes, sem introdução expressa, o falante eleva a F0 para marcar o discurso do outro.

Com relação às outras contrapartes construcionais dos diferentes tipos de DR, em síntese, apresenta-se:

- Aspectos sintáticos: o tipo construcional que mais se distingue sintaticamente é o DIL;
- Aspectos semânticos: o tipo construcional que mais se distingue semanticamente também é o DIL;
- Aspectos pragmáticos: o tipo construcional em que parece ser menos nítida a mudança de *footing* é o DI.

²² Conforme já explicado, concebemos esse prefácio prototípico por ser o mais frequente nas construções analisadas.

Não se mostrou uma tarefa fácil determinar essas características, visto que nossos dados são de fala espontânea – imprevisíveis e incontrolláveis. Todavia, não podemos deixar de retomar e defender a importante tese de que a fala não deve ser tratada apenas como escrita e de que, conseqüentemente, a noção de construção gramatical precisa ser enriquecida com informações assumidas pela prosódia. Por isso, preocupa-nos registrar as minuciosas descrições que os dados permitiram extrair.

Ao longo deste trabalho, podemos observar que o arcabouço teórico da Gramática das Construções (GOLDBERG 1995; 2006) é fortemente respaldado por evidências linguísticas de modalidade escrita. Quando nos deparamos com os estudos dessa autora, notamos que seus exemplos, ao contrário desta tese, são de sentenças artificialmente criadas que instanciam, por exemplo, construções de movimento causado, ditransitivas, resultativas, etc. Dessa forma, sua teoria tem grande peso nos domínios sintático e semântico em termos de pareamento entre forma e significado. Não há menção ao polo fonológico no âmbito da construção gramatical, trabalho este iniciado por Rocha (2004) e desdobrado por esta tese.

Por isso, o desafio que experienciamos ao tentar agregar Gramática das Construções e Prosódia nos exigiu um múltiplo esforço, porém nos proporcionou também múltiplos desdobramentos. Todos eles estão ancorados na noção de que a construção gramatical, ainda que possa ter suas origens na tradição grafocêntrica, está representada na fala, por conta de que o enunciado é entendido neste trabalho como sendo produto de sentença mais contexto e de que enunciado, por conta disso, também emparelha forma e significado. Assume-se que enunciado pode ser entendido como uma construção abarcando domínios discursivos e contextuais, bem como inequivocamente a prosódia. Os perfis melódicos dos enunciados de DR podem ser considerados uma realidade cotidiana para os usuários das línguas e, portanto, configuram-se como tendências que se mostram produtivas, apesar da grande variedade de contornos melódicos aplicados a eles.

Os resultados do presente trabalho giram em torno da aplicação de mais um nível no pólo formal de construções faladas do português brasileiro. Estamos nos referindo, com isso, ao nível prosódico que compõe a contraparte formal das construções. Pudemos evidenciar que a prosódia favorece a interpretação, por exemplo, de casos de DIL, em que a semântica e a sintaxe são distintas dos outros moldes de DR,

mas trata-se ainda de um caso de DR. Coligada à pragmática, a prosódia pode ser decisiva nesses casos. Além disso, os tipos construcionais de DD sem verbo *dicendi* são exemplares ideais da não anterioridade da sintaxe no pareamento construcional. Novamente, a prosódia e a pragmática constituem caminhos eficientes que o falante percorre para introduzir a voz do outro.

O presente trabalho encerra-se, portanto, apostando em uma nova versão teórica da GC, que contemple as construções da fala como faz com as construções da escrita. Dessa maneira, seria possível a problematização de que talvez as construções da fala espontânea nem sempre respeitem os Princípios da Coerência Semântica ou/e da Correspondência (GOLDBERG, 1996, 2005). Isso porque o DIL, por exemplo, configurou-se como um caso de construção da fala espontânea em que, por apresentar sintaxe e semântica distintas da construção-mãe, não atendeu ao Princípio da Coerência Semântica, pois não há, nesse caso, a fusão entre papéis argumentais e papéis semânticos. Ou ainda seria possível a discussão de que, para a fala espontânea, não tenhamos ainda previstos todos os tipos de herança entre construções. Assim, a parceria GC e Prosódia está somente no início e esperamos que exista ainda pela frente uma longa jornada.

Acredita-se, também, na contribuição prestada aqui aos estudos em prosódia, uma vez que realizamos a descrição de aspectos entoacionais associados ao fenômeno discursivo do DR. Reitera-se como crucial a interface prosódia e discurso, ainda mais quando se pode usufruir da Linguística de *Corpus*, que vem apostando na relevância dos dados de fala espontânea.

Deve ser reconhecido, ainda, o DR como um interessante fenômeno discursivo que muito nos diz sobre como construimos o sentido na interação. Aliada à descrição prosódica, a análise do DR colabora com estudos interacionais que visam, por exemplo, ao entendimento de quais estratégias estão envolvidas no uso da fala reportada.

Finalmente, ressalta-se que trabalhos como o nosso, com enfoque na produção, podem obter outros ganhos com a validação por meio de experimentos da percepção. Tal prospecção viabilizaria futuros projetos para fins de ampliação e aprofundamento das principais questões discutidas. Com estudos perceptivos, seria possível, por exemplo, aprofundar a dimensão interpretativa e discursiva do DR.

Enfim, um trabalho com tantos desdobramentos não pode ser considerado “encerrado”, pois não estamos oferecendo a última palavra. Temos a certeza de que muitas outras palavras ainda serão reportadas e, quem sabe, as palavras desta tese possam se difundir por meio de outras vozes. Assim, esperamos avançar na pesquisa linguística com mais estudos que venham aliar prosódia e Linguística Cognitiva, levando sempre em consideração, como nos versos de Tatit e Wisnik, a “voz que fala/ pela fala e pela voz”.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John L. **How to do Things with words**. New York: Oxford University Press, 1965.

AZEVEDO, Luciana L. de. **Expressão da atitude através da prosódia em indivíduos com doença Parkinson idiopática**. Tese de doutorado. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3 ed. Tradução de Maria Ermantina Galvão G.Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BANFIELD, A. **Narrative style and the grammar of direct and indirect speech**. Foundations of language, 10: 1-39. 1973.

BATISTA, R.J. **A ênfase na locução do repórter de telejornal**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BOAS, H. C. Cognitive Construction Grammar. In: HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BOLLELA, M. F. F. P. A prosódia como instrumento de persuasão. In: NASCIMENTO, E. M. F. S. et al.(Orgs.). **Práticas enunciativas em diferentes linguagens**. Franca: UNIFRAN, 2006.

BOERSMA, P; WEENINK, D. **Praat: Doing Phonetics by Computer**. Versão 5.3.01, 2011.

BROWN, P; LEVINSON, L. **Politeness**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

CAGLIARI, L. C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. Tese (Livre Docência em Linguística)-UNICAMP, Campinas, 1981.

_____. **Prosódia**: algumas funções dos supra-segmentos. Cad. Est. Ling., Campinas, (23): 137-151, Jul./Dez. 1992.

CHAFE, W. **Discourse, consciousness and time**: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing. Chicago: University of Chicago Press, 1994.

CHIAVEGATTO, V. C. Um olhar sobre o processo cognitivo de mesclagem de vozes. **Veredas**: revista de estudos linguísticos. v.3, nº 1, 1999: 97-114.

CLARK, H.; GERRIG, R. J. **Quotations as demonstration**. *Language*, 66, 1990.

COUPER-KUHLEN, E. **Coherent voicing**. On prosody in conversational reported speech. In *LiSt1*, 1998.

CRESTI, E. Entrevista de Emanuela Cresti e Massimo Moneglia. RASO, T; MITTMANN, M. M. **Domínios de Lingu@ gem**. 7 (2), 383-410, 2013.

CROFT, W. *Construction Grammar*. In: GEERAERTS, D; CUYCKENS, H. **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. New York: Oxford University Press, 2007.

CRUTTENDEN, A. **Intonation**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

DAMÁSIO, A. **Self Comes to Mind**: Constructing the Conscious Brain. New York: Pantheon, 2010.

FAUCONNIER, G. **Mental spaces**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____.; TURNER, M. **Conceptual projection and middle spaces**. USCD Cognitive Science Technical Report, 1994.

FÁVERO, L. L. Aspectos da coesão no texto falado. **Linha d'Água**: ensino de língua e literatura em debate, São Paulo: Humanitas,, n. 11, p. 49-56, jun. 1997.

FERRARI, L. Modelos de gramática em linguística cognitiva: princípios convergentes e perspectivas complementares. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e Cognição**. n. 41. p. 149 – 165, 2010.

_____.; FONTES, Viviane Moura. Dêixes e mesclagem: a expressão pronomilizada "a gente" como categoria radial. *Revista Lingüística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 6, número 2, dezembro de 2010.

FILLMORE, C. J. **Innocense**: a second idealization for linguistics. Califórnia, 1979. 14 f. Mimeografado.

_____; KAY, P., O'CONNOR, M. C. **Regularity and idiomaticity in grammatical constructions**: the case of Let Alone. *Language*. v. 64, p. 531-538, 1988.

FROTA, S. **The Prosody of focus**: A case-study with cross-linguistic implications. *Speech Prosody Conference*, 2002.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (org). **Sociolingüística interacional**: antropologia, lingüística e sociologia em análise do discurso. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 70-97.

GOLATO, A. Self-quotation in German: reporting on past decisions. In: ÜLDEMANN, T; RONCADOR, M. v. (org.). **Reported discourse**: a meeting ground for different linguistic domains. Amsterdam: John Benjamins, 2002. p. 49-70.

GOLDBERG, A. **A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

_____. **Constructions at work**. New York: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, C. A. V. **Focalização no Português do Brasil**. 1997. v. 1, 228 f. Tese (Doutorado em Lingüística) — Universidade Federal do Rio de Janeiro — UFRJ, 1997.

_____. Ênfase prosódica e Variação Sociolingüística. **Signum** – Revista de Estudos da Linguagem, Londrina-PR, v. 1, n. 1, p. 73-84, 1998.

GRICE, M. & BAUMANN, S. **An introduction to intonation** - functions and models. In J. Trouvain, Jürgen, U. Gut . New York: Mouton de Gruyter, 2007.

GÜNTHER, S. **Polyphony and the "layering of voices" in reported dialogues**: an analysis of the use of prosodic devices in everyday speech. Konstanz: Inlist3, 1998.

GUSSENHOVEN, C. **The phonology of tone and intonation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HOLT, E.; CLITF, R (Eds.) **Reporting talk**: reported speech in interaction. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

JANSEN, W.; GREGORY, M.; BRENIER, J.M. Prosodic correlates of directly reported speech: evidence from conversational speech. In: **proceedings of the ISCA workshop on prosody in speech recognition and understanding**. USA, 2001.

KRISTEVA, J. **The power of horror**: an essay on abjection. New York: Columbia University Press, 1986.

LADD, R. **Intonational Phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things**. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LANGACKER, R. W. Foundations of cognitive grammar. vol. 1: **Theoretical Prerequisites**. Stanford: Stanford University Press, 1987.

_____. **Cognitive Grammar**: A Basic Introduction. New York: Oxford University Press, 2008.

LAVER, J. **Principles of phonetics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

LOWE, I; HURLIMANN, R. Direct and indirect speech in Cerma narrative. In: GÜLDEMANN, T; RONCADOR, M.V (eds.). **Reported discourse**: a meeting ground for different linguistic domains. Amsterdam: John Benjamins. pp. 71-90. 2002.

MACAULAY, R. K. S. Polyphonic monologues: Quoted direct speech in oral narratives. **IPRA Papers in Pragmatics**, 1 (2), 1-34. 1987.

MADUREIRA, S. Pitch Patterns in Brazilian Portuguese. **Proceedings of the Fifth Australian International Conference on Speech Science and Technology**. Perth, Volume I, p. 156 – 158, 1994.

_____. Expressividade na fala. In: KYRILLOS, L. (Org.). **Expressividade** - da teoria à prática. Rio de Janeiro: Revinter, 2005, p.15-25.

MAIA ROCHA, B. **A unidade informacional de introdutor locutivo no português brasileiro**: uma análise baseada em *corpus*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Belo Horizonte: UFMG, 2011.

MAYES, P. Quotation in spoken English. **Studies in language**14:325-363. 1990.

MELO, H; RASO, T. Frames e fala espontânea. **Cadernos de estudos linguísticos**. Campinas, Jan./Jun. 2013.

MIRANDA, N. S. O caráter partilhado da construção da significação. **Revista Veredas**, v. 5, n. 1, Juiz de Fora, 2001. p. 57-81.

_____; SALOMÃO, M. M. M. **Construções do Português do Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

MORAES, J. A. **Os fenômenos supra-segmentais no Português do Brasil**. PUC-RS, 1998.87f. Mimeografado.

_____; ABRAÇADO, J. A descrição prosódica do Português do Brasil no AMPER. **Géolinguistique** 3/2005 (Projet AMPER), p.337-345, 2005.

NESPOR, M; VOGEL, I. **Prosodic Phonology**. Dordrecht: Foris Publications. 1986.

PIERREHUMBERT, J. B. **The Phonology and Phonetics of English Intonation**. PhD disseratition. Cambridge: Mass: MIT, 1980.

PIRES, R. E. S. **forte que nem touro, alto que nem torre, livre que nem passarinho**: a configuracao de uma construçao hiperbólica do português. Tese (Doutorado em Linguística). Juiz de Fora: UFJF, 2013.

RASO, T. Fala e escrita: meio, canal, consequências pragmáticas e linguísticas. **Domínios de Linguagem**. V. 7. n. 2. Jun./dez. 2013.

_____. Fala e escrita: meio, canal,consequências pragmáticas e linguísticas. **Domínios de Linguagem** (7:2), 12-46. 2013.

REIS, C. Prosódia e telejornalismo. IN: GAMA, A. C. C.; KYRILLOS, L.; FEIJÓ, D. (Org.).**Fonoaudiologia e Telejornalismo**. Relatos do IV encontro nacional de Fonoaudiologia da Central Globo de Jornalismo. Rio de Janeiro: Revinter, 2005.

ROACH, P. **English phonetics and phonology**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

ROCHA, L. F. M. **A construção da mímesis no reality show**: uma abordagem sociocognitivista para o discurso reportado. Tese (Doutorado em Linguística). Rio de janeiro: UFRJ, 2004.

_____. A fala silenciosa reportada: metáfora, metonímia e mesclagem. **Linguística**, 2 (1), 23-38, 2006.

SAKITA, T. I. **Reporting discourse, tense, and cognition**. Elsevier, 2002.

SALOMÃO, M. M. M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Revista Veredas**, v. 3, n. 1, Juiz de Fora, 1999. p. 61-79.

_____. Tudo certo como dois e dois são cinco. In.: MIRANDA, N. S. & SALOMÃO, M. M. M. **Construções do Português do Brasil: da Gramática ao Discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009b, p. 33 – 74.

SANDERS, J.; REDEKER, G. Perspective and the representation of speech and thought in narrative discourse. In: FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (ed.). **Spaces, worlds and grammar**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 10, p. 290-317, 1996.

SARDINHA, T. B. **Linguística de Corpus**. Barueri: Manole, 2004.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. 20. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1916.

Scarpa, Ester M. (1999) Interfaces entre componentes e representação na aquisição da prosódia. In: Lamprecht, R. R. (org.) **Aquisição da Linguagem: questões e análises**. Porto Alegre: EDIPUCRS.

SEARLE, John R. **Expression and meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

SILVA, A. S; BATORÉO, H. J. Gramática Cognitiva: estruturação conceptual, arquitectura e aplicações. In: A. M. Brito (org.) **Gramática: História, Teorias e Aplicações**, Porto: Faculdade de Letras do Porto, 2010.

TANNEN, D. **Talking voices**. New York: Cambridge University Press, 1989.

TENANI, L. E. **Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos**. Tese de doutorado. Universidade de Campinas, 2002.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. Acquiring linguistics constructions. In: Kuhn, D.; Siegler, R. (Eds.), **Handbook of Child Psychology**. New York: Wiley, 2006.

VÄLIMAA-BLUM, R. **Cognitive Phonology in Construction Grammar**. Analytic Tools for Students of English. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.

VIGÁRIO, M. C. **Aspectos da prosódia do português europeu**: Estruturas com Advérbios de Exclusão e Negação Frásica. Braga: Universidade do Minho (Centro de Estudos Humanísticos), 1998.

WENNERSTROM, A. **The music of everyday speech**. New York: Oxford University Press, 2001.

ANEXOS

PROJETO NURC-RJ

DIÁLOGOS ENTRE DOIS INFORMANTES (D2)

Inquérito 147

Tema: Vida Social. Diversões. A cidade. O comércio.

Duração: 1h

Data do Registro: 10/04/73

Dados dos Informantes:

Locutor 1 (L1): sexo feminino, 25 anos, carioca, pai carioca, mãe paulista, formação universitária: Filosofia, área residencial: Zona Sul.

Locutor 2 (L2): sexo feminino, 25 anos, carioca, pais cariocas, formação universitária: Formação Bioquímica, área residencial: Zonas Sul e Suburbana.



Clique aqui e ouça a narração do texto

L2: eh... você é carioca né?... quantos anos já... há quantos anos você mora no Rio?

L1: a vida inteira...

L2: nasceu aqui?

L1: nasci aqui...

L2: está ok... bom... e você eh... mora em Copacabana mesmo?

L1: não moro em Ipanema... mas queria te perguntar uma coisa... qual é a tua imagem você mora em Copacabana né? qual... qual a imagem que você faz de Ipanema?

L2: olha... eu...

L1: não é sobre o bairro não... eu quero saber como vivem as pessoas que moram lá...

L2: [

das pessoas... da vida ()

L1: é... qual a imagem que você faz?

L2: olha... eu acho...

L1: pode ser franca... hein...

L2: está ok ((risos)) eu não vou malhar não... olha eu acho...

L1: não... mesmo se malhar...

L2: bom eh... está bom... eu acho ... pri/... primeiro lugar o bairro... acho um bairro espetacular... e acho que quem mora em Copacabana deseja à beça morar lá... bom... já estou entrando aqui no à be/ à... hein? agora e... quanto às pessoas que moram lá... eu tenho a impressão que não são diferentes das outras que moram noutro bairro... só QUE... em vista do local eh... das possibilidades e... eh... e... do meio de... maior comunicação que parece que existe lá... diversão e tal... deixa assim elas mais à vontade mais... mais dadas... comunicativas isso... fazendo uma diferença entre as pessoas dos outros bairros né... agora... em relação ao pessoal que mora em Copacabana... eu sou bairrista hein sou bairrista... mas acho que... se comportam quase que da mesma maneira... só que... a evolução natural eh... transportar... a cidade se transportar sempre pra outro lugar outros... pra outros bairros né... quer dizer... bairros se transportam pra outros bairros... e que... dão mais condição de vida... de calma... tranquilidade... e vai... vai por aí... é por aí... agora o pessoal é legal... comunicativo...

L1: sabe o que que eu acho... eu

L2: [

hã...

L1: morando em Ipanema... eu sou suspeita pra falar... mas () sinto tanto... eu não posso deixar de pensar em outras pessoas que () Ipanema tem um clima... em termo... você disse que () que as pessoas são todas iguais né... uma que não são... mas Ipanema tem um clima... que predispõe sabe... que dá possibilidade à pessoa de se abrir muito mais entende... você pode sair vestida de palhaço de lá... que ninguém vai olhar pra você...

L2: justamente é isso... é liberdade... você pode ser uma artista famosa... passa pela rua tranqüilamente...

L1: () às vezes... ninguém te incomoda... se você sai assim ()

L2: [

é... hum nem liga...

L1: ninguém está nem querendo saber como é que você está... ninguém nem presta atenção em você... porque aquilo ali ()

L2: [

é normal...

L1: assim tão boa de cada um viver a sua própria vida... quer dizer... logicamente tem suas desonrosas exceções...

L2: é claro... ()

L1: mas já está todo mundo naquele espírito de cada um viver sua vida... levar sua vida sem se preocupar com a do vizinho... que ninguém está se importando se você sai de vermelho com verde... amarelo... roxo... ninguém está querendo saber a não ser... agora isso também traz um problema de solidão... né... se você fizer uma análise da... solidão...

L2: é justamente porque... uma vez uma... uma amiga falou pra mim... "engraçado aqui"... ela não é brasileira... então ela falou assim... ela é equatoriana... ela disse assim... "engraçado no Rio... principalmente Copacabana Ipanema Leblon... a gente anda cercado de gente à beça... mas ninguém olha pra gente... ninguém..." e sozi/... você parece ir sozinha... e você po/... como... ela dizia... "pôxa eu não tenho muito poder aquisitivo agora... mas eu posso andar de calça Lee durante um mês que ninguém vai olhar pra mim..." vai per/... dizer se ela está ruça... rasgada ou eu que ando muito bem alinhado... muito bem arrumado e ninguém repara... no mesmo bar em que se senta uma... uma... não digo um ... restaurante de luxo entende... mas um bar... um bar assim da moda em que senta um... um deputado... senta muito bem arrumado e tal... do lado dele senta um rapaz hippie... uma moça muito tranqüila mesmo e não... não se sente choque...

L1: mas... ô B.... sabe o que que é... isso é problema de grande cidade particularmente de São Paulo... de Rio de Janeiro no Brasil sabe... você quando você vai ao Paraná... você não sente tanto... é São Paulo e Rio de Janeiro... é uma coisa assim... é uma constatação tão clara que se pode fazer... sabe é aquela massificação... o indivíduo ele se sente massificado... daí () uma neurose crescente... que você hoje em dia você... a gente sabe que morar no Rio e São Paulo você tem que necessariamente ter um grau de neurose qualquer...

L2: é...

L1: () você se sente tão massificado e ao mesmo tempo você quer valorizar o seu eu... mas você não CONSEGUE... entende você não consegue... porque as coisas te abafam... é a comunicação eh... eh... mil coisas te abafam entende... você não consegue se demonstrar como indivíduo...

L2: é claro...

L1: então é aí que eu acho que a nossa solidão vira neurose... Ipanema é muito bom... maravilhoso... você pode andar como você quer... como você não quer... como você quer... mas ao mesmo tempo a pessoa... eu sinto muita alienação... entende... os contatos são superficiais... entende... não sei se decorrente de Ipanema em si... ou já Ipanema é decorrente do Rio de Janeiro ou não sei... problemas de pessoas... de épocas... mas você sente é uma alienação incrível entende...

L2: é... me parece que todos querem esse lugar...

L1: [

então... as pessoas não querem se envolver entende... você... você pode ver uma turma de... pessoal assim de... típico de Ipanema por exemplo... muito difícil se o indivíduo não tem assim uma formação mais... eh... humanista... mais assim... é muito difícil dependendo da natureza da pessoa também né... mas de um modo geral é difícil entende... os relacionamentos são muito superficiais... então a gente não se satisfaz... você está sempre insatisfeito... pode passar o dia inteiro junto...

L2: eu sei ()

L1: [

passa por mil transações... ir a mil boates gastar quanto você quiser e ao mesmo tempo () numa relva com pessoas realmente... sabem () porque Ipanema não é () também né...

L2: justamente... pois é... é esse o o ângulo a... também não é porque a comunicação justamente... comunicação é necessário... isso não há dúvida... é necessária... mas não

L1: [

a gente faz ela ser superficial...

L2: ela é superficial é... ela não cai no... no... no... no eu profundo entre duas pessoas né? eh... conseguem falar assim tal e coisa... mas não transmitir assim sinceramente como um... como irmão chega pra uma irmã e conta um negócio assim profundo... então ela sente... o outro escuta... aceita acha muito bom... então analisa aquilo sob todos os pontos de vistas eh... freudianos e... etc... mas sai dali "ah fulano não é... já não liga mais..." e está... está na dele... cada um na deles...

L1: você falou em relacionamento com irmão... você sabe que eu sinto isso... justamente porque não... não aconte/ isso comigo? eu tenho uma família tão unida... nós somos quatro... são dois rapazes e duas moças... então eu sinto isso demais porque no seio da minha própria família não acontece... então eu não posso admitir que aconteça fora...

L2: hum-hum...

L1: eu tenho meus irmãos rapazes que o que eu estiver contando pra você... você é minha grande amiga... eu conto pra eles até as minhas... vamos dizer... as minhas mais íntimas experiências... nós discutimos... tá vendo que você fez um ()... porque foi muito inteligente... se alguns têm essa mesma tendência universitária mesmo... podiam ser diferentes... mas () sabe? todo mundo? está certo... um é... vai se formar engenheiro esse ano... tem uma... tendência assim mais objetiva... mais prática...

L2: mais materialista...

L1: o outro já deu pra uma () humanista... mas é um garoto assim... é mais novo do que eu... mas tem uma compreensão... uma visão fora do comum...

L2: hum-hum...

L1: então lá na minha casa é assim... se () todo mundo decide junto... é uma coisa tão... tão diferenciada dos dias de hoje que a gente... nós temos tantos amigos desintegrados... a gente só tem a... eu não sei porque cargas d'água... mas nós só temos amigos assim de família desestruturada... essas pessoas encontram assim uma coisa que a gente pen/... pensava que é inexistente na face da terra () pessoas adultas

L2: [

()

L1: podem se entender tão bem hoje em dia dentro de um apartamento relativamente... quer dizer... um apartamento que não é muito grande entende... mas é uma coisa assim tão... é quase palpável...

L2: é humana... ()

L1: sabe... o sentimento ali é quase palpável... a interação entre as pessoas lá é quase palpável... então quando eu () uma coisa muito... eh... rara... então quando eu saio de casa pra me comunicar... pra me relacionar com outras pessoas e que: isso

L2: [

sente o choque né...

L1: não existe... eu sinto uma diferença... tem um choque... uma diferença... uma depressão... um vazio... sabe uma coisa incrível mesmo... mas incrível... por isso é que não é com muitas pessoas que eu me dou entende... porque... sabe eu não gosto daquele relacionamento superficial... a gente sempre se envolve... porque se você não se envolve você não...

L2: [

claro... porque...

L1: aproveita a pessoa... você não entende a pessoa

L2: () não sente a... não sabe o que ela é em si... é natural... claro... quando a gente busca uma amizade é pra sentir saber o que ela é ()

L1: e em matéria assim de diversão o que você acha assim do Rio de Janeiro pra você sair assim de casa... pra onde vamos... o que fa... fazer no sábado... domingo... fim de semana... que que você acha da nossa cidade?

L2: olha... tem muita coisa boa... mas eu não sei se é porque já é tanto tempo... já está virando um saco... sabe... eu já não sei nem pra onde eu vou mais... vira e mexe

L1: [

()

L2: eu vou pro mesmo lugar... você tem muito lugar pra ir entendeu?

L1: que lugar você gosta ir geralmente?

L2: é bar... restaurante... teatro... cinema... de noite... praia eu sei lá... de vez em quando piscina... aí... algum clube... algum conhecido...

L1: você é sócia de algum clube?

L2: [

sou...

L1: de qual?

L2: é o... Monte Sinai sabe?

L1: sei...

L2: na Tijuca? mas eu quase não... eu vou quando eu vou...

L1: está correndo... acho que está correndo uma coisa muito interessante aqui... você é de família de... israelita?

L2: sou...

L1: você vê que coisa bacana... né... eu sou descendente direta de árabe por parte de pai e parte de mãe...

L2: ((risos))

L1: você vê que o nosso pessoal () lá fora... né... e a gente ()

L2: [

é mesmo é... e aqui a gente ()

L1: maior integração em tudo...

L2: engraçado né?

L1: você vê que coisa né? ((risos)) bom eu... o que é de minha parte... nunca... nem... com minha família toda... que inclusive a minha irmã... já teve um noivo israelita... de nossa parte não tem o menor preconceito de nada...

L2: eu também não tenho e sinto... aliás os dois primeiros namorados que eu tive eram árabes...

L1: ah... não brinca é mesmo?

L2: a gente se conheceu na faculdade... engraçado ()

L1: [

e seus pais... você mora com seus pais?

L2: não... moro sozinha... quer dizer... com o meu marido... por enquanto...

L1: ah... eu não sabia que você era casada...

L2: ah... não é? é que eu não estou usando aliança hoje... eu já estou ficando aberta né? mas aliás só fazemos questão () né... ele viaja... fica uma semana aqui uma semana lá... então pois é... então nesse ponto () justamente... quando ele vem... então a gente procura "puxa... vamos sair vamos a algum lugar nos divertir"... mas parte da mesma é cinema depois é restaurante... peça... o negócio está tão caro que não dá mais... né? e...

L1: vocês costumam sair em grupos?

L2: costumávamos... agora cortamos completamente porque justamente por causa dessa superficialidade...

L1: mas você não acha que o problema... o problema está mais eh... () o problema cai mais... pra companheirismo... pra esse lado assim?

justamen... precisamente pra lugar completamente falando... quer dizer... porque se você vai a uma praia com pessoas que te agradam... você está ultra bem... () integrado ótimo...

L2: claro...

L1: não é muito o lugar que importa... você está com teu marido... você está () bom... você não vai ficar entediada... vocês vão ao cinema... você não vai ser () viaja? quer dizer é

L2: [

não...

L1: um problema de comunicação muito maior aí do que um problema concreto... do lugar que se vai...

L2: hum-hum...

L1: isso aí tem que examinar bem... porque de outra maneira quando ocorrem problemas...

L2: ((risos))

L1: mas o problema aí não é tanto sabe? não... tem mesmo...

L2: [

()

L1: hoje em dia você vai a boate por exemplo... aqui no Rio... você é casada né... eu sou solteira... então acho que eu... provavelmente devo

ir mais curtir mais a boate que você...

L2: () curte muito mais de sa/... solteira do que casada...

L1: antigamente não... antigamente eu precisava mais sabe... hoje em dia eu só vou à boate mesmo porque eu gosto muito de dançar e é mais uma vontade que oportunidade pra me extravasar... sabe... eu penso em boate () boate... Rio de Janeiro... pra mim não... o LUGAR que EU tenho tendência de espírito pra ficar... não é... mas eu tinha um gosto eclético... sabe... tanto gosto de ficar no... Parque da Cidade ou numa praia deserta... como eu tenho que

L2: [

() extravasar...

L1: de vez em quando tenho que dançar muito... beber muito uísque pra me extravasar...

L2: é verdade... eh...

L1: () Ipanema minha filha...

L2: [

que coisa né? precisa claro... tem mais coisa entre... a semana toda trabalhando... sábado de manhã se não vai à praia se chover... quatro paredes... quer dizer... sai de um escritório... de um laboratório... seja lá o que for pra dentro de casa... outra vez enclausurada... então a gente precisa... de se expandir... não tem...

L1: [

é o problema dessas pessoas da cidade grande... eu acho que é problema fundamental de solidão... eu acho que ainda é...

L2: é simples...

L1: () lugar comum? mas eu acho que a... a verdade fundamental é que o problema das pessoas de São Paulo... Rio de Janeiro... sei lá... Belo Horizonte talvez... mas nessas cidades grandes o problema

L2: [

()

L1: fundamental continua sendo o da solidão...

L2: é verdade...

L1: e por incrível que pareça... por mais comunicação eh... externa mais aparente... menos comunicação eh... de indivíduo pra indivíduo...

L2: [

isso daí é... um... é verdade... e depois o que separa muito porque a... é o seguinte é a... mesma classe com diferença de nível social diferente quero lhe explicar o seguinte... quer dizer... você viver vamos dizer... Ipanema... então há um status de sociedade... mas muitas pessoas vivem lá e não têm o mesmo nível econômico entendeu? mes/... então se vira um bocado pra poder... ficar...

L1: [

mas se bem que () de Ipanema ()

L2: [

não não é só Ipanema... Copacabana... não...

L1: () Ipanema... acho que o problema que tem em Ipanema é problemas que menos existem em termos sabe...

L2: eu sei... mas eh... vamos dizer quando ()

L1: [

() classe média alta né?

L2: é... mas eu que... mas justamente é isso... já cai nesse problema a classe média alta... ela está doida pra botar um pé na classe... na classe rica... e... então...

L1: esta classe é a pior que existe...

L2: é a pior que existe... é a pior... quer dizer... então... por exemplo... se você se dá com alguém que está feliz... contente... com a classe média alta... e... você... não está... está naquela de querer pisar na classe rica... então há choque... não consegue... eu justamente por isso que eu ia dizer pra você porque que eu não me dou com muitas pessoas... entendeu... tinha um grupo de amigos... então deixei de me dar e isso não quer dizer que eu... sou muito contente com a minha classe média não... eu quero...

L1: [

não entendi... você teve choque nesse sentido das pessoas... achou que as pessoas te menosprezaram tanto assim...

L2: [

tive tive porque... não não menosprezavam... elas queriam... chegar... é... elas queriam chegar igual... entendeu e quando estavam igual queriam subir muito mais... por exemplo eh... eu me dava com um gru/... de vez em quando ()

L1: esse grupo seu era do seu clube... era do seu pessoal...

L2: [

é... do meu clube da... amigos de infância e tudo mais... mesma soci/... mesma posição social eh... econômica eh... como é que se diz eh... intelectual... mas acontece que se a gente melhora um pouco... entendeu... eles já sentem e não querem mais... que acha que não consegue acompanhar...

L1: mas ô... só um esclarecimento... era () dentro da colônia israelita essa situação? agora você sabe que isso é um fenô/... fenômeno não... mas isso é um ()

L2: é normal () mal ou bem...

L1: [

() colônias né? você sabe que ()

L2: é justamente o que me acontece é que o nosso relacionamento com pessoas que não são da família...

L1: mas você devia procurar então... se você é uma pessoa tão aberta... como que eu acho que você... procura ser pelo menos... você devia procurar se relacionar então com pessoas fora da colônia israelita...

L2: é...é o que já parece que está acontecendo agora...

L1: você não faz questão não?

L2: não...

L1: seu marido faz essa questão?

L2: [

não não não... pelo contrário...

L1: porque o que eu acho que isso não pode existir ()

L2: existe ()

L1: não existe mais... de colônia... não pode né?

L2: [

é... justamente por isso é que a gente procura... é...

L1: [

() procurar pessoas () afinidade em primeiro lugar né?

L2: principalmente...

L1: aí vocês não vão sentir tanto vazio nos lugares... quer dizer... vocês vão ter muito mais interação com as pessoas...

L2: hum-hum... claro... é o que eu sinto... eu... umas amigas que eu tenho que não são israelitas sabe eh... a maioria é católica mesmo... me dou muito bem com elas... e as outras nada... nem se consegue...

L1: é... nós lá em casa já () há muito... há muitos anos... mas há muitos anos de colônia sabe...

L2: não dá... já era...

L1: [

graças a Deus o Rio de Janeiro não tem essa colônia árabe... em São Paulo essa colônia árabe é fortíssima... e a família toda da minha mãe é de São Paulo... então... quando eu vou a São Paulo ocorre... ocorrem coisas engraçadíssimas... porque eu não sou desse jeito que eu sou... contente... eu me visto do jeito que eu SINTO que eu gosto de me vestir... vestido é curto... biquini é bem biquini... mas... é de acordo com o meio que eu vivo e tal...

L2: claro é natural...

L1: então chego eu lá em São Paulo... a minha mãe tem duzentas irmãs lá em São Paulo... então chego lá... vou ao clube... vou ao () conheço gente... conheço rapaz etc... eu geralmente saio de lá falada né...

L2: ah...

L1: [

minha mãe ((risos)) porque eu... e eu saio de lá não só eh... cochichada vamos dizer assim... como também triste... porque eu acho que a coisa mais triste do mundo é malícia na cabeça de pessoas né?

L2: é claro né...

L1: isso é uma coisa que me entristece terrivelmente... eu fico deprimida quando eu vejo uma pessoa maliciar a outra...

L2: [

eu também ()

L1: primeiro que eu acho que ninguém tem nada a ver com a família

L2: [

é claro...

L1: da outra... segundo que eu acho... falta de tempo... envenenamento da mente e mil coisas que você está maliciando sobre a vida dos outros

L2: [

puxa ()

L1: porque eu tenho valores que fulano x não tem... então eu posso viver a vida que eu quero...

L2: é claro...

L1: então... eu em São Paulo sou uma catástrofe né... porque lá o pessoal de um modo geral é... é muito conservador... então a família...

L1: é quase mineira

L2: a... a tradicional família árabe... então minha filha...já muito mais ainda... muito mais... é verdade...

L1: [

ah... precisa ver gente de muito DINHEIRO né... aquele pessoal ir pra aquele... sabe? ir pra aquela festa com muita jóia... aquela coisa... aquela ostentação toda... e chego eu e meus badulaques... não uso jóia em hipótese alguma... talvez seja psicológico... não sei... duas coisas...

L2: [

eu também não gosto...

L1: que eu não consigo botar... esmalte em unha... desde que eu entrei pra Faculdade de Filosofia... não sei... problema de estrutura psicológica... ou mudança... o esmalte em unha e jóia...

L2: hum...

L1: não consigo mais pôr... quer dizer vou a... a manicure bota esmalte assim clarinho... base... faço a unha mais ou menos né... de vez em quando... de duas em duas semanas...

L2: [

()

L1: porque também não suporto ficar sentada na cadeira da manicure... então... eu faço pra manter aquela higiene da unha mais ou menos...

L2: [

é claro né...

L1: eu trabalho... a gente lida com o público... tem que manter uma certa aparência... né se não pega mal...

L2: [

tem que... se não já viu né?

L1: então: o que acontece é isso... não consigo mais usar jóia... uma coisa assim que... sabe... que eu ganhei uma pulseira maravilhosa do

meu pai... ele fica ofendidíssimo porque eu não uso né... eu me sinto mal... parece que estou com uma coisa assim que... não sei () muito tempo também me... me incomoda...

L2: [

sobressaindo demais né?... engraçado talvez... se a pessoa já... precisa de ter uma... parece que vem de família ou então de formação... não sei tem crianças... pequenininhas... que gostam de joiazinha... de não sei quê...

L1: [

não... mas eu era...

L2: não sei que lá... eu nunca vi...

L1: [

um balangandã... eu era uma árvore de Natal quando eu era pequena... sabe que minha avó me chamava de cigana né?

L2: [

porque você usava muito...

L1: porque eu punha os badulaques minha filha... eu ia pras reuniões da minhas tí/... das minhas tias em São Paulo... pegava jóias... pulseiras e () colar... quer dizer... eu tinha um prazer... o prazer não era estético naquela época... era um prazer incrível... eh... era um prazer quase erótico... se eu posso dizer assim... me olhar no espelho e me ver toda cheia de badulaques... sabe... desde aquela época que () confusão psicológica...

L2: [

não já eh... engraçado... olha... entende... que aí... não sei... olha... é uma coincidência... sabe... que desde pequena eu também era assim... gostava de me fantasiar de... de odalisca...

L1: ah: era um barato aquela odalisca...

L2: [

ai... aquelas... aqueles trajes finos e coloca colares aqui e encher os pés e as mãos e outras coisas... até hoje... até hoje...

L1: ah... era () um barato... bem bem bem transparente né... aquele negócio preso aque/ cheio de () prateada ()

L2: [

adorava... era o meu sonho... era um sonho... você sabe que era o meu sonho... eu nunca... minha mãe nunca fez uma fantasia de odalisca pra mim... fez de tudo... né... bailarina e de outros bichos também... até hoje... eu ainda vou me realizar... né... ainda vou no Monte Líbano de odalisca transparente...

L1: ô B.... sabe que que é isso? isso aqui é porque a gente muda () quando é criança assim calcada na... na... no desenvolver da nossa fantasia... eu sou professora primária e lido com crianças

L2: [

hum...

L1: de cinco anos e meio... seis anos... então como eu fui uma criança muito reprimida na escola... estudei em colégio de freira... aqui nesse colégio tradicionalíssimo... () Sion () mil coisas... então é sempre muito reprimida... eu mostrava um desenho que eu achava lindo... desenhava mal paca... mas achava lindo... porque era uma expressão do meu interior... achava mara/... qual é a criança que não acha o desenho uma obra de arte?

L2: hum-hum...

L1: e é... então eu mostrava pra freira... a freira... a freira dizia assim... "horrrível"..." ela dizia na minha cara que o desenho estava feio...

L2: pronto... traumatizava...

L1: eu ficava frustrada... aquilo ali me bloqueou pra sempre no terreno das artes plásticas...

L2: ah é é? ((risos))

L1: não é brincadeira... é engraçado mas é verdade... deixa pra lá então meus alunas... meus alunos... não... ô meus alunos...

L2: [

((risos)) () isso aqui é agressão...

L1: você não sabe... eles fazem um tracinho assim na folha... teatro... prêmio Molière... precisa ver...

L2: [

academia ()

L1: maraVilha... prendo lá na... na sala... maraVilha... "PARECE ATÉ QUE ENTROU NUMA NUMA ESCOLINHA DE ARTE... MEU DEUS... MARAVILHOSO"... eles minha filha... Eles... nem Rembrant se sentia assim... nem Rembrant se sentia assim

L2: está certo é isso mesmo...

L1: eles pareciam verdadeiros Picassos na época... sabe coitado do Picasso () você tem verdadeiros artistas... tem que ser... esse lado da fantasia é o lado que tem que ser desenvolvido porque é um lado existe... então como essa nossa geração foi muito reprimida na... nessa... nessa parte de... fantasia tinha...

L2: hum-hum...

L1: () pobres adultos... com uma pobreza espiritual incrível... sabe... muitas vezes você não se desenvolve sozinha quando é pra desenvolver... você fica tão reprimida vê o mundo... cinzento... quando você pouco consegue exprimir... com seu corpo com sua fala... pouco consegue se exprimir...

L2: então você procura outra... hã-hã...

L1: [

e onde ficou aquela fantasia toda da infância porque não pôde ser posta pra fora?... aonde?... reprimida num canto de você... então o que não chegou um dia fica sempre em você...

L2: [

claro... então chega ()

L1: você pode passar do presente pro futuro... está tudo no hoje... né... quer dizer... nada vai embora...

L2: [

hum-hum... então é aí que sente... faz uma:... questão de exteriorizar né...

L1: [

por isso que está muito () na educação hoje que eu acho sabe? essa:... vamos desenvolver () botar pra fora... botar... fazer expressão corporal... botar o corpo né pra trabalhar e pra expressar os sentimentos... eu acho isso maravilhoso...

L2: é... então... claro... se isso liga... descomplexa é ótimo... está aí... nesse ponto já entra outra coisa... se referindo a vestuário... de hoje em dia né... eh... hoje em dia se vê pequê/... ganoínas pequenas eh... adolescentes assim abaixo de:... de quinze entre quinze e dezesesse e daí pra cima até nós de vinte e cinco né... usando eh:... fantasias etc... artesanato... puxa acho isso ótimo... quando você diz...

L1: [

mas é tudo estado de espírito né B. que eu até não falo... não falo na nossa idade não... () que eu até na hora que eu sentir vontade de () e hoje ()... né... que eu vim discreta...

L2: [

não... bom... eu também até psicologicamente também... puxa é porque vocês ainda não viram como minha família é bem arrumada...

L1: () eu vim discreta... agora isso aqui... mostra muito... não é () pessoa... não é gratuito se você é uma pessoa cheia

L2: [

é... é claro...

L1: de badulaque não é absurdo né porque eu GOSTo desse material

L2: [

não é...

L1: e uso ele...

L2: hum-hum...

L1: é que de alguma forma eu sinto necessidade de usar isso...

L2: [

que sente necessidade... eu tenho sentido uma necessidade irresistível... eu... se eu vejo () eu compro...

L1: [

por quê não usa?

L1: eu uso...

L2: bom... acabei de tomar banho agora e não botei nada...

L1: [

() ah... bom...

L2: mas eu uso... e eu hoje comprei achei lindos porque eu comprei achei tão bonito e minha irmã usa também... muita... igualzinha a mim... então dei dois anéis pra ela ela ficou maravilhada "ah... como é que você... você vai ficar... tem se... sem os teus anéis?"... "não... eu dou pra você" e ela dá e troca comigo pulseirinha e coisas... milhões de coisas ()

L1: [

quer dizer uma coisa incrível dessa as... as pessoas hoje em dia... isso... isso tem sido alvo de discu... como as pessoas estão dando assim...

L2: valor... né...

L1: como as pessoas precisam se adornar né?

L2: é... isso é uma auto-satisfação...

L1: [

() elas precisam se adornar sabe? pra se gratificar acho um pouco ()

L2: [

é... é verdade... eu acho que... deve ser isso...

L1: eu não entendo muito bem a compreensão psi/... psicológica disso... mas... talvez seja uma forma de gratificação...

L2: [

é uma forma... de gratificação a si própria pra se compensar... eh...

L1: [

que está faltando de outra coisa... de outro lado... então você procura se gratificar de outro lado também... né...

L2: é... às vezes a falta de uma palavra boa... você () eu... pelo menos... me sinto realizada quando eu saio e compro um perfume caro... é... eu compro uma bolsa que meu marido vai me matar depois pelo preço... mas eu acho que aquilo me... me realiza... pode ser maluca hippie... de pena... de... pode ser o que for... fico maluca... talvez eu nem vá usar... mas só saber que eu TENHO... pronto... está aí... talvez eh... é exteriorização quando eu era menor... minha mãe também não deixava usar tal coisa ou queria... vestir eu e minha irmã iguais e achava ()... então agora faço questão de ser diferente... um dia eu sou bem assim... cética... fechada... ponho uma roupa bem:... bem tradicional... noutro dia eu ando parecendo uma... uma "hippa" louca como diz minha irmã... "parece uma hippie louca"... é... é verdade...

L1: mas isso é claro... um dia você é uma B. outro dia você é outra...

L2: isso são... são personalidades... é... não... isso... isso eu sei que eu tenho duas viu que eu já... fiz tratamento com psiquiatra... ele me falou...

L1: provavelmente deve ter várias ()

L2: [

talvez várias... mas eu sou duas com/... completamente diferente... viu... uma hora eu sou uma... menininha e na outra hora eu sou... uma mulher completa...

L1: olha B. vou dizer uma coisa sabe isso é tão natural mas se isso não tivesse poderia não ser () pode crer...

L2: não claro... tem que ser... pois é... aliás isso que eu...

L1: [

sabe () se não for... é um ()

L2: é... é normal...

L1: porque a gente tem tanta coisa que descarregar e não descarrega tanta coisa... que se você num dia pode descarregar você descarrega... outro diz você tem que se reprimir você reprime... então por isso a eh... a inconstante é ilógica... eu acho que não existe obrigatoriedade de lógica... () ser lógica sabe... que as pessoas não têm oportunidade... de se desenvolverem no mundo moderno como podem... então a vida não pode ter lógica... eu não posso ganhar hoje () no mês que vem... sabe... por isso... por por esse assunto eu quero te perguntar que que você acha do casamento? vindo desse assunto... não sei se você já me entendeu... claro que é tudo numa boa e natural...

L2: [

() olha... eu vou dizer... bom... sinceramente...

L1: você que é CASAda... você que é uma senhora...

L2: é... senhora... aliás... agora... não mas te respondendo com toda sinceridade... olha... o... casamen/... eu não sei se eu agi certo ou agi certo... agora...

L1: [

não () você não fica vindo pela tangente não... me responde... teu marido não está aqui... ele não vai escutar...

L2: [

está bom... eu vou dizer... olha eu acho... está bom... ele não está escutando... né... olha... eu acho que casamento... é um negócio maravilhoso... viu... quanto...

L1: [

me fala sinceramente eu não estou querendo que você fale do seu casamento... você como mulher casada... eu quero que você me fale que que você acha do casamento em si como instituição...

L2: eu sei... olha... eu acho ótimo... eu acho que... muitas... eu acho que a maioria pelo menos eu e a maioria... ótimo...

L1: [

acha ótimo...

L2: e quando a mulher gosta... e ela tem necessidade de se libertar... de viver a vida dela... afastar o cordão do pai... da mãe... ser ela mesma... ela resolver... que o casamento liberta realmente... liberta a mulher...

L1: você acha o que liberta é o casamento como instituição B.?

L2: não... não como institui/... olha... sob duas formas...

L1: [

() você não acha que é um trampolim... imposto pela sociedade pra essa possível liberação que você está falando?

L2: pode ser que...

L1: não é o casamento em si... eu acho que liberta...

L2: certo... eu sei... pode ser que a... que a sociedade faça obrigatoriedade dele... pra servir de trampolim... está certo... mas... se você olhar sob o ponto de vista assim... não de sociedade não de sociedade... como lei se... por exemplo... se você é obrigado a pagar uma tax/ uma taxa rodoviária pra você atravessar... atravessar de um estado pro outro... e ali acabou... acabou tudo esse... o guarda não vai te fazer nada... não vai te prender porque você está tranquila... está quites... entendeu... então você faz o que você quer... eu acho que essa obrigatoriedade não... não influi não influi em nada... se você acha que casou porque teve que mostrar pra sociedade que você é casada legal e teus pais viram...

L1: [

no início eu te perguntei se era o casamento como instituição legal que ()

L2: [

eu acho que é uma instituição legal MESmo... e se não der certo... se tiver... quisesse eu que tivesse divórcio... e apesar de ser bem casada... mas se não... não desse certo viu... claro... e agora... se não... se não desse... passasse para outras ótimo...

L1: [

o mal é que ainda tem gente que não pensa assim né...

L2: mas é válido como instituição... ou NÃO... de qualquer forma... você sente que: se você gosta de uma pessoa e a outra gosta dela... não precisa de: de papel nenhum para legalizar um amor... uma... um sentimento... mas se aquilo vai reforçar... melhor ajuda...

L1: mas reforçar por quê... por problema posterior de filhos?

L2: é talvez eu acho que isso ainda é... é necessário... justamente()

L1: você não acha que casamento não tem nada a ver com o sentimento do... das duas pessoas... o casamento... você pagar não sei quantos milhões pro padre... se casar e: () religioso... aquela coisa...

L2: aquela POMpa toda...

L1: você não acha que isso é nada... em relação ao sentimento das duas pessoas...

L2: claro...

L1: isso deveria existir? ()

L2: devia sim... devia devia é: mas... eh... como é um dogma tão grande se vem de TANTos anos atrás...

L1: mas isso não importa... as pessoas... mas justamente a gente não pode se acomodar a gente tem que gritar contra as coisas que a gente acha errado senão nada muda... sabe... se as pessoas se acomodam e não brigam por nada... eu vou dizer... eu sou uma pessoa intimamente... revoltada contra isso... porque... eu acho o seguinte... eu por exemplo já tive oportunidade assim umas três oportunidades assim concretíssimas de me casar... de repente você não tem oportunidade... e muito bem casada... sabe... assim... podia morar no exterior inclusive... e... materialmente falando muito bem casada... mas eu sou uma pessoa... não sei se feliz ou infelizmente... hoje em dia eu já não sei se FELIZ ou infelizmente... mas eu sou uma pessoa assim muito... com temperamento difícil... porque... sabe... nada... não é porque a pessoa não me toca... então a pessoa... eu acho que me casar com uma pessoa... eu quero me casar... com o corpo da pessoa... quero me casar com o espírito da pessoa que eu quero ser companheira da pessoa... quero ser amante da pessoa... quero ser mulher... mulher inclui tudo isso né...

L2: não: uma coisa assim material né?

L1: então não é um aspecto só... né... e: sabe sempre que tem a mãe da gente () a mãe da gente é aquela COIsa... né... a mãe da gente é aquela COIsa... quer sempre ver a gente casado... né... aquela coisa eterna... "mas você não gosta de ninGUÉM... minha filha... mas não é

possível... não faz isso não... você não... você não pode () homem perfeito..."

L2: [

não vai encontrar...

L1: sabe... é uma coisa incrível que chega a um ponto que você mesma começa a se indagar... se "pô... será que não sou eu que sou exigente demais...que... será que é alguma coisa errada em mim?"()

L2: [

eu sei... então pelo modo de insistirem você não quer mais...

L1: [

que eu estou sendo muito exigente... será que eu vou acabar ficando sozinha por causa disso... porque no fundo todos nós temos um medo incrível de ficarmos sozinhos... né...

L2: ()

L1: qualquer um tem horas que pra qualquer coisa pra uma ligação... por menos superfi/... por mais superficial que seja... solidão é bom até certo ponto... certas horas... então... eu:... como eu trabalho com muita coisa eu tenho muito contato com família porque eu também sou orientadora... pedagógica... então eu trato muito com mãe... eu vejo... o que EU vejo de hipocrisia entre os casais... o que EU vejo... eu trabalho num colégio de elite... sabe... quer dizer... considerado de elite porque as famílias são consideradas de elite porque têm dinheiro... a elite que eu falo... é sinônimo de ter dinheiro... para mim não é elite

L2: [

hum-hum...

L1: mas... naturalmente é... então... o que eu vejo de desagregação... sabe é uma coisa tão inCRÍvel... as crianças... TÃO neuróticas... está entendendo... é TANTA... tanta... eu não posso eu não posso aceitar... sabe... eu tive uma formação... sabe... eu sou uma pessoa assim sou tão aberta... sabe que eu prefiro eu prefiro... olha... se eu vamos dizer que eu encontre um rapaz que eu goste né? que ganhe:... menos do que eu... não tem uma faculdade... como já aconteceu comigo... gostei de um rapaz uma vez... muitos anos aí... três anos... naturalmente não era um... a... o homem que minha mãe morria de amores... por () né? que a mãe da gente sempre quer aquele homem que tenha faculDAde... isso... que tenha mais dinheiro que a GENte... que possa dar o () que a gente não TEM...

L2: [

completo...

L1: mas acontece que os meus valores não são iguais os da minha mãe... então eu seria a mulher mais feliz do mundo ainda por cima... era uma pessoa com muitos problemas psicológicos () porque a família dele pra variar tamBÉM... porque até hoje nunca me relacionei com uma pessoa que tivesse família... integrada... então a... eh... ele... quando era pequenininho... aos sete anos ele... viu os pais brigando uma vez... e o pai quis agredir a mãe e ele foi... sabe criança né? foi socorrer a mãe... o pai jogou ele pra fora... aí ele bateu com as costas na porta... foi horrível... você imagina uma cena dessa... uma criança indo pra cima do pai... o pai indo bater na mãe... disse que o pai era um cavalo de mal gênio... foi pra cima do pai... o pai empurrou ele bateu na porta... então ele nunca mais esqueceu essa cena é nítida lá na... no... então ele é uma pessoa griladíssima com casamento... tem que ser... não seri/... não seria normal se não fosse...

L2: claro...

L1: eu com uma família integrada sou... de ver os outros de serem desintegrados... faço idéia ele...

L2: hum-hum...

L1: então ele era uma pessoa tão BOA sabe... tão maravilhosa como gente e não tinha uma... uma faculdade... mas era uma pessoa muito inteligente... tinha "insights" rápidos entende...

L2: [

tinha vivência... né...

L1: era uma pessoa assim... intuitiva... agradável... bom eu sabia que eu tinha que trabalhar a vida inteira... né... () estava consciente disso porque se eu me casar com o F. eu vou ter que trabalhar minha vida inTEIra... em que a... tem que arranjar mais alguma vida... nunca ia ter descansa/... descansar nunca...

L2: ((risos)) ia ser o homem da casa...

L1: [

mas eu ia estar com que eu queria... entende... eu ia ajudá-lo... eu ia ter... então eu ia ter oportunidade de ajudar um outro ser humano a se desenvolver... porque eu ia dar tanto em cima dele pra ele fazer uma outra () estudar junto com ele... eu poderia pagar o curso dele que ele não pode fazer atualmente... entende... então a gente ia crescer junto... eu acho maravilhoso as pessoas crescerem juntas sabe?

L2: isso que você não chegou a... a experimentar...

L1: não deu... não deu por problemas mil... problemas externos a nós... quer dizer... não sei né... basta ver que depois () pode ser que dê... um dia né... minha filha a esperança é a última que morre... né...

L2: [

nunca se sabe... as pedras se encontram... claro...

L1: você nem me fale... né... a esperança... opa...

L2: você vê que isso... isso que não aconteceu... que não chegou a ser... acontecer com você... não se deu com você... se deu com uma... irmã que eu tenho... também casou com um rapaz que não tinha terminado o ginásio

L1: e a reação dos seus pais?

L2: foi aQUEla que você pode esperar... que deve ter sido a dos teus pais também...

L1: não não não... meus pais não... me respeitam...

L2: [

não? teus pais aceitaram?

L1: meu pai nunca me falou um a

L2: ah... não?

L1: ele nunca chegou pra mim e disse "I. eu não gostaria que você namorasse com o Frank"... sabe porque ele não podia fazer isso? porque

ele sabia que ele o Frank podia ter essas... não ter dinheiro... não ter cultura... que é diferente de não ser

L2: [

mas pelo menos isso...

L1: inteligente... mas ele era um homem íntegro... ele sabia disso... então ele criou um bochicho contra o rapaz... e dizia "olha... ele é mentiroso..."

L2: eh... ele não tem culpa disso...

L1: ele não presta... ele bebe... ele joga... não ()... nada disso então ele não sabe respeitar seu sentimento"... embora eu conheça o meu pai só de olhar sei o que ele sente... eu sabia que não era o homem dos sonhos dele né... lógico... nem da minha mãe...

L2: [

mas... se você quisesse né...

L1: a minha mãe de vez em quando falava né... "olha filha... tens que trabaLHAR... hein... vais ter que trabaLHAR... não sei o quê que... está duro... tem certeza do que você quer minha filha? você é uma moça..."... a minha mãe "você é uma moça culta... minha filha"... cedo entrei na faculdade... então eu sempre fui muito bem na faculdade () me chamou pra trabalhar na faculdade... então minha mãe era orgulhosíssima né... "como é que pode... minha filha... eu não posso entender uma coisa DESta"... sabe... sempre aquele grilo ela tinha... meu pai não... meu pai respeitava mais ()

L2: ficava na dele...

L1: é...

L2: bom pois é e o caso da minha irmã ela... foi contra tudo e contra todos né... casou com ele... família aquela porcaria que você pode imaginar... pai aqui... a mãe lá... irmão mora num:... uns... num:... num país... a outra mora no outro país...

L1: [

uma desintegração total né?

L2: aquilo nem era família... aquilo ali era um pseudo... e em casa... na minha casa é assim... aquela integração né... ih... é uma coisa horrível... resultado...

L1: que às vezes é o MAL... né...

L2: bom... foi justamente... tan/... justamente tanta e todo mundo

L1: [

()

L2: querendo fazer pelo outro mais do que podia... resultado... ela foi contra tudo...

L1: [

é... ()

L2: contar... bom... e aliás aliás ela... é super né super eh... ou ela não precisa de ninguém... não quero nada () suficiente...

L1: ela trabalha?

L2: não estava no último ano de odontologia...

L1: e ele não tinha curso universitário né?

L2: não... ele não tinha nem terminado o ginásio...

L1: eu acho tão bacana ()

L2: [

olha... ela fez TUdo... ela fez tudo contra TUdo... casou com ele... ele está agora no terceiro ano de economia e já tem neném... ele está trabalhando... ela largou a faculdade porque não dava... vai voltar e

L1: [

pois é... B.

L2: está tudo naquela... ela vai...

L1: [

mas sabe o que eu acho... () sentimentos pertinentes ao amor

L2: [

mas é... justamente o amor... o amor que une os dois... minha Filha... eu nunca vi... eles até hoje vivem... contra TUdo... minha mãe não aparece muito lá... nem pai também não... eu vou porque eu aceito... aceito... achei ótimo o que ela fez... válido... se fosse comigo também faria a mesma coisa mas... eles vivem pra si...

L1: [

você deu a maior força pra ela ()

L2: dei... fui... fui eu que... fui eu que fez o noivado...

L1: ah... você é uma irmã legal né?

L2: foi... eh... foi o negócio eh... tá... faz e acabou... chega... foi uma confusão danada...

L1: [

é... bota aí essa aliança () é bota e acabou... é e os pais dele estavam na Europa... eles não estavam nem aQUI... aí alias... naquela época por causa desse namoro... os pais dele tentaram reconciliação porque eles estavam separados né... então foram pra Europa e tal...

L1: espera aí... espera aí... você fa/... você () em detalhe importante... pais na Europa... quer dizer que ele eh...

L2: [

é eles tem...

L1: o nível social do rapaz não era tão diferente do de vocês...

L2: [

não... não... era o nível... claro mas...

L1: não... mas o nível inclusive era o nível social da família dele...

L2: ah... mas espera aí um instantinho... o... esse nível que tinha os pais dele... era devido a miLHÕES de coisas avessas completamente ao

meu pai...

L1: bom... não importa... mas... mas...

L2: [

bom... mas com roubos isso e até trambiques tinham tinha... quer dizer hoje em dia hoje ia

L1: [

mas tinha... ia pra Europa... então tinha...

L2: hoje ia pra Europa... amanhã comia um pão com salsicha mas...

L1: sim... mas tinha...

L2: entendeu? dava resultado... também deram um azar tão grande que logo depois do casamento foi tudo por água abaixo... se separaram... o pai o que tinha perdeu... o que a mãe tinha perdeu e...

L1: hoje em dia os pais dele...

L2: foram cada um pro seu lado...

L1: não... mas não dão assistência nenhuma ao casal...

L2: NADA... aceitaram o casamento e ainda ficaram contentíssimos porque o filho entrou pra uma família... tradicional e tal com uma certa... condição social... MAS os pais dele só condição monetária só... social... aquela... aquele negócio entendeu eles não apareciam em sociedade porque não está é: já foi uma confusão daquelas... e hoje em dia né... vivem bem... não se dão... a sogra dela não se dá com ela... mas...

L1: você sabe B. que... mas não sei... se conhece aquele novo centro comercial lá da Visconde de Pirajá oitenta e seis?

L2: hum...

L1: você já conhece... já foi lá?

L2: logo no início da Visconde de Pirajá...

L1: em frente () não tem aquele negócio... mas você entra...

L2: eu fui só uma vez agora essa semana... que eu vim da Bahia...

L1: é... você entra então aquele ambiente já te envolve né...

L2: é uma coisa né...

L1: entra no ar condicionado... cores... coisas maravilhosas... quer dizer...

L2: [

em tudo...

L1: o próprio ambiente... é um... uma atração estética incrível aquele negócio... né... então você já se sente envolvida totalmente você tem mudança psicológica... você já se sente envolvida... é difícil alguém sair de lá sem comprar alguma coisa... é o lugar mais caro do Rio de Janeiro...

L2: e não sai... eu não saio de lá sem um pacote... é...

L1: [

é o lugar mais caro... mas você sabe que muitas vezes você compra coisas iguais nos... no Shopping Center de Copacabana pela metade do preço... você mesmo pega... pode () mil coisas lá... é bem mais caro sabe porque... porque está em Ipanema... porque

L2: [

é...

L1: tem ar condicionado () porque tem homem de cabelo até...

L2: [

é aquelas () todas né e tal...

L1: até aqui () você já reparou o ar das pessoas?

L2: [

é que se trata muito...

L1: uma coisa que eu acho engraçado é o ar... eu não sei se as pessoas se esforçam pra ter aquele ar...

L2: talvez...

L1: eu fico perguntando "Deus aonde... que força interior dá a essas pessoas esse ar?"... um ar assim de... "nouvelle vague" um ar

L2: [

é de... de nuvem eh... é...

L1: assim de quem está e não está... um ar assim de descrever a realidade... sabe aquele ar assim as... que as pessoas... acho que... loucas... as pessoas têm um ar de loucas...

L2: [

é... alienadas... alienadas...

L1: você observa bem... eu fui ao cinema um... no sábado... fui ver... sessão de meia-noite...

L2: hum...

L1: Frankstein...

L2: hã...

L1: porque eu... me amarro em filme de terror... né...

L2: é agora voltou a moda?

L1: [

ah... mas... eu me amarro... não não sei se é moda ou se não é moda... mas eu sempre me amarrei...

L2: [

é... mas é a idéia agora é... agora voltou a fase () né...

L1: então: bom... fui eu... eu... meu irmão e a namorada dele... abri um parênteses pra dizer que há muitos anos eu não estrelava... mas depois estreei por problema de ocasião... porque eu gosto muito de todos dois e era filme de terror... então eu... eles me chamaram mas eu quis com

eles né... então meu irmão falou assim "bom... vamos às dez horas... até que a gente compre a entrada... e tome um chopinho lá perto e volte pro cinema..." chegamos lá às dez e meia... eis que chegamos... hã... "que é aquilo ali?" fila da carne não era... só pode ser fila do cinema... na fila de dez e meia até depois de meia-noite... uma fila... a gente () "vão gostar de filme de terror assim na China"... né... eu não sabia que tinha tantos adeptos...

L2: como gostam né...

L1: aí era uma fila pra comprar... e uma fila pra entrar... ah minha filha... quando meu irmão di/ divisou do outro lado daquela fila pra entrar meu irmão "L... eu estou olhando bem... deixa... deixa até botar o óculos pra ver se aquilo ali é fila pra entrar"... era...

L2: hum-hum...

L1: ficamos de DEZ e meia à meia-noite e dez em PÉ... em fila de cinema pra ver um Frankstein muito do mixuruca...

L2: aqueles que já era né...

L1: não... o primeiro clássico... o primeiro Frankstein () bacana... eu gostei de ver o primeiro filme de terror...

L2: você via aque/... toda a máscara dele...

L1: agora... eu fiquei na fila... então estava lá os dois namorando e eu né... não ia ficar conversando abundantemente com eles né...

L2: [

claro... né...

L1: então eu:... eles ficam lá observando né... e sabem... às vezes eu fico... eu gosto de observar as pessoas... menina mas... eu nem via as horas passarem... que esPÉcies... eu não estou fa/... falando em tom de crítica... () observação pra deixar claro...

L2: [

() cada uma...

L1: menina... mas uma coisa inCRÍvel... sabe eh... aquilo ali é uma coisa... mas... menina... mas sabe que tinha pessoas que você... que elas... elas mostravam por fora... o quanto elas estão doentes por dentro... aquilo ali não pode ser pessoa com a mente () legal sabe uma coisa legal...

L2: das duas uma... ou elas sabem... sabem teatralizar muito bem...

L1: tinha uma garota atrás de mim... aquilo ali foi... um deboche ao meu senso estético... a garota... branca coitada... também parecia que veio de São Paulo on/... naquele dia...

L2: transparente...

L1: devia ter uns trezentos quilos... mal distribuídos... entre parênteses... mal distribuídos...

L2: Frankstein segundo...

L1: se você põe o seu longozinho porque agora está na moda você sair de roupinha comprida eu também gosto... tenho a minha também... que você ponha sua sainha de... umbiguinho de fora... vai ficar um... com o corpo comprido mas... se você tem tre/... uns trezentos quilos você põe () um tecido liso né... liso... chama muita atenção... e ela me pôs um estampado estamos aqui oi que houver...

L2: estamos aqui...

L1: estamos aqui... porque tinha todas as cores do arco-íris... né... e mais algumas que ela inventou...

L2: são as misturas ()

L1: [

()

D: que loucura...

L1: espera aí... "wait"... espera aí um momento... vamos ver lá porque é um caso raro... eu olhei assim e falei "() Picasso aquilo"... menina... mas uma coisa incrível ()

L2: [

()

L1: então... ele era franzidinho na cintura... ainda por cima...

L2: com a barriga toda de fora...

L1: é...

L2: toda... não virando assim...

L1: não... era umBIgo de fora... BANha... celuLte... tudo de fora...

L2: [

aquele umbigo... aquele diâmetro...

L1: é... foi uma coisa incrível... não sei se ela estava procurando... se ela estava se agredindo ou se ela estava agredindo as pessoas ou ela estava... estava muito feliz como ela estava... sabe?

L2: ou então é... foi como você falou no Shopping naquela loja que é muito psicodélica...

L1: [

ela estava com uma outra peça () até aqui... eh... então você está vendo problemas das pessoas no... hoje em dia ()

L2: por dentro da moda... querem está...

L1: ah... então... o negócio é curtir... vamos curtir... pra eh:... sei lá se () a ver com... psicológico...

L2: deve ser...

L1: então a maioria... sabe... então essas garotinhas nessa idade de curtir né... a pré-adolescência curtir a infância eu curti demais a minha... então não curtem mais... né... elas curtem a moda... a badalação... elas curtem a badalação... o que elas pensam ser certo...

L2: é estar por dentro da moda...

L1: então você... você... eu fico assim... você fica preocupada

L2: [

tem coisas absurdas...

L1: com gente... você fica preocupada com o que eles vão ser como adultos... sabe...

L2: é mesmo... e engraçado porque elas...

L1: qual serão esses valores que eles vão ter sabe... se vê aquelas crianças...

L2: e são assim e... incrível... olha... eu já... já andei pro/

L1: [

e hoje em dia...

L2: sondando homens... rapazes assim de dezoito... dezenove... homens com... da idade do meu marido... entre trinta e trinta e um... pra saber que que eles acham quando vê uma garota com aquela... aquela roupa tal que é tão curta não é... que curta é uma coisa... agora curta de... da calcinha aparecer mesmo e... blusa completamente transparente tal... está certo... é claro () usa sutiã não tem problema... mas transparente que você vê tudinho mas tudo... tudo e naquela né de muito louca mesmo... muito louca né... que que eles acham dessa... poxa... eles têm uma visão horrível... ele falou... "ela mais composta ficaria bonita... mas botar tudo isso de fora... perde completamente a estética"... a maioria falou isso... pelo contrário se elas querem atrair ou se acham que a roupa é um fator de... chamativo...

L1: [

mas eles olham... na maioria das vezes gostam...

L2: olham... olham... podem olhar... podem gostar... podem achar boa... porque está tudo de fora... tal... mas...

L1: não... mas o homem brasileiro --a gente sabe-- que maioria tem aquela idéia pra família dele eh... eles sentem... são... são...

L2: [

mulheres de vida fora da família dele... é justamente... ah... mas pois é pra casar não serve...

L1: não... acontece na minha família particularmente... que meus irmãos são assim sabe? várias vezes... eu sinto... eu acho... eu não acho minha família um fenômeno... e... e... eu... estou falando é a pura verdade... já tiveram muito problema... porque eu cansei de ir à boate... qual o irmão que vai à boate com a irmã... com a garota... com caso... não é com casinho lá... com casinho mesmo só de uma noite... pra hotel depois... eles vão tranquilamente com a gente e diz assim... brigas assim ó "não precisava ter medo hein?" sabe... a maior gozação... eh... eu... ele... ele disse... meu irmão cansou de dizer na mesa várias vezes... minha mãe meu pai "olha... o que eu quero na minha irmã... é a mesma que eu quero com aquela menina que está passando ali... ela é um ser humano e ela também é... então pelo fato de biologicamente ter nascido de vocês e eu também... () coisa diferente pra ela não... sem essa... isso é um puritanismo incrivelmente nojento"... então a gente tem essa mentalidade... sabe... mas... esse negócio da gente ser... de família bem estruturada... às vezes eu disse pra você... esqueci pequena parte () de problema às vezes... meu irmão... o outro... o melhor amigo dele... meu irmão tem dezenove anos... mentalmente tem trinta... garoto avançadinho... sabe? então ele é muito inteligente... uma intuição incrível... o melhor amigo dele tem vinte e sete anos... que anda assim juntos sempre... e esse garoto é irmão de um... diretor da Odeon... né etc e tal () aqui é uma pessoa muito conhecida... é artista também... então () muito cedo... e então ele: ficou inquieto () fase de artista... os dois moram juntos... o outro é... é... desquitado... mil artistas sempre lá... então: eh... ele é muito meu amigo... ah... eles têm uma outra amiga também que é desquitada... muito amiga... é também amiga amicíssima deles... ficou sendo muito minha amiga... atualmente é namorada do meu outro irmão... essa moça que é desquitada tem vinte e sete anos... tem uma filha... atualmente é namorada do meu irmão mais velho... então a gente sai muito junto e tal... mas EU senti... que eles não me tra/ eles me tratam assim maravilhosamente bem sabe... mas eles me tratam... eles me põem... sem sentir talvez... independente deles... num pedestal... sabe... é que... () eles falam palavrão na minha frente mas não falam TODOS os que eles fariam normalmente... então GRILam terrivelmente com isso... sabe... eu já cheguei pra ela não pra eles né () eu já cheguei pra ela... falei... "ô V. eu não enTendo porque vocês gostam de mim mas me marginalizam... porque eu não tiro... () de vocês... não quer dizer NADA... porque eu tenho a... a men/... a mentalidade própria de vocês... se eu não tive esse... esse mesmo tipo... de experiência não quer dizer que eu seja... a puritana

L2: é claro né...

L1: só porque eu tenho uma família? vocês estão me bo/ vocês me marginalizam por quê? porque eu sou de... tenho uma família... porque eu me dou bem com meus pais? e quando eu falo marginalizam eu não quero... não é no sentido de que eles me afastam não... eles me afastam no sentido de me respeitarem demais... não quero respeito demais... eu quero... o tratamento igual sabe? parece uma coisa assim e tal... de respeito eu estava te falando... por excesso também... porque eh... como a maioria das pessoas não é integrada quando... quando... quando encontram uma pessoa assim que vive em família assim penso assim "ah... ih... coitadinha é quadrada... então mil coisas... está entendendo...

L2: [

()

L1: não aceita a pessoa ter determinados valores... antes seja uma pessoa bacana pura aberta contemporânea... não gosto da palavra moderna... prefiro falar contemporânea... contemporânea e... poxa ela... olha aí () estou te sentindo... eu estou te transformando na minha platéia né?

L2: não... eu hein...

L1: mas eu estou acostumada a () estou acostumada... eu gosto de falar... () na faculdade --eu estudava na Faculdade Nacional-- a maioria das pessoas morava no subúrbio --então eu tenho esse jeito mesmo de falar-- eu me expresso muito com as mãos... com o corpo né? de um modo geral... e tenho essa mania... falo gíria e tal... esse meu modo de falar depressa...

L2: [

() achei diferente ()

L1: então esse pessoal do subúrbio... não está acostumado... é uma ave rara gente... uma ave rara... meio louquete... as pessoas me tratavam meio louquete lá...

L2: e estão pensando "puxa só porque... eh... está em Ipanema... já () "...

L1: é claro... minha filha esse... só é a minha desgraça muitas vezes morar em Ipanema... vou pro Paraná... vou pra São Paulo... vou pra acolá "você é do Rio?" ah... já é do Rio ()...

L2: [

já é do Rio... é...

L1: já se sente nos meus olhos () conversando com um homem qualquer "ah... você é do Rio?" "ah sim?" novo brilho acende nos seus olhos... eu não sou baixinha... você sabe... eu uso cabelo bem... meu cabelo bem comprido... eu não uso () então eu aparento muito menos idade sabe... então as pessoas () tudo bobocas né... porque continuam vamos dizer assim ()

L2: [

()

L1: fácil... deve ser fácil... então eu digo que moro em Ipanema... PIORA completamente né? PIORA transcendentalmente... aí minha filha

L2: [

é fogo...

L1: eles dizem assim "ah mas que incrível a fama de Ipanema"... a gente tinha ido no Paraná uns três meses atrás... o que eu me dei mal o que eu me aborreci... não está no gíbi... o que eu me aborreci... não está no gíbi... sabe essa aparência da gente ser... esse modo de vestir? você nem me pergunte quantos convites que eu recebi nem me pergunte quantos...

L2: assim é?

L1: eu... tem uma malícia inCRÍvel... mora em Ipanema "ah então deve ser aquela menina... sem preconceitos () opa...

L2: [

é está... dá adoidado...

L1: deve levar até cama nas costas"... eu tenho impressão que eles me viam levar a cama nas costas entende?

L2: [

é...

L1: tal é a fama... realmente eu acho que existem... muitas moças livres... não só em Ipanema... como em Copacabana... como no subúrbio...

L2: [

é claro né...

L1: () existe muita gente livre está entendendo? ()...

L2: [

mas é o... claro... isso é mito...

L1: discutir quanto as liberdades... que eles pensam...

L2: é e depois isso aí... azar o nosso né? já virou mito... isso é mito...

L1: é o mito... incrível... e é o mito negativo...

L2: [

é mito não adianta... olha e vou te contar... e isso a gente... é no Brasil todo viu... eu tive em Salvador mas o negócio foi louco lá... as garotas elas querem saber tudo... como é que é... que que faz... como é que é a vida e: ... os rapazes... coitado se aparece um lá de carro e chapa Rio de Janeiro... já era

L1: [

ah... eu sei...

L2: avançam... avançam "ah da onde você é? Rio? ótimo entra"... de graça...

L1: é um avanço... é literalmente um avanço né? literalmente falando e mais alguma coisa...

L2: é... as moças de lá... elas... são moderninhas você não faz muita diferença uma garota de lá e garotas daqui da zona sul... não faz agora não... não sei se é porque talvez... sei lá claro...

L1: [

é... realmente... eu acho que a vida sabe eu acho...

L2: não... mas sabe o que é... também isso que eu ia te falar... não sei se porque tem muita carioca lá e a gente pensa que é baiana... então já tem muita baiana se misturando... mas o negócio é:... fogo na roupa...

L1: então elas já estão cheias de malícia ()

L2: [

é...

L1: tudo que eu falei sei lá... eu acho que () a coisa que eu mais detesto é de malícia sabe?

L2: é... esse negócio de ()

L1: hoje minha mãe tinha saído do banho... eu estava no banheiro... então nosso banheiro tem um espelho muito grande... e dentro tem toaleta lá e tudo e meu irmão tinha acabado de a... que ela estava dormindo no quarto dela... abriu a porta assim... sabe né... a minha mãe... é a minha né... não é a I... minha mãe é minha mãe... não é I... não é I... simplesmente ela foi uma pessoa maravilhosa () me respeito... então ela abriu assim a porta do banheiro e ele... abriram na mesma hora... ele abriu ela abriu também... () eu tenho impressão que ele não deve ter visto... então ela saiu e... "FECHA ESSA PORTA" () e ela deu e eu me assustei... sabe quase cheguei a () "não faça uma coisa dessa () da escola cansada... pelo amor de Deus né?" eu digo "ô mamãe... é isso aí que a tua geração fez... e o que é que... você acha que ele nunca viu um corpo de mulher mamãe... o teu é mais feio é mais bonito?... não é simplesmente um corpo de gente... mamãe eh... você está pensando o que mamãe... que você tem de mais ou de menos? só pelo fato de ser mãe dele não pode ver teu corpo?... está errado"... sabe eu... mas eu... eu me grilo tão terrivelmente com malícia...

L2: é fogo... e ela mas ela não ficou sem... ela não ficou sem graça depois? não né... aceitou né?

L1: sabe o que eu sinto eu sinto... eu sou uma pessoa que ainda estou... ela... não ela... ela sabe que no fundo eu sei () tem continuar ()

L2: é... e isso é engraçado olha por exemplo... hoje estava na casa dos meus pais... meu pai saiu do banho de manhã cedo e ele entrou no quarto... eu estava também no quarto da minha mãe... mas eu estava sentada na cama assim de costas e... e eu me virei falando não sei o quê... eu me virei...

L1: você estava sem roupa?

L2: não... eu estava vestida e meu pai entrou com uma toalha enrolada aqui curtinha... quando ele entrou eu "hã"... assim ele "não fica preocupada que eu estou de cueca por baixo"... ele falou assim tranqüilo...

L1: mas você já começou mal... você já deu aquele "hã"...

L2: é mas o eh... olha eu fiquei espantada assim que ele... mas eu fiz... assim mas não foi tão assim... susto não mas é que ele vinha entrando e não sei... eu fiquei com medo dele ficar chateado porque eu o vi né?... mas ele estava com a toalha assim... falando não fica... ele ficou tão tranqüilo... "não fica assustada não... eu estou de cueca por baixo"...

L1: mas aí não... não demorou a olhar com atenção... não está conseguindo nem pensar né?...

L2: [

hã hã... não é o que... é...

L1: lá em casa é gozadíssimo... que um dos... um dos meus irmãos sai do banheiro antes de vestir () "homem nu no corredor homem nu no corredor"... é engraçadíssimo ()

L2: [

já vai avisando...

L1: meu irmão não aparenta mas () muito espirituosa sabe... outro dia na sala... meu irmão estava com a toalha amarrada assim... ele saiu do banheiro pra arrumar não sei o quê na sala e a toalha dele estava quase caindo sabe... ele estava assim em frente a mim então tinha uma mesa entre a gente... aí meu pai... "ô S. a toalha está quase caindo... está vendo não?" mas me dá uma... me dá uma raiva quando alguém fala um troço desse... eu falei pra ele... "escuta aqui meu pai... você acha que eu nunca vi corpo de homem?... vi e achei bonito... vi e achei bonito"... ((risos)) no fim ele ficou desbundado e ficou olhando pra mim...

L2: puxa vida hein?

L1: olha... ele ficou tão assim tão sabe coitado... e ele foi... ele não teve resposta () ele ficou literalmente desbundado... eu falei "vi... meu filho... e achei lindo se queres saber"...

L2: que que ele escondia tanto...

L1: [

aí () a minha outra irmã "não não é que é tão bonito assim" né I?... eu falei assim "ué... gosto estético filha... eu gostei () eu gosto... não gosto de mulher minha filha"...

L2: antes assim...

L1: olha () mesmo né? () já chega naquela ginástica lá () quatrocentos milhões de mulheres tomando banho lá... nem gosto... meu gosto... já estou até com ()

L2: alergia... mulher não... ai... mas foi ótimo...

L1: mas voltando um pouquinho a... a negócio de comércio de... e essa... essa... como é que se diz... não é tanta... como é que se diz a palavra meu Deus não é tanta... exploração...

L2: quer dizer o disparate...

L1: é... eu tive na Smuggler na () Costa do Sol... essas butiques de Ipanema essas butiques mais caras... fui comprar uma blusinha de malha assim uma... um negocinho assim... olha eu vou dizer... eu paguei por essa bermuda uns setenta cruzeiros...

L2: então ela foi pintada a mão... então...

L1: dizem que é pintada à mão ((ruídos)) () meus alunos pintam igual né? ()

L2: sei lá... até você talvez pintasse assim...

L1: bom... mas eu não prefiro nada de mais não... eu fiquei realmente maravilhada e comprei... eu... adorei sei lá mil coisas... achei lindo né?...

L2: () sei lá... não tem preço claro... linda mesmo...

L1: aí então você sabe que essa camiseta eles compram sabe () sabe Rua da Alfândega e Senhor dos Passos tem uma loja () que é Depósito Hering?

L2: hum... compra por cinco cruzeiros...

L1: [

é do meu tio entende... ah... até que meu tio está bilionário só né coitado... mas ele vende as... as...

L2: as camisetas...

L1: as camisetas dele a preço de banana pra essas lojas... e elas CObram uma coisa incrível está me entendendo? mas é também bobagem não é () desde o momento que você se disponha a entrar numa loja dessa e pagar... então você tem o que você quer... você sabe que outras lojas que vendem coisas barato... talvez não tão bacana tão bonitinhas... sei lá porque as coisas caem melhor realmente... uma calça () você paga cento e quarenta... duzentos e pouco... mas numa calça que você tem anos... com um caimento maravilhoso...

L2: é verdade...

L1: às vezes você não quer pagar um preço maior sabe... então não... não exige tanto assim... não explora bem esses preços...

L2: é... eu acho claro... também acho assim... porque você entra numa loja dessas... você pede uma roupa usa... puxa está certinha... não precisa fazer nada... não precisa apertar nada... o teu número está ótimo... outras o mesmo número ficou apertado ficou largo... ficou aquela () assim caindo... despencando... horrroso... então você paga mais mas em compensação você tem aquele negócio eh... é botou e vai... eu não gosto de roupa assim... ficar apertando a maior danação... gosto de entrar ou sair carregando... mas já vou usando... entendeu que esse

L1: [

ah... imagina né?

L2: negócio de mandar apertar... aperta aqui... não ficou bom pôxa é um saco né? então a gente paga mais mas sem problemas... entrou legal... é então é assim... agora no começo é uma... é uma badalação aqui... e é tudo em cima viu...

L1: vai dá um dinheiro... dá um dinheiro ()

L2: ah dão... dá... dá... em compen/... se você tem... se você tem condição eh... você pode comprar... fazer uma extravagância... então você está na última né?... pode chegar aquela Odile Rubrosa diretamente da França com aquele tamancão... você está vestida igualzinho a ela... ela pagou não sei quantos dólares e você...

L1: [

ah... mas consumo... necessidade de consumo "biscuit"... é a massificação minha filha enfim... é massificação... eu estou sentindo tão mal com isso agora... quero até registrar ali que eu estou rouca... que eu não tenho essa voz horrrosa... registrar aqui né?...

L2: está bom e todo mundo já sabe...

DIÁLOGOS ENTRE DOIS INFORMANTES (D2)

Inquérito 369

Tema: Meteorologia e tempo cronológico.

Duração: 1h 20min

Data do Registro: 11/01/78

Dados dos Informantes:

Locutor 1 (L1): sexo feminino, 56 anos, petropolitana (veio para o Rio com meses), pai de Quiçamé (RS) e mãe de Rio das Flores (RS), formação universitária: Comunicação, área residencial.

Locutor 2 (L2): sexo masculino, 56 anos, carioca, pais cariocas, formação universitária: Direito, área residencial.



[Clique aqui e ouça a narração do texto](#)

L1: tenho que começar dizendo... a primeira vez que nós fomos à Europa... você se lembra bem o clima como era?

L2: nós saímos daqui no verão... crentes que nós íamos pegar lá um... um verão intenso... mas? pegamos só em determinadas... calor mesmo só me lembro em Roma... porque o resto foi tudo diferente...

L1: Veneza também...

L2: foi em Veneza... em Veneza nós pegamos calor...

L1: estava muito quente...

L2: na Inglaterra então... pôxa...

L1: na Inglaterra era verão fazia nove graus...

L2: [

Londres

chuva... uma chuva danada... às vezes a gente chegava assim na porta do hotel... dava meia-volta... e entrava de novo... por causa daquela chuva fininha... fininha... fininha que desanimava inteiramente de sair... isso aconteceu inúmeras vezes...

L1: um clima horrível... eu tenho a impressão de que:... a Europa é exatamente... o inverso do Brasil... e que lá sempre faz calor... e de vez em quando faz frio... o Brasil sempre faz calor e de vez em quando faz frio... então essa diferença de tempo/ de... de... estação... que eles dizem que existe () muito marcante... existe porque há neve... porque... né? você não acha? porque há neve... porque mas e no verão lá não há neve... mas... não que o verão faça calor... como nós temos () ...

L2: o verão deles praticamente é o nosso inverno aqui...

L1: é... exatamente...

L2: [

essa é que é a verdade... agora ()...

D: como é o nosso inverno?

L2: nosso inverno aqui?

D: ()

L2: o nosso inverno aqui... são dias... faz frio... vamos dizer assim... quando chove... aí que a temperatura cai um pouco... fora daí...

L1: em junho e julho... às vezes...

L2: é um verão ameno... vamos dizer... sem calor...

L1: inverno... () inverno não existe...

L2: ()

L1: não... mas isso aqui no Rio... isso aqui no Rio...

L2: sim... eu tô me referindo aqui no Rio...

L1: [

mas se você vai à Petrópolis... se você vai a Rio das Flores...

L2: [

aí é diferente...

L1: [

aí faz frio... Rio das Flores chega a fazer zero...

L2: falei no inverno aqui no: no ambiente... onde a gente vive... onde moramos...

L1: [

onde a gente mora... é...

L1: porque no sul...

L2: no sul não... aí você vai sentir como nós... sentimos...

L1: () em março... nós fomos a: Canelas e Petrópolis... lá no Rio Grande do Sul e tudo... e tava fazendo um frio tava frio... chovia... o tempo estava horrível... () no entanto era pleno verão... né? era fim de fevereiro... março... começo de março... foi a época que nós fomos... e lá tava des/ desse modo... de modo que... (só) em Buenos Aires estava quente... em Buenos Aires estava bem quente... ()...

L2: [

() (havia) uma mudança brusca quando chovia... quando chovia também... é o mesmo problema daqui... quando chove a temperatura...

L1: cai...

L2: cai... muda imediatamente...

L1: é...

L2: imediatamente... ()...

D: mas essa... existe uma mitologia a respeito da Europa... em relação ao clima... às estações... do ano... todas as pessoas que vão à Europa se referem muito... que elas são bem marcadas... cada uma tem características próprias...

L1: as características próprias que eu achei/ que eu disse há... há pouco... que... no inverno neva... então faz um frio intenso... intensíssimo... agora pra nós... vamos no verão lá um... é como é mais frio que o nosso inverno... porque em Londres em pleno verão marcava nove graus... em Liverpool marcava sete graus... no verão... intenso deles... agora... pra eles era...

L2: [

em julho...

L1: porque: passa de... de zero graus... no inverno... então realmente é uma grande diferença pra eles... nós é que não sentimos entendeu? são podem ser muito marcadas pra eles nesse sentido... e no inverno em vez de chover... que no verão chove muito e esfria muito... pra nós... pra eles já não era aquele frio... tanto que eles botam roupa branca... eles têm roupa de... que eles consideram de verão... roupas claras e... no... no inverno... eles usam roupas escuras... até agora que eles estão quebrando... um pouco isso... de vez em quando... não é? os costureiros quebram e/ e/ essa... esse hábito deles... ah... tá se usando cor-de-rosa... e azul no inverno... esse ano na Europa... Cardin... lançou... não sei quê... por quê? ah... ah... era característica usar sempre roupas escuras... ah... sobretudo marrom... azul-marinho ou preto... então faz de fato... pra eles... uma diferença muito grande... mas... nós indo lá no verão vamos cientes que vamos encontrar alguma coisa de calor... e vamos encontrar um inverno muito mais rigoroso que o nosso... pra nós tá entendendo?

D: como é que vocês faziam pra se proteger?

L1: desse frio? ... usando agasalho... e comprando até agasalho lá... né? até ()...

L2: bom... mas isso já foi mais em:...

L1: bom isso foi em setembro... ()...

L2: [

do princípio... em setembro... já era o outono... aí já começa a sentir... a mudança acentuada da temperatura mesmo tendente... com tendência a esfriar para o inverno...

L1: bom... em Amsterdam nós pegamos neve... pela primeira vez...

L2: [

pela primeira vez...

D: e: e a... a impressão ()...

L1: ah... é de arrepiar... é a coisa mais linda ()...

L2: a impressão que eu tive com a neve... () que eu tive... foi a mesma em que... quando chegamos da primeira vez em Veneza... na Praça de... São Marco... e estavam aquelas quatro orquestras... tocando... uma em cada canto da praça... então... quando a neve sa/ ... começou a cair... eh... floquinhos muito pequenos... e tudo... mas foi aquela sensação... não sei... () é difícil descrever... () uma emoção...

L1: pra nós emociona... é um negócio...

L2: [

nunca tinha visto na minha vida...

L1: também nevou em Liverpool... eh... em Liverpool não... em Amsterdam... era outubro ()...

L2: [

()...

L1: pois é... em outubro não foi?

L2: [

() primeira vez...

L1: foi em outubro...

L2: foi em ou/ ... foi () setembro... princípio de outubro... mais ou menos...

L1: nós já tínhamos vindo da Alemanha... porque não... onde nós vimos um pouquinho...

L2: [

não não... Alemanha nós fomos depois...

L1: ah... foi?

L2: foi... Alemanha foi depois... na Alemanha vimos também...

L1: também... ()...

L2: a neve naquela região toda da Floresta Negra...

L1: é... perto do lago Constanza

L2: é... nós fomos justamente encontrar o: G. ... filho... que estava... lá... tirando um curso... de dois anos... pela Simonsen lá em Munique... e: Munique sim... sentimos bastante frio...

L1: Munique faz um frio horrível...

L2: [

frio mesmo... da pessoa ter que se agasalhar... com SOBRETUDO ... GORRO na cabeça...

L1: é... () dias frios... tá? o céu cinzento assim... e quando... nesse...

L2: [

muito vento...

L1: é... e nesse dia em Amsterdam que nevou... parecia sabe quando aqui ameaça temporal? ... que começa a ficar o céu escuro... cinzento e tudo? eu pensei que ia dar um temporal lá... de repente... temporal nada... desabou uma neve... mas foram duas horas de neve só... e eles disseram lá que há não sei quantos anos... não nevava em outubro... eu acho que foi um presente pra nós ((riso)) foi uma sensação extraordinária...

D: todo muito diz que o outono europeu é muito bonito... você verifica na rua?

L1: as folhas caindo... a mudança total de cor das folhas... as folhas... nós tínhamos estado... na primavera e no começo do verão... então... tinha flores... era lindo... né? era lindo... a primeira vez em sessenta e seis quando nós fomos... à Itália... na Espanha... como tinha flor nas sacadas dos edifícios... parecia tudo um jardim... sabe... agora que estão botando aqui nos edifícios... nas sacadas tá se usando muita flor... mas lá naquela época já tinha à beça... e quando nós fomos agora... a segunda vez... era exatamente o contrário... então a Floresta Negra... de Negra já não tinha mais nada...tava assim... toda marrom... as folhas eram todas castanhas... era uma coisa linda... mas linda mesmo sabe? () nós sentimos uma diferença muito grande... por isso pra nós aqui... eh:... há essa essa disparidade... que nós não temos aqui né essa diferença tão grande... as folhas caem também e tudo... mas não há essa diferença eu acho que... nós não... temos uma impressão () de que o verão deles é o inverno da gente...

D: não estiveram em... em... durante o verão... em: algum outro país... que não fosse frio... em que não fizesse frio durante o verão?

L1: não...

D: (na parte mais para o sul?)

L1: ah... não... só na Argentina...

L2: não... não... não...

D: na Europa...

L1: lá na Europa você tá falando?

L2: não... nem...

L1: () pleno verão... quando o verão começou nós voltamos... nós voltamos em julho fim de julho o verão estava entrando no auge...

L2: [

() nessa época... no auge... porque nós chegamos aqui em maio...

L1: o verão começou... o verão no dia vinte e um não é? de junho que é o verão deles... e nós viemos dez dias depois... nós pegamos só dez dias de verão lá... e não pegamos esse calor de jeito nenhum...

D: eu pergunto pelo seguinte... porque durante o verão ah... a duração do dia parece ser...

L1: é enorme... é enorme...

L2: [

ah... bom... mas isso () na Inglaterra nós pegamos...

L1: pegamos...

L2: dia claro... às vezes... até nove... dez horas da noite...

L1: nove horas... nove horas... dez horas nunca... dia claro não pegamos em lugar nenhum não... mas em Paris... nove e quinze da noite... no dia que nós chegamos em Paris... eram nove e quinze... e tava DIA... mas dia... eu tive a impressão até que era... mudança de horário que tinham feito aqui no Brasil durante uns anos... era impressão que se tinha... né? porque depois... eram quase dez horas quando nós chegamos no () e de repente se iluminou... começou a escurecer... mas aí também escurece em cinco minutos... é impressionante como é que... às nove e quinze... nove e vinte é dia... claro... ainda tem um ar de sol... você ainda um pouco de sol... e de repente... em quinze minutos... é noite... é... é rapidíssimo o dia passar pra noite... tá? muito rápido... e aí iluminou-se o Arco do Triunfo... foi a coisa mais linda que eu vi... foi a outra emoção que eu tive... uma foi essa em sessenta e seis ()...

L2: () essa não:...

L1: ah pra mim foi... pra mim eu tive a impressão que o () tinha mandado iluminar o Arco pra mim... foi a coisa mais linda... eu até disse isso pra uma amiga minha...

D: vocês não estranhavam o fato... de se prolongar tanto assim o dia?

L2: bom... estranhava... estranhava de fato... porque isso aqui no Brasil... não é comum... aqui o máximo que... que o dia se prolonga é até a... até um quarto pras sete...sete horas... não é? na Europa... na EsPAanha... também nós pegamos... os dias chegando até quase nove horas da:...

L1: da noite...

L2: da noite... não é? tudo claro... e isso aí eu acho uma coisa adorável porque... dá a impressão de que... não sei como é que vou dizer...

L1: o que é que você quer dizer? ()...

L2: [

essa sensação de sentir o dia... de sentir o dia assim maior e tudo... é uma coisa agradável porque...

L1: mas ao mesmo tempo...

D: em relação ao povo... por exemplo... na Espanha nessa época que vocês estiveram lá...

L1: que que tem? o po/ as ruas ficam cheíssimas... tem gente nas ruas na Espanha... é uma loucura... até nove horas da noite... mas já em Paris não... incrível... em Paris é sete horas da noite... o comércio fecha às seis e meia... quinze pras sete... então às sete horas da noite os restaurantes estão repletos... e às nove horas da noite as ruas estão vazias a não ser...

L2: mas esse fenômeno não é só em Paris que se nota... fenômeno é: da Europa em maneira geral...

L1: [

ah... mas em Paris foi onde nós notamos mais... porque a gente tinha a impressão ()...

L2: [

poucas cidades do mundo... vê-se o movimento intenso a noite... como aqui no Rio de Janeiro... é... em pouquíssimas cidades do mundo...

L1: mas mesmo assim... mesmo sendo dia nove horas da noite...

L2: [

movimento de automóveis... e tudo é uma ()...

L1: é... mas mesmo sendo dia nove horas da noite... você imaginaria... que estaria cheio de gente na rua... e o que você encontra é turista... na rua... mas o povo mesmo... não... não tem mais...

D: nem na Espanha?

L1: ah na Espanha tem... em: Madrid tem... em Madrid eles vão... mas aí... não pode ser... também quando nós fomos agora a segunda vez... que foi... outono...

L2: mas não era assim tão tarde também... em Madrid você vê o movimento na... ah... na rua... à noite...

L1: até as nove dez horas da noite...

L2: pois é... mas passou disso...

L1: ah bom...

L2: não se vê mais... não se vê mais...

L1: [

isso é verdade...

L2: eu acho que movimento... como aqui no Rio e em São Paulo... em pouquíssimas cidades do mundo...

L1: no inverno e no verão... tanto faz...

L2: no inverno e no verão...

L1: engraçado que... em Frankfurt... não... em Frankfurt não... em...

L2: ()

L1: [

() aí meu Deus... quando nós estivemos na Suíça a primeira vez...

L2: foi em Zurich...

L1: em Zurich... não foi lá que nós... que que parecia... tava tudo morto...

L2: não em Zurich... é depois da meia-noite...

L1: meia-noite fecha...

L2: meia-noite...

L1: fecham todos os bares... são obrigados a fechar então fica ... parece até aqui... em Ouro Preto... meia hora você tem um movimento na rua intenso... a pessoa sai do bar vai pra casa... também é só meia hora de movimento... e pronto () isso foi no verão...isso foi no verão era verão e tudo... mas os bares ficam cheios de gente... mas as ruas não... menos na Espanha... () na Espanha não... em Madrid né? porque a Espanha na primeira vez nós só conhecemos Madrid... e agora essa segunda vez nós fomos a Madrid... e fomos a ()...

L2: ()

L1: não isso foi na primeira vez... ou agora... ()...

L2: ()

L1: é na Espanha é que tem mais movimento mesmo... mas fora isso não tem... fora isso nem sendo dia... fica vazio... me lembro que agora... dessa vez que nós fomos lá... ali perto da Notre Dame e tudo... lá tava uma tristeza uma coisa vazia... e não tinha mais quase ninguém nas ruas... de movimento de nada... () em relação ao verão... era fora do normal... não tem nada disso...

L2: sim... porque lá as condições de vida são muito mais penosas... do que as nossas aqui... essa é a verdade... o povo lá tem que lutar muito mais... e...

L1: bom e... e... todo mundo corre é pro metrô né? e à noite então

() (descanso) tanto faz inverno ou verão... eles não mudam... aí é que tá... porque... eu... eu não vi isso... mudança de prolongar mais o comércio... porque fica dia até mais tarde... não acontece... podiam () já que fica dia até tarde... que o comércio ficasse aberto até uma ou duas horas mais... como fica aqui em dezembro... nunca estive em dezembro na Europa... nunca estive... mas em todo caso... lá você... lá aquela hora normal fecha e aí fica dia e meio triste a cidade não é? centro da cidade... no centro da cidade não tem...

L2: bom aí... () o que contribui muito pra esse sistema deles e tudo de todo mundo se retirar cedo é a dificuldade de condução... porque o táxi na Europa é uma coisa muito cara...

L1: ah mas () que falar de... de...

D: ()

L2: o táxi na Europa é uma coisa muito cara... e... depois de uma certa hora (também)...

L1: ()

L2: não o táxi simples...

L1: [

ah bom... o táxi simples... o táxi aumenta ()

L2: [

() depois de uma certa hora aumenta... o seu preço... e... e o povo... o trabalhador de uma maneira geral é mais o comerciante também... que trabalha nas lojas comerciais e: nos escritórios e etc. ...

L1: ()

L2: terminada aquela hora de trabalho... a aflição deles... é... se mandar diretamente para as suas residências... alguns ainda comem alguma coisa na cidade... vão ao cinema... mas os cinemas todos acabam sempre às onze horas...

L1: a ópera acaba às onze?

L2: é... a ópera também... porque... depois da meia-noite não roda mais nada... ah:...

L1: de de coletivo...

L2: de coletivo... não só de metrô... como também de ônibus... e etc. ... tudo fecha... então não há como chegar depois ()... e tudo passa...

L1: ah mais o que eu acho engraçado é isso... é porque... já que fica dia até tarde... já que não escurece não é? eles não se preocupam co/ com com mudar o horário também acompanhando... e... e justamente é uma época onde o turismo é intenso... e na Espanha é o único lugar -- aliás é o turismo mais... mais organizado... bem organizado que eu achei... em toda a Europa... mesmo agora a segunda vez... não tanto quanto da primeira vez... né? já não estava tão bem organizado-- mas em todo caso eles não... eles não mudam... por causa do clima... por causa do do do dia... as noites... serem mais prolongadas e tudo mais... a vida deles não modifica...

L2: ()

D: você se referiu a... a uma classe social... mas há outras classes sociais... que durante a noite não... não saem não... não pra ()...

L2: [

() clubes fechados... mas é que o turista não tem acesso...

L1: é...

D: (não?)

L1: ah não...

L2: não porque precisa ser sócio...

L1: tem que ser sócio...

L2: tem que ser sócio pra ingressar em determinados clubes de lá... nos bons clubes...

L1: como privê... Régine's e tudo mais... que agora estão vindo pra cá... mas lá você não entra de modo algum a não ser que ()...

L2: () na Inglaterra () toma conta...

L1: nos clubes fechados... ()...

L2: nos clubes fechados não...

L1: Playboy por exemplo... muita gente ia e tudo mais porque tinha relações lá... pessoas que... diplomatas... então eles todos têm acesso a isso atra/ por intermédio deles eles entram... senão não... tem... essa a... a... sociedade lá frequenta isso... e isso não é... não é para o turista... pro turista é tudo aquilo programado como aqui também é... ()

L2: aqui no Rio de Janeiro... tem uma vida completamente diferente...

L1: da vida européia...

L2: da vida européia... e mesmo das outras cidades do Brasil... isso em função... da: da praia... da orla marítima ()... não é?

L1: é eu acho que é...

L2: ()

L1: [

sim... mas a orla marítima não faz tudo isso... porque` em Nice por exemplo... nós estivemos em Nice... e como não tinha (começado o verão ainda)

L2: [

mas estava fora da temporada ainda... fora da temporada... fora da temporada...

L1: [

fora da temporada por quê? () imagina você... já fazia calor...

L2: [

mas Nice é uma cidade balneária... já fazia mas é uma cidade balneária... agora...

L1: [

então... então... já fazia calor... as noites...

L2: o Rio de Janeiro não é uma cidade de...

L1: mas você deve se lembrar... que nós saíamos pra jantar... () disseram que às dez horas da noite nós íamos encontrar onde jantar... e nós ficamos () desde... rodando por toda parte... os cassinos pouquíssimos estavam funcionando... e nenhum estava servindo... ali do lado de fora nas varandas... não tinha comida na área...

D: quando é a temporada... nessa cidade ()?

L1: de julho em diante...

L2: julho e agosto...

L1: julho e agosto... ()...

L2: o auge do verão ()...

D: o que significa essa temporada? como é que se chama essa parte da França? tem um nome né?

L1: Côte d'Ázur...

L2: [

Côte d'Ázur...

L1: a Côte d'Ázur é uma beleza... eu acho que tudo é bonito mas a gente tem o Rio de Janeiro tão bonito... o mar aqui é tão bonito... a praia é tão bonita... que: com certeza quando eu cheguei em Nice tive a maior decepção... da parte da praia... não da parte construída pelo homem... porque... é uma beleza...

D: a praia freqüentada lá não é do mesmo número como é freqüentada aqui... as pessoas vão à praia aqui da mesma maneira como vão lá?

L2: lá tudo é pago... lá tudo é pago... pra ir à praia você paga...

L1: mas nós não fomos à praia...

L2: não... nós não fomos porque nós estivemos lá três ou quatro dias e fora ainda da temporada... agora... é uma praia também que...

()...

L1: ()

L2: não parece nem areia...

L1: () cascalho... toda ela de cascalho...

L2: cascalho... em Cannes é um pouquinho melhor...

L1: em Cannes já tem um pouco...

L2: já tem mais e tudo da areia e tudo... mas Nice mesmo...

L1: é só tinha cascalho... e é horrível... não dá nem vontade...

L2: agora... tudo é explorado pelo homem... tudo é explorado pelo homem () ... tiram o máximo daquilo... coisa que aqui não se faz...

D: e a Itália?

L1: também...

D: vocês estiveram em Roma?

L1: não () Florença... Roma... Veneza... e de: Roma a Veneza nós fomos de... de ônibus de modo que conhecemos aquelas cidades todas... de propósito pra... para conhecer...

D: e sentiram a diferença assim... de clima () nessas regiões?

L2: não... não...

L1: não nessa época não... porque era verão... e a Itália é ainda o país que tem realmente mais o verão mais aproximado do nosso... ameno mas com dias bonitos... com céu azul... e com sol... então toda essa região que nós andamos de Roma até Veneza... nós não notamos diferença de clima nenhuma...

L2: [

não... () da Europa () um pouquinho calor...

L1: é...

L2: em junho quando nós lá estivemos () mas foi mais... foi mais em maio... nós fomos...

L1: saímos daqui em junho... saímos daqui dia trinta e um de maio... foi em junho... passamos junho e julho na Europa... voltamos em trinta...

L2: chegamos aqui dia primeiro de agosto...

L1: primeiro de agosto... mas não há assim uma dife/ não... não houve nessas cidades onde nós andamos... não sentimos diferença de clima... agora Paris é engraçado... Paris faz um calor enorme... está um dia lindo... aí eu ia sair toda de sapato branco... tal... a mulher do hotel... "a senhora vai sair assim? vai chover... às duas horas vai chover... e a senhora vai estranhar muito... porque está toda desse modo e sapato branco vai"... e eu... "não vai chover nada... essa mulher tá maluca"... eram dez e meia... onze horas da manhã... um dia lindo... não tinha uma nuvem... não tinha nada... por que é que vai chover? e às duas horas... duas e pouco... desabou uma chuvarada... ()...

L2: () uma chuva rápida de verão...

L1: chuva de verão... mas deu uma chuva louca...

D: como é que ela sabia?

L1: porque quase todo dia chove às duas horas ((risos)) é como no norte () aqui... não tem também?

L2: () lá em Manaus tem muito disso também...

L1: pois é... lá todo dia chove... né? então lá também no verão... ela disse que duas entre duas e três horas dá aquela chuvarada louca... agora depois... a segunda parte do dia depois da chuvarada... o verão é superameno... você bota até um casquinho nas costas... de noite quando... eu levei... casacão... uma francesa amiga minha disse "você leve um casacão de primavera"... eu falei "como é esse negócio de casacão de primavera que eu não sei?" aí ela disse... "é alegre... é claro... é branco... é vermelho"... e esse casacão vermelho eu levei o casacão vermelho... e esse casacão só não andou sozinho não sei por quê... porque eu usei TODOS os dias que eu estive na Europa... porque se não usei de dia em certos lugares... eu usei de noite... em Paris... todas as noites de verão... junho... eu saía de casacão de noite... porque eu sentia frio...

D: e o senhor... como é que saía?

L2: () eu levei um () um suéter e ()... durante o dia não... durante o dia eu saía assim... de manga de camisa... mas à noitinha a gente sentia frio... () bem frio...

L1: a temperatura mudava completamente sabe? esfriava... mas esfriava mesmo... de botar casacão...

D: () de hospedagem () também há uma ... uma... já há uma certa mitologia a respeito da Europa... nos hotéis... brasileiro estranha muito quando vai pra lá...

L1: com relação a quê... de preço você diz... não...

D: não... não de preço... de serviço do hotel... da ()...

L1: bom o serviço de hotéis é () serviço de um modo geral... aí sei que o que tem isso a ver com o clima... mas o que eu achei foi o seguinte... certo ()...

D: não... tem... tem a ver como clima porque há todo um... um... já uma história tradicional sobre os europeus... que os europeus não gostam de tomar banho...

L1: ah ((riso))

L2: [

ah...

L1: ah no inverno não tomam... não é só no inverno não... porque quando eu fui nessa época... que eu tô dizendo a você que nós fomos que foi na época da Copa do Mundo em sessenta e seis... em LONDres elas não tomavam banho e no ho/ nosso hotel nós éramos servidos por garçonetes... não eram garçons... eram moças que serviam... Virgem Maria... quando elas passavam o prato... você quase morria de bodum e depois elas andam com uns aventais brancos lindos... ()

L2: [

()

L1: aí que cheiro hoRRÍvel... nem queira saber... e elas não tomavam banho () e não tomavam mesmo... bem de vez em quando... eu tenho uma prima que morou na Bélgica... e... e... dois anos... então ela teve inverno... verão... todas as estações né? e faziam a concessão dela tomar banho todo dia no verão... era uma concessão porque ela era brasileira... a família do marido dela que é belga... então ela podia tomar banho todo dia porque ela era brasileira mas eles tomavam banho de três em três dias... imagina... verão... de modo que... daí é um negócio que não dá nem pra nós entendermos... eu tenho um primo também... até já falecido... morreu lá em Paris mesmo... mas ele foi pra lá no verão... e no verão ele tomava... uma vez... catorze de julho ele disse que fez um caLOR... mas um calor terrível... e ele () ele acordou tomou um banho e elas mudam a toalha de banho cada vez que você usa ou então quando não seca você tem que pedir outra né? então ele tomou cinco banhos... aí ele ficou conhecido... o brasileiro que toma tantos banhos... ele pedia outro... outro... outra toalha de banho porque morria de calor e ficava indignado... conosco em Paris também aconteceu uma coisa muito engraçada... quando nós chegamos... tinha uma toalha... de banho não é... e uma toalha de rosto... aí eu pedi à mulher... aí ela perguntou... "mas vão tomar banho os dois?"... verão... eu disse "vamos... tomar banho sim... como que não vamos tomar banho?"... aí ela disse...

"mas os dois vão tomar banho hoje?"... "mas é lógico... por favor traz porque nós vamos tomar banho"... aí eu ainda disse pra ela "nós somos brasileiros... temos tradição de tomar banho todo dia"... então ela trouxe uma toalha de banho... porque ela achou que ela trocando de toalha a cada dia... um tomava um dia... outro tomava outro dia... ()...

D: e em relação à água do banho...

L1: ah não... lá... () de pagar o banho não...

D: não... não de pagar... a água... eh... porque aqui no Brasil nós estamos acostumados a tomar um tipo de banho... né?

L1: banho de chuveiro?

D: da água da temperatura da água... etc. ... o: a:... o local onde se toma banho... a maneira como se toma banho... mas sobretudo a temperatura da água... porque foram no verão...

L1: foi...

D: mas no entanto fazia frio...

L1: é...

D: como era ()?

L1: [

não... mas nós tomávamos banho quente...

L2: () banho frio... ()...

L1: [

()...

D: mesmo sendo bra/ brasileiro quer dizer carioca pelo menos?

L1: não não () não... eu acho que é sentimento inter/ eh geral que eles têm... porque você... abre a água quente... sai água quente... pelo menos nós sempre tomamos banho quente e frio quando quisemos... como quisemos... tivemos...

L2: [

não havia aquecedor () banheiro... nada disso...

L1: nada... tinha torneira de água quente e torneira de água fria...

L2: [

() aquecedor () sistema elétrico e tudo ()...

L1: é... não sei como é... ()...

D: e os quartos... dos hotéis?

L1: aquecimento ou então no verão não tem nada... é calor mesmo... mas aí não faz calor também...

D: mas uma... o... o (frio) como é?

L1: tem aquecimento... eles têm... o... aquele... aquele sistema de aquecimento... ah... interno... na Inglaterra tinha uma água quente... que circulava nos tubos dentro do banheiro... se lembra? eu até botava toalha ali... tava sempre quente aquilo... tinha sempre água quente... () e... também no verão... e foi nessa época foi... verão... mais () que se tinha no verão...

L1: no banheiro... e então botava a toalha ali e secava num minuto a toalha... até roupa minha mesmo... né? se lembra? eles tinham... você abria a torneira de água quente... esquentava tudo... até me lembro que uma vez também na Alemanha... que no... que choveu a beça e eu sequei o meu sapato no banheiro... num instante... pendurei na... botei meu sapato em cima do aquecedor... daqueles... daqueles tubos de aquecimento... num instante sequei o sapato... liguei a torneira... pronto a água esquentou... esquentava ali... e o sapato secou... se lembra?

D: chegaram a... a... a ver na Inglaterra... um fenômeno relativo a () Londres principalmente...

L1: o "fog"... isso não... não vimos...

L2: não não vimos ()...

L1: [

não... uma noite...

L2: a segunda vez...

L1: não a primeira vez... na segunda não... segunda não vimos "fog" nenhum... a primeira vez é que nós vimos um dia... estava chovendo... um dia que nós íamos sair de noite... à noite nós íamos sair pra jantar...

L2: não... mas não foi "fog" não...

L1: () lógico...

L2: foi um nevoeiro muito fraquinho... como dá às vezes em Petrópolis e tudo ()...

L1: é certo... aquele "fog" mesmo... não... ()...

L2: aquele de parar mesmo a cidade... isso...

L1: é não vimos não... nem... nenhuma das duas vezes... que nós tivemos na Inglaterra... a primeira vez nós tivemos quinze dias na Inglaterra...

L2: foi...

L1: em sessenta e seis... agora na segunda vez nós estivemos oito dias... aí foi... em que mês que nós estivemos lá? julho?

L2: não foi em outubro... foi:...

L1: é... foi de lá nós viemos embora pra Nova York...

L2: foi... nós estivemos na Inglaterra...

L1: ah... em Nova York num dia nós pegamos um frio terrível... se lembra?

L2: foi uma mudança brusca de temperatura de um dia pro outro...

L1: sim... de uma hora pra outra...

L2: de um dia pro outro...

L1: é... tava um tempo normal... sem chuva nem nada...

L2: [

um calor... () de andar de manga de camisa o tempo todo... inclusive à noite e de repente...

L1: a temperatura caiu...

L2: a temperatura caiu... mas acho que foi uns vinte graus...

L1: caiu () ouvimos na televisão... zero grau... nós ficamos impressionados... zero grau naquele dia marcou em... em Nova York... e no entanto dois dias antes tava marcando vinte e sete... vinte e oito graus... uma loucura...

L2: e justamente nesse dia que caiu deu-se uma coisa interessante... porque... como nós íamos dois ou três dias antes... na véspera...

L1: não íamos uns dois ou três dias...

L2: ou depois... na véspera... dessa mudança brusca de temperatura... nós tínhamos que despachar todos os nossos agasalhos pra aqui para o Rio... aqui para o Rio...

L1: foi mesmo...

L2: de maneira que quando... no dia seguinte... não tínhamos praticamente agasalho nenhum e foi aquele frio tremendo... mas isso foram uns dois dias só porque depois nós pegamos o avião

L1: [

o agasalho foi...

L2: e viemos embora...

L1: o agasalho foi interno... ((riso)) bebida...

L2: ah foi...

L1: era... tinha que ser whisky... e... depois tinha restaurante... se lembra o dia que nós almoçamos lá? um frio terrível... tinha um restaurante brasileiro bem em frente ao nosso hotel -- que nós ficamos na Broadway... bem no coração da Broadway... de noite era uma loucura... o que tinha de crioulo na rua não estava no gíbi... uma loucura... depois de sete e meia da noite você não tinha coragem de ficar no restaurante... porque não ficava mais um branco... só tinha crioulo nos restaurantes... e eles ficavam () te olhando... então você não tinha coragem mesmo não... você se mandava-- então... mas tinha um restaurante brasileiro bem em frente ao nosso hotel... hotel né? na rua Quarenta e Seis que nós ficamos... e nós... atravessamos... tomamos batida e comemos uma feijoada de noite... porque tava um frio de rachar... mas foi uma loucura sim... dois dias antes de nós irmos embora... eu me lembro ()...

L2: [

() uma mudança brusca que eu nunca vi... ()...

L1: [

aí eu ainda fiquei com mais frio ainda quando eu escutei a televisão dizendo que estava marcando zero grau... que tava frio... mas não tinha mesmo essa impressão não... quando ele disse... Deus me livre... que horror...

D: uma coisa que eu queria perguntar a senhora () (Paris)... a mulher do hotel que avisou que ia chover às duas horas... eles têm informação meteorológica... lá nos Estados Unidos?

L1: têm... eles têm...

D: eu queria que você comparasse com, com, com o sistema brasileiro...

L1: não... eles... eles informam lá... a temperatura... a chuva... do mesmo... através da televisão e do rádio... do mesmo modo que nós informamos aqui... e às vezes erra também igualzinho a nós... erramos aqui... é ou não é? mesma coisa... você sabe? aliás eu vou dizer a você uma coisa... não me chama de senhora não... me chama de você também... ele me chama de você... u/ uma coisa que... fora de de: de: tempo de meteorologia... do que for... tudo que você encontra de bom e de ruim no Brasil... você encontra de bom e de ruim no resto do mundo... o chofer de táxi ficava zanzando com você... um dia em Paris... pela terceira vez eu vi ele passar pertinho da Madeleine não havia meio d'ele nos deixar na ()... acabei dizendo pro chofer... "pera aí... você tá passando"... "não é uma questão de mão"... que mão que nada... ele tava rodando conosco... rodando... rodando... então tudo tem a mesma coisa... e um pouquinho alemão () eu disse pra ele... não vamos mais falar português quando entrarmos dentro do táxi... que eu entrava no táxi... meu alemão dava pra dizer onde eu queria ir... quando nós começávamos a falar português ele começava a zanzar por toda parte... sabe? então essas coisas todas são iguais... garçon... reclamar de preço... em Paris... no () se lembra? primeiro dia que nós entramos... nós andamos com uma grande amiga minha que vai a Paris com freqüência e ADORA a França e adora Paris... e ela disse a J. "dá não sei lá quanto de gorjeta... só... basta dar isso"... e J. deu () a língua... ficou uma pulha... ficou mal-criadíssimo... não foi? mas ela não deixou o J. dar mais e ficou lá por isso mesmo... e ele ficou xingando lá... né? essas coisas acontecem em toda parte... mil coisas... ele teve a carteira dele batida na Inglaterra... eu me diverti muito...

D: é?

L1: é:... e quando foi... conte aí esse episódio...

L2: nesse episódio nós távamos...

L1: em Liverpool...

L2: em Liverpool... pra assistir o jogo do Brasil com...

L1: isso foi muito engraçado...

L2: com Portugal... foi com Portugal... não foi? e... já tinha saído daqui do Rio com todos os ingressos reservados... mas... também... a carteira...

L1: () o dinheiro do dia...

L2: o dinheiro do dia... calculava mais ou menos... e colocava na carteira o dinheiro do dia... fomos pra Liverpool cedo...

L1: almoçamos...

L2: [

almoçamos calmamente... e tínhamos também condução... que nos iria apanhar em um determinado ponto pra levar ao estádio de futebol... mas () já tinha acabado () faltava muito tempo pra condução chegar... vinha um ÔNIBUS... em direção ao estádio... resolvemos todos... que era um grupo grande que nós estávamos... embarcar no ônibus... () atrás de mim vinha... um inglês...estou vendo até hoje a figura dele com uma capa toda grossa, um chapéu, baixinho... atarracado... e vinha empurrando... vinha empurrando... mas eu tinha tirado a capa... eu tava com a carteira nesse bolso de trás... e tinha tirado o paletó ou a capa... mas nem tô pa/ pensando... no:... em alguma coisa... se va/

L1: fossem roubar...

L2: fossem roubar carteira e tudo... () (avalanche) empurrando daqui... empurrando dali... () dentro do ônibus... quando eu entro no ônibus... vou pegar a carteira aqui pra pagar o ônibus... cadê? ela já tinha desaparecido... eu ainda disse... "o... quem me roubou foi esse indivíduo a/ olhei assim... ele já tinha se mandado...

L1: ()

L2: aí uma inglesa... uma inglesa que estava ali ao lado...

L1: já saímos do ônibus...

L2: nós saímos do ônibus... sim... porque eu disse... nós estávamos com os ingressos de futebol... "como é que eu vou fazer pra entrar?"... o estádio já devia estar cheio aquela hora... não havia mais ingresso pra vender à venda... "como é que vamos fazer?"... aí uma inglesa que estava ali ao lado... disse... "não... mas isso é um desaforo"... (ficou indignada)...

L1: [

ficou indignada...

L2: "como é que... vão fazer isso com um estrangeiro... com... que impressão que eles vão ter aqui da nossa cidade? e tudo... faço questão de... de"...

L1: "chamar o guarda"...

L2: "de chamar o guarda"... então ela chamou um guarda... relatou o que tinha acontecido... e eu disse... "bom o que mais me aborrece é que eu estava com... os ingressos... as entradas do futebol... e também... a passagem de volta... de trem"... porque nós estávamos hospedados em Londres... e o jogo era em Liverpool... no trem especial () retorno a Londres... aí o guarda disse... "tá tudo bom... quanto a isso não há o menor problema... os senhores... nós lhes colocaremos () qual é a sua cadeira? nós vamos até os estádio... e lá lhe colocaremos"...

L1: e nos levaram na rádio-patrolha...

L2: e nos levaram na rádio-patrolha direitinho... e eu disse... "e pra voltar depois pra Londres? como é que vai ser?"... ()... "não há problema também... às tantas horas... estaremos na estação... o senhor nos espera lá"...

L1: "() no trem"...

L2: "() no trem... falaremos com o chefe do trem"... e assim aconteceu...

L1: não... a volta não... aí nós encontramos uns amigos e voltamos num trem... num trem...

L2: ah... bom... tem razão...

L1: nós não voltamos no mesmo trem...

L2: é... nós voltamos num trem especial...

L1: () então voltamos num trem ()... então nós agradecemos a ele e tal... mas não quisemos ir com ele... mas roubaram... e quando nós paramos em Roma... ah... na Praça de... na Praça de São Pedro...

L2: [

São Marcos...

L1: São Marcos nada... São Pedro...

L2: São Pedro... é é...

L1: na Praça de São Pedro... nós vimos um alemão ficar alucinado... tinham acabado de bater a carteira dele também... e ele estava desesperado... só falava alemão... o guarda em inglês... ele não falava inglês... e ele só ()... todo mundo entendeu que ele tinha sido roubado... mas esse coitado... não foi feito nós... (ainda mais) () nós já tínhamos até almoçado... então o que ele levou de dinheiro foi porcaria...

L2: foi... levou dez libras...

L1: () é uma droga... mas o... o alemão não... levou o dinheiro dele todo... tá bom... e ele ficou sem... a níquel... sem nada...

então o... o... o guarda lá o... dali do Vaticano... disse que ele fosse não sei aonde... na delegacia que davam um dinheiro a ele... pra ele voltar pra Alemanha ((riso))... então você já viu que as coisas acontecem em toda parte... de vez em quando o J. me diz aí... "ah () que vergonha... roubaram um... um... um turista ()"... deixa de ser bobo... quem viaja sabe que isso acontece... no mundo inteiro essas coisas acontecem...

D: outro... episódio o policial disse que estariam... deviam estar na estação às tantas horas () essa...

L2: e acredito... e acredito piamente que a essa hora...

L1: eles estivessem...

L2: eles estivessem...

L1: nós é que demos o bolo neles...

L2: nós é que demos o bolo... porque...

D: era isso que eu ia falar... sobre a tradicional observação dos ingleses aos horários...

L2: () em compromisso... e também honestidade... também... vamos dizer assim...

L1: ah é... há muito...

L2: porquanto... tendo o Brasil sido eliminado... "o que que eu vou ficar fazendo aqui em Londres? não me interessa ver jogo mais nenhum"... que se viu? entreguei... fui a uma agência... entreguei as entradas que tinha... que estavam ainda () da final e da semi-final e disse "aqui está... se vocês conseguirem vender isto... muito bem vendam... meu endereço no Brasil está aqui... é esse... um ou dois meses depois... eu estou aqui no Brasil... recebo... uma telefonema... da... uma agência de turismo aí qualquer que tem correspondentes lá em Londres... e diziam... me convidando a comparecer lá... porquanto... fui lá... () e tinha uma notinha lá de vinte libras... a minha espera...

L1: eles venderam a mais...

L2: e venderam... a minha entrada final... que havia me custado... aqui no Brasil... naquela ocasião... três ou quatro libras... eles haviam vendido por vinte libras... então estavam me mandando aquela nota... e dizendo que pra semi-final não foi conseguida a venda da entrada... estavam me devolvendo também... a entrada da semi-final pra comprovar que não haviam vendido...

L1: é isso aí é uma coisa que eles são rigorosos () e depois são organizados né? isso é organização... além da honestidade...

L2: dei o endereço a eles... "se conseguirem vender me mandem lá pro Rio"... e mandaram...

D: () horário () ingleses...

L2: ah sim... ()...

L1: não sei ()...

D: pra refeições... pra divertimento... pra trabalho...

L2: os jogos... por exemplo... começavam rigorosamente na hora marcada...

L1: sim... mas essa segunda vez agora que nós fomos... eu... o... ah... em... na Espanha nós já não tivemos mais o mesmo rigor... nem a mesma... eficiência em questão de ônibus de turismo... e tudo mais... ()...

L2: bom isso caiu muito...

L1: caiu fantasticamente... de sessenta e seis pra cá...

L2: [

em nove anos ()...

L1: a mudança que houve ((interrupção)) ... a primeira vez... você nem queira saber... nós tomamos um táxi porque o ônibus não podia ir ao nosso hotel... isso por causa de trânsito e etc. ... então nós tomamos um táxi lá... por ordem deles... e quando nós chegamos na... no ponto onde o ônibus estava... tinha um homem nos esperando né? esperando todas as pessoas que chegavam e pagava o táxi... nós não pagamos NADA... absolutamente... e aquilo tudo certinho... na hora exata e tudo... nessa segunda vez a coisa já foi outra totalmente diferente...

D: qual era o horário normal de refeições () nos diversos países?

L1: é cedo... em relação a nós é cedo... sete horas da noite... eu estava dizendo a você... eles saem do comércio... vão todos comer... tá me entendendo? porque você sente não é? em Paris... nas cidades ah... você sente que eles não comem em casa... eles saem do trabalho... vão comer...

L2: [

comem qualquer coisa...

L1: tá entendendo? e depois vão embora pra casa... então foi aquilo que eu disse a você... que sete horas da noite você não consegue encontrar um restaurante... aqueles de... de... que tem varanda como eles chamam... ali do lado de fora () não tá tudo cheio também... uma hora depois acabou... então eles comem cedo...

D: e o almoço também é assim?

L1: almoço não reparei muito não...

L2: [

o almoço () é...

L1: o almoço não deu muito pra reparar...

L2: porque muitas vezes... a maioria das vezes nós nem almoçávamos...

L1: porque você toma um café reforçado...

L2: [

() comia uma coisa mais forte... e aí saía pra fazer passeio... fazer compras... uma coisa e outra... () era quatro... cinco horas da tarde e tudo...

L1: é... tomava um chá um lanche e aí e depois... jantava tarde...

L2: é... nós jantávamos sempre tarde...

L1: é...

D: tarde ()?

L1: ah... nove e meia... dez horas...

L2: [

nove e meia... dez horas... não é? porque já sabia que depois de meia noite também não tinha condição nenhuma...

L1: () num dia que nós nos distraímos... saímos às dez e cinco... o chofer rodou procurando... um: restaurante onde ele pude/... que ele conhecia... onde podiam nos atender... e nós fomos atendidos no restaurante... uns dez minutos depois ele fechou a porta... chegou um grupo de americanos... tinha lugar o restaurante estava vazio... mas eles NÃO atenderam... disseram que não... que se atendessem a eles ia atrasar... o expediente do restaurante... não atenderam... nós fomos atendidos... quer dizer depois de dez horas da noite...

D: vocês não fizeram passeios... eh... à noite?

L1: aqueles tradicionais... aquelas coisas... fizemos... fizemos... entramos em quase todos aqueles... porque nós viajamos por nossa conta... só na época do futebol é que em Londres nós... de um certo modo tínhamos uma programação... tá me entendendo? Por causa dos jogos e...

L2: e pra conseguir...

L1: pra conseguir lugar lá...

L2: () aqui no Brasil... então nós tivemos que nos filiar... a uma...

L1: é a uma programação lá...

L2: [

a uma programação...

L1: é uma espécie de... vamos dizer... de uma... de u/ de uma... como e? excursão... mas fora isso não... nós vamos... fomos às outras... pela Europa inteira antes do futebol sozinhos... e depois também... da segunda vez também... mesma coisa... mas... você perguntou o quê?

D: a respeito do... de... divertimentos que são tradicionais...

L1: ah sim... fizemos tudo... aqueles "sightseeing" você tem que fazer... porque é o: jeito que você tem de conhecer as cidades não é? eles levam... mostram... tal... você conhece tudo que tem de tradicional... e de noite também...

D: [

quanto tempo dura esse passeio?

L1: ah esse passeio às vezes dura um dia... dependendo... da cidade... você dura um dia... meio dia não é? em geral é a parte da manhã ou a parte da tarde... só se você quiser ir a arredores... aí então é um dia como... como nós fomos ao Vale dos Caídos etc.... na Espanha... mas senão é... é uma parte do dia...

L2: [

em relação também ao... ao

L1: [

Estoril...

L2: não... na Inglaterra... nós fomos a...

L1: [

ah bom... na Inglaterra nós fomos a Stratford-upon-Avon fomos à Casa de Shakespeare e aí também foi uma passeio de um dia inteiro tá entendendo

L2: esse excepcionalmente foi um dos dias mais bonitos que nós pegamos em Londres...

L1: [

foi mesmo... em Londres...

L2: um dia de céu azul...

L1: é... foi uma beleza... um dia lindo... a segunda vez não... nós pegamos tempo bom na Inglaterra... por acaso agora... essa última vez... que nós fomos ()...

L2: não () em Londres nós fomos bem na... no outono...

L1: fomos... mas não... mas o tempo estava muito melhor do que quando nós fomos em sessenta e seis... porque em sessenta e seis chovia uma barbaridade...

L2: [

sim... sim sem chuva mas aqueles dias todos já cinza...

L1: ah é...

L2: dia de céu azul... essa segunda vez nós não tivemos nenhum... choveu menos...

L1: é... não choveu quase mas o tempo era diferente... a atmosfera era diferente...

L2: uma atmosfera... londrina mesmo... londrina...

L1: é... mas isso também na Alemanha...
também na Alemanha... tudo cinza... sabe?

D: [

como é...

como é que eles se vestem? eles têm uma maneira () nesses dias? ()...

L1: roupa escura... só...

D: e outros adereços... eles usam...outros?

L2: ah usam...

L1: bom () não sei...

L2: [

sobretudo... ()...

L1: casaco... capa... bota... mas não:... porque eles a não ser no frio mesmo... eles não sentem frio não... nós é que sentimos aqueles invernos... aquele verão deles... pra eles é verão mesmo... pra nós é que é... que é inverno...

D: e como se protegem da chuva? só com... com:

L1: com guarda-chuva...

L2: [

com guarda-chuva...

L1: [

muitas mulheres usam muito aqueles... aquele plastiquinhos que elas... levam na bolsa... tanto que a gente lá usa a beça... aqui no Brasil... você usa... olha... bota aquilo... eu uso... eu tenho aqui... fica todo mundo olhando pra mim... me dá uma raiva... eu já nem amarro debaixo do queixo... porque eu acho... que com... o negócio amarrado debaixo do queixo fica ridículo... então eu amarro pra trás ()... mas na Europa você vê... velhas... velhinhas... tudo debaixo do queixo e a gente usa também... não liga a mínima... mas aqui não... fica todo mundo olhando... parece que a gente é maria caxuxa... então () pra trás... o negócio e eu amarro pra trás... mas eu tenho... mas eu () aqui sistematicamente... porque se chove () muito bom e inteligente... mas aqui não pode... nem vendem... você não encontra pra comprar... o meu ainda é unzinho que tá restando... que eu tô fazendo prolongar...

L2: ()...

L1: hein?

D: () pra chuva também usava isso... não?

L2: não... não...

L1: [

não... homem não... os homens não... não sei... eles usam boné...

L2: [

() não usava nada...

L1: nada... não...

L2: () a capa... minha capa...

L1: [

a gente ficava debaixo da marquise... ()...

L2: guarda-chuva também não usava porque eu detesto guarda-chuva... detesto guarda-chuva de maneira que... punha a capa ()...

L1: [

comprei um

guarda-chuvinha pequenininho que não adiantou nada...

L2: ()...

L1: ficava dentro da mala...

L2: ficava dentro da mala... chapéu também nunca usei na minha vida... de maneira que ()...

L1: [

só usou gorro em Munique... em Munique usou gorro...

L2: () foi devido ao frio () frio... havia necessidade...

L1: é...

L2: um gorro protegendo até as orelhas...

L1: é... um frio...

L2: [

ficava só essa parte assim do rosto de fora e olhe lá...

D: vocês estiveram em Portugal?

L1: agora não... na primeira vez...

L2: [

agora não...

L1: da primeira vez... foi bom... o tempo foi bom... os dias bonitos... também só ficamos quatro dias... os dias bonitos... o tempo muito bom... Portugal é uma gracinha... limpíssimo... tanto que agora () eu tenho uma amiga... que tinha ido uns meses antes de nós... e tinha ido naquela ocasião também que nós fomos ela tinha ido... e ela me disse... "se você quiser morrer de decepção e de tristeza... vá a Lisboa agora"... então nós não fomos... porque estava tudo imundo... as cidades... os muros pichados... foi aquela época... tudo de foice e martelo... e enfim... um horror que...

L2: [

é... e Portugal antigamente também ()...

L1: [

o brasileiro era muito bem aceito... agora não...

L2: [

() da primeira vez que nós fomos... pois é...

L1: agora não... a primeira vez que nós fomos um dia nós távamos sentados... tomando um chá... e che/ e... quando percebeu que nós éramos brasileiros...

L2: [

foi um jornalista até...

L1: o jornalista veio pra nossa mesa... conversou... indagou milhões... nesse tempo Juscelino era presidente não era? ou não? tinha acabado... tinha acabado... tinha saído sessenta e cinco Juscelino saiu... né? não... sessenta e seis o Juscelino não era mais...

L2: não... sessenta e seis já era o Jango...

L1: não...

L2: o... o... Jânio...

L1: Jânio...

L2: quer dizer... quando nós paramos em Nice... veio a notícia que o Ademar de Barros...

L1: tinha sido cassado...

L2: tinha sido cassado...

L1: então sessenta e seis...

L2: era o Jânio que tava ainda... era o Jânio...

L1: não... que Jânio nada... já tinha sido a Revolução e tudo... a Revolução foi em sessenta e quatro J. ...

L2: foi em sessenta e quatro a Revolução...

L1: a Revolução foi em sessenta e quatro... () aí... é... () em Nice () chofer... coisa mais engraçada sabe... que o chofer veio nos buscar... que nós tínhamos transporte né? então o chofer veio nos buscar... e disse... "você são brasileiros?" ... "somos" aí ele disse... "cassaram hoje o presidente do Brasil"... aí nós... "presidente do Brasil? mas como é que pode?" () perguntar pra ele... "mas como é que foi? quem é? quem não é? mas que presidente é esse que cassaram?" aí ele disse... "é um paulista"... eu disse "ai... isso tá me cheirando a Ademar de Barros"... eu disse ao J. "isso é o Ademar de Barros"... eu disse ao J. "isso é o Ademar de Barros"... eu perguntei pra ele... "em que jornal o senhor viu isso?"... "no Nice Soir"... tá bom... aí nós entramos... no avião... (pra nos transportar)... vem () "quer jornal?" "quero Nice Soir"... olha que eu suei pra encontrar a notícia... era pequenininha... num cantinho... notícias internacionais... notas internacionais... tava lá... que tinha sido cassado... tal... governador Ademar de Barros... de São Paulo... a revolução tinha cassado a ele... uma coisinha mínima... insignificante... eu não sei... aquele devia ... acompanhar o mundo então ele viu... e veio nos contar... mas se não fosse aquilo nós passávamos... nós chegávamos no Brasil com essa surpresa... porque... não... não dava pra ver nada...

D: em Lisboa... eh... perceberam diferença em relação a... a horários e... e à própria vida... nessa época que estiveram lá...

L1: naquela época?

D: é...

L2: não... não vimos não...

D: durante a noite... () comparando com outras cidades européias...

L1: ah... sim... mas era a mesma coisa... nós jantamos lá tarde... em Lisboa nós jantamos até... sempre se comia tarde... não era a mesma coisa... como nos outros países do mundo... você deve se lembrar que nós comemos com a M. e a A. e a L. ...

L2: mas não era assim tão tarde...

L1: ah não... dez horas da noite... saímos pra jantar tranquilamente... em Londres nessa época mesmo... dez horas da noite você caçava um restaurante... havia diferença... sempre na Espanha e nessa época em Lisboa... nós não nos demos conta disso porque nós começamos a viagem pela Espanha e Portugal... então... isso aí pra nós não chamou atenção... porque depois é que nós vimos que o resto do mundo era diferente de lá... mas quando nós estivemos lá... pra nós isso não importou... não é? porque... mais ou menos era igual a gente aqui... que nós quando saímos pra comer fora aqui no Brasil... a gente sempre sai nove e meia... dez horas da noite... em casa não se come essa hora... mas no restaurante você só come essa hora né? porque essa hora é que os restaurantes estão cheios... se você for jantar oito e meia nove horas da noite aqui não tem ninguém... então essa hora é que você encontra... os restaurantes cheios () os restaurantes bons... você vai encontrar... se

você quer se divertir... badalar... você vai encontrar gente essa hora da noite... né? então nós não achamos nada demais... depois... é que nós vimos... aí que nós fomos sentindo a diferença do resto né? porque até pra ir ao Lido... nós saímos do Lido às nove e meia da noite... não foi?

D: mas...

L1: [

e não fomos de metrô nem nada... não tinha nada com isso não... mas o show acabava tarde... mas tinha um show mais tarde...

L2: sim... mas a cada () em virtude dos garçons... dos artistas de tudo... () e pegar o último ()...

L1: [

mas quando chega a época de verão mesmo de turismo... aí tem um show mais tarde... aí eles têm...()...

L2: [

não sei se tem não... não sei não...

L1: [

tem sim... no Lido tem...

L2: eu acho que não tem não...

L1: eu garanto que tem...

L2: eu acho que não tem não...

L1: eu garanto que tem...

L2: [

são dois espetáculos... um às sete e pouco... e um às nove e pouco...

L1: não eu garanto a você que tem porque num... num cursinho que eu fiz aí de... ah... daqueles cursinhos... não sei se vocês se lembram disquinhos que a Bloch Editora andou fazendo de inglês e de francês... então eu li isso...que quando... que o Lido quando chega na época de temporada de turismo... tem um show uma hora da manhã... mas é só pra turismo... só pra turista... quer dizer... mas tem...

D: aqui no Rio vocês costumam eh... sair à noite?

L1: saímos... sexta e sábado em geral nós saímos...

L2: é... porque durante a semana não dá pé... durante a semana a gente chega cansado não é? ()...

L1: então não dá...

L2: [

() quer saber de descansar...

L1: ficar em casa...

L2: [

ver um pouco de televisão... ler um pouco de jornal... e pronto... no dia seguinte começa a (função) cedo... mas sexta-feira pra mim é o melhor dia...

L1: () dia que você fica com toda corda... ()...

L2: [

sábado... sábado não se faz nada... gosto mais da sexta-feira à noite que do sábado...

L1: e ninguém gosta de domingo né? ((riso)) que depois vem a segunda-feira...

D: como é o seu dia normalmente em termos de horário?

L2: em termos de horário?

D: é...

L2: chego no escritório dez horas... mais ou menos... dez e meia... meu horário... até seis e meia por aí...

L1: porque ele só trabalha no escritório dele mesmo... quer dizer... então não tem horário de trabalho... a não ser o que ele se determina no escritório está entendendo... o que ELES se determinam... porque é um grupo...

D: mas o senhor costuma acordar que horas?

L2: ah... sete e meia... às vezes depende muito sabe?

L1: mas entre... nunca... nunca depois de oito horas a não ser assim se vai dormir muito tarde... duas... duas e meia três horas da manhã... então excepcionalmente às vezes a gente acorda nove horas é um escândalo... porque nós acordamos cedo...eu desde mocinha... podia ir a baile... podia ir ao que fosse... mais tarde que eu acordava era nove horas da ... manhã... não não tenho hábito de dormir até tarde... já é da minha natureza... e ele também... de modo que nós acordamos cedo... em geral sete e meia nós levantamos... tomamos café quinze pras oito... e a manhã corre...

L2: ouvimos geralmente o jornal de sete horas ainda deitado... na cama...

L1: na cama... ouço rádio de sete a oito horas da manhã... sete horas eu ouço a Rádio Globo... sete e meia a Rádio Jornal do Brasil... quinze dez pras oito ouço a Dinah Silveira de Queiroz... oito horas eu ouço a Rádio... Rádio Nacional () mas essa hora é sagrada...

D: e horários de refeições... vocês têm horários...

L1: normal...

D: () qual é o horário?

L1: de um modo geral nós temos... sábado e domingo uma uma e meia da tarde... em pleno verão não tem hora né? esse dois dias porque vai-se pra praia... manda a empregada sair... nem se preocupar com a gente pra nós não nos preocupando com ela também... e não se janta... sábado e domingo é lanche e tal... não tem jantar... mas nor/ fora isso não... fora isso eu almoço meio dia uma hora... ele não que ele almoça na cidade... mas eu almoço a uma hora da... e nós jantamos às sete... porque a empregada vai pro MOBIL... ela estuda... então sete horas religiosamente nós jantamos e oi/ dez pras oito quinze pras oito ela sai pra estudar... então... como eu acho que ela... quando ela veio pra aqui ela pediu... eu acho muito justo que ela queira aprender e estudar etc. ... então faz-se isso... janta-se às sete horas da noite ()...

D: vocês costumam ir à praia ?

L2: agora há um ano praticamente não vamos...

L1: é mesmo... eu tô branca... você não está vendo como eu estou branca feito uma perereca...

L2: [

é um ano praticamente...

L1: que eu tive doente... não sei um problema... ainda hoje eu fui ao médico... um problema sabe? de... de... de de... um exame que dá sempre alterado... eles dizem que eu tenho alguma infecção mas não descobrem qual é nem o que é nem nada... então me aconselharam a ficar uns tempos sem ir à praia... não adiantou porcaria nenhuma eu vou começar a ir à praia outra vez... porque que que lhe adianta você ficar de castigo não ir à praia né e continuar... hoje eu fiz um exame agora... há um ano atrás o exame era exatamente a mesma coisa ... () "você devia ter trazido pra comparar"... aí eu comparei em casa com os outros mesma coisa... há um ano... então...

D: vocês gostam de praia?

L1: eu gosto... adoro... eu gosto de praia e de cair n'água... com medo do mar ((risos)) mas não me contento em ir à praia sem me molhar... inverno ou verão... não interessa ()... agora durante o inverno geralmente nós vamos à praia sábado e domingo... esse ano é que nós não fomos por causa disso...

D: e costumam ir em que horário?

L1: ah...

L2: [

ah... no pior horário...

L1: é...

L2: onze e meia...

L1: o mais contra-indicado...

L2: onze e meia... meio-dia é a hora que geralmente nós vamos pra praia...

D: por que contra-indicado?

L1: contra-indicado porque o... raios ()...

L2: [

o sol...

L1: não são os mais indicados... já saindo... (como é?) já saindo do infra-vermelho pro ultra-violeta ou vice-versa... eu nunca sei direito esse negócio...enfim... ah... o... no verão quando eu começo a ir à praia eu começo a ir cedo... mas daqui a pouco já é uma amiga que telefona encontro uma amiga na... "ah não amanhã você vem mais tarde pra gente bater um papo" no fim passa do horário de onze pra uma ()

D: e ficam até que horas?

L1: até uma e meia... no verão ()...

L2: [

umas duas horas...

L1: não... é... isso sábado e domingo... eu não... eu em geral eu venho mais cedo... ()...

L2: não gosto de ficar muito tempo () não... duas horas pra mim é o máximo...

L1: é... eu também... me caceteia muito sabe? eu acho muito enjoado ficar muito tempo... eu gosto de ir à praia... andar... cair n'água... e vir-me embora... mas às vezes a gente encontra um grupo grande bom tal... então... aí ficamos conversando né? e esquece do sol... do tempo... de tudo...

D: cai n'água e faz o quê na água?

L1: não nado nada... mergulho ((riso)) e saio e... mergulho e saio e nada de nadar...

D: porque há todo um vocabulário a respeito da... né? da...

L1: de quê?

D: da água ()...

L1: [

jacaré... essa coisa toda não... não faço... não faço jacaré... não... não sei lá eu tenho medo... ()...

L2: [

toma banho de areia mesmo...

L1: não eu não... você sim... ((riso)) o meu banho é muito menos de areia do que o teu... () mergulha...

L2: ()

L1: não () mas eu mergulho... mergulho ()...

L2: [

ele lá e eu cá...

D: se não mergulha como é que faz então?

L1: ah ele se abaixa... molha e tal... toma um banho de senhora ((riso))...

L2: não quando... o mar tá calmo e tudo aí ()...

L1: aí ele mergulha... e não mergulha... ele tem aflição de mergulhar... eu não... eu mergulho...

D: vocês fala/ falaram em mar calmo... () no Rio de Janeiro não está calmo...

L1: não...

D: se lembram de... de alguma época ()...

L1: () depois que mudaram Copacabana a ressaca melhorou... porque no começo estive muito forte ainda mas depois que houve o afastamento do mar... não sei se... foi coincidência ou o que foi... mas a ressaca melhorou você não acha? não tem essa impressão? você mora aqui no Rio há muito tempo?

D: moro... vinte e quatro anos...

L1: ah então você ()...

D: como é que vocês... que vocês descreveriam a ressaca... o que é?

L1: as ondas enormes... estourando... puxando corrente de... de... de mar... não sei outra coisa que eu podia dizer... só isso...

D: porque será que tem esse nome hein?

L1: ressaca? eu sei lá... você sabe?

L2: eu também não sei não... nunca perguntei...

L1: eu não tenho nem idéia de por que é que é que é ressaca...

L2: ()...

L1: e também não sei por que quando se tem pileque se tem ressaca... eu acho que é porque enjoa... porque quando você viaja de mar... o... o se o mar tá bravo ah você enjoa tal... bota () então por isso... eu tenho a impressão que é por isso que se tem ressaca... só pode ser né? porque... não entendo por que quando se bebe demais se tem ressaca no dia seguinte e porque que o mar tá de ressaca também não sei...

D: e vocês conhecem o movimento do da das águas do mar () há toda uma modificação

L1: [

eu não ()...

D: durante o dia...

L1: baixa maré... maré alta... maré baixa...

L2: [

()

L1: eu também não conheço nada disso... meu filho é que conhece () Colégio Naval... de modo que ele sabe tudo... sabe a corrente... sabe se tem buraco... "ali tem um buraco... não entra... tem uma boca"... ah ele sabe essas coisas todas mas ele diz...

D: a boca... o que é?

L1: boca é um buraco... é um lugar onde você entra e te puxa... sabe? esses lugares que você entra e que... e que não consegue sair dali... então eles chamam de boca... mas isso é terminologia lá do Colégio Naval... então ele não... "cuidado... não entra aí... não mergulha que você cai aí... num buraco... e entra numa boca"... não é?

D: vocês têm contato com algum surfista?

L1: não... não...

D: [

não tem nenhum surfista na família?

L1: não... nenhum...

D: eu ia perguntar sobre o vocabulário dos surfistas... tem toda uma...

L1: eles têm mas eu não conheço... eu tenho... um um primo que é mergulhador... que faz pesca submarina... mas eu não tenho muito contato com ele...

D: [

mas ele não é surfista também...

L1: não... surfista não... mergulhador... () mas ele não ... pois é... isso que eu ia dizer... e depois ele já é de mais de trinta anos... de modo que não está muito enquadrado na terminologia da juventude... a juventude dele já está um pouco mais...

D: e a respeito da lua?

L1: que que tem?

D: fases da lua... também há toda uma tradição sobre a lua ()...

L1: eu tenho a impressão que influ/ eu tenho a impressão... que influencia muito na maré... né? você... sempre quando o mar tá muito calmo... é... está em cheia... sempre... é raríssimo você ver ressaca... cheia... sempre o mar tá bom... tanto que às vezes... nem sei que lua nós estamos nem coisa nenhuma... mas o mar está muito bom... devemos estar na cheia... ou saindo

ou entrando na cheia... () mas eu não... não conheço muito...

D: não corta cabelo de acordo com a lua...

L1: ah... isso corto... lógico... evidente... gosto de cortar cabelo na lua cheia... nem na minguante... nem na crescente... sempre na lua cheia... porque...

L2: esse negócio de cortar cabelo em determinadas fases da lua...

L1: [

mas você pensa que isso não é verdade?

L2: mas isso surgiu muito recentemente...

L1: não senhor... não senhor... não senhor...

L2: há coisa de quatro ou cinco anos atrás ninguém falava nisso...

L1: [

não senhor... bem... não...

L2: eu nunca ouvi ninguém falar disso... antes...

L1: [

você pode nunca ter ouvido... mas eu desde garota que sei que a gente não cortava o cabelo na... na...

L2: primeira vez que eu (ouvi) isso foi há quatro ou cinco anos atrás que começou...

L1: pra você... NÃO... isso aí foi quando começaram a inventar... de que cortando o cabelo... sistematicamente um método de um camarada aí... um médico... se lembra... que inventou... se você cortar sempre o cabelo numa determinada lua que o cabelo... quem tava perdendo cabelo... ficando careca... que o cabelo nascia... isso que foi de cinco anos mais ou menos pra cá... mas esse negócio de cortar cabelo e... mulher sempre teve isso... eu desde que me entendo... desde que corto cabelo... cortava cabelo antigamente que eu tinha cabelo... enorme crescia a beça na minguante () "Deus me livre que cresça mais"... que corta e cresce... corta e cresce... então a gente cortava sempre na minguante... mas agora... depois que a gente vai ficando mais velha... o cabelo já não é tão... não tem tanta tanta força... () não tenho muito cabelo não... tô ficando careca... em relação ao que eu tinha então eu corto na lua cheia... pra ver se enche...

D: conhece outras histórias relativas à lua?

L1: não...

D: a lua é uma ... há mil histórias populares...

L1: [

bom ()...

D: ()

L1: ah tem... tem em questão de gestação... em questão de... de... a lua tem influência... em partos e tudo mais... mas eu não conheço ()...

D: ()...

L1: você tem que responder... você sabe ()?

L2: não... te confesso que...

L1: cabeça () ((risos)) ()...

D: () houve uma () pessoa que tinha sido roubada em Londres () foram apanhar a carteira...

L1: [

ah é ((risos))...

D: quando nós fomos analisar descobrir onde é o ()...

((superposição de vozes)) () ((risos))

L1: () exatamente... naquela hora eu não prestei atenção mas agora que ele... fez afirmativo com a cabeça eu digo "não serve... tem que falar"... não (grava) o resto não (grava)...

D: vocês costumam passar o fim de semana fora do Rio? nunca passa:ram... num lugar mais afastado?

L1: [

não muito raro...

D: porque... no Rio não se vê a lua () não se vê né?

L2: é muito raro nós passarmos o fim de semana fora do Rio... às vezes nós vamos... uma vez por... não uma vez por mês geralmente nós vamos... a minha sogra tem um sítio em Rio das Flores... então nós vamos lá... e lá a lua é uma beleza... ah... noite de luar... ou então céu de estrela também... é uma coisa inesquecível...

L1: você... olha ()

L2: [

e é um silêncio...

L1: () não é? não (acha a mesma coisa?)... porque... onde não há claridade... das cidades... você sente uma intensidade das... das estrelas no céu... é uma coisa mais linda né? aquelas nebulosas () é lindo... eu acho uma beleza...

D: vocês conhecem estrelas... nomes... sabem reconhecer por acaso?

L1: () mamãe conhece todos... eu conheço Júpiter... conheço Vênus... conheço a o também se não conhecesse o Cruzeiro do Sul... as Três Marias...

L2: essas aí essas são...

L1: é... e ()...

L2: essas são por demais conhecidas...

L1: () que faz parte de uma constelação... se não me engano... () não é... é... mamãe que conhece bem... gosta imensamente... de modo que... ela sabe... e na fazenda está sempre nos mostrando... no verão Vênus nasce linda em frente à... à varanda da fazenda... sabe... da nossa casa lá... mas ela nasce tão eh... ela nasce não... ela DEITA-se... ao contrário... ela deita cedo... entendeu? ela já está se deitando quando está escurecendo... e a... e a luz dela é tão intensa que dá um sombreado na va/ na varanda... com/ quase como a lua... é um pequeno luar... é lindo... uma beleza... agora nas noites que não tem lua () (o sol) ... o céu é lindo...

D: alguma vez viram fenômenos relativos à lua? ()...

L1: [

() estrela cadente só que eu vi ah estrela cadente ()...

D: e como é ()?

L1: ah é uma coisa linda... você de repente () caiu corre... é uma beleza né?

D: existem tradições também ()...

L1: [

() é... que você faz um pedido... os seus pedidos... cada vez que cai uma estrela... mas eu pedi muita coisa... nunca consegui nada... ((riso))

D: mas outros fenômenos relativos à lua e ao sol...

L1: ah sim eclipse... mas eclipses já vi vários... na fazenda então vê-se... né... inúmeras vezes vi eclipse total do sol... vi eclipse da lua... () uma coisa linda... vi muitas vezes... desde criança... que eu via eclipse... via... às vezes ficava até acordada até às tantas pra ver o eclipse... pra ver um fenômeno desses... agora nunca vi foi cometa nenhum... isso eu nunca vi... porque há uns anos atrás... há poucos anos atrás teve um né?

L2: ficou uma... durante uma porção de tempo...

L1: eu não consegui ver...

L2: eu também não...

L1: que eu tava aqui no Rio e aqui no Rio não se vê nada...

D: vocês usaram aparelhos especiais?

L2: não... não...

L1: pra ver o quê? eclipse () ou não?

L2: [

não... especiais... não não... cometa...

L1: cometa que você diz? não... não... também...

L2: () nós nunca saímos de casa...

L1: pra ver nada...

L2: pra ver nada... a gente chegava na janela daqui e procurava ver... não estava vendo desse ângulo... () e acabava... pronto...

L1: mas eu vi eclipse aqui desta janela...

L2: ah bom...

L1: [

por incrível que pareça eu vi... eclipse aqui da minha janela... houve... há uns dois anos... houve eclipse total... e nós vimos daqui... até a minha empregada ficou tão impressionada... () "ih... tá parecendo um queijo preto" ((riso)) ela ficou impressionadíssima...

D: na fazenda existem aparelhos?

L1: não... não... eu tinha um tio... irmão do meu avô... que tinha verdadeira agonia... então ele tinha... ah... luneta... e... como é? aí não me lembro o nome do... daquele outro aparelho... que você vê... não é luneta... além da luneta tem...

L2: telescópio?

L1: telescópio? não... não é telescópio... é?

L2: ()

L1: acho que não é telescópio não... mas ele tinha um... não me lembro agora... sei lá... há tanto tempo que eu não (digo) certas coisas que eu não me lembro mais...

D: e alguma vez a senhora chegou a ver?

L2: chegamos sim...

D: a usar esses aparelhos?

L1: a u/ eu fiz... menina ainda... ele morava em Santa Teresa aqui no Rio... e: uma vez nós fomos lá e ele nos mostrou... aí é tão bonito... mas é lindo... e você tem a impressão que tá tudo perto... não é? através da luneta... eu vi pela luneta... muito bonito...

D: o senhor viu alguma vez?

L2: não... nunca... sempre o que eu vi foi a olho nu...

L1: não... eu vi... estrelas ele mostrou... inclusive uma vez que... que... que ele disse que era o quê? uma nebulosa...você a olho nu não via nada... e botava a luneta e você via... aquela poeira de estrelas...

D: acompanharam na... na... ah... ()?

L1: a descida na lua acompanhamos... acompanhamos e aqui em casa aconteceu a coisa mais interessante do mundo... nós vendo... assistindo... todos assistimos aqui a hora que o homem desceu na lua... e eu chamei minha empregada e a filha dela... que tinha nessa época... eu acho que uns quinze ou dezesseis anos... sei lá... não me lembro... e ela veio e olhou e ficou... e eu dizendo a ela... "olha () fantástico" porque aqui da janela nós víamos a lua... e nós chegamos na janela e víamos a... olhávamos a lua... então eu dizia "é incrível o que a gente tá vendo" ... até hoje eu me arrepio com isso... "que a gente tá vendo a lua ali... e na televisão tá vendo o homem descendo nela né?" ela olhava e dizia assim... "eu não acredito... isso é mentira eu não acredito... não havia ninguém que fizesse ela acreditar"...

L2: ()...

L1: "isso é mentira... isso é mentira... eu não acredito" ... não houve jeito... não acreditou e até hoje não acredita... que o homem tivesse descido na lua... que ela estivesse vendo aqui na televisão... a menina... a mãe não... a mãe aceitou... achou ela burríssima... ficou furiosa... mas ela não aceitou...

D: e que impressão o senhor teve? se lembra desse dia?

L2: ah lembro perfeitamente...

L1: ah impressionante... eu também... uma coisa indescritível né?

L2: [

depois da primeira vez... não se liga mais...

L1: é

L2: é o mal... vê-se a primeira vez... despertou aquele interesse... hoje em dia...

L1: [

a segunda vez já não... não...

L2: já se acha a coisa mais normal o homem descer à lua... chegar na lua e tudo...

D: mas essa primeira vez... como foi?

L2: ah bom... essa primeira vez... foi a/ aquela expectativa... de:...

L1: [

de que vai encontrar alguma coisa na lua...

L2: [

de que vai encontrar alguma coisa lá ou não... se vai depois também conseguir voltar... aquele negócio todo... não é? tudo isso...

L1: eu nunca acreditei que houvesse... vida igual à vida humana... porque o homem só imagina tudo em função de si próprio... então...

L2: eu pensei que houvesse alguma coisa ... alguma vida lá na lua...

L1: [

eu não... eu nunca acreditei... como... bom alguma vida pode haver...

D: [

alguma vida como? de que maneira? (o que significa isso... alguma vida?)

L2: sim algum...

L1: qualquer demonstração de ser vivo... (o homem) se vê planta... ou água... ou qualquer coisa que propiciasse a vida né? mas... bom isso é o que () mas nunca que você fosse encontrar alGUÉM como... marcianos e lunáticos ou... e... ou... qualquer coisa...

()

L2: que em outros planetas...

L1: tenha vida? mas nunca... o homem só imagina... só sabe imaginar uma coisa semelhante a si... pode haver mas podem haver monstros... podem haver...

L2: [

monstros pra nós... pra eles não... pra eles nós também somos monstros...

L1: [

evidente que nós podemos ser monstros... mas

L2: [

pra eles...

L1: sempre que se... que imagina... que o homem faz qualquer ficção científica ele bota um homem anãozinho ou um gigante mas sempre em formato de homem... é contra isso que eu me bato... porque eu acho que... por quê? por que essa obrigação de ter que ser espécies humanas?

L2: [

e se esse Universo é uma coisa tão grande... () será o único planeta...

L1: habitado?

L2: habitado...

L1: por gente?

L2: é...

L1: fomos nós que chamamos de gente... demos esse nome...

L1: eu acho... eu pra mim acho...

L2: ()...

D: [

o senhor acredita que haja o quê exatamente?

L2: eu acho que... há um sistema de vida... organizado... pode haver perfeitamente...

L1: mas até hoje ninguém descobriu nada... e quando foi na...

L2: [

mas não se conhece

L1: [

e quando foi na... mas quando foi na lua...

L2: mas não se conhece nada... a LUA... em relação aos outros planetas está pertíssimo aqui do Rio... aqui do Rio... aqui da Terra... ((risos)) está pertíssimo... agora o russo ou americano não disparou um foguete que vai caminhar durante anos e anos e anos pra chegar lá...

L1: isso já é bobagem porque quando voltar não tem mais ninguém vivo

() ((riso))

L2: [

a uma velocidade ()...

L1: então que que adianta isso?

L2: isso é o que eu digo... esse Universo é uma coisa enorme...

L1: ah eu sei... um... uns dias antes sabe? do homem descer na lua... nós fomos num grupo à Lagoa... você deve se lembrar... e foi uma discussão louca... todo mundo... "() sua cética... não acredita... não sei o quê... porque tem... vão encontrar seres humanos... vão encontrar seres... criaturas não sei o quê"...

() eu disse... "du-vi-do"... mas eu tava tão tranq"uila que eu não tive nem susto de que o homem descendo na lua não encontrasse nada... e não encontrou mesmo... e no entanto estavam todos fazendo romance lá... de que ia encontrar... eu acho que é romance... ()

D: e esses objetos... que volta e meia aparecem na imprensa?

L1: pra mim isso é tudo isso na mi/ no meu entender... fraco entender... tudo isso é experiência... que os russos e os americanos fazem... se eles mandam um homem à lua... num dirigível... que aqui da Terra... numa mesa eles estão controlando... e se comunicando... por que é que eles não podem estar mandando pra sondar... pra experiências... pra... conhecimento de mil coisas...

L2: [

é... isso também acho...

L1: esses... outros dirigíveis... é a coisa mais simples do mundo... não acreditar em disco voador... acredito mas... perfeitamente como uma coisa... uma experiência do ho/ científica do homem... tá entendendo? ou russo... ou americano... que são os dois que dominam... e dividiram o mundo entre eles... e que (fazem) as coisas... estão adiantadas a esse ponto... não tem... pra mim não tem a menor dúvida... jamais esperaria... que visse um disco voador... uma coisa qualquer pra pousar ali e que fosse acreditar que ia sair um marciano ou qualquer coisa esquisita lá de dentro... não tinha o menor susto eu não agora intensidade de luz tudo isso é possível... porque eles... lógico eles fazem o que eles quiserem... inclusive até pra espantar... pra assustar... pra mil coisas... e uns aos outros... eles entre eles... porque... a guerrinha deles é boa... de modo que eles fazem... é ou não é? mas não acredito em... em coisas extra-terrenas... não...

D: já... já devem ter lido na... na imprensa... que () os cientistas estão observando que há uma modificação cada vez maior no clima... da terra em geral...

L1: a gente () científico né? mas lê () você repara que no Bra/ agora mesmo em dezembro nós tivemos frio né?

L2: no nosso tempo de colégio... que eu me lembro... dia () de setembro... () tava um calor horroroso... no verão... já estava em pleno verão...

L1: [

em geral... sete de setembro também... desmaia:va... o pessoal que desfilava... eu me lembro que meu irmão teve uma parada de sete de setembro... nós fomos assistir

L2: [

dezembro... dezembro era um mês quentíssimo...

L1: é... quanta gente... () com uma roupa... com calor... com aquele sol e tudo mais... mudou completamente... acho que o sol tá esfriando... tenho essa impressão...

D: como é que explicariam isso ()?

L1: ah não sei...

L2: o fim do mundo vai ser...

L1: ah isso agora também... são outros romances que eu não sei...

L2: haverá o completo esfriamento...

L1: da Terra...

L2: da Terra né? () presunção () cada dia que passa é menos um dia na existência...

L1: ah bom isso é lógico... na nossa...

L2: e do mundo também...

L1: mas do mundo... a gente não sabe da existência do mundo...

que que ()...

L2: [

() mas que há uma diminuição há...

D: não haveria uma explicação científica... e lógica... dessa modificação do clima da... terrestre... em função dessas experiências todas que estão sendo feitas?

L1: ah n~ao... eu tenho a impressão que não... inclusive... há pouco eu falei no telefone com a... uma pessoa... uma parente...

L2: [

porque eu acho que essas experiências que estão sendo feitas... isso em relação ao mundo não representa nada...

L1: [

é nada...

L2: () nada... eu acho... (estouro) de bomba atômica... essas coisas todas...

D: o senhor acha que não al/ não altera nada?

L2: ()... em relação ao mundo...

L1: não... estouro de bomba atômica eu acho que ah... o... lógico que... o... o mar... onde eles estão estourando... isso tudo... eles são... ah...

L2: [

sim... sim... mas isso... sim... que que tem?

L1: eles estão contaminando... que que há?

L2: eu sei... eu sei...

L1: existe... mas eu acredito...

L2: mas eu acho que em relação ao Universo...

L1: sim mas acredito perfeitamente...

L2: [

isso é uma migalha...

L1: não mas pera aí... pode... pode... eu li um artigo... aliás muito interessante no Jornal do Brasil... dizendo isso... que o homem está se autodestruindo... porque... ele está... radioativando a atmosfera... e as águas e etc... então ele está matando os peixes... e ele está trazendo às vezes... peixe contaminado pro homem comer e etc... então tudo isso tem influência... agora... mas não que vá modificar o sei lá... pode modificar... apressar o fim do mundo... eu li um artigo muito interessante... de um cientista americano sobre isso... dizendo isso... e eu achei... muito lógico... porque... () são os mais danados né? são eles os primeiros que () estão aí num () toda hora a estourar bombas e não estão ligando a mínima... pro que pode acontecer...

D: tá bom...